This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

**Usage guidelines**

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

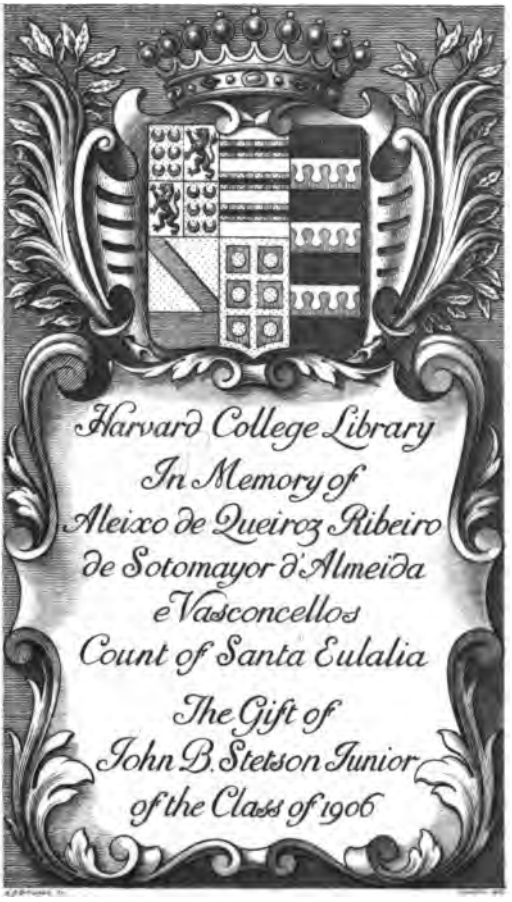
**About Google Book Search**

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

WIDENER
HN MSZP L

Digitized by Google

Port 4071.1




Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

# CURSO

DE

# LITTERATURA PORTUGUEZA

POR

**José Maria de Andrade Ferreira**

E

**Camillo Castello Branco**

VOLUME I

**Editores — SANTOS & VIEIRA**
EMPREZA LITTERARIA FLUMINENSE
*125, Rua dos Retrozeiros, 125*
LISBOA

Digitized by Google

Digitized by Google

# CURSO

DE

# LITTERATURA PORTUGUEZA

POR

JOSÉ MARIA D'ANDRADE FERREIRA

Socio effectivo da Academia Real das Sciencias

LISBOA
Livraria Editora de Mattos Moreira & Comp.ª
68—Praça de D. Pedro—68
1875

Digitized by Google

Port 4071.1
✓

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STETSON, Jr.

SEP 25 1922

Digitized by Google

# EXPLICAÇÃO

A morte veiu surprehender o mallogrado auctor d'esta obra quando se dispunha a tornal-a mais completa, escrevendo um segundo volume que abrangesse até os nossos dias a historia da litteratura portugueza. De certo no leito da agonia, que foi longa e excruciante, o assaltaria a magua de não poder completar um trabalho em que pensava desde muito tempo. Seria, comtudo, nullo esse pesar, ou antes se transformaria em jubilo, se elle soubesse a honra que lhe estava destinada, isto é, que um dos mais eminentes escriptores da época metteria hombros ao complemento da sua obra.

E assim é.

Camillo Castello Branco, accedendo bisarramente ao nosso pedido, encarregou-se de escrever a segunda parte do *Curso de litteratura portugueza.*

Digitized by Google

Esta noticia deve encher de jubilo todos que presam as boas lettras. Com verdadeiro sobresalto se desejará saber o que pensa dos outros quem tanto ha escripto.

D'aqui beijamos as mãos ao illustre romancista que, arredando escrupulos, aliás de louvavel delicadeza, se deliberou a prestar este enorme serviço, não só a nós em especial, como em geral a todos que se entregam a estudos sérios.

OS EDITORES.

Digitized by Google

## NECESSIDADE DE UM CURSO DE LITTERATURA PORTUGUEZA

É quando se procura estudar as diversas phases por que teem passado as lettras em Portugal que reconhecemos a falta de um *Curso* completo de litteratura patria. Em o nosso idioma existem obras, que não podem deixar de ser consideradas de alguma valia, e varias até de poderoso auxilio para o estudioso das evoluções litterarias porque tem passado o engenho portuguez; mas são apenas dissertações, ou *Memorias*, dispersas nas publicações da nossa Academia, como os trabalhos de frei Manuel do Senaculo, frei Fortunato de S. Boaventura, Trigoso, Ribeiro dos Santos, João Pedro Ribeiro, Francisco Dias Gomes, frei Francisco de S. Luiz, Francisco José Freire, e muitos outros sobre linguas antigas, philologia, theatro, e critica, os quaes apenas resolvem alguns pontos da historia da litteratura nacional. O *Primeiro ensaio sobre historia litteraria de Portugal*, de Francisco Freire de Carvalho, já abrange, como o seu titulo denota, os differentes periodos do progresso das lettras entre nós, mas ainda assim é um livro sem methodo, diffuso na fórma e predominado, na sua parte analytica, dos velhos e erroneos principios



Digitized by Google

da eschola mythologica. No entanto, como subsidio de materiaes collegidos e dispostos para um certo fim, muito lhe devemos, por nos poupar investigações em que fôra mister consumir tempo aturado e quantas vezes improficuo.

O *Elucidario* de Viterbo traz egualmente uma resenha da origem e alternativas da lingua portugueza, porem mui succinta; e no *Parnaso Lusitano*, como prefacio áquella compillação de poesias, o visconde d'Almeida Garrett escreveu o *Bosquejo da historia da poesia e lingua portugueza*, apreciavel, decerto, como critica de alguns dos nossos talentos, mas que não vae mui álem de esboçar contornos, e esses vagos, e esses truncados até, para poderem lograr o intento de instruir o leitor desejoso de conhecer as relações intimas e syntheticas que prendem a indole das diversas épocas litterarias.

E em linguas estrangeiras, outras obras tem apparecido, como as publicadas por Sismondi, Bouterweck, Ferdinand Deniz, Bellermann, Villemain, Volf, Diez, Mennechet, Lefranc, Souvestre, que, nas suas relações geraes, e mais immediatamente derivadas do movimento geral das grandes elaborações litterarias nos differentes seculos, traçam de algum modo o esbôço da litteratura portugueza desde a sua origem até aos tempos mais proximos. Mas satisfazem essas obras? São completas? Entram na indagação de factos directos, que são como a intimidade, o espirito da litteratura de um povo? De certo não. E da mesma sorte o *Ensaio biographico-critico sobre os melhores poetas portuguezes*, de José Maria da Costa e Silva, unicamente se occupa dos talentos poeticos, e d'esses mesmo os principaes.

Nenhum d'estes escriptos, portanto, pode ser tido por um curso de litteratura portugueza, como o reclama o exame das diversas manifestações do pensamento litterario e os principios da critica moderna. Subsistem lacunas notaveis em todas estas obras, e até juizos condemnaveis a respeito da valia e caracter de muitos dos

Digitized by Google

nossos escriptores, aliás dos mais indicativos da indole peninsular.

E quantos damnos se teem seguido, para a apreciação verdadeira da historia das nossas lettras, da leitura d'esses livros, que, reputados auctorisados pela fama de seus auctores, induzem em erro a mancebos que procuram a sua licção e a tomam por authentica!

É isto que importa evitar. Já no Curso Superior de Lettras mais de uma vez os seus dignos professores deploraram a eficiencia de subsidios cabaes que os auxiliassem, e auxiliassem mais defficazmente os alumnos do mesmo Curso, no estudo da nossa historia litteraria, pois que, para entrar em investigações de qualquer capitulo d'essa historia, importava compulsar muitas obras, e algumas d'ellas raras, ou excessivamente caras, fóra, por isso, das posses communs.

E isto foi em referencia ao merito individual de cada auctor; porque, se considerarmos estas ponderações nas suas relações complexas de época, nas influencias exteriores das differentes origens litterarias, e effeitos que estas trouxeram ás imaginações e talvez a outros factos mais positivos da sociedade d'esse tempo, então este trabalho augmenta em difficuldade, visto que pouquissimos, ou antes nenhuns escriptores possuiamos que se houvessem dado a taes locubrações, porque os processos e horisontes que depois descobriram os estudos modernos da critica litteraria, ainda nem sequer eram previstos por esses homens, aliás benemeritos debaixo de muitos outros pontos de vista.

Felizmente, este facto, em parte, desappareceu. Os estudos sobre poesia nacional sobre os antigos cancioneiros e sobre theatro, do sr. Theophilo Braga, dados á estampa n'estes ultimos annos, significam uma transformação completa. Inspirados pelo fecundissimo sentimento das antigas tradições peninsulares, alliando a philologia á philosophia, e tomando por norma as lucubrações de profundos eruditos estrangeiros, os livros do talentoso escriptor rasgam novas perspectivas á lit-

Digitized by Google

teratura e á critica em Portugal. Mas ainda assim não constituem, por ora, tão recommendaveis trabalhos uma historia total de litteratura portugueza e principalmente ao alcance da mocidade. São bellas investigações academicas, e este titulo sobeja para seu elogio.

Não quer isto inculcar que o livro que se vae lêr reuna os meritos que excluo nos livros apontados e seja obra completa, como os grandes *Atheneus* ou *Cursos* que possue a Allemanha, a França, a Inglaterra, e a mesma Hespanha; mas em todo o caso dispõe os materiaes para a realisação d'esse intento; e se os não abrange e ordena em todas as suas partes, deixa a traça gizada e o incitamento da construcção para mãos mais pujantes e ageitadas a inteirarem em toda a sua sumptuosidade architectonica.

E sobretudo, note-se que o intuito do auctor d'este trabalho é principalmente não illudir a espectiva dos eruditos, mas tambem não baldar os dezejos dos estudiosos. As questões serão tratadas com investigação e consciencia; porem, seguindo-se sempre as duas essenciaes condições de fórma, que devem constituir o estylo de um livro que precisa de ser entendido pela mocidade estudiosa: a clareza e a concisão.

Assim este *Curso de Litteratura Portugueza* deverá ser de reconhecida vantagem para os Lyceus e Escolas de instrucção secundaria, onde, para se obterem noções regulares das diversas quadras que completam a nossa historia litteraria, se necessita de manusear muito compendio e selecta, sendo ainda assim tudo infructifero, porque nada existe que satisfaça totalmente este ramo de estudos.

Se as qualidades geraes do livro lhe conquistarem este logar, grande será o jubilo do seu auctor, que não planeou o fazer tãosómente um trabalho litterario, senão, e principalmente, proporcionar aos estudiosos uma obra cuja falta era de todos sentida e deplorada, e que aproxima, quanto possivel, a nossa litteratura dos seus resultados praticos.

Digitized by Google

# INTRODUCÇÃO

Nada mais facil de evidenciar que a importancia da litteratura, e quanto ella contribue para o lustre, dignidade e exaltação de um povo, e não poucas vezes até para muitos dos seus proprios commodos, a querermos encarar as lettras debaixo das numerosas relações em que ellas se apresentam, e do immenso influxo que exercem.

A historia da litteratura de qualquer paiz, não é meramente o aggregado de noticias biographicas de um ou outro escriptor, e a resenha dos livros que hajam sahido da sua penna: a historia, primeiro que tudo, seja qualquer o aspecto porque a encarem, nunca pode ser uma narrativa, mas sim uma inducção, e como tal a historia litteraria apresenta-se-nos como investigação, registo e analyse dos progressos intellectuaes de um povo, empenho de que resulta o conhecimento e qualificação das suas disposições litterarias, faculdades artisticas, e tendencias moraes, o que traça indirectamente o retrato completo de uma nação, como raça, como nacionalidade, como vitalidade litteraria, quando a queiramos inquirir no que ella possue de mais intimo e ca-

Digitized by Google

racteristico, que são as tradições historicas, predisposições moraes e os productos do espirito e do sentimento.

Esta dependencia e parentesco congenito em que se encontram os factos historicos com as manifestações de genio litterario é um problema estudado e resolvido que constitue uma das leis da moderna critica litteraria. Nenhuma fórma de arte brota espontaneamente, nem a excogita o mero sentimento da curiosidade: é sempre o desafôgo ou manifestações de um estado do espirito ou a revelação de uma necessidade sentimental.

Quantas vezes a historia das lettras se impressiona, e até deixa dirigir, em muitos dos seus capitulos mais notaveis, pelas proprias transformações sociaes, como a quadra litteraria da Italia representada por Silvio Pellico, Hugo Foscolo e Manzoni, cujos livros se podem considerar desabafo profetico contra a oppressão austriaca, e outras vezes, pelo contrario, se apresenta a mesma historia litteraria a tomar o logar dos successos do mundo social, porque é o influxo de alguns talentos que arroga o condão de traduzir e consubstanciar em algumas paginas ou discursos o sentimento popular ou as exigencias de uma época, como Châteaubriand, no *Genio do Christianismo*, e Lamartine, nos *Girondinos*, que produziram indirectamente as alterações que depois se operaram na ordem dos factos mais positivos e determinantes da organisação social?

Em geral é raro encontrar na historia qualquer época litteraria que não seja o corolario de uma revolução politica, e uma revolução politica que não fosse fermentada pela acção germinadora dos talentos eminentes sobre o espirito dos povos. Voltaire e Rousseau personificam a revolução de 1790. Estes dois homens resumiram em si a influencia moral, politica e religiosa do seu tempo: Voltaire actuou sobre os talentos, e Rousseau nas opiniões. O *Emilio* e a *Encyclopedia*, pode-se dizer haverem sido os dois grandes

Digitized by Google

livros onde, em germen, se resumiram todas as fecundas idéas, que, elaboradas pela acerbidade critica dos povos avexados pelos potentados da fortuna, se converteram em instituições. As Constituintes e a Convenção acabaram o que começára a philosophia d'aquelles genios notaveis.

Hoje já não é difficil comprehender estas noções de philosophia historica: basta o magnifico trabalho de Guizot, a *Historia da civilisação da Europa*, para nos desenvolver largamente o quadro a todos os raciocinios que se hajam de formar sobre estes successos de acção reciproca.

Cito a obra de Guizot, não por ser a unica no seu genero, mas por ser talvez a mais comprehensiva e cuja exposição, pela lucidez, e methodo, pelo rigor logico da deducção, a collocam acima de tudo que possuem os inglezes e allemães da mesma natureza. O livro de Guizot é inquestionavelmente o mais adquado para ser consultado pelos individuos pouco affeitos á subtileza d'esta especie de estudos.

E diga-se a verdade: estes estudos ainda não estão tão generalisados em Portugal como convinha, e por culpa d'aquelles que mais deveriam aporfiar no empenho da sua diffusão. São os proprios escriptores e poetas, sabios e artistas que, indirectamente, motivam o desdem com que é tratada a litteratura, e a causa, por conseguinte, de se desconhecerem os effeitos beneficos que ella dissemina sobre a sociedade.

A maior parte d'estes individuos parece quinhoarem a opinião da conveniencia da separação e independencia da vida intellectual da vida pratica, e da sciencia e das artes da politica, como se ao sabio e ao artista não conviesse o ser versados nos segredos e regras das lettras, para conseguirem fallar e escrever sem offensa dos preceitos do idioma patrio.

E comtudo, a litteratura, repito-o, é um auxilio indispensavel a todas as manifestações do talento e da sciencia, isto é, da capacidade intellectual. A sciencia

Digitized by Google

da historia litteraria é como a sciencia da linguagem: nada existe n'ella de insignificante: uma data, um nome, uma origem importa muitas vezes a questão de uma revolução intellectual de um poderoso impulso civilisador. O homem scientifico, o orador politico e sagrado, o estadista, o publicista, o legislador, o proprio burocrata e o mesmo artista carecem de conhecer, uns a fundo, outros mais á superficie, a litteratura do seu paiz. A demonstração d'esta affirmativa parece-me escusada por evidente. É reconhecida por todos os philosophos, e mesmo por aquelles que o não são, a intima e essencial ligação que a linguagem tem com o pensamento, e a fórma externa do discurso com o quadro interno das idéas. E como conhecimentos positivos, que são uteis e até precisos a todos os povos civilisados, basta citar o conhecimento da historia, que classifica e peza os successos decorridos, que aproxima, inquire e estabelece as theorias dos exemplos, e que é a base e auxilio de outros estudos que entram naturalmente no plano da organisação politica de um estado, como a historia politica e suas auxiliares, a geographia, a chronologia, a diplomatica, a estatistica, e a paleographia. Importa, pois, só lembrarmo-nos da utilidade da historia, e do quanto ella anda identificada aos progressos das lettras, para avaliarmos bem profundamente a necessidade de versar de perto estes livros, e de os aconselhar áquelles que, não sabendo medir-lhes o alcance, os despresam, ou, pelo menos, lhes esquecem a importancia.

Digitized by Google

# CAPITULO I

Da lingua portugueza, sua origem, fontes de onde deriva a controversia produzida pelos differentes alvitres de escriptores abalisados.

O idioma d'um povo é sempre a base da sua litteratura. Torna-se impossivel separar os progressos da elaboração poetica dos progressos da elaboração litteraria, e estes jámais se realisaram sem que o desenvolvimento da lingua e seu aperfeiçoamento ministrassem forças ao desafogo do talento do escriptor. E é por isto que a questão da derivação e alternativas porque haja decorrido qualquer idioma não significa apenas uma questão de prosapia ou fidalguia litteraria, senão uma questão, cujo exame produz resultados positivos e uteis, não só á litteratura do povo que falle e escreva essa lingua, como á propria lingua, porque sem se lhe apurarem as origens, sem se inquirir e verificar quaes foram os individuos que a introduziram ou modificaram, torna-se decerto difficil, ou quasi impossivel desvanecer e banir as duvidas que hoje levantam os progressos da

Digitized by Google

linguistica suscitados pelas complicadas investigações da ethnographia.

No idioma, como fica dito, reflectem todos os effeitos das alternativas litterarias de um paiz. Estudal-o, por tanto, em todo o decurso das suas evoluções, importa o mesmo que averiguar e fixar muitos dos phenomenos que promoveram as phases da litteratura.

Da hesitação, portanto, dos alvitres a este respeito, ou do pouco exame, escrupulo ou sciencia com que se tenham explorado as fontes donde procede a lingua portugueza, nascem naturalmente as incertezas, que se tem introduzido, incertezas a que andam estreitamente ligadas as questões mais vitaes da genuidade das tradições poeticas, e, por conseguinte, do caracter de raça e nacionalidade.

São estas ponderações, quasi intuitivas a todos aquelles que se dão a estes estudos, que indicam a necessidade de começar este trabalho por um esbôço do que se tem concluido com mais fundamento ácerca da procedencia, indole e modificações porque passára a lingua portugueza.

Póde-se affirmar que se extremam em dois campos os philologos preoccupados d'este estudo: uns sustentam que a origem da nossa lingua procede dos dialectos fallados pelos celtas povoadores das diversas regiões da Peninsula, sem que o latim a podesse alterar sensivelmente; outros que a influencia romana foi tão profunda e universal, que, transformando completamente os costumes e instituições, tornou totalmente latina a lingua dos antigos luzitanos.

Qualquer d'estas opiniões pecca, decerto, por excessiva. Nem os habitantes da Hispanha fallaram jámais latim, porque tão pouco o fallava o proprio povo de Roma, isto é, o latim de Cicero e de Horacio, o latim dos eruditos; nem o nosso idioma pode directamente proceder do celta, porque essa lingua primitiva passou sem deixar quasi documentos e monumentos apreciaveis. O que hoje subsiste, como muito bem nota o sr.

Digitized by Google

Alexandre Herculano, é um certo numero de dialectos que se crêem celticos, mas cuja semelhança relativa com o idioma de que procederam, ninguem ousaria determinar, tanto mais que entre elles se dão gravissimas differenças, como por exemplo o ersa, o gaélico, o armorico, e o welsh, o representante mais proximo do antigo celtico.[1]

De parte a parte são poderosas e eruditas as allegações que adduzem os contendores que assim se questionam, e bem presente existe ainda na memoria de todos a controversia sustentada pelo antigo patriarcha frei Francisco de S. Luiz, na Memoria impressa pela Academia de Sciencias, com o titulo: *A lingua portugueza não é filha da latina, nem esta foi em tempo algum a lingua vulgar dos lusitanos*, com o fallecido barão de Villa Nova de Foscôa, no opusculo que denominou: *A lingua portugueza é filha da latina, ou refutação, etc.*

Já antes d'estas controversias outros pareceres, tambem oppostos, se haviam alevantado em sentido mais generico, e tratando da lingua franceza, hispanhola e italiana, e por conseguinte indirectamente da portugueza, como uma das quatro irmãs néo-latinas, como as appellidam os eruditos, escreveu mr. Girard na sua obra dos *Vrais principes de la langue francaise*: «Quando se observa a prodigiosa opposição que ha entre o genio d'estas linguas e do latim, quando se attende a que a etymologia prova sómente a adopção das palavras e não a sua origem, e que estas são acompanhadas de artigos que não podiam tomar do latim e diametralmente oppostas ás construcções transpositivas, e ás inflexões dos casos, não se póde dizer que, por algumas palavras tomadas do latim, sejam filhas d'elle.» Em Portugal foi depois o erudito bibliothecario-mór do reino, Antonio Ribeiro dos Santos, que se apresentou partilhando esta opinião, seguida depois por João Pedro Ribeiro, conforme o escreveu no seu Tomo 1.º das *Dissertações*

[1] Introducção á *Hist. de Portugal.*

Digitized by Google

*Chronologicas.* Ainda passados tempos se renovaram este mesmo certamen dois socios do Conservatorio Real de Lisboa, que procuraram refutar o folheto do barão de Villa Nova de Foscôa, e que foram mais longe, pois pretenderam sustentar, que o latim introduzido na Peninsula pela conquista dos romanos, não fôra a lingua vulgar dos povos hispanos; que egualmente o não fôra até ao reinado de D. Diniz, época em que, como é sabido, começou a figurar a nossa lingua em todos os factos publicos e documentos authenticos; que entre o latim e o portuguez existe uma opposição manifesta; e que o celtico é a fonte genuina da nossa lingua, ao que o visconde de Almeida Garrett, a quem dedicaram este opusculo, replicou que talvez fosse possivel *que a nossa admiração pelo nosso seculo de oiro, o XVI, cegue alguma coisa os defensores da opinião latina, mas tambem é mais que possivel que a moda, o espirito reaccionario que em todas as cousas dos homens se manifesta em tempos e épocas sabidas, desvaire não pouco tambem os defensores da opinião contraria.*

D'este trabalho publicou-se apenas o 1.º fasciculo, o qual o sr. Alexandre Herculano refutou no *Panorama* n.º 155, de 1844.

Egualmente o finado José Maria da Costa e Silva se mostrou inclinado á origem celtica, no seu *Ensaio biographico-critico sobre os melhores poetas portuguezes.* Porém, o mais fórte campeão do nosso idioma derivar do latim, depois do citado impugnador do Cardeal Saraiva, é inquestionavelmente o general Leoni, morto ha pouco, que no profundo livro que escreveu ácerca do *Genio da lingua portugueza,* conclue do seguinte modo: — «Sem embargo de tantas e tão manifestas provas da procedencia da lingua portugueza, a qual vemos se formou da corrupção que na lingua rustica produziu a successiva invasão dos suevos e arabes, principalmente a dos primeiros, que lhe viciaram muitas das suas fórmas, e lhe alteraram as dissinencias dos vocabulos, sem, todavia, lhe extinguir o genio que n'ella devia ficar pre-

Digitized by Google

valecendo; porque, emfim, a lingua que fallamos é o latim corrompido pelo germanico, ou outro qualquer idioma, corrompido pelo latim.... etc.»

Estes são, pois, os escriptores que mais principalmente se teem occupado d'este exame. Apresentarei agora, em resumida e succinta exposição, a natureza dos argumentos que de um e outro lado tem sido apresentados. Em pleito tão debatido, e em que tem dado voto juizes tão competentes e auctorisados, temerario fôra tentar proferir sentença decisiva, mui principalmente porque n'esta controversia, como em todas em que se accendem os estimulos do amor-proprio, ou exalta o orgulho nacional, se tem introduzido o espirito de prevenção, o que instigou o patriarcha frei Francisco de S. Luiz a escrever, que *o latim era o non plus ultra dos etymologistas, e que estes, dominados de anticipada opinião, não viam mais que o latim,* porque, em summa, a filiação da lingua portugueza na lingua que fallou Virgilio, se tornára uma parte, e talvez a primordial, da questão com que os idolatras das lettras romanas teem dezejado fazer derivar tudo d'aquelles conquistadores do mundo. A veneração a que nos habituamos nos bancos das escholas para com aquelles grandes modêlos, não póde deixar de influir para o diante em outras materias litterarias. Diversos estudos veem ás vezes corrigir depois estas predilecções, que, exageradas, só nos conduzem a falsos juizos e erradas inferencias; porém, quando estes estudos se não effectuam, ou o apêgo ás idéas que primeiro recebemos com o ensino classico é tal que nos cega na analyse de outras quaesquer bellezas litterarias, n'este caso subsistem as prevenções, e por mais que se afadigue o raciocinio e chegue ás suas provas de evidencia, tudo é baldado, porque antes mesmo de se desenvolver qualquer demonstração, já a opinião, prevenida, tem firmado as suas convicções, de que nem argumentos, nem exemplos, nem mesmo auctoridades o afastam.

Eis o ponto a que chegou esta questão. Póde-se affou-

Digitized by Google

tamente dizer, e sem escrupulo de proferir uma falsidade, que é uma parte integrante da famosa questão dos *classicos* com os *romanticos*. Os partidarios das lettras romanas vinculam a lingua portugueza na latina, e os sectarios do romantismo fazem-na nascer das origens nativas da moderna Europa, do celtico.

Mas exponhamos agora os argumentos produzidos pelos differentes contendores, n'este debate que ha tantos annos dura e durará talvez.

Começarei por enunciar as provas, e até citar os excerptos textuaes com que os defensores da origem latina pretendem mostrar o fundamento das suas conclusões. São estas provas e argumentos de duas especies: umas servindo-lhes de these o proprio idioma nacional; outras extraídas da marcha da historia.

Como um dos mais irrespondiveis argumentos em que se estribam os sectarios da origem celtica é a difficuldade de qualquer povo poder abandonar a lingua vernacula para usar a de seus dominadores, procuram os defensores da origem latina evidenciar, que o estado de rudeza dos primitivos habitantes da Peninsula era tal, quando começaram as primeiras invasões dos exercitos romanos, que, como massa bruta e informe que quaesquer esforços de civilisação modificariam, acceitaram elles as leis, os costumes e a mesma lingua de seus conquistadores, e em auxilio d'esta idéa allegam as auctoridades de Polybio, Strabão, Diodoro Siclo, bem como de Plinio e outros historiadores que relatam o modo verdadeiramente selvagem em que viviam os iberos, cuja maneira de existir corria o par dos germanos e gôdos, a quem egualmente Tacito e Cesar pintam como barbaros.

Seguindo as diversas épocas da historia e dos progressos que foram ganhando as conquistas romanas, indicam depois as evoluções successivas porque se foi realisando a transformação social, operada pelo influxo romano na Hispanha. «*Romanisaram tudo*, escreveu o general Leoni, no seu *Genio da lingua portugueza*, e

Digitized by Google

o modo porque n'isto procederam foi exterminando uma parte dos habitantes, reduzindo outra á mais abjecta servidão, e transformando o restante em colonias e municípios, onde os circos, os jogos, os theatros, os templos, os sacrificos, os conventos juridicos, as escólas, a milicia, os presidios, os casamentos e a carreira franqueada aos magistrados, houve necessariamente de exercer poderosa influencia e de produzir completa mudança nos naturaes da Peninsula. É aqui que pretendiamos chegar; porque estes, como homens simples, sem uma civilisação consistente e capaz de luctar com a romana, e, por outra parte, horrivelmente dizimados pelo ferro dos invasores, por força haviam de perder seus usos e costumes, e, conseguintemente, a propria lingua, o que desde logo começou a verificar-se, como expressamente nos informa Strabão, dizendo que os turdetanos, principalmente os que estacionavam junto ao rio Betis, haviam tomado em tudo os costumes romanos, e que os mais d'elles, *esquecidos da sua lingua vernacula, se haviam feito latinos*. Em seguida se foi operando egual mudança nos demais povos da Peninsula; do que nos dá testemunho o mesmo Strabão, referindo que juntamente, tomada a toga, se haviam vestido á maneira e uso da Italia, e que todos os que seguiam aquelle uzo se chamavam *stolatos* e *togatos*.»

É extremamente curiosa a pagina da obra d'este autor que descreve taes resultados, resultados que foram a origem de muitas usanças e até instituições, e que ficaram como tradições populares e symbolos juridicos subsistindo até ao presente. Tem a valia de um profundo trabalho de investigação historica que os estudiosos, em cousas de antiguidade, folgarão de encontrar aqui, e que por isso aqui o estampâmos, posto que haja pontos em que não concordamos, por nos parecer pouco exacta a origem romana que attribue a certos uzos, que a critica moderna tem provado serem de origem germanica.

Digitized by Google

«Com effeito, prosegue o distincto erudito, a nossa primeira organisação social é toda romana. A distincção que ainda hoje subsiste com o nome de *cavalleiros* e *peões* data do estabelecimento das colonias e municipios, onde, do mesmo modo que em Roma, todos os habitantes se dividiam em *decuriões* e *plebêos*, representando os decuriões uma imagem do senado, e os plebêos o povo romano. A idéa fundamental de nossos concelhos municipaes provéem dos municipios romanos, sendo em principio cada um d'estes concelhos um senado burguez que representava o senado de Roma, e cuja magistratura semelhava á dos mesmos municipios romanos: os juizes ordinarios eram os *duumviros*; os almotacés, os *édis*; os almoxarifes, os *questores*; e finalmente os procuradores dos mesteres equivaliam aos *tribunos da plebe*. Posto que esta primitiva organisação se acha actualmente modificada, o caracter essencial e distinctivo das antigas municipalidades, a *magistratura duumviral*, não se perdeu, e tem subsistido até hoje. Muitas das nossas ceremonias e praticas religiosas, como os bailes nas egrejas,[1]

[1] Effectivamente não vêmos já bailes nas egrejas; mas não só era costume fazel-os, senão tambem levar nas procissões dansas de mulheres de ruim fama, o que se uzava ainda no tempo do nosso congregado Manuel Bernardes, como elle proprio relata e lastima nos dois logares que passamos a transcrever.

«Que sentiremos em particular dos bailes feitos nas egrejas e atrios d'ellas, por honra dos Santos e dias de festa? Fazer offensa a Deus, e em cima render lh'a por obzequio? Honrar os dias e logares Santos com obras profanissimas? Comer e beber e rir e folgar e bailar e chacotear, dizendo tambem mil estulticias e liberdades, e querer encampar tudo isto a Deus nosso Senhor por religiosa observancia de votos e culto de seus Santos! Verdadeiramente este é um dos effeitos do muito comer e beber; porque, como ensina S. Thomaz, uma das filhas da gula é a tolice, ou a insipiencia. E que maior insipiencia que suppormos (senão no conceito, ao menos no effeito), que os Santos são como os deuses do paganismo, Baccho, Flora e outros da mesma farinha, que eram venerados com semelhantes festas? Por isso com razão disse o grande padre Santo Agostinho, que estes desventurados e miseraveis, que nem medo, nem pejo teem de occupar-

Digitized by Google

as pausas nas procissões,[1] os asylos, a reverencia á meza, o fechar os olhos e a boca ao defuncto, o lavar o cadaver, o uzo das pranteadeiras, nos vieram das instituições romanas. As mesmas uzanças e superstições populares não teem outra origem. As festas do carnaval são as saturnaes de Roma; os dias aziagos, os *dias atri* ou *nefasti*; os espectros nocturnos, ou as *coisas-más*, que alta noite perturbam o silencio das casas, os *lemures* ou *larvæs nocturnæs*;[2] a sina ou o fa-

se n'estes festins, ainda que venham para a egreja christãos, vão da egreja pagãos; porque este costume de bailar ficou da superstição da gentilidade. *Illi enim infelizes, et miseri homines, qui balationes, et saltationes exercere non metunta, nec erubescunt et si christiani ad ecclesiam venerint, pagani ab ecclesia revertuntur; quia ista consuetudo balandi de paganorum observatione remansit.* Nova Floresta, tom. II, pag. 12 e seguintes.

«Emende-se o introduzir nos choros sagradas as chulas, sarabandas e outros tonilhos do theatro profano; e adevirta-se que para a casa de Deus só é decente o que é santo: *Domum tuam decet, sanctitudo.* Emende-se levar nas procissões, diante do Santissimo Sacramento, danças de ciganas e de mulheres de ruim fama.» Id. ibid. pag. 17.

[1] Executavam os romanos em suas procissões pausas, ou estações, em pontos determinados; e, diz Pitisco, que ha apparencia de que estas pausas (*pausæ*) se faziam ante certas capellas. Vid. *Lex. Antiq. Rom.*

[2] Acreditavam os romanos nos *lemures*, ou almas dos finados, que sahiam dos infernos a atormentar os vivos, e para applacar aquelles espectros horrificos, instituiram festas chamadas *lemuria*:

*Ritus erit veteris noturna Lemuria sacra*
*Inferias tacitis Manibus illa dabunt.*

OVID. *Fast.* 5.

E note-se que não só a plebe de Roma acreditava na apparição dos espectros nocturnos, senão tambem que muitos romanos, distinctos por conhecimentos, e que, por certo, deveramos suppor isentos de preconceitos, egualmente acreditavam n'aquelles vãos terrores. Plinio, o moço, relata mui seriamente a historia de um espectro que todos as noites incommodava os habitantes de uma casa de Athenas; o que fez abandonar e tor-



Digitized by Google

do, em que geralmente acredita o vulgo, o *fatum inevitabile;* a varinha de condão, o *lituus* dos augures; as nominas de que usa a gente do povo, os phylacterios dos pagãos;[1] as figas, que as mães penduram ao pescoço das creanças para livrar do quebranto, *a res turpicula* de que egualmente usavam os gentios. Finalmente, fôra lango enumerar todas as superstições que nos ficaram d'aquelles tempos, muitas das quaes, abolidas e expressamente vedadas pelos concilios, e por ordenanças dos bispos, não existem já, mas sabemos que se praticavam, e d'ellas achamos noticia em varios documentos e memorias antigas, particularmente n'um capitulo da *Chronica d'el-rei D. João I,* onde vemos que afim de se conseguir que os povos deixassem de celebrar *janeiras* e *maias,* foi mister instituir procissões que os distraissem d'aquelle rito gentilico; e, todavia, ainda hoje, em algumas das nossas provincias, se não extinguiram de todo estes restos de tão inveterado paganismo.»

D'estes testemunhos historicos, pois, concluem os propugnadores da origem latina, que os povos da Iberia tomaram a religião, os uzos, os costumes, e até os proprios preconceitos dos romanos, e que, effectuando-se tão substancial transformação no seu modo de viver e pensar, fôra impossivel deixarem de haver egualmente adoptado a lingua, porque, escreveu o finado general Leoni, *as idéas metaphisicas foram formadas e nasceram dos objectos physicos que lhes serviam de prototypo, e pelas quaes as moldaram os povos que as conceberam e exprimiram na linguagem. Ora, as idéas*

nar infesta a dita caza; até que um philosopho, por nome Athenoro, a livrou do phantasma. É curiosa a historia e póde vêr-se na Epist. 27 do Liv. 7.º

[1] Phylacterios parece corresponder ao que chamamos nominas; e os gentios usavam de phylacterios e outras ligaduras e escriptinhos supersticiosamente, e para este effeito os vendiam em publico em Roma, como entre nós se vendem as veronicas. Man. Bern. *Nov. Florest.* tom. II, pag. 389.

Digitized by Google

*d'estes objectos physicos e naturaes devem necessariamente ter uma origem, uma localidade, uma circumstancia, uma physionomia, emfim, determinada e peculiar a cada pavo a que ellas sirviram de norma. São pois estas mesmas idéas primordiaes e typos que, caracterisando as construcções de differente natureza, nos provam uma origem commum e a identidade no genio das duas linguas.*

Não são menos abundantes as provas analyticas, extraidas da estructura e construcção, ou provas synthaticas da lingua portugueza e composição de seus vocabulos, apresentadas pelos outros partidarios da origem latina, e como taes citam, por exemplo, as preposições e conjuncções admittidas por nós, que são todas latinas; e de certo apresenta-se esta como uma das provas mais concludentes, por não ser crivel que um povo qualquer adoptasse as particulas de uma lingua, sem que por habito a fallasse, visto que as particulas são palavras, como pondera o distincto philologo a que por mais de uma vez me tenho referido, *cujo sentido se não alcança, se não com o uzo e frequencia de fallar a lingua a que servem de estabelecer as relações e o nexo a todas as idéas, formando, por assim dizer, a parte methaphysica de que a mesma se compõe.*

«E não só a fórma material das preposições e conjuncções, continua o sr. Leoni, senão a força, o valor e o sentido das mesmas, o emprêgo que teem na oração e a maneira porque modificam os vocabulos, de que resulta *um certo modo de vêr, que propriamente constitue o genio da lingua, nos convence ser a latina a origem e fonte primitiva da portugueza.*»

Estes são, em resumo, os fundamentos com que alguns philologos pretendem que a lingua portugueza seja filha da latina e se empenham por demonstrar a verdade do resultado de seus estudos. Por outro lado aquelles que sustentam que a lingua portugueza deriva de influencias diversas, adduzem argumentos e provas historicas não menos convicentes. Começam por de-

Digitized by Google

monstrar, com a historia ao lado, que o dominio dos romanos nas Hispanhas não foi tão geral e permanente, nem tão bem acceite dos vencidos, como alguns escriptores pretendem mostrar, e que a Peninsula, no tempo em que as legiões romanas a invadiram, era habitada por differentes povos de origem diversa, que oppozeram ás suas conquistas tenaz e dura resistencia; que agora lhes cediam e logo depois se rebellavam, volvendo de novo ás armas e nutrindo sempre entranhado odio a seus dominadores, não devendo ser, por conseguinte, em meio d'estes conflictos e oscillações, quando cousa alguma persiste de estavel, que os povos conquistados esquecem a sua lingua para adoptarem a de seus oppressores.

Effectivamente, estes argumentos contam, até certo ponto, com os exemplos geraes da historia, que os abonam.

Não poucas vezes os tartaros teem invadido a China e ahi predominado, e nem por isso a lingua chineza foi substituida totalmente pelo dialecto tartaro. Tambem os arabes occuparam por muitos annos grande parte das Hispanhas, e não deixaram de seu idioma senão vestigios. Pois não foi por que a civilisação arabica não deixasse de attingir as maiores alturas da industria, das artes e até da sciencia, porque em nenhuma d'estas elevadas demonstrações ficaram atraz do povo-rei, se não lhe passaram em algumas muito além. E n'esta parte fica desmentida a chamada lei linguistica dos vencedores imporem sempre a sua lingua aos vencidos, quando contam em seu favor as vantagens de uma civilisação aprimorada.

Egual exemplo nos apresenta a Turquia, que impera n'uma grande extensão de provincias aziaticas, e na Grecia, e nem esta deixou o seu idioma, nem aquellas esqueceram os seus antiquissimos dialectos locaes. Sessenta annos durou o jugo castelhano em Portugal, e comtudo a lingua patria permaneceu, e foi sempre a preferida por todos seus habitantes. O mesmo exemplo

Digitized by Google

se offerece com o francez, em referencia aos *patois* de muitos dos departamentos de França, e da maior parte da Hispanha pelo que respeita á lingua litteraria e official, ao castelhano. E que esforços não empregou Philippe II para conseguir das provincias vascongadas deixarem o seu enredado dialecto (o eskuare ou basco), sem o poder conseguir! Porção da Italia tambem foi por seculos senhoriada pela Austria e jámais o romano, o toscano, o milanez e o veneziano se deixaram influir d'essa preponderancia.

Da mesma sorte a Gran-Bretanha determina que nos actos publicos e documentos officiaes se use do inglez, e, comtudo, a Irlanda, a Escocia, e o paiz de Galles, ainda não esqueceram os seus antigos dialectos celtas.

De casa temos nós um exemplo que, de certo modo, encerra indubitavel auctoridade: data do tempo de Dom Manuel, e é o facto que se tem dado com os judeus furagidos em Amsterdam, os quaes jámais abandonaram a lingua patria, legando-a como reminiscencia saudosa da terra natal a filhos e netos, que a conservam como penhor sagrado, não obstante os seculos decorridos.

Dirão que os hebreus possuem todos os dotes de caracter de um povo original, e que tambem é uma lei geralmente reconhecida em linguistica, que o idioma do povo vencido se conserva em quanto susbsiste a religião: mas este argumento serve decerto tambem áquelles que combatem o predominio absoluto do latim na Lusitania, pois não consta que seus habitantes abandonassem o seu antigo culto pelo polytheismo.

E muitos outros exemplos se poderiam adduzir egualmente comprovativos de não ser regra infallivel o que os partidarios da lingua latina asseveram, que todo o povo conquistado, sendo inferior em civilisação, acceita os costumes, as leis e o mesmo idioma dos conquistadores. Esta mudança realisa-se mais formalmente no tocante a instituições sociaes e fórma politica: é a ordem social que se transforma porque esta está subjeita

Digitized by Google

mais directamente á acção politica e ao influxo immediato dos progressos da civilisação.

Já seria temerario affirmar outro tanto dos principios religiosos e de todas as crenças e usos relativos ao fôro intimo ou mais larga esphera moral, que constituem o caracter mais peculiar, a indole de um povo, no que deve ser comprehendida a lingua, porque entre o pensamento e a palavra a ligação é quasi inquebrantavel. O amor ao idioma patrio não é apenas um habito, um apêgo, uma tradicção entre os povos, senão uma feição de familia, um legado moral. E tanto assim é reconhecido que um sabio celebre, n'um livro que trata das linguas *ouigour*, estabelece, que n'uma lingua de qualquer povo, constituido de aggregações diversas, e n'este caso entra a questão dos varios povos que occupavam as differentes regiões da Iberia, se descrimina com facilidade a população primitiva de cada uma das raças reunidas, avaliando a quantidade de vocabulos e phrases que cada um d'elles haja trazido á massa commum do novo idioma. E isto evidenceia a repugnancia que subsiste em todo o tempo no animo dos povos para esquecer a lingua de seus maiores. Fortalece-se esta repugnancia com os laços moraes, que nem a mão armada das conquistas, nem o influxo lento e persuasivo da civilisação logram inteiramente quebrar, e ainda menos desfazer de todo.

Examinar e comprovar estas asserções obrigaria a um largo desenvolvimento que traria comsigo profundas questões de historia, philologia e ethnographia que o ensaio a que me propuz não comporta. Mas é indispensavel investigar, ainda que levemente, os mais essenciaes d'estes pontos, porque são elles como as premissas que unicamente devem levar a uma conclusão.

Entremos mais directamente na questão.

É impossivel deixar de admittir, como uma indubitavel verdade historica, a influencia do imperio romano em todos os paizes que conquistou, e que por largo tempo dominou. Leis, costumes, instituições po-

Digitized by Google

liticas e civis, tudo foi transformado. A lingua dos povos conquistados não podia, por conseguinte, deixar de ressentir-se d'esta invasão e transformação total. A religião, ainda mais fórte que o imperio, veiu depois ajuntar a santa uniformidade do seu ritural a esta quasi universal uniformidade da conquista e da politica. Eram em latim que se celebravam as solemnidades do culto; era em latim que os generaes arengavam ás legiões; era em latim que se litigavam as causas forenses nos tribunaes; n'uma palavra o latim era a lingua dos dominadores. Para fallar com elles, para lhes requerer justiça, para obter a remissão do imposto, para orar no templo, para tudo, emfim, que fossem actos publicos se tornava sempre o latim a lingua necessaria.

Todavia, nenhuma d'estas circumstancias desvanece a idéa, e ainda menos a prova historica, de que, apesar de se operar uma tal mudança na vida publica, religiosa e civil d'aquelles povos, o que por necessidade havia de levar resultados consequentes á linguagem por elles fallada, pois é impossivel realisar-se uma nova ordem de cousas sem que lhe corresponda a innovação ou introducção de vocabulos relativos, nada d'isto desvanece a idéa e ainda menos a prova historica de que não obstante esta profunda alteração nos costumes e instituições, continuaram a substituir os dialectos locaes. E tanto assim, que é ponto conforme ainda entre os linguistas mais controversos, que no setimo seculo tres linguas existiam nos Gaulas: a lingua latina, ainda considerada official e ecclesiastica; uma lingua vulgar corrompida do latim; e a lingua germanica que os barbaros do Norte haviam trazido comsigo.

A questão, portanto, aqui, para apurar a procedencia dos idiomas modernos, deverá ser indagar e comprovar, se realmente o latim conseguiu em algum tempo ser a lingua popular e universal, apagando completamente os vestigios celticos das primitivas raças que povoaram o Meio-dia da Europa e parte do Occidente, ou

Digitized by Google

se os dialectos d'esses indigenas, não esquecendo de todo na boca popular, reviveram após tempos, assim que lograram emancipar-se da tutela romana, posto que modificados, e, com os annos, aperfeiçoados pelo uzo do latim.

É decerto por esta segunda parte que todos concluirão, quando não queiram fazer d'esta materia mais do que um estudo de exame historico e analyse linguistica, e de sorte alguma uma idolatria da edade de ouro dos auctores de Lacio.

Mr. Raynouard, na sua bella obra *Elements de la grammaire de la langue romance avant l'an 1000, précédés de recherches sur l'origine et la formation de cette langue,* não é talvez totalmente deste parecer, porque trata de provar, que a lingua que dominava nas Gaulas e abrangia uma parte da Hispanha e Italia superior, era a chamada *romance vulgar* ou *rustico,* e depois *lingua d'Oc* ou *provençal,* e que esta lingua era *corrompida* do latim. Ora, para admittir esta corrupção, seria preciso presumir que o latim fôra lingua fallada pelas mais infimas classes do povo do Meio-dia e Peninsula Hispanica, e que haviam sido as novas invasões das raças germanicas que o tinham depois corrompido, o que é inverter os proprios factos e provas da historia, que nos dizem terem existido antes da dominação romana dialectos, que ainda durante ella se ficaram fallando, e é tambem cahir n'uma grave contradicção a respeito da theoria que estes mesmos auctores pretendem estabelecer como infallivel, isto é, que um povo civilisado impõe sempre, não só os resultados dos seus progressos civilisadores, mas a propria lingua ao povo cuja situação social seja ainda barbara. Se o povo culto impõe a sua lingua ao povo barbaro, como é que a lingua dos romanos se deixou corromper e quasi desnaturar pela dos povos do Norte, a ponto de parecer outra? Para ser infallivel a theoria que invocam deveriam ser antes os dialectos celticos os invadidos e transformados pelo latim, como effectivamente nos ensinam as

Digitized by Google

investigações da ethnographia e regras da linguistica: se assim é, não asseverem que a *lingua romana* é uma lingua *corrompida do latim*, senão alterada, modificada ou aperfeiçoada pelo latim. D'esta sorte a julga, pelo menos, o jesuita hespanhol Hervas y Panduro, na sua *Historia natural del hombre*, e tambem o abbade Girard nos *Vrais principes de la langue française*, onde egualmente mostra o quanto o genio das quatro linguas irmãs, franceza, hespanhola, portugueza e italiana, differem da indole latina.

Que o latim exerceu grande influencia em todos os idiomas modernos, antes e depois de dominio romano, é ponto acceite por todos que possuem noções, ainda superficiaes, d'estes assumptos; mas d'esta affirmativa a ter sido universal, e sobre tudo vulgar, vae uma distancia que os proprios monumentos e documentos escriptos contradictam abertamente. Basta examinar as inscripções colligidas por Bosio, Aringhio e Rossi, inscripções sepulchraes encontradas nas Catacumbas, para nos determinarmos n'esta questão, porque não podemos deixar de concluir que a lingua popular era aquella a que os escriptores romanos, como Cicero, Aulo-Gellio e outros se referiam, appellidando-a *lingua rustica*, *vulgaris*, *militaris*, *castrensis*, *pedestris*, por opposição á *lingua nobilis*, ou latim dos escriptores e oradores. E assás de provas se apresentam de que este dialecto era o adoptado, não só pela plebe, senão pelos cidadãos romanos, e dos de mais elevada gerarchia, pois até se comprehendem n'esse numero os imperadores Augusto e Justiniano.

Mas, em primeiro logar cumpre saber em que época se operou a fusão do latim com os diversos dialectos das raças gothica, franca e tudesca, que arrancaram as Gaulas e a Hispania á dominação romana?

E em que tempos se realisou a formação definitiva das linguas modernas?

Tudo isto são questões que não passam dos limites conjecturaes. Varios historiadores pensam que logo de-

Digitized by Google

pois do anniquilamento ou expulsão das legiões imperiaes, pouco mais ou menos no tempo dos primeiros reis, se formaram nas Gaulas duas linguas, uma ao norte, outra ao meio-dia, e que a do meio-dia recebeu o nome de lingua *romance rustico*, como já fica dito, e a do norte a denominaram *lingua théotisca*. E isto evidenceia-se pelo que se encontra nos *Annaes de Flandres* de Jacques Muger, onde se affirma, que depois da morte de Santo Eloyo, em 665, escolheram a Mounlin para lhe succeder, por ser um varão de santa vida, e que *sabia a lingua romana tão bem como a théotisca*, o que prova claramente que estas duas linguas eram já de todo differentes do latim do VII seculo.

E se esta differença entrasse em duvida, seria sufficiente lêr o que escreveu Eginhard, o celebrado secretario de Carlos Magno, para se dessipar toda a duvida, porque na obra que consagra á memoria d'este principe, se desculpa de a escrever em latim, *pelo pouco que era sabido na lingua romance*, o que torna evidente que o latim, subsistindo álias ainda como lingua litteraria, não estava comtudo já em uso na côrte do grande imperador, e que uma lingua nova, ou mesclada, a havia substituido.

Porém, qual era essa lingua, repito? Seria realmente a lingua que Raynouard indica como imperando nas duas Gaulas e n'uma parte da Hispanha e da Italia Superior?

O sabio auctor da *Grammatica Romana* adduz, com effeito, exemplos curiosos, que reproduzirei quando tratar das origens da poesia popular, que d'alguma sorte parecem authenticar a identidade dos dialectos vulgares da Provença, de Hespanha e da Italia, no seculo IX. Villemain, no seu *Quadro da Edade-média*, segue até certo ponto esta opinião, quando affirma que desde aquelle mesmo seculo existia já, n'uma parte da Europa, um idioma *completamente formado pelo typo latino*, o qual tinha supprimido as dissenencias dos casos, simplificado os verbos, substituido as inflexões variadas do

Digitized by Google

passivo pelos verbos auxiliares, e criado regras commodas e engenhosas. E quanto á opinião de Raynouard, a famosa *Chronica dos Santos* fornece exemplos sobejos, para o firmar nas suas conjecturas, pois n'ella encontrâmos lendas piedosas e narrativas de milagres, da edade-média, que são hoje em dia mais do que uma peça comprovativa de qualquer processo grammatical. Um hispanhol enfermo, por exemplo, indo em piedosa romaria a visitar diversos logares santos da Europa, com o desejo de lograr cura, acertou de se encontrar em Fulde, no Hesse, com um padre estrangeiro que lhe deu gasalhado e praticou largamente com elle, porque, reza a sobredita chronica, este padre, por ser de nação italiana, assás comprehendia o idioma do hispanhol.

Porém, até que ponto se dariam estes casos de identidade? Seriam então os differentes dialectos da Italia, como o veneziano e o ravennez, e os de Hispanha, como o vasconso e o andaluz, menos distinctos do que o não são hoje? Não é mais provavel que esta diversidade e opposição de dialectos subsistisse antes mais irreconciliavel n'aquellas eras do que agora, visto que n'aquellas eras os povos que os fallavam possuiam ainda todo o vigor primitivo da sua individualidade de raça? Ou quererão fazer-nos crêr que tal differença não existia então, e sómente occorreu depois de certo tempo para cá? Mas isto seria levar-nos a um absurdo historico, que a mais ligeira reflexão desfaz.

A verdade é que as camadas inferiores d'esses povos, como ainda hoje succede, sempre fallaram, mais ou menos alterada, a sua lingua vernacula. As linguas e as religiões de nossos passados são as ultimas coisas que esquecemos: e este facto, quanto mais profundamos nas camadas populares, mais verdadeiro o encontramos. Embora digam que nas Gaulas e parte da Hispanha tudo se tornou romano com o dominio dos pretores, e que os proprios nomes das antigas familias celticas soffreram mudanças latinas, nada d'isto prova a universalidade, como pretendem, da lingua latina. Os romanos,

Digitized by Google

como os costumes e modas francezas actualmente, n'uma parte da Europa, e tudo que vinha de Hispanha, nos tempos dos Philippes, para com os portuguezes degenerados, tambem tiveram apaixonados, ainda mesmo entre as nações que avexavam com o seu despotismo, as quaes os imitavam servilmente, tomando-lhes os usos, os trajos, as denominações e até os appellidos patronimios. Mas este excesso de imitação nada prova n'uma questão de linguistica. Por haver partidarios dos representantes da sumptuaria e altiva Roma, por haver entrado talvez em moda a adopção de seus usos esmerados, não se segue que os dialectos locaes se apagassem na memoria popular, e que viesse o idioma de Cicero e Horacio substituil-os. Não é natural, e ainda menos provavel. Adoptando o simile de um illustre professor francez, que se occupa d'estes assumptos, pode-se dizer que o latim se infiltrara em todos os idiomas que lhe eram estranhos, modificando-lhes a fórma, mas não completamente a indole. E a este respeito é muito conceituoso o dito de Klaproth,[1] que não obstante ser defensor do latim, observa que as linguas não mudam essencialmente, *como o brilhante fica sempre brilhante, seja qualquer a fórma porque seja faceado.*

Mas restringindo-me á these a que me propuz, isto é, indicar a procedencia da lingua portugueza e as modificações porque ella passou até chegar á cathegoria de idioma regular e independente, trarei para esta questão as conclusões faceis de tirar das observações geraes expostas. No meu entender o nosso idioma é originario de alguns dos varios dialectos fallados na Peninsula pelos povos que primitivamente a povoaram. No dizer dos antiquarios e etymologistas, que melhor teem procurado aprofundar esta materia, esse povo a quem devemos os primordios da lingua é o turdetano. Ha historiadores, que asseguram haverem-se esses dialectos corrompido com o trato dos phynicios e gregos, posto

[1] *Encyclopédie Moderne*, no artigo *Langues*.

Digitized by Google

que todas essas affirmativas não passem de meras conjecturas, por ser incerta a época da vinda desses povos á Peninsula Hispanica, e impossivel, por conseguinte, historiar e ainda menos averiguar com fundamento os factos concernentes á sua persistencia entre os indigenas de taes regiões.

Reina egual obscuridade a respeito das colonias epiroticas, phocenses e etolicas, de que nos fallam Herodoto e Plinio e outros escriptores gregos e latinos. E até no volume I da nova serie das *Memorias* da Academia Real das Sciencias, deu-se á estampa uma dissertação do sr. Costa Macedo, em que este douto academico apresenta, com vasta copia de erudição, como duvidosa a fundação de taes colonias n'estas partes da antiga Hispanha.

Temos, por tanto, que tudo é vago, mesmo o facto, geralmente admittido pelos historiographos de nota, de serem os turdulos, ou turdetanos o povo que nos legára os primordios da nossa lingua.

E porque haviam de ser logo os turdetanos que nos haviam de fazer este legado, e não quaesquer dos outros aborigenas, que então occupavam a Luzitania? Nem os historiadores, nem os linguistas esclarecem esta duvida; porém uma ligeira analyse talvez nos leve a conclusões satisfatorias.

É sabido que a Luzitania era povoada pelas seguintes tribus: os luzitanos, propriamente assim denominados por habitarem entre o Tejo e o Douro; os cynetas, primitivos habitantes do Algarve; os vettões, em volta dos montes Gredos até ao Guadarrama; os turdetanos na Betica, ao norte do Guadiana; os turdetanos celtas, ou glettas, entre o Guadiana e o Tejo; e os que se estendiam para o Oriente, até ao centro da Extremadura, que se denominavam turdulos; e finalmente os gallegos meridionaes, os braccharos, na parte da Tarraconense que hoje fórma as provincias do Minho e Traz-os-Montes.

Temos, pois, varios povos, posto que quasi todos de

Digitized by Google

origem celta: porque motivo foi só um d'elles que exerceu a influencia de que se trata?

A resposta não póde ser senão hypothetica.

Em primeiro logar não está provado que cada uma d'estas tribus possuisse dialecto peculiar; antes é de presumir, visto a sua origem commum e o trato intimo e permanente que tinham entre si, na vida errante e aguerrida que levavam nos campos e pelejas, que todas ellas fallassem a mesma lingua: e em segundo logar a circumstancia de se dizer que a lingua original dos luzitanos fôra a dos turdetanos, não importa sustentar que aquella lingua houvesse unicamente sido fallada por elles; o motivo é outro, decerto. Não são citados os outros povos, mas tãosómente os turdetanos, por serem estes talvez os mais civilisados e esclarecidos de todos, como nol-o assevera Strabão, que nos confirma n'esta opinião, quando escreve no Livro III da sua *Geographia*, que eram os turdetanos os mais illustrados de todos os hispanhoes: *usam de grammatica* (diz elle), *teem monumentos escriptos de grande antiguidade, poemas e leis exaradas em verso* (*conforme asseguram*) *ha seis mil annos, etc.* Isto explica o seu predominio nas demais tribus da Luzitania, e o serem, por conseguinte, citados nominalmente, quando se trata de personificar qual fôra o povo d'onde deriva a lingua que hoje possuimos.

E não só foi fallada na Luzitania, senão em grande parte da Tarraconense, como na Callaica, conforme o attestam até monumentos litterarios mui posteriores, os quaes demonstram que Portugal e Gallisa usaram de identica lingua desde eras assás remotas.

Dirão talvez que esta identidade no idioma vulgar dos dois povos lh'a déra o latim, que de feito muito os alterou e aperfeiçoou, bem como a todos os invadidos pelas hostes romanas. Porém, porque não deu igual uniformidade ao biscainho e ao catallão, ao aragonez e ao andaluz, ao navarro e ao valenciano, que tão diversos se mostram ainda agora, accusando tão energica e

Digitized by Google

caracteristicamente a sua origem das antiquissimas raças de que procedem? Pois os romanos tambem dominaram as regiões dominadas pelos antepassados d'estes povos, e todavia as feições individuaes da sua nacionalidade e dialecto lá permaneceram renitentes a todo o influxo, não só de lingua, senão dos proprios uzos, leis e instituições do imperio, como o provam ainda agora as Provincias Vascongadas, com as suas isenções e foros (*fueros*).

A rasão, portanto, da uniformidade da nossa lingua com a galeciana, ou gallega, não provém só da influencia latina, e sim da homogeneidade que entre ellas sempre houve: aos dois povos nunca separaram verdadeiramente barreiras naturaes, e é por isso que a historia e a ethnographia explicam facilmente este facto. O estudo da historia, principalmente, feito com desassombro, e sem paixão das chamadas lettras classicas, que tem levado os *eruditos* a só reconhecerem influencia legitima e legitimidade acceitavel no latim, um estudo realisado d'esta sorte, dá em resultado a conclusão a que desejamos chegar, isto é, que o predominio dos romanos sobre grande parte dos povos vencidos, não atacou muitos dos effeitos do seu caracter local, e que o latim, não sendo lingua fallada em Roma, muito menos poderia ser a linguagem adoptada nas regiões conquistadas, onde accrescia a esta circumstancia erguerem-se contra a adopção o apêgo dos naturaes aos seus antigos dialectos, e resistencias que d'aqui deveriam resultar.

Mas qual era essa lingua, que de alguma sorte exprime este mesmo facto historico, isto é a lucta da acção civilisadora dos romanos com o amor das tradições locaes, e a repugnancia dos vencidos em receberem dos vencedores uzos, leis, e idioma estranhos?

Essa lingua era aquella a que já me referi; era a *lingua romana.*

E este facto é reconhecido, tanto pelos adversarios da origem latina, como pelos da origem celtica.

Digitized by Google

«....Temos procurado fazer sentir a completa revolução, escreveu o sr. Alexandre Herculano, na introducção da *Historia de Portugal*, operada na Peninsula pela civilisação romana, e por consequencia a necessidade de admittirmos que a lingua latina chegou a obter inteiro dominio n'estas partes, cumprindo todavia não esquecer *que essa lingua devia ser a quotidiana, rustica ou simples, alterada desde logo* por phrases e vocabulos indigenas, etc.»

Na *Memoria sobre as origens e progressos da poesia portugueza*, de Antonio Ribeiro dos Santos, este auctor vae mais além, e ahi lêmos as seguintes palavras:—«Mostramos em nossa obra das origens da antiga lingua de Hispanha, e de seus actuaes dialectos, que a nação hispanhola *conservou sempre o seu idioma primitivo, posto que alterado em todo o tempo do senhorio e dominação romana.*»

E no opusculo do mesmo erudito escriptor ácêrca das *Origens latinas das linguas de Hispanha*, encontramos mais estas asserções:—«Muitas palavras havidas por latinas são primitivas da natureza; muitas vieram de outras fontes, do grego, do celtico; muitas receberam os latinos de nós e não nós d'elles, em cousas de agricultura e de milicia; muitas só são do latim barbaro da idade-média, palavras não latinas de nascimento, mas sim adoptadas de varias linguas dos povos barbaros, ás quaes se dava terminação ou inflexão latina; ha na nossa lingua uma immensa quantidade de palavras, que não são latinas, nem compostas ou derivadas d'elle; ha palavras que não são realmente latinas, posto que compostas ou derivadas d'elle; e finalmente ha uma extraordinaria somma de palavras, que tomámos do latim depois da nossa lingua já formada.»

Do mesmo parecer é o distincto philologo João Pedro Ribeiro, que no tomo I das suas *Dissertações Chronologicas e criticas*, quando escreve:—«Eu, porém, me persuado que a lingua original das Hispanhas *se não ex-*

Digitized by Google

*tinguiu* com a dominação dos romanos, antes, *conservando-se tambem atravez da dominação dos godos, suevos e arabes*, foi n'este quarto periodo que se dividiu, etc.»

Hallam, na sua *Historia da Europa na idade-média* é um defensor energico da origem latina, porém não póde deixar de fazer estas reflexões:—Mas porque os habitantes d'estas provincias (as Gallias) acabaram por adoptar tão completamente o latim por sua lingua natural, a ponto de se não poderem descobrir em seu dialecto uzual senão ligeiros vestigios do seu antigo idioma celtico, não se segue *que fallassem a nova lingua* (o latim) *com tanta pureza como os italianos, e ainda menos que a pronuncia correspondesse aos sons escriptos com a precisão que considerâmos essencial á expressão do latim.*

O testemunho de Villemain, que tambem é partidario da origem latina, torna-se importante, logo que escreve o seguinte:—Eu julgo que toda a classe nobre, entre os povos vencidos, apprendeu correctamente a lingua latina, e esqueceu quasi a sua. O grande numero de escriptores nascidos em Hispanha e na Gaula, durante o II, III, IV e V seculos, são a prova d'isto. Porém, é facil de conceber que se não deu o mesmo facto com o povo. Este apprendia o latim *como podia: via-se obrigado a sabel-o*, porque as ordens do senhor eram de continuo promulgadas n'esta lingua. *Comtudo conservava alguma lembrança da sua; ou, quando fallava a lingua latina, alterava-a a seu modo.*»[1]

A citação de Bonamy (*Mémoire de Littérature*) é importante n'esta questão, pois que, defendendo o predominio do latim, diz comtudo que:—O povo das provincias romanas não contava com este auxilio (a imprensa), e se a lingua latina se havia polido, não era senão entre os habitantes de Roma e aquelles que a estudavam. A linguagem antiga tinha permanecido nas

[1] Villemain, *Tableau du moye-âge.*



Digitized by Google

provincias, que não conheciam esta polidez, mais facil de sentir que de explicar. Era a linguagem vulgar das provincias (*lingua rustica, vulgaris, militaris, provincialis, sermo quotidianus, pedestris, rusticus*, a que acima me refiro) de que se formaram os idiomas francez, hispanhol e italiano, e não do latim, que lêmos nos escriptos dos bons auctores; e por isso quem pretender procurar a origem dos vocabulos da lingua d'estes povos, deve procural-os na *Lei das Doze Taboas*, em Ennio, nos antigos poetas comicos, em Varrão, em Vegecio, em Columella, e em geral em todos os auctores que, não procurando architectar phrases, jámais empregaram senão o estylo mais simples e as palavras entendidas de todos.»

Não posso deixar de ajuntar aqui os termos de Bergier, que, occupando-se d'esta questão, nos *Éléments primitifs des langues*, conclue assim:—«Vae em oito seculos que o francez começou a formar-se e a ser fallada nas Gallias, sem que tenha supplantado o *patois* de diversas provincias, dando-se ainda o facto de haver em França muita gente que mal saberá meia duzia de phrazes francezas.» Logo, subsistiam esses *patois* na época em que as pessoas polidas fallavam latim; logo o latim não fez em quinhentos annos o que o francez não pôde conseguir em oito ou nove seculos; logo os camponezes fallam ainda a mesma linguagem de que seus paes se serviam antes da conquista dos romanos e dos francos.

E não só os camponezes, porque a repugnancia em aprender o latim era mais geral do que confessam os partidarios da origem latina, pois em contrario do que assegura Villemain, que affirma que toda a classe nobre sabia o latim, Aldrete narra aquelle caso do imperador Cladio mandar riscar da lista de juizes a um nobre por ignorar o latim, e tambem exautoral-o das immunidades de cidadão romano, rigor que não seria exercido decerto senão para vencer a relutancia que havia em deixar a lingua patria pela dos vencedores.

Digitized by Google

O mesmo succedeu no reinado de Tiberio, em que foram prohibidos depôr como testemunhas os individuos que desconhecessem o latim, o que continua a provar ser mister empregar d'estes meios coercitivos para obter a appellidada *universalidade* da lingua latina.

Rematarei esta serie de citações, apresentando os argumentos que reputo mais incontroversos, e que demonstram claramente qual era a linguagem que fallavam os povos da Peninsula, que são as referencias a documentos. «Os documentos que até aos fins do seculo XI entre nós se exararam, pondera o auctor do *Elucidario*,[1] quasi nada mais teem do latim que a inflexão alatinada dos mesmos termos com que o vulgo se exprimia. O Livro dos Testamentos de Lorvão, o Livro Preto de Coimbra, o de D. Mumadona de Guimarães, os documentos de Pedroso, de Braga e outros muitos que nos originaes se conservam, e que n'este *Elucidario* se accusam, não permittem hesitar, que a lingua portugueza *era por este tempo* o mesmo que a hispanhola, cujos monumentos Yepes, Flores, Risco, e outros até hoje publicados, nos offerecem antes uma verdadeira identidade que uma mera semelhança.»

Na erudita e bem pensada dissertação, *Origem da lingua portugueza*, do distincto academico, o sr. Soromenho, deparâmos com um subsidio que muito nos encaminha a este respeito. Collige o douto professor varios documéntos extraidos da *Historia das linguas romanas* de Bruce-Whyte, das *Dissertações* de João Pedro Ribeiro, do *Livro Preto*, de Reinesii, Mabile, Helfferrich e outros, pertencentes aos seculos V, VI, VII, X, XI e XIII, onde se póde fazer um estudo, não só da natureza da lingua fallada n'essas eras, mas das differentes evoluções porque foi passando, á medida que se desligou da influencia latina. São estes documentos, que teem por base a historia, de verdadeiro auxilio para o linguista de *boa-fé*, alheio ás loucas pretenções de querer *afidalgar* o

[1] Viterbo, *Elucid.* Advert. prelim.

Digitized by Google

nosso idioma, procurando-lhe origens reputadas mais illustres.

É summamente apreciavel n'este ponto a dissertação do sr. Soromenho, pela verdade das suas indagações historicas e conclusões linguisticas: — «E se admittirmos, escreve elle, como completa, absoluta a transsubstanciação da sociedade iberica na sociedade romana, ficará sem solução possivel a *historia da formação dos diversos dialectos que, ainda hoje, separam varias provincias da Hispanha, mas que na edade-média distinguiam, até, as nacionalidades*. Se a lingua era só uma, se nenhum elemento estranho entrou na decomposição da lingua romana, e na sua recomposição em lingua romance, deviamos ter visto realisado o sonho de Raynouard. Mas não foi assim. A lingua romana fôra adoptada, é verdade, em toda a Hispania; porém, irradiando das cidades para os campos, entre as populações agricolas, *não tivera em toda a parte a mesma facilidade de se fazer acceitar pelas classes que desejavam uzal-a, ou soffrêra as alterações provenientes de habitos contrahidos sob a influencia combinada dos seculos e do clima. A par d'esta lingua subsistiam mais ou menos modificados os antigos idiomas locaes, que, no commercio com os habitantes do campo, deviam fazer-se ouvir regularmente no centro das grandes povoações romanas,* mas o latim official e a obrigação diaria de empregar a lingua das cidades, obstava a que esses elementos nacionaes se envolvessem na lingua dos dominadores.

«Acabou, porém, o imperio: *romperam-se os laços que ligavam o interesse das massas á conservação da lingua romana*, ou, para exprimir melhor a nossa idéa, a *lingua official deixára de existir*, e, por consequencia, *de presidir á conservação* e á incorruptibilidade da lingua vulgar, á qual, durante a sua existencia politica, servia diariamente de norma.

«Grande devêra ser a alteração da lingua romana entregue, por este modo, a si propria e *sugeita á influencia deléteria dos dialectos locaes*, se desde logo o

Digitized by Google

governo wisigothico, a exemplo dos romanos, não houvesse adoptado a lingua latina como official e litteraria, e *provavelmente a lingua da multidão para o trafego diario.* Os poucos fragmentos que restam do codigo de Eurico, redacção primitiva e puramente latina do seculo V, offerecem raros vestigios da lingua rustica,[1] *mais visiveis nas redacções posteriores;* mas o livro das *Etymologias,* obra do seculo VII, *mostra-nos já o elemento nacional a introduzir-se na lingua herdada dos romanos.*[2] Porém, tanto um como outro monumento pertencem á lingua erudita, e não podem indicar-nos se o organismo da lingua rustica soffrêra alteração sensivel. Não nos parece isso provavel, porque a que vemos empregada nos documentos diplomaticos do VIII e IX seculos, exceptuados os nomes proprios de individuos e de logares, e um ou outro termo industrial ou agricola, é a mesma que usava a plebe romana e encontrâmos nas inscripções das Catacumbas.[3]

«Não é, portanto, aos povos germanicos que, como muitos crêem,[4] se deve a transformação que produziu a lingua romance, nem tão pouco foi n'este periodo que essa transformação se operou. Foi nas monarchias christãs, durante a guerra da reconquista, entre os VIII e o X seculos.[5]

«As povoações mais importantes da Peninsula, aquellas onde devia conservar-se mais puro o idioma roma-

[1] Knust-Blume: *Dic. Westgothische* ANTIGUA. CC. LXXXV, *tres seliquas de unius solidi.* CC. LXXXVII, *emplio nihil habeat firmitatis,* etc.

[2] *Catum* (gato), *esca* (isca), *materia* (madeira), *mantum* (manto), etc. Cf. Aldrete. *Del origen de la leng. castellana,* lib. II, c. I.

[3] *Orig. da Ling. Port. these para o concurso da cad. da litter. moder.* Not. A, pag. 28.

[4] La lingua latina... *della gravidezza dei linguaggi barbari partori la nostra vulgare, e ne mori a mezzo il parto.* Galvani: *Osservaz, sulle Poes. dei Trovat.* pag. 20. *Cf.* Muratori: *Antiquit. ital.,* II. pag. 1013. Schlegel: *Observations sur la langue et litt. Provençal,* pag. 24. Raynouard: *Gram. comparée,* pag. 27.

[5] Cf. Rossew S. Hilaire: *Hist. d'Espagne,* II, pag. 168-169.

Digitized by Google

no, estavam em poder dos serracenos; e os proceres romano-godos, nos recessos das montanhas, que lhes serviam ao mesmo tempo de côrte e do reducto, estavam rodeados de um exercito formado, na maior parte, dos habitantes do campo, de colonos, de servos, das classes infimas da sociedade, d'aquelles *que mais tenazmente conservaram o uzo da lingua de seus maiores, ou fallaram uma linguagem mixta ibero-romana.*

«Comprehende-se facilmente que esta multidão, composta de elementos heterogeneos, disciplinada como milicia, mas desorganisada como sociedade, n'um estado permanente de guerra, instavel, sem residencia, *devia pela mescla dos seus dialectos produzir uma alteração sensivel na lingua. De feito, os documentos do VIII seculo resentem-se já bastante da influencia popular na parte lexicologica:* porém o estylo e a fórma conservam ainda toda a apparencia romana. Explica-se isto facilmente: são documentos redigidos por clerigos e relativos a assumptos da egreja.

«Quando, porém, aquella milicia errante foi engrossando e ganhando importância pelas successivas victorias e conquistas; quando teve um centro commum de vida social e politica, e, com elle, influencia e preponderancia nas assembléas publicas, na eleição dos reis e dos prelados; quando, emfim, se converteu em nação e pôde fazer valer a sua força e o seu direito, os documentos que conteem os privilegios populares extorquidos violentamente, ou concedidos pelos monarchas, já por liberalidade, já com um intuito politico, são ao mesmo tempo monumentos de summo interesse para a linguistica. Prevalece n'elles a lingua romana *singularmente misturada com os diversos dialectos locaes,* que não influem do mesmo modo em toda a parte, mas conforme preponderavam mais ou menos na localidade as tribus do norte ou as do sul da Hispanha.»

Depois passa o sr. Soromenho a demonstrar o que

Digitized by Google

expõe com alguns exemplos grammaticaes, e em seguida prosegue:

«De proposito dissemos *no dialecto do norte*, porque entre a lingua uzada na provincia de Entre Douro e Minho e a que mais tarde apparece nas terras do Cima-Côa e na Extremadura, ha uma differença bastante sensivel para o historiador philologo. Póde, sem receio dizer-se que, á semelhança do que se dava além dos Pyreneos, em Portugal havia tambem uma *langue d'Oc* e uma *langue d'Oil*, a lingua do Norte e a lingua do Sul. E, se no estudo dos monumentos diplomaticos, attendermos, para a historia dos dialectos, á situação topographica do ponto onde foi redigido o documento, estamos certos de que se poderá traçar uma linha divisoria, o Mondego, entre essas duas linguas. Ao norte é mais uniforme, mais correcta, mais suave e mais alatinada: ao sul, menos egual, mais aspera e resentindo-se da lingua castelhana que influira poderosamente na sua formação.

«E isto não sómente nos primeiros seculos; ainda depois que o latim deixou de ser a lingua official: um seculo depois de Dom Diniz.

«Querem alguns escriptores que, como Raynouard assevera ácerca da lingua provençal, a vulgar portugueza e a castelhana estivessem formadas no IX e no X seculos.

Os seculos VIII, IX e X dão-nos o singular exemplo de documentos redigidos com completo desprêzo da grammatica, mas com palavras latinas: ao passo que nos seculos seguintes, os notarios sabem as leis de Donato, *mas empregam as palavras romances, ou accomodam as latinas á indole das d'essa lingua*. A rasão d'isto está em que nos primeiros seculos, embora se estivesse no trabalho de elaboração de que devia sahir a lingua romance, a uzada geralmente era a romana; ao passo que nos seguintes, *em que já estava formada a lingua romance*, os notarios, embora por *obrigação official* soubessem latim, se viam forçados a empregar nos documentos

Digitized by Google

as palavras vulgares, *a que o povo já não conhecia a correspondente latina.*

«Do contrario, se, a par da profunda ignorancia que revelam os notarios no completo transtorno das leis grammaticaes e synteticas, n'aquella época se désse a existencia d'uma lingua nacional formada e uzada vulgarmente, deviamos vêr nos documentos mais avultado numero de palavras e phrases d'essa lingua. É, porém, no seculo XI e sobretudo no XII, que, com um formulario convencional e sob uma apparencia toda erudita, encontrâmos os documentos bilingues, *transacção forçada com a lingua romance já formada e bastante poderosa para se impor e substituir á lingua, que, ainda por todo o seculo seguinte, foi empregada nos documentos publicos.*»

Estes trechos do escripto do sr. Soromenho, constituem um apreciavel trabalho, porque, seguindo sempre o criterio historico, chegam a indubitaveis conclusões linguisticas.

Os idolatras da litteratura classica não são, porém, d'este parecer, porque, para elles, após a preponderancia do Imperio romano, tudo demudou a fórma e essencia, e se remodelou, quanto ás lettras, pelos modelos latinos. E é por este desdem, decerto resultante da plethora de erudição cujos ruins effeitos lhes sobem ao cerebro e perturbam a regularidade das funcções intellectuaes, que tudo que não abriu os olhos na patria dos Horacios e Titio Livios, se lhes afigura *barbaro*, embora Attila, o barbaro por excellencia, como o denominam os historiadores, se mostre politico mais atilado e previsto que o proprio Senado, e que alguns dos imperadores e muitos dos homens celebres da republica e do Imperio sejam oriundos das raças tambem chamadas barbaras. Origens da poesia moderna, inspirações nativas dos celtas, dos bretões, dos scandinavos, onde deparâmos com modêlos de singeleza que podem hombrear com a nobre magestade da simplicidade grega, como varios cantos bardicos, e não poucos tre-

Digitized by Google

chos do poema dos *Niebelugens;* toda a litteratura desde o seculo XIII até ao seculo XXV, canto dos trovadores, narrativas legendarias, novellas de cavallaria, poemas cyclicos, como o do *Cid*, de Carlos Magno, do Rei Arthur, o *Heldenbuche*, as aventuras de *Dietrich;* os mesmos canticos dos *Minnesingers*, em summa toda esta formosa collecção de fontes naturaes de inspiração nacional de que resultou a poesia que até ao seculo XV se ostentou tão florescente em todas as nações da Europa meridional e occidental, e caracterisca do periodo guerreiro da idade-média, tudo, n'uma palavra, é desprezado e esquecido para se seguir com religiosa curiosidade sómente o veio das lettras classicas, quasi perdido, ou apenas interceptado depois das convulsões sociaes que succederam á destruição do Imperio romano, e, decorridos tempos, depurado e encarecido com a exultação dos rhetoricos e eruditos na epocha da renascença.

Digitized by Google

Digitized by Google

# CAPITULO II

Origens da poesia peninsular.—Os turdetanos e as suas leis escriptas em verso.—os scaldos, poetas guerreiros: suas canções ou *wises*.—Os celtas e os seus sacerdotes e cantores: os druidas e os bardos.—Canticos durante os festins e na partida para a guerra.—Poemas bretões do seculo VI, da lucta do druidismo com o christianismo.—Poesia dos aborigenos da Luzitania.—A evolução historica explicando a reconstruccão das linguas, e a poesia documentando esta reconstrucção.—Influencias diversas.—Poesia provençal.—Os trovadores e os jograes.—Os arabes e a rima.

As origens da nossa poesia popular andam obscurecidas pelas sombras da antiguidade, como as de todos os povos que primitivamente habitaram as Gaulas e a Peninsula Hispanica. A dar crédito ao testemunho de Strabão, os turdetanos possuiam poemas e leis escriptas em verso, que datavam de mais de seis mil annos, conforme a prosapia nacional d'estes povos o pretendia. Os turdetanos, como quasi todos os outros indigenas da Luzitania, derivavam de origem celtica, e é sabido, pelas tradições immemoriaes de seus poetas, que a poesia, como entre todos os povos primitivos, onde a inspiração hymnica foi a primeira manifestação conheci-

Digitized by Google

da, tomava parte importante nas solemnidades do culto e lhes inspirava canções guerreiras. Mas os nomes d'esses cantores ninguem os conhece. Colhe-se apenas da historia, e da dos celtas em especial, de quem perfilhámos antigos costumes e uzanças, que os poemas d'aquelles seculos seriam pela maior parte como os dos bardos, druidas e samotheus, que eram poemas dogmaticos, moraes e historicos, porque a poesia então permanecia ainda pouco distante da sua primeira origem, que fôra erguer hymnos a Deus e gravar na memoria dos povos, por meio da harmonia e do metro, a historia e a doutrina.

As povoações ferozes, bellicosas e grosseiras, conhecidas por godos, e que constituiam as tribus da Scandinavia, que depois invadiram o Meio-dia e Occidente da Europa, possuiam egualmente poetas denominados scaldos, que nunca deixavam a harpa nem o gladio, como se quizessem symbolisar n'esta união dos emblemas da guerra e da inspiração, que o estro jámais os abandonava, nem nos proprios campos de batalha: e a estas canções, que lhes accendia o enthusiasmo por seus heroes, punham o nome de *wises*.

Quem não conhece tambem os poemas de Ossian, essa melancholica collecção de lendas gaëlicas, publicadas pelo escossez Macpherson, apocryphas ou reconstruidas sobre a inspiração genuina, mas que em todo o caso pintam tanto ao vivo o genio guerreiro e contemplativo dos antigos caledonios?!

E, se passâmos das raças dos homens do Norte a estas que estanceavam nas serranias da Caledonia, não podemos deixar de nos maravilhar por vêr que na poesia d'estes a ternura e por vezes a delicadeza sobrepujam quasi sempre a rudeza e a barbaridade. Encontra-se a mesma energia, o mesmo enthusiasmo, mas sentimentos de heroismo, de magnanimidade e até sensações brandas e affectuosas derramam nos poemas gaëlicos um attractivo desconhecida nas poesias do Norte, sobretudo d'essa epocha.

Digitized by Google

E d'onde procede isto? Procede de que os antigos habitantes da Escossia, e de uma parte da Peninsula Hispanica, eram de origem celtica, que importa não confundir com os godos ou teutões, que occupavam o norte da Europa. Os celtas, como vêmos nos escriptos de Cezar, tinham por sacerdotes os druidas e os bardos por poetas. A estes incumbiam decantar as façanhas de seus guerreiros e celebrar-lhes a memoria: eram até altamente considerados. Não formavam, como os rapsodos do tempo de Homero, turmas de cantores errantes de povoação em povoação, mas uma classe venerada, e que exercia as altas funcções do Estado. A consideração e o crédito de que gosavam perpetuaram-se por longas eras, ainda depois que o druidismo foi enfraquecendo ante o derramamento do christianismo. Não havia rei, nem mesmo nobre que não conservasse na sua côrte um bardo, mais honrado ainda pelo seu talento do que os altos dignatarios pelo seu poderio. Este bardo tornava-se sempre o depositario das tradições heroicas do passado, e, pelo influxo de seus cantos, tambem era chamado aos festins, ás solemnidades nacionaes, aos campos da peleja, e até junto dos tumulos dos guerreiros afamados.

O uso de canticos durante os festins certifica-nos a historia que egualmente existira entre os suevos, alanos e os mesmos hunos, porque Attila e Genserik, que nos seios das proprias alternativas e fragor dos combates jámais esqueciam o fausto com que a pompa e o deslumbramento dos costumes da Asia os educaram, faziam sempre entoar canções em todos os actos solemnes, e as cytharas, tympanos e outros instrumentos de percursão e vibração, que, por sua natureza se conhece serem os primeiros que o homem inventou, como é facil de confirmar, examinando os dos selvagens dos sertões da America, resoavam nas festas publicas e accendiam o enthusiasmo a seus soldados. Jornandès, na sua obra intitulada *De gothorum origine et rebus gestes*, cita muitas vezes as canções dos visigodos, e o costume que

Digitized by Google

tinham de cantar durante os banquetes. As danças guerreiras egualmente constituiam parte d'essas solemnidades publicas: e até, marchando contra o inimigo, batiam a compasso com os escudos ou broqueis sonoros, que pela fórma porque os construiam, retumbavam como os sistros dos curibantes, ou cetras dos gaulezes, cantando em grita espantosa trovas e mutetes de tradição bellicosa, o que os inflammava em exaspêro mavorcio.[1]

E essas canções eram ao mesmo tempo a sua historia genealogica, como fica dito; e tanto assim, que todas as vezes que os historiadores d'essa epocha procuram narrar quaesquer successos, de que não foram testemunhas, recorrem ás canções, onde são referidos, e invocam tambem o testemunho d'essas mesmas canções, como para affirmar a illustração das familias nobres e antigas. Citaremos o *Curs complet de littérature moderne*, de Eduardo Mennechet, onde os estudiosos poderão encontrar algumas d'estas poesias. Sismondi, na sua *Litttérature du Medi de l'Europe*, traz egualmente duas, porém de data muito mais recente, dos seculos IX e X.

A analyse d'estes pequenos poemas proporcionam-nos um bello estudo, não só pelo seu merito poetico, que o possuem, senão como documento historico, porque muitos d'elles, como os dos antigos bretões, quasi indicam a epocha em que foram compostos, por se referirem, na maior parte, á lucta do druidismo com o christianismo, no seculo VI.

O meu proposito, remontando-me a estas eras affastadas, em que populações barbaras cobriam a superficie da Europa, é provar que a poesia, e a propria versificação, que é a poesia já culta, não fôra patrimonio exclusivo dos gregos e romanos, como os sectarios da litteratura classica quasi pretendem, quando votam ao desprêzo aquelles seculos rudes, reputando-os terreno safaro para todas as flores da phantasia. São edades

[1] Tito Livio, Diodoro de Sicilia, Ribeiro dos Santos.

Digitized by Google

barbaras estas, como o foram tambem barbaras as da antiga Grecia e as da antiga Roma, não deixando, por isso, de inspirar soberbos quadros que apreciamos na *Iliada,* na *Odisséa* e nos poemas etruscos, modêlos de magestosa simplicidade antiga. Como n'estas famosas composições, a barbaridade n'aquelles accende nos mais fugosos e veris rasgos a energia de seus personagens, e ao mesmo tempo a singeleza de sentimentos e costumes dá uma ingenuidade aos episodios poeticos, que imprime cunho peculiar em todos estes cantos primitivos, cantos que depois, com as ruinas dos antigos idiomas, reconstruindo-se, passaram na indole e quasi na fórma a preoccupar a imaginação das nações néo-latinas, egualmente reconstruidas politica e socialmente, pela acção civilisadora dos ultimos tempos da eda-de-média, em grandes nacionalidades.

A inspiração formulada, isto é, a poesia é dote de todas as nações, assim como de todas as linguas; e se um exame desapaixonado da historia nos illuminar, verificaremos até que a poesia epica, a pintura dos grandes caracteres e dos audaciosos commettimentos, que é assim que a comprehendiam os antigos, não pertence tão naturalmente aos povos instruidos e civilisados, como áquelles, cuja indole inculta, só obedece aos instinctos das paixões indomaveis.

Isto prova duas cousas: uma que os aborigenas da Luzitania, como todos os outros povos d'aquellas eras, tiveram poesia, e que elles, pelo seu valor indomavel, pelo seu natural audacioso e guerreiro, pelo seu amor á independencia, mais do que quaesquer outros povos, possuiam em si fecundos themas facilmente elaborados em assumptos epicos pela exageração da phantasia popular.

Mas d'estes cantos resta apenas a noticia: tudo é vago, tudo é conjectural; não passam de inferencias deduzidas dos costumes e uzanças, e de um ou outro vestigio reconstruido pelos ethenographos. A respeito dos romanos já não é assim, porque de seus uzos e costu-

Digitized by Google

mes, e da mesma sorte das origens da sua litteratura, e da chamada épocha florescente, ou de Augusto, existe memoria clara nos annaes que nos legaram; porque o desenvolvimento e cultura intellectual d'este povo cresceram a par da sua importancia conquistadora.

Porém, as fontes e progressos das lettras latinas formam um estudo á parte, que não entra no plano d'este trabalho. O meu intento é ir procurar, com as origens da lingua as origens da nossa poesia nacional, que, como entre todos os povos, andam identificados, e cujas alternativas, transformações, aperfeiçoamento e cabal manifestação caracteristica, não podem deixar de ser conformes. De sorte que, se fosse possivel seguir passo a passo a historia dos cataclismos dessas invasões das raças do Norte, que vieram confundir-se com os habitantes primitivos da Europa, e estudar as modificações que realisaram depois inevitavelmente com a mistura de tantos elementos nos seus costumes e instituições, no seu modo de pensar e existir, e, por conseguinte, no seu idioma e productos da phantasia, alcançariamos tambem a historia completa da investigação da procedencia d'esta poesia, que tão mesclada andára sempre com estes successos. Assim, na falta de outros auxiliares mais directos e privativos, recorro e continuarei a recorrer á historia geral, porque é ahi que achâmos decerto noticia, mais ou menos vaga, mais ou menos cathegorica, das differentes phases do problema litterario que intento resolver.

Logo que, no X seculo, diz Sismondi, os povos do Meio-dia da Europa procuraram dar regularidade aos dialectos informes que haviam surdido da mescla do latim com as linguas do Norte, uma nova lingua pareceu dominar todas as outras. Torneada, polida e cultivada com extrema rapidez, apresentou-se para logo como fadada a substituir o latim, que ia sendo abandonado. Centenares de poetas floresceram quasi ao mesmo tempo n'esta lingua nova, á qual deram caracter proprio, que era o que derivava de uma litteratura

Digitized by Google

completamente original, e alheia em tudo ás inspirações dos latinos e dos gregos, ou a quaesquer outras fontes denominadas classicas.

Estes poetas estenderam grande fama desde os confins de Hispanha até aos ultimos limites de Italia, e serviram de modêlo a todos os differentes poetas que dentro em pouco germinaram e medraram nas outras linguas, mesmo nas linguas do Norte, entre os inglezes e allemães.

Esta poesia é chamada a poesia dos trovadores; e estes poetas foram em comêço os appellidados poetas provençaes.

Mas seria esta poesia, como assevera Sismondi, uma poesia completamente indigena e espontanea? Seria totalmente original? Deveremos nós presumir esta poesia dos trovadores uma flor da Provença que brotasse, como as flores silvestres, sem semente conhecida, nem cultivo, ou effectivamente, como ondulação de pollen trazida na aragem, varios germens lhe viriam de longe?

Aqui é indispensavel fazer uma distincção. A poesia provençal influiu poderosamente no genio poetico e costumes da Peninsula, mas a poesia provençal não póde ser, na indole e na fórma, tomada pela propria e genuina poesia peninsular d'esses tempos. As origens d'essa poesia, embora suffocadas por diversas influencias, como o cultismo e altivez poetica dos trovadores e prohibições dos concilios, existia no elemento musarabe, depositario das tradições germanicas apenas modificadas pelo dominio dos arabes.

Para demonstrar esta verdade vou-me servir d'alguns trechos do sr. Theophilo Braga, que tão logica e lucidamente deduz este ponto historico e ao mesmo tempo litterario.

«A influencia do dominio romano, diz este escriptor, no territorio portuguez, não exerceu nenhuma influencia organica; Roma conquistava com as legiões, mas não povoava; deixava os costumes e as leis ás povoações submettidas ao seu dominio e explorava-as com



Digitized by Google

uma absorvente administração do seu governo militar. Essas auctoridades chamadas consules, pretores, preconsules, propraetores, presidente, prefeitos, etc., as divisões provinciaes, em nada contribuiam para a transformação ou assimilação da raça que subjugavam. Quando no seculo V entraram na Peninsula os barbaros do Norte, os invasores não ficaram em contacto com uma sociedade romana, para se confundirem com ella. Imitaram os romanos os godos da classe nobre que destituiram esses magistrados, e para quem era um assombro a sua cultura: o godo servo, trazido na corrente da invasão pelo vinculo da adscripção e da fidelidade, não encontrou uma plebe romana com quem se misturasse, mas achou essa bandura das migrações celticas que facilmente absorveu na sua individualidade. Assim no tropel da raça germanica que avassallou a Europa, chegando á Peninsula no seculo V, é que se deve procurar o elemento primario da nossa nacionalidade.

«Os wandalos, sempre batidos pelas outras tribus, vieram recuando para o sul da Europa, arrastando comsigo os alanos e os suevos; transpozeram os Pyrenneos e sacúdiram a dominação romana, já de si enfraquecida. Os wandalos occuparam a Betica, e os alanos estabeleceram-se no territorio a que se chamava Luzitania, e os suevos ficaram senhores da Galliza.[1]

«A' semelhança do que mais tarde fez Julião, Bonifacio governador da Africa do norte, chamou, para ahi destruirem o imperio romano, os wandalos, os alanos, e os godos. Eis os suevos unicamente senhores da Peninsula. Os nomes de Andaluzia (Wandaluzia) e de Catalunha (Gotalunia) ainda são vestigios da primeira dominação.[2] Com o desenvolvimento do reino da Aquita-

[1] «Gallaeciam *Wandali* occupant et *Suevi*, sitam in extremitate Occeani maris occidua. *Alani* Luzitaniam et Carthaginensem provincias, et Wandali, cognomine Silingi, Boeticam sortiuntur.» Idacio, *Chron.* pag. 232.

[2] Cantu, *Hist. Univers.* tom. IV, p. 34. Ed. 1845.

Digitized by Google

nia, fundado por Eurico, os wisigodos derramaram-se pela Peninsula, já devastada e abandonada por causa da invasão do norte da Africa. Os wisigodos encontraram os suevos senhores da Gallisa e do norte de Portugal; não foi possivel a liga entre elles por causa da diversidade da doutrina religiosa. Os suevos, violentos e bellicosos, organisados em aristocracia militar, seguiam o catholicismo; os wisigodos, com uns restos da bondade indiana, haviam abraçado o principio da humanidade de Jesus, prégado por Ario.[1] Eram os sacerdotes catholicos que não deixavam a fusão d'estes elementos da mesma raça; por causa d'esta questão religiosa, introduziram a discordia no imperio wisigothico, e trabalharam constantemente para extinguir a benigna tradição do Oriente, atrophiando por todos os meios a raça *musarabe*, que mais tarde se havia de formar. Os suevos occuparam o norte de Portugal, mas não é n'elles que se encerra o verdadeiro germen da raça portugueza, que estanciou do Mondego até ao Algarve; como um povo ainda no estado de guerra, a sua constituição era toda aristocratica; porém os wisigodos, sedentarios na Aquitania, trouxeram para a Peninsula os habitos da vida pacifica, e com certeza o colonato seria um dos seus elementos. Como todos os povos germanicos, os wisigodos dividiam-se em homens livres (*werh-man*) e escravos, que ou serviam na guerra ou cultivavam os campos; chamava-se a estes *lites*. Todas as vezes que se estuda esta phase da organisação social da Peninsula, dá-se uma importancia exclusiva aos *werh-man*, ou classe aristocratica, esquecendo completamente os *lites*. Tendo os nobres wisigodos abandonado a sua mithologia odinica pelo catholicismo incutido pelo clero arvorado em theocracia, tendo trocado os seus codigos pela reproducção do Codigo Theodosiano, e trocado a lingua pela lingua official do Imperio romano, como se póde ir achar n'elles essas feições caracteristicas da

[1] Id. *ib.*

Digitized by Google

raça germanica, quando se haviam desnaturado no seu isolamento de classe? D'aqui resulta um grave erro nos historiadores das cousas da Peninsula: vão á organisação romana procurar o typo de certos factos que são puramente germanicos, e que se deram sómente porque o elemento servo, ou *lite*, se conservou na sua rudeza primitiva.

«Sobretudo, para a investigação das origens da poesia, do direito, da arte e da religião dos dois povos da Peninsula Hispanica, é indispensavel passar um traço sobre a acção da classe nobre dos wisigodos ou Ricos-homens.[1] E' nos *lites*, que conservaram tradições, superstições, costumes juridicos e designações domesticas da antiga vida germanica, que se deve unicamente ir procurar o germen da fecunda seiva da poesia que se manifesta no seculo XII.[2]»

Temos, pois, os *lites*, ou *godo-lites*, que depois formaram o musarabe, sendo o depositario das crenças e recordações que verdadeiramente se apoderam da natureza do homem, que são as superstições, os symbolos, as fórmas metricas as usanças e costumes, n'uma palavra as tradições mais intimamente moraes e mais ligadas aos derradeiros vestigios da nacionalidade. Da sua poesia resta apenas a noção vaga de suas fórmas poeticas, narrativas breves, bellicosas, incitadoras, como de todos aquelles povos de origem germanica, que em seus cantos inflammavam as hordas invasoras que talaram a Europa. Refere-se Tacito a este genero de poemas, a que a critica moderna, segundo uma passagem de Odorico Vital, deu o nome de *cantilenas*. D'esse typo rudimentar da epopeia moderna, além de outros specimens, existe a magnifica canção de *Hildebrand*. Nada já hoje resta d'essas cantilenas gothicas da

[1] Os nomes dos principes celebres entre os godos caracterisam-se pela terminação *reik* ou *ric*. Eichoff. *Tabl.*. pag. 26.
[2] Theophi. Braga, *Epop. da Raça Mus.* pag. 10.

Digitized by Google

Peninsula, senão a prova do seu valor historico nos symbolos, usanças e tradições que transmittiram.[1]

Porém, se já antes do seculo IX as cantilenas germanicas haviam decahido por falta de assumpto, porque tinha passado a quadra desoladora das invasões, thema que as inspirava e lhes accendia os rasgos de barbaridade guerreira, mal dispontou no horisonte dos grandes acontecimentos historicos o vulto heroico de Carlos Magno, aspiraram nova vida, uma actualidade devida á transformação em que entrava a Europa; e mesmo em quanto esta corrente não chegou á Peninsula, a cantilena goda não se perdeu totalmente, porque nos cantos oraes existem ainda symbolos que o provam, mas conservaram-se apenas por servirem de *letra sem sentido* á dança e musica imitada dos arabes. Nem de outra sorte se podia explicar a existencia dos cantos historicos de que se serviu Affonso o Sabio, na sua *Historia;* e na designação popular d'esta ordem de cantos temos um documento, que é o vocabulo *aravia*, uzado nas colonias hespanholas do Perú, e nas colonias portuguezas do Archipélago Açoriano, da mesma sorte que a antiga palavra *francias* designava os contos decameronicos derivados dos *fabliaux* francezes.[2]

Comtudo, a verdade é que, assim como o elemento musarabe, nos direitos de nacionalidade, não teve quem lhe reconhecesse a vida moral, da mesma sorte no tocante ás tradições poeticas só conseguiu a custo patentear o apêgo ás suas origens primitivas.

No entanto, duas fórmas definidas de poesia accordaram os espiritos da edade-média: a poesia do amor e a dos feitos d'armas. A primeira, inteiramente aristocratica e subtil, vaga pelas allegorias, engenhosa no artificio métrico, e prendendo-se ainda a uns restos das tradições classicas, irradiou da Provença, e communicou-se a todas as côrtes da Europa; a segunda, ener-

[1] Idem, *Theor. da Litter. Port.* pag. 21.
[2] Idem, *ib.*

Digitized by Google

gica, aventurosa, narrativa, satyrica, era cantada pelos jograes vagabundos, que as povoações ruraes e abandonadas escutavam com curiosidade.

E não se pense que os trovadores, na historia dos acontecimentos humanos, são apenas uns futeis e phantasiosos compositores de algumas estrophes applaudidas pela vaidade castellã d'aquella época: os trovadores, como bem nota o sr. Theophilo Braga, foram os defensores das instituições communaes do Meio-dia da Europa, foram os martyres das cruzadas contra os albigenses, que morreram pela liberdade da consciencia; foram emfim os encantadores que arrastaram os barões ás cruzadas do Oriente, e que adoçaram e harmonisaram a barbaridade feudal.

Não possuia a poesia provençal um caracter accentuado de nacionalidade, rasão essa exactamente porque agradou talvez em todas as côrtes cavalleirosas, em que a gentilleza, as armas e as damas constituiam o bello ideal da phantasia poetica. Mas, com o tempo, reagindo pouco a pouco os instinctos das tendencias nacionaes, foi combatida nas principaes côrtes e substituida por uma poesia original e propria; apenas em Portugal a encontrâmos, dominando de uma fórma absoluta, chegando até a offuscar a existencia da mesma poesia popular dos musarabes.

Os antecedentes dos trovadores, segundo a classificação feita pelo referido escriptor, são:

Vestigios dos costumes gaulezes, e das suas canções amorosas ou *vallemachias*, cantadas pelos jograes e menestreis;

A acção do lyrismo arabe, durante o dominio do sul da França, coadjuvando a aproximação das tradições poetico-latinas dos cultistas ecclesiasticos das canções vulgares;

E as canções amorosas em latim, e tambem em vulgar dos theologos e philosophos, como é sabido de San Bernardo e Abelard, costume manifestado tempos de-

Digitized by Google

pois na Italia por San Francisco, Pacifico, Elias e Jacopone.

E os meios de diffusão d'esta poesia foram:

Os trovadores que partiam para as cruzadas;

Os jograes que visitavam as côrtes estrangeiras e concorriam ás romarias celebres;

Os consorcios dos principes, levando comsigo o sequito de seus menestreis;

E finalmente o azylo que varias côrtes deram aos trovadores perseguidos pela cruzada dos albigenses.[2]

O genio do povo portuguez, evidente na assimilação *gothico-arabe* que ethnographicamente o compõe, acceitou as epopêas frankas, porque respirava ainda nellas o symbolismo germanico, a independencia e os costumes que se lhe obliteraram. Os fidalgos portuguezes, porém, em quem predominava o elemento *romano-gothico*, faceis, como já haviam mostrado, em desnaturarem a sua raça pela adopção das leis, dos costumes e da civilisação romana, acolheram tambem de preferencia essa poesia brotada do sul da França com que os gallos romanos conseguiram, pela virtude da cadencia e melopeia da metreficação, desprender a gaguez primitiva dos novos dialectos.[3]

É miraculosa a influencia e a diffusão da poesia provençal, d'esta poesia do lyrismo e do amor, que parecia despertar sensações novas e attrahir as imaginações para essas sympathias mysteriosas. E comtudo, o motivo d'esta generalisação é differente, porque se explica, não porque a alma humana encontrasse n'ella o seu desafôgo natural, senão porque essa linguagem recebeu pela primeira vez a fórma escripta. Em quanto o trovador cantava, fixavam-lhe *graphicamente* as estrophes, e desta arte se creava o artificio poetico, sendo facil

[1] Theophi. Braga, *Trov. Galecio-Port.* pag. 11.
[2] Idem, *ib.* pag. 3.
[3] Idem, *ib.* pag. 27.

Digitized by Google

depois a imitação. Esta tendencia de erigir a invenção em modêlo, deu margem ao desenvolvimento das vocações poeticas, mas veiu a extinguir tambem, dois seculos depois, a propria poesia provençal, pela banalidade que resultou dos processos rutineiros.[1]

A poesia provençal tornou-se um elemento poderoso na civilisação moderna. Influiu nos costumes e nas idéas. O trovador, investido do prestigio dos seus cantos, tornou-se namorado, e as sympathias do amor aproximavam-no das altas damas. A poesia é nivelladora de condições sociaes, e n'este ponto é exacta a reflexão de Edgar Quinet, no seu livro das *Revoluções de Italia*, quando diz que a poesia provençal, pelo seu espirito democratico, fundiu os elementos da sociedade moderna. E por isso observa tão a proposito o sr. Theophilo Braga, que fôra á Provença, depois de desenvolver as linguas neo-latinas, de as tornar communicaveis, que estava reservado o destino brilhante da civilisação moderna de accommodar os dialectos confusos ao lyrismo com que apostolava a egualdade diante do amor.

A grande epocha da poesia provençal, na Peninsula, foi o seculo XII, e a lingua preferida, a *limosina*. Aos seus poetas chamavam-se *trovadores*, pelas artificiosas combinações que elles achavam (*trouvaient*), e as suas composições eram variadissimas, taes como o *soneto*, o *solão*, o *descort*, a *alba*, a *ballada*, a *pastorella*, a *sirvente*, a *tenção*, a *serena*, a *canção*, a *sextina*, a *complaint*.

Importa, porém, assignalar bem profundamente a differença que desde logo se patenteou entre a poesia dos *trovadores* e a dos *troveiros*, ou *jograes*, efflorescencia poetica que se deixou influir mais intimamente do influxo e tradições populares. O trovador era o poeta das côrtes, dos castellos, do amor, dos raptos lyricos; e o jogral o cantor das façanhas guerreiras, das velhas e heroicas tradições, resumo dos antigos poemas

[1] Idem, *ib.* pag. 5.

Digitized by Google

bretões e de Carlos Magno, das lembranças saudosas da Palestina, das narrativas dos saráus solarengos, e das satyras populares. Vinham da Terra Santa, andavam de solar em solar, alvoraçavam as aldêas, e em toda a parte os escutavam com curiosidade e prazer.

Este praser, comtudo, ás vezes degenerava em tédio, quando os jograes se excediam em suas satyras. A extorção senhorial exacerbava o animo dos povos, instigando-o a justas represalias, e o jogral, incitado, mesmo na maior ostentação do apparato de um consorcio feudal, ou na expansão do jubilo de um banquete de nobres, proferia uma d'aquellas *sirventes*, ou satyras que asseteavam de golpes certeiros o orgulho dos que o escutavam. Esta audacia tocou as raias da injuria, e os jograes, a quem a nossa mesma legislação pune debaixo do nome de *bufões*, de *tregeitadores*, de *goliardos*, foram banidos dos castellos por diffamadores e dissolutos.

É decerto este o fundamento das contrariedades que soffreu tal genero de poesia, e não tanto o systema de opposição insidiosa partida da egreja e da nobreza, como pretende Du Méril.[1] A egreja tambem baniu, não a poesia dos jograes, mas propriamente a poesia popular, cujos vestigios germanicos ainda predominavam, quando irreverentemente se misturava com as ceremonias rituaes. Os desatinos a que as crenças rudes do povo levaram essas costumeiras, deram inquestionavelmente pretexto aos concilios para prohibirem taes excrescencias profanas ingeridas no meio da gravidade liturgica. Basta que nos lembremos dos hymnos ao burro, á mula e ao boi, diante do presepio, na noite de Natal, para conhecermos o abuso da musa popular. Nem mesmo a ingenuidade das *pias crenças* podia já desculpar as irreverencias que se seguiram destes desacatos á seriedade do culto.

Este genero de poesia também penetrou em Portu-

[1] *Poésies populaires latines du moyen-âge*, pag. 33.

Digitized by Google

gal, e nos primeiros tempos da nossa monarchia. O costume de varias côrtes estrangeiras conservarem jograes, para desenfado de seus soberanos e da fidalguia, de quem tambem não poucas vezes se volviam em flagello, apparece-nos já nos primeiros reinados dos reis portuguezes. D. Sancho I teve ao seu serviço dois jograes: um d'elles era francez, conhecido pelo Bon Amis; e D. Affonso III, cognominado na nossa historia o Bolonhez, pelo seu consorcio com a condessa de Bolonha, trouxe-nos para a sua côrte os costumes francezes, sendo um d'elles o dos bobos, ou *jograes*, como o confirma o dizer d'esta clausula do *Regimento da casa real*: «El-Rei aia tres jograes em sua casa e non mais, e o jogral que veher de cavalo doutra terra ou segrel delhe El-Rei ataa cem (talvez maravedis) ao que chus der, e non mais selho dar quizer.»[1]

É decerto a esta especie de cantores ambulantes, cuja tradição viva veiu parar até nossos dias, e que a encontrâmos ainda nas provincias nos pedintes que tocam e cantam velhas cantigas, a que se refere a trova de

[1] Este uso dos bobos, ou truões, em que se volveram os jograes pela sua desmoralisação, era constante nas principaes côrtes d'aquellas eras, e até adoptado em muitos dos solares dos soberbos barões francezes, inglezes e allemães. A historia offerece-nos repetidos exemplos; e os romances de Watter Scott, o *Roy s'amuse* de Victor Hugo, e o *Bobo* e as *Arrhas por fôro de Hispanha*, do sr. Alexandre Herculano, introduzem-nos bem cabalmente na intimidade dos diversos episodios da existencia d'estes *personagens*, que, todavia, constituiram um elemento social, e importante, dos tempos feudaes. A bufonaria era quasi sempre o pretexto da sua admissão, e da tolerancia que os permittia, mas o seu alcance moral era mui diverso e fatal. Os soberanos serviam-se dos bobos para satyrisar os defeitos e ridiculos dos nobres, e a vingança popular, desafogando em revendictas aceradas contra as extorsões senhoriaes, desforrava-se não poucas vezes, com a malevolencia d'estas abjectas creaturas, dos vexames que a provocavam.

Digitized by Google

el-rei D. Diniz, que vem no seu *Cancioneiro*. Aqui a reproduzimos :

Proençaes soen muy ben trobar,
E dizen eles, qu' é con amor;
Mays os que troban no tempo da frol,
E no en otro, sey eu ben que non
Am tam grã coyta no seu coraçon,
Qual m'eu por minha senhor vejo levar.

Pero que troban e saben loar,
Sas senhores o mays eo melhor
Que eles poden, são sabedor,
Que os que troban quand' a frol sazon
A, e non ante, se deos mi perdon
Non am tal coyta qual eu ey sen par.

Ca os que traban, e que s'alegrar
Van, en o tempo que tem a calor
A frol consigue, tanto que se for
Aquel tempo, logo en trobar sazon
Non an, nem vive en qual perdiçõ
Oj' eu vivo que poys m'a de matar.[1]

Os desatinos dos jograes levaram-nos, pois, á desmoralisação, que encontrou guerra directa nos proprios trovadores que se desagravam de ser confundidos com elles, com esses homens que vendiam os seus cantos, como mercenarios e se singularisavam apenas por actos de intemperança.[2]

[1] *Cancion. de Don Diniz*, pag. 70, edic. de 1847.

[2] Isto prova-se historicamente com a vileza que a Ordenação Affonsina inflingiu a esta profissão como se vê pelo que d'ella ahi transcrevemos:

«Todo o clerigno jogral, que tem por officio tanger, e per elle suporta a mayor parte da sua vida, ou publicamente tanger por preço que lhe dêm em algumas festas, que não são principalmente ecclesiasticas e serviço de Deus; e o tregeitador e qualquer outro,

Digitized by Google

O marquez de Santilhana, na sua celebrada *Carta* ao Condestavel, apresenta-nos uma prova bem evidente disto, chegando a dizer dos jograes que: — «Infimos son aquellos qui sen ningunt orden, regla, nicuento, facen estos romances e cantares, de que la gente baja e de servil condicion se alegra.»

Note-se, todavia, que ao lado d'esta poesia outra se encontrava como um parasitismo forçado pelo impulso de diversas influencias, que era a poesia latina de caracter chocarreiro ou apenas faceto. Eram os leigos, que tambem faziam o papel de jograes nos mosteiros, e os escholares que a recitavam e cantavam, mostrando assim n'este facto uma dupla influencia, a do espirito jogralesco ou satyrico da época, revendicta natural das classes opprimidas pelas sevicias das instituições e abusos feudaes, e ao mesmo tempo a lucta ainda do latim, ou antes dos novos dialectos mesclando-se nos hymnos ou canções ao divino, e tambem de caracter profano.

E esta circumstancia de me referir ao latim dispertou-me a idéa de provar uma verdade, que acintemente pretendem desconhecer os eruditos, quando quasi desde a queda do imperio romano até ao seculo XVI, até á renascença, nos figuram todos os seculos intermedios quasi desalumiados da luz intellectual e da civilisação. Para elles a historia das nossas lettras principia nos quinhentistas: tudo, além d'esta quadra,

que per dinheiro per sy faz ajuntamento do povo; e o goliardo que hª em costume almoçar, jantar, merendar ou beber na taberna; e bem assy o bufam, que por praças da villa, ou logar traz almáreo, ou arqueta ao collo, com tenda de marçaria pera vender, taes como estes, e cada hun delles, usando os ditos officios ou costumes, dos ordenados, como dito he; por hun ano acabado, ou sendo amoestado por seus prelados, vigarios e reitores de suas freguezias por trez amoestações, e não leixando os ditos officios e mais costumes, passado o termo das trez amoestações, ainda que seja mais pequeno tempo que o dito anno, por esse mesmo effeito perdem de todo o privilegio clerical, assy nas pessoas, como nas cousas, e são feitos em todo o caso da jurisdição secular.»

(Orden. Alf. L. III, t. 15, § 18.)

Digitized by Google

é rude e mergulhado em trevas, d'onde não surdiu nenhum *fiat lux* para as artes, para as sciencias, nem para a litteratura. A cultura das sagradas lettras, pelos monges, o desenvolvimento das sciencias exactas pelos arabes, os resultados indirectos das lucubrações da alchimia e da astrologia, que produziram tantos achados e inventos extraordinarios para a industria e para a civilisação, tudo são ficções indignas do aprêço dos sectarios do chamado classismo, onde resumem, como em substracto, todos os modêlos e perfeições que possa operar o engenho litterario.

O estudo reflectido da historia mostra o contrario: até n'esses mesmos cantores, nos trovadores, que a mór parte dos *philologos academicos* se dedigna de citar nas suas memorias, encontramos nós, não só talento poetico natural e cultura, mas até provas do conhecimento da litteratura latina. Não façâmos esta poesia da edade-média tão estranha ás lettras antigas, porque, examinando as suas producções, encontrâmos vestigios seguros da antiguidade. É incontestavel que no decurso de uma parte da edade-média se devem descriminar duas correntes de civilisação, que se distanciavam uma da outra n'uma separação profunda e completa em toda a Europa: uma d'estas civilisações, a profana, era livre, folgasã, affectiva, lyrica; era a civilisação popular; era a dos troveiros e trovadores: a outra, a monacal e enclausurada, era a que produzia as lendas dos santos e a do raro e solitario estudo da antiguidade.

Mas este divorcio do mundo e do claustro não se tornou tão rigoroso que nenhuma reminiscencia classica deixasse de penetrar até aos poetas da lingua vulgar; não o julga comtudo assim Mr. Guiguené, quando assevera que rasto algum, mesmo involuntario, da poesia antiga, se encontra nos trovadores.

Isto não é exacto, e sou decerto insuspeito contraditando tal opinião, porque, pelo decurso d'este escripto se terá já percebido o pouco que me inclino ao encarecimento com que os partidarios das lettras gre-

Digitized by Google

gas e latinas pretendem, sem criterio nem justiça, filiar todos os primores do engenho poetico n'aquellas eras litterarias.

A verdade é que os estudos classicos não foram de todo esquecidos, nem se perderam entre as ruinas das convulsões sociaes que succederam ao Imperio romano. Mais de um monge, mais de um cavalleiro, mais de um trovador até sustentou esta tradição. Era um estudo isolado, singular talvez, mas que subsistia; e as lendas dos santos escriptas em latim, as inscripções lapidares, as solemnidades da liturgia christã assás o confirmam.

E não só estes factos, mas outros, posto que mais raros, veem provar que o estudo da antiguidade tinha devotados. Vemos, por exemplo, o allemão Lambert de Affschensbourg escrever, no seculo XI, em latim, a historia das guerras da Italia com o Imperio, e pelo seu estylo vigoroso e conciso mostra conhecer Tito Livio, Tacito e Salustio. No fundo da abbadia de Gandershein encontrámos tambem, nos fins do seculo X, a religiosa allemã Hroswitha, nutrida do estudo de Terencio e Plauto, fazendo representar tragedias na casa do capitulo do seu mosteiro; mas, receiando deixar-se dominar do espirito da litteratura latina, trata de corrigir aquelles auctores, e as locuções e mais phraseologia que elles applicavam a fins criminosos, emprega-as ella em piedosas lendas: póde-se assegurar que santifica as desenvolturas do genio pagão.

Outros exemplos poderia adduzir aqui, encontrados nos mesmos trovadores. Villemain cita este achado por elle proprio nas poesias provençalescas, que examinára. Ovidio dissera:

*Naso tibi mittit, quam non habet ipse, salutem.*

Ovidio vos envia a saude que não desfructa.

E n'um poeta provençal encontra-se egual jôgo de

Digitized by Google

palavras, *enviando á sua dama o bom dia que não gosa.*[1]

Isto é propriamente imitação.

Outros exemplos fôra assás facil de encontrar que confirmam não ser a antiguidade indifferente á imaginação dos trovadores, porque, se alguns, como Beltrão de Born, o mais celebrado de seu tempo, se amestrou antes em desfechar pujantes golpes de montante que na leitura dos manuscriptos gregos e latinos, outros, como Arnaldo Daniel, compozeram em latim varias obras, e até escreveram na lingua romance um canto intitulado *As visões do paganismo* (*Las Phantomarias del Paganismo*), o que torna manifesto que floresceram na poesia popular, passando pela erudição, como acertadamente observa o critico citado.

Não poucos casos nos apparecem até de diversos trovadores terem ido, na sua mocidade, cursar direito canonico a Tolosa. Outro nos apresenta, n'uma estrophe elegante, a imitação da fabula de Narciso. Bernardo de Ventadour plagia de Ovidio a comparação d'este lance, que unicamente podia sarar as feridas que a amante lhe fizera:

*Vulnus in Herculeo quæ quondam fecerat hoste,*
*Vulneris auxilium Pelias hasta tulit.*

Todos estes exemplos, e muitos mais que deixo de apontar, provam, como já notei, que as lettras antigas eram conhecidas de muitos d'estes poetas, e que, quer fosse por tradição, ou por estudo directo, influiram no seu espirito. Em geral esta especie de homens, guerreiros e aventureiros, não tinham tempo de lêr, nem de se instruir; mas a verdade é que na poesia provençal circulavam reminiscencias vivas e graciosas da antiguidade, reminiscencias que todavia não lhe imprimiram caracter, e que, pelo contrario, em poucos annos se desvane-

[1] *Tableau du moyen-âge.*

Digitized by Google

ceram debaixo do colorido original aparelhado pela musa meridional.

O meu empenho, colligindo e expondo estes trechos, é demonstrar, não tanto a preponderancia que a antiguidade poderia exercer na essencia ou na fórma das trovas dos poetas da edade-média, que essa é incontestavelmente diminuta e quasi imperceptivel por entre a verdadeira natureza das inspirações provençaes e vestigios germanicos, mas que a cultura litteraria não era tão estranha a estes engenhos, que aliás os admiradores dos aureos seculos de Pericles e de Augusto, quando muito, consideram apenas como flores silvestres desabrochadas pelas fraguras de uma edade rude, ao sôpro agreste das paixões violentas. Além de que as analogias entre litteraturas não consistem em tres ou quatro traços accidentaes, ou mesmo em algumas imitações systematicas, senão na intimidade do genio e filiações que a caracterisem, o que faz com que um povo seja levado naturalmente a moldar a expressão dos sentimentos ou idéas sobre outro povo, ou uma época sobre outra época; e a poesia meridional da edade-média, pelo seu donaire e desassombro, livre, ligeiro, pelas suas preocupações habituaes, pelo enthusiasmo que a inflamma, pela fôrma métrica que adoptou, não conserva parentesco nenhum com a antiguidade. Deriva de outras origens, influe-se de differente ordem de factos, reflecte uma nova natureza de impressões. O influxo da antiguidade póde tel-a attingido, mas não logrou jámais nem penetral-a, nem insulfrar-lhe o seu espirito. Possue um certo parentesco, sim, posto que não de consanguinidade mui chegado, porém esse é com a poesia do Oriente, que o predominio dos arabes trouxe e implantou na Hispania.

É sabido que o doutor Andrés assevéra, no seu livro *Del origine e dei progressi d'ogni litterature*, que nas composições provençaes não se divisam vestigios da erudição arabica, nem signal algum de se haverem formado os poetas da Provença pela poesia dos arabes.

Digitized by Google

Todavia, contra este parecer, aliás auctorisado, encontrâmos o de Ginguené e Sismondi, e temos, sobre todos, a analyse d'estas duas naturezas de poesia, que, feita com desassombro, conclue por encontrar similhanças, que a maioria dos criticos reconhece.

É apenas uma rapida idéa da litteratura arabica que vou dar aqui, só o indispensavel para evidenciar a sua indole, o modo porque se transmittiu aos povos da Europa, e a preponderancia que exerceu, pois só assim conseguiremos comprehender porque maneira o estylo oriental, adoptado pelos provençaes e hispanhoes, se diffundiu tambem em todas as linguas romanas.

Começo por confessar que não sei nenhum idioma do Oriente, e esta confissão não me desaira decerto, porque vejo fazerem-na egualmente Sismondi e Villemain, quando tratam do mesmo assumpto; e esta desculpa, em tal caso, reduz-se tãosómente a que, como bem diz com chiste um d'estes criticos, o homem que falla da litteratura oriental, sem ser versado no arabismo, colloca-se exactamente em identica posição que se encontraram talvez sempre os povos e poetas da edade-média, que receberam a impressão d'esta litteratura estrangeira sem a terem conhecido directamente.

Folheando as paginas da historia, desde o seculo IX até ao XII, é impossivel desconhecer o influxo que exerceram os arabes em grande parte da Europa, não fallando da Asia e Africa, onde este predominio era já antigo e florescente. E se ha povo que devesse a meios legitimos a extensão do seu poder, é este, pois os limites de suas conquistas foram sempre alargando, dispostos pela acção civilisadora da sua muita sciencia e verdadeira tolerancia politica. Se deitâmos os olhos para o Oriente, para essas regiões nataes dos primeiros talentos d'este povo, e onde desabrocharam, impregnando-se dos perfumes, e reflectindo os deslumbramentos de clima tão assombroso, vemos Bagdad, a capital das lettras e das maravilhas, residencia portentosa dos kalifas, e Bassora e Cufa, competindo com aquella famo-



Digitized by Google

sa côrte em celebridade pela multidão de obras em prosa, em verso, e sobre sciencias que produziam. Balkh, Samarcande e Ispaham eram como irmãs, n'esta tarefa civilisadora de illustração. O viajante via com pasmo entrar em Bagdad, quasi quotidianamente, centenas de camellos ajoujados de livros; e todos aquelles reputados proprios para o derramamento da instrucção no povo, eram para logo vertidos em arabico, e diffundidos ás mãos cheias por todas as classes. E este zêlo e amor do ensino chegaram até Africa, cujas bibliothecas de Fez e Larache salvaram depois grande numero de codices preciosos, que em mais parte alguma eram conhecidos. Dotado de um espirito fino e penetrante, de imaginação viva, de infatigavel tenacidade no estudo, estimulado sobretudo pela nobre emulação de não querer admittir competidor em todos os fructos da cultura intellectual, este povo era egualmente apto para lucubrações scientificas e audaciosos vôos de phantasia. Nenhum ramo de conhecimentos humanos lhe foi estranho, e muitos inventos lhe deve a civilisação. A bussola, a polvora, a algebra, o papel, estes prodigios que por força mudaram a essencia da guerra, ou prepararam os progressos da nautica, das matematicas e da litteratura, são trabalho seu. Cada estado, cada provincia, cada cidade sua possuia os seus sabios e chronistas peculiares. Esta nobre competencia, nas variadas lides da intelligencia, só podia explicar-se pelo ardor que lhes aquecia o sangue. Muitos, á imitação de Plutarcho, escreveram a vida de seus grandes homens por feitos, virtudes, ou saber. Chegou a tanto a paixão do estudo nos arabes e o dezejo de não esquecerem nenhum assumpto, que Ben-Zaid, de Cordova, e Aboul-Monder, de Valencia, escreveram, com a seriedade com que um sabio se póde consagrar á investigação da mais escabrosa these scientifica, a *Historia dos cavallos celebres*, como *Alasueco*, e dos cavallos que se tinham recommendado á posteridade!...

Porém, a Hispanha, sobretudo, foi o imporio da scien-

Digitized by Google

cia dos arabes: foi lá que elles floresceram com mais vivido esplendor e que se ostentaram todos os fructos da sua civilisação prodigiosa e exquisita. Cordova, a scientifica, Granada, a poetica, Sevilha, a monumental, Toledo, a fabricante, n'uma palavra todas as cidades da Peninsula se disputavam riciprocamente a palma n'este primado da illustração, pela fama de suas escólas, pela sumptuosidade engenhosa de seus palacios, pela magnificencia de suas academias e riqueza litteraria de suas bibliothecas.

O celebre Shamseddin de Murcia, tão encarecido pelos arabes, foi douctor da academia de Granada. Meluahel-al-Allah, soberano d'este mesmo reino, no seculo XII, possuia uma soberba bibliotheca; e o Escurial conserva ainda muitos dos portentosos codices tão encarecidos e procurados pelos orientalistas. Alhakem, fundador da academia de Cordova, deu seiscentos volumes á bibliotheca d'esta cidade. Nas diversas cidades de Hispanha mais de setenta bibliothecas estavam patentes ao publico, caso realmente singular e muito para louvar, pois se dava exactamente na época em que o restante da Europa, sem livros, sem sciencia, nem cultura, jazia mergulhado na ignorancia mais vergonhosa. O numero de auctores arabicos que produziu a Hispanha foi tão prodigioso que muitos bibliographos compozeram sabios tratados ácerca dos escriptores nascidos n'uma só cidade, como Sevilha, Valencia ou Cordova, e a respeito d'aquelles que se tinham dedicado a uma unica sciencia, como a philosophia, a medecina, as mathematicas, não esquecendo aquelles que se deram á poesia.[1]

A medicina de Avicéna, a medicina adoptada pelos arabes, foi a unica conhecida em Portugal, quasi nos primeiros quatro seculos da monarchia: e o predominio d'este povo tornou-se tão directo e geral, entre nós, que a lingua portugueza fallada para o sul do Mondego, depois da conquista do Algarve, era um mixto de

[1] Sismondi; *Littérature du midi de l'Europe.*

Digitized by Google

arabico, como bem nota Ribeiro dos Santos, mixto que com o tempo formou a linguagem usada na prosa e documentos.[1]

E é realmente considerando o poderio, a extensão do immenso influxo d'este povo, que se comprehende a supremacia do genio arabico, durante grande parte da edade-média. A um canto da Italia, Roma, cujo nome resumia ainda a lembrança sumptuaria da maior potencia do mundo no seculo IX, reunia indubitavelmente uma grande fonte de civilisação; mas o instrumento d'essa civilisação dirigia-se apenas ao pensamento: Roma não era ainda senão theologica. De certo que na sua theologia existiam prodigios futuros de civilisação, arte, erudição, todos os fructos do engenho; porém, tudo isso era então obscuro e embrionario. Roma não cogitava ainda em transportar o zimborio do Pantheão para a cathedral de S. Pedro; em erguer as salas do Vaticano; em cobrir as suas paredes dos frescos de Raphael; em patentear no *Juizo final* a imaginação ardente e o vigor do pincel de Miguel Angelo; em ostentar na Capella Sextina as concepções admiraveis de Urbino; não contava nem pintores, nem esculptores, nem poetas; só tinha padres, como a antiga, no começo da sua grandeza, só possuia soldados.

Nos seculos XII, XIII e XIV os grandes pontifices, que transformaram o mundo, dominando-o, que o conduziram insensivel e talvez involuntariamente, como, com estrema agudeza, observa um critico contemporaneo, ao primado das artes e das luzes, não se rodeavam ainda de nenhum dos brilhantes prestigios que formaram a auréola de Leão X, e que inauguraram na historia do mundo o seu pontificado, como um dos seus capitulos mais uteis e brilhantes. Os papas, então, encerravam-se todos na theologia, porque era da theologia que o Vaticano extrahia os raios com que fulmina-

[1] *Origens e progressos da poesia portugueza*, nas *Mem. de Litt. da Academ.* e *Jornal dos Amigos das Lettras*, n.º 4.

Digitized by Google

va a ambição dos reis e a timidez dos povos; n'ella residia o seu poderio. D'este modo, a força da civilisação residente em Roma era poderosa, mas permanecia ainda adstricta ás suas fórmas primitivas: não era nem engenhosa, nem scientifica: tinha por alvo unicamente as imaginações mysticas, e não o pensamento multiplo e variado das artes: emquanto que a civilisação mahometana, que devia tão rapido fulgir e apagar-se, porque não a nutria o mesmo principio fecundo de aperfeiçoamento que alimentava a civilisação christã, brilhava desde o seculo IX em todos os resultados da cultura intellectual.

Verdade é que a esta litteratura fallecia a vida que unicamente póde alentar uma litteratura, a liberdade; por que não acreditemos na palavra enthusiastica de alguns orientalistas, que pretendem comparar a Demosthenes os oradores d'aquelle povo. Nunca podem ter existido grandes oradores debaixo do dominio dos kalifas. A eloquencia, para se inspirar, carece sempre dos grandes themas da liberdade: fóra da esphera da liberdade ha rhetoricos, mas o verdadeiro talento oratorio affrouxa os vôos. No entanto, nas academias de Bagdad e Cufa viu-se florescer uma eloquencia vaga e pomposa, como a permitte a escravidão; e esta litteratura, em tudo que não era jogo de imaginação precisava de grandeza e de energia, porém era ostentosa em sua poesia e methodica nas fórmas.

Esta edade da civilisação arabica produziu grammaticos sem numero, rhetoricos, professores, commentadores, lexicographos. A litteratura arabica tomou ainda outro aspecto, passando da Africa á Hispanha, e é ahi, sobretudo, que eu trato de fixar o ponto capital d'este estudo, onde facil se torna entrevêl-a atravez da traducção e reflexos da imitação popular. É ahi, principalmente, que ella actua sobre a imaginação dos povos christãos com tanta força de rapidez, quanto encontra rasões de analogia.

E note-se que não é esta só a primeira prova d'esta

Digitized by Google

influencia natural do Oriente sobre o Meio-dia. Na edade aurea dos romanos, não ouvimos nós um Cicero accusar tantas vezes o que elle appellidava *asianum genus?* o genio asiatico? e lastimar esta elocução faustosa e emphatica que ia corromper a pureza do attecismo romano?

Era, portanto, experiencia já feita, que todas as vezes que a imaginação asiatica vinha ferir a imaginação meridional da Europa, lhe communicava alguma cousa de pomposo e desordenado. As invasões dos sarracenos na Peninsula Hispanica, e as cruzadas na Palestina produziram exactamente estes effeitos. A poesia da Europa christã tambem o demonstrou. E o povo hispanhol, pelo seu clima ardente, pelo seu zelo religioso e vida cavalleirosa, pelo seu caracter irritavel e paixões impetuosas, estava particularmente disposto a receber esta influencia. E seria possivel não ter havido complacencia e ímitação facil para com o genio e dotes tão deslumbrantes de vencedores que diffundiam na Hispanha a admiração de seus monumentos, a tolerancia da sua politica, a communicabilidade de seus costumes, o utilidade de suas sciencias, a fascinação de suas artes e industrias?

É innegavel que desde o seculo XIII, e talvez desde o seculo XII, as artes christãs, e occidentaes progrediram infinito, principalmente a architectura. Aquelles que são dedicados a este estudo maravilham-se d'este condão do genio que, n'uma época em que o pensamento permanecia ainda informe em quasi toda a Europa, e mal encontrava formulas na linguagem, construisse comtudo já idéas com marmore, e compozesse, póde-se assim dizer, poemas epicos com cathedraes. Todavia, muito antes d'esse glorioso vôo do genio christão se manifestar na architectura e esculptura, já a phantasia dos sarracenos havia erguido numerosos monumentos. A Alhambra, Generalif, o palacio dos reis mouros em Sevilha, a Giralda, a colossal mesquita de Cordova, são prodigios que admirâmos ainda hoje. Con-

Digitized by Google

templâmos com assombro aquelles portentos de delicadeza e paciencia engenhosa, e do seio d'aquellas arcarias brincadas, d'aquelles mosaicos graciosamente embutidos de ouro e marmores de mil côres, parece-nos a toda a hora vêr surdir a fada maravilhosa criada pela nossa imaginação, e a cujo aceno da vara miraculosa attribuimos a construcção e reunião de tanta maravilha. A magnificencia oriental animava estes palacios de um esplendor que as pequenas côrtes da Europa christã, e a propria côrte de Carlos Magno invejavam decerto. Verdade é que a vida feudal era desconhecida dos arabes; porém o sumptuoso luxo da edade-média, esse cortejo de vassallos numerosos, esses torneios em que as façanhas do valor, a belleza das damas e o deslumbramento dos arnezes e emblemas heraldicos enchiam de attractivos os costumes d'aquellas épocas, a ponto das imaginações verem no esforço cavalleiroso gigantes e attributos sobrenaturaes, que depois constituiram muitos dos elementos maravilhosos das novellas de cavallaria, tudo isto se reunia egualmente na vida arabica. Em vez da pompa dos senhores era a pompa dos antigos patriarchas: era a união da familia poderosa, da tribu, substituida ao dominio senhorial e á escravidão dos servos. E as opulentas tribus dos Abencerragens e dos Zégris redobraram a sumptuosidade dos thronos de Granada e Cordova, resplandecendo de esplendores extraordinarios nas solemnidades. O paiz inteiro havia enriquecido com o commercio e industria dos vencedores. Que restava, portanto, para fazer no meio d'esta prosperidade, que apenas era alterada por escaramuças com os godos nobres, como Pelayo, refugiados nos pincaros de Covadonga, d'onde, todavia, decorridos tempos, desceram a vencer tão extraordinarios adversarios? [1]

O godo litte, ou popular, observa o sr. Theophilo

[1] O *Eurico*, do sr. Alexandre Herculano, pinta perfeitamente esta phase da situação da Peninsula Hispanica.

Digitized by Google

Braga, que não é completamente d'este parecer a respeito ds influencia arabica, achou-se effectivamente em communicação com os arabes, e acceitou o seu dominio, mas, para este distincto erudito, assimilou em si apenas todas as qualidades exteriores da civilisação attributo dos invasores. Quanto ao nobre godo, esse, refugiado nas Asturias ao recomeçar a conquista com o fervor de uma cruzada religiosa, repelliu os progressos scientificos e litterarios de uma cultura que condemnava até pela julgar irreconciliavel com o espirito catholico. Dos infieis nem a sciencia, nem as artes, nem as lettras queria. O fanatismo religioso tornara-o cego, ou antes a apathia da ignorancia, que tambem tem odio ás luzes da instrucção.

Porém, em todo o caso o povo, como o mesmo sr. Theophilo Braga concede, servindo-se da opinião de Fauriel,[1] conhecia e adoptava a poesia arabica, porque, não obstante ser ella palaciana e erudita, havia egualmente uma linguagem arabica para as intelligencias menos cultas, e fórmas singelas, como a *quadra* septisyllaba,[2] tão usada e predilecta do nosso povo. «Assim como ao lado da poesia provençal, producto da erudição e das tradições latinas, se creou uma poesia vulgar, e, por assim dizer, parasita d'ella, os cantos dos jograes, tambem *ao lado do lyrismo artificioso dos arabes se crearam fórmas populares que se communicaram aos habitantes da Peninsula.*»[3] Porém estes resultados reflectiram sobre as camadas populares, apenas, insiste o mesmo escriptor, e outro tanto não succedeu com a nobreza, porque nem comprehendia o cara-

[1] Fauriel, *Hist. da poesia provençal.*

[2] O sr. Theophilo Braga denomina ainda os diversos metros, segundo o uso antigo: eu acho preferivel a regra adoptada pelo sr. visconde de Castilho, no seu *Tratado de Versificação.* Dar a medida do verso, buscando-lhe o termo na ultima pausa, ou syllaba predominante, é decerto muito mais racional de que classifical-o pelos versos graves, o que põe os versos agudos fóra da classificação.

[3] Theophilo Braga, *Epopêas da Raça Musarabe*, pag. 114.

Digitized by Google

cter do lyrismo arabico, nem a educação dos latinistas catholicos a deixava penetrar n'esses cantares estranhos, nem mesmo a tendencia dos espiritos aristocraticos propendia para versos que não fossem as canções provençaes das escólas da Aquitania, da Catalunha e da Galliza. Os trovadores da Occitania eram os primeiros que prégavam a cruzada christã contra os arabes da Hispanha, chegando a idear até um genero appellidado *prezies* e *prezicanzas*, tendente a instigar as multidões contra os inimigos da cruz. E até da introducção d'esta nova poesia proveiu de certo a adopção de muito termo arabico no uso da poesia provençal. Os trovadores Marcabrus, e Gavaudan o Velho foram como os Pedro-Eremitas d'esta cruzada, junto dos monarchas de Hispanha, cruzada exterminadora que só parou na batalha do Crysus, onde expirou de todo o dominio mussulmano.

E no entanto, sobre a propria nobreza subsistiu uma prova do influxo dos arabes, que é a creação da cavallaria religiosa, incontestavelmente introduzida por elles, porque muito antes da Ordem dos Templarios e dos Hospitalarios se haverem estabelecido na Europa, já os arabes andaluzos tinham a ordem dos *Rabitas*, cuja regra era de uma austeridade exemplar, persistindo na fronteira christã no duro mister das armas e supportando com constancia as rudes fadigas da guerra.

E por toda a parte onde os arabes dominaram tambem se encontram os judeus, aproveitando-se das regalias da conquista e da tolerancia politica. A parte principalissima que tomaram no commercio desses tempos, na industria e em todas as relações onzeneiras, com que até coagiam os principes e fidalgos, porque o seu animo avaro lhes accumulara valiosos thesouros, é bem conhecida de todos que investigam os episodios intimos d'essa épocha; e é por isso que se poderá ainda duvidar da preponderancia da cultura dos arabes sobre a nossa fidalguia austro-leoneza, mas não da acção predominante dos hebreus, por ser um facto social que entra

Digitized by Google

inquestionavelmente no quadro moral d'aquellas eras. Não exerceriam os arabes acção no poetar dos nossos *jograes de segrgel*, ou trovadores, como então os appellidavam com o nome nacional e privativo da Peninsula no seculo XII, porém os judeus, que representam a segunda phase d'essa acção, apparecem como iniciadores da musica, ao som da qual se entoavam as canções amorosas. O systema musical das *notas rabbinicas* é d'elles.

Mas volvâmos ao nosso assumpto capital.

Como foi que se operou este movimento de influxo nas imaginações, este abalo dado ao talento poetico e desenvolvimento das lettras?

Foi percorrendo mil rodeios que o sôpro da poesia arabica, o perfume da Arabia, chegou ao nosso Occidente, e que esta seiva oriental se derramou até nós, os peninsulares, que somos tambem quasi homens do Norte, pelo sangue das raças primitivas que nos gyra nas veias.

Marianna, na sua *Historia da Hispanha*, relata que no seculo XI, no assedio de Calcanassor, um pobre pescador cantava alternadamente em arabico e em lingua vulgar uma toada pela sorte d'esta malaventurada cidade. A mesma toada se ageitava facilmente ás palavras estranhas e nacionaes, o que se comprehende facilmente com este exemplo: em Hispanha, a guerra e o commercio frequente dos dois povos tinham diffundido o conhecimento do idioma arabico pelos christãos, e, pela sua parte, os arabes é de presumir tambem aprendessem a lingua do povo conquistado. Esta lingua, então vulgar na Catalunha, era o provençal, que recebia d'esta sorte as impressões do genio arabico.

Analysemos, porém, esta influencia e o modo porque se realisou. Sigo aqui, quasi textualmente, o que escreveu Villemain.[2]

É sabido que a Biblia, na sua parte humana e poeti-

[1] Theoph. Braga, *Trov. Galecio-Port.* pag. 76.
[2] Villemain, *Tableau du moyen-âge.*

Digitized by Google

ca, quando a considerâmos pelo que ella contem de sublimemente litterario, é arabica. Torna-se facil até descobrir a intima analogia do genio hebraico com o genio oriental. Job é um arabe. Quando lêmos o seu poema, na versão tão viva, tão rude, tão oriental de San Jeronymo, aquella pintura do cavallo tão fremente de poesia, aquelles colloquios de Job com os seus amigos, as suas palavras magnificas descrevendo-nos os esplendores da criação, como que nos encontrâmos no proprio deserto, debaixo da tenda primitiva: sente-se melhor esta natureza oriental que poderia sentir-se por nenhuma narrativa, por nenhuma indagação profunda.

Admitto, como diz o doutor Lowth, que o sublime do livro de Job haja degenerado depois que o encontrámos nas velhas poesias puramente arabicas; porém, em todo o caso subsiste uma fórte e persistente analogia, pela fórma, pela singularidade e arrôjo das imagens, pelas allegorias constantes da linguagem, pela personificação poetica de todas as forças e manifestações da natureza: é este o caracter arabe-hebraico. Pois o espirito europeu, que é raciocinador, sagaz, engenhoso, mas que não possue do natural aquelles vivos impetos de enthusiasmo, nem trasborda n'aquellas alluviões de poesia, apesar de submergido, como permanecia, debaixo da rudeza da edade-média, recebeu duas vezes n'esta épocha a ardente e vivificante impressão do genio oriental: a principio, entoando nos templos os canticos da liturgia, e escutando as tradições miraculosas da fé; depois, no trato dos infieis, dos mussulmanos, depois da invasão das Hispanhas.

Se analysarmos aqui, sob o aspecto poetico, aquelles canticos, como o fez um illustre escriptor allemão, limitar-me-hei a asseverar que a poesia hebraica corre a largos jorros pelas impressões psalmodicas e littanicas, e que este sublime religioso, esta poesia da manhã e da noite, bebida aos sorvos por entre os extasis arroubadores da crença, entre o prestigio das solemnidades do rito catholico, actuava decerto na mente dos

Digitized by Google

europeus, e devia por força imprimir-lhes o que quer que fosse de ousado e vivo, de espiritualista e mystico que não possuia o genio grego e menos o romano. Desta arte temos o facto da primeira influencia, influencia piedosa e canonica da imaginação oriental, passando por entre os fervores do christianismo e vindo estimular as faculdades da phantasia peninsular.

Esta influencia tem permanecido em parte, até ao presente, na indole mystica dos allemães, para quem o primeiro modêlo de eloquencia, em lingua vulgar, é a versão da Biblia feita por Luthero. Não podemos deixar de a reconhecer até em Shakspeare, esse homem do Norte, que sobrecarregou a linguagem de tantos orientalismos.

A outra influencia, a do trato directo com os mussulmanos, completou a obra da primeira: tornou facto tudo que apenas pairava no mundo ideal. Ao mesmo tempo que a prédica christã, as psalmonias da egreja, as parabolas dos Livros Santos, e as velhas lendas dos primitivos seculos, colhidas na Biblia e na indole oriental, agitavam as cabeças grosseiras dos barbaros occidentaes, veiu a invasão arabica trazer uma nova chamma, um novo fóco de luz asiatica á Europa. Dizem que o Alcorão é um immenso plagiato da Biblia. Ninguem o duvida; e o sabio Hyde demonstra até que Mahomet, possuido do seu grande pensamento de subtrahir a Arabia ás superstições idolatras, e trazel-a á crença de um Deus unico, fôra inspirado pelos Livros Santos, já desde muito tempo diffundidos pelo Oriente. Narrativas conformes ou livremente alteradas, referencias frequentes, parabolas tomadas em sentido analogo, imitações de fórma e linguagem, obrigam a reconhecer a origem na obra do propheta arabe. O Alcorão, o Evangelho dos arabes, disseminado por elles em parte da Europa, recordado de continuo em suas sentenças moraes, e até conhecido dos hispanhoes que o não adoptaram, abalou de novo os espiritos europeus debaixo d'este influxo oriental. D'esta sorte, as duas influencias mais adversas,

Digitized by Google

as duas forças mas contrapostas, a religiosa e a invasora, vieram do interior da Asia reunir-se para excitar a phantasia do nosso Occidente, e communicar-lhe alguma coisa d'esse genio oriental, que foi ao mesmo tempo a fonte de toda a religião e tambem um elemento de poesia.

Numerosos exemplos se offereciam para patentear esta influencia exercida por longos annos, e tão intimamente, nos costumes, nos talentos, e na propria indole e idioma dos hispanhoes. Ainda hoje resumbram no caracter d'este povo, e bem visiveis, muitas d'estas manifestações; e a prosodia da sua lingua, fortemente aspirada e guttural, prova o quanto se tornara popular na Peninsula Hispanica o idioma dos filhos da Arabia. N'aquelles tempos o idioma arabico era como agora entre nós o francez. O estudo do arabismo consideravam-n'o os christãos musarabes como o unico meio de desenvolverem a intelligencia; e por isso não nos admire se no meiado do seculo IX, vemos Alvaro de Cordova deplorar, no seu *Indiculos luminosus*, que seus compatriotas deixassem o estudo das suas lettras santas para se applicarem unicamente á dos chaldeus.[1] E era tão corrente o saber-se já melhor o arabico que o latim, que foi em arabico que João de Sevilha escreveu uma exposição da Biblia; e por esta épocha verteram egualmente

[1] Alvaro Corduvense, e os mais ecclesiasticos que promoviam o estudo da lingua latina, por ser a da religião, e a da egreja occidental, lamentavam haver então *quem apenas* soubesse escrever uma carta latina, havendo tantos que sabiam tão bem o idioma arabico e a sua poesia. *Propriam linguam non advertunt. Latini ita ut ex omni Christi collegio vix inveniatur unus ex milleno hominum numero qui salututarias fratri possit rationabiliter dirigere litteras et veperias absque numero multiples turbas quæ erudite chaldaicas verborum explicet pompas it, ut metrice eruditione ab ipsis gentibus carmime, et sublimiore pulchritudine finales clasulas una us litteræ cooretione decorent, et juxta quod linguæ ipsius requirit idioma qua omnes vocales opicas conimata claudet, et colla rhythmica, etc.*

Digitized by Google

em arabico a collecção dos Canonnes para uso da egreja de Hispanha; e ao mesmo tempo diversos livros de direito e theologia foram traduzidos em hispanhol. Pelo que se vê que, em todo o decurso da dominação dos kalifas, as duas linguas, arabica e romance, ou *rimance*, muito se diffundiram, e foi d'este modo que as lettras arabicas chegaram ao conhecimento dos christãos occidentaes não raras vezes sem que elles nem sequer o presentissem. Os lyceus e unvisersidades fundadas por Abderrame e seus successores viram-se frequentados pela flor dos engenhos da Europa. Um dos mais distinctos foi decerto Girberto, monge benedictino, que o talento e o saber elevaram ao solio pontificio com o nome de Silvestre II. Nasceu elle de condição humilde, cursou os estudos em Sevilha e Cordova, e tantos foram os conhecimentos que adquiriu, e tal a superioridade que ostentou, que, depois de ter causado successivamente o assombro da França e da Italia, subindo todos os gráos da gerarchia ecclesiastica, chegou a sentar-se no throno dos summos pontifices.

Muitos são os contos dos escriptores que se occuparam do poder e derramamento d'esta preponderancia dos arabes nas Hispanhas, contos que provam de sobra como até as imaginações se haviam colorido de todos os reflexos da mente arabica. Não escasseam as lendas, os apologos, as allegorias, mostrando ser d'aquella mesma fonte, ainda que fecundada pela exuberancia do sentimento persa, que emanaram as historias tão nossas conhecidas com o titulo de *Mil e uma noites*, *Gabinete das fadas*, *Mil e um quartos de hora*, e outras imaginosas combinações do talento oriental. Um auctor bem grave, Vicente Beauvais, o circumspecto e erudito perceptor de San Luiz, relata no seu *Speculum historiale* uma historia que tem por objecto aquelle mesmo pontifice Silvestre II. N'esta historia pinta-nos ellle este homem notavel envolvido n'uma especie de véo magico, e tratado como ente mysterioso. Resa a chronica que Gir-

Digitized by Google

berto, elevado a papa e já de posse das chaves de San Pedro, não esquecêra os segredos maravilhosos colhidos em Hispanha com o ensino dos sabios do Oriente. Succedeu um dia descobrir elle, nas ruinas de Roma, uma estatua de bronze primorosamente esculpida, que tinha um dedo indicando o oriente. Adivinhou o que isto queria dizer: acercou-se da estatua, tocou-a com a mão, e de subito a estatua fendeu-se de alto a baixo, e descobriu uma passagem. Girberto desceu por um comprido e estreito corredor subterraneo illuminado por milhares de lampadas de prata e chrystal, e achou-se em salas deslumbrantes de luz e ornadas de estatuas de ouro, e marmore, e coroadas de diademas scintillantes de pedraria. Ignora-se o que Girberto fez de tantos thesouros. A chronica não o declara, nem eu tratarei de o inquirir. Por fim subiu, e em breves dias morreu. Esta morte, assim subitanea, apparece envolta na narrativa original n'uma especie de terror magico e quasi infernal. Ao chronista affigura-se que o poder sobrenatural concedido a este papa lhe provinha da sciencia, que afinal, por excessiva, se voltou contra elle.

Mas por fim que significa tudo isto? Não é mais que um conto arabico ligado naturalmente pela imaginação dos contemporaneos á memoria d'este homem, que estudára em Cordova as maravilhas do Oriente. Esta legenda da edade-média certifica a impressão dos contos orientaes no animo dos povos da França, da Italia e da Hispanha. Os monges, inimigos de Girberto, que no seculo XI narravam esta fabula, *faziam*, como nós agora, arabismo sem o saber, pois ignoravam a verdadeira origem da narrativa mysteriosa que perseguia Girberto, elevado á cadeira de San Pedro, depois de haver sido discipulo dos astrologos mussulmanos. Estas épocas, e ainda a edade-média toda, estão cheias de fabulas semelhantes, como de Alberto Magno, de Nicolau Flamel, de Paracelso, e outras, em que a superstição popular via nos suppostos prodigiosos arcanos da alchi-

Digitized by Google

mia influencias que, por inexplicaveis á sua ignorancia, reputavam diabolicas.

Aqui temos, portanto, bem visivel, bem palpavel o effeito complexo do influxo arabico, transparecendo até nas creações mais exclusivas da phantasia.

Ainda encontramos outro elemento na poesia moderna de origem oriental: refiro-me á rima. Não está apurado se os hebreus usavam de rima: dão-se auctores que asseveram que sim; porém, o que é fóra de duvida é que a poesia arabica, segundo o proprio testemunho de todos os orientalistas, apparece quasi toda rimada. Algumas vezes esta rima não passa de assonancias, mas outra é completamente entrelaçada, e distribuida por échos. N'uma palavra, a poesia arabica, tão arrojada em conceitos, tão essencialmente subjectiva em seus abandonos e contemplações, pelo que respeita á fórma apresenta-se-nos singularmente modelada, symetrica, artistica.

Este caracter, sobretudo, achamol-o assás manifesto na poesia provençal. N'esta poesia existe completa a arte de combinar e entrelaçar as rimas, a sciencia do metro, o calculo das consonancias habilmente contrapostas e mescladas; em summa todos os preceitos mais requintados e difficeis a que se póde sugeitar o estro para reproduzir os multiplicados effeitos da harmonia phraseologica. Custa a admittir, mas é indubitavel: o mais engenhoso poeta moderno teria de confessar-se vencido diante d'estes complicados e engenhosos processos métricos, e variadissimos artificios de estylo.

E empregados por quem? Empregados, por exemplo, por guerreiros, como Beltrão de Borne, viva e rude natureza, cabeça ardente e braço invencivel, que todavia se deixa atar e dobrar dentro d'estes moldes de ferro das fôrmas convencionaes de uma versificação symetrica.

Ha quem intente attribuir a outra origem a rima moderna, por encontrar em antigos fragmentos da poesia

Digitized by Google

latina diversas consonancias, e até citam, como prova, os seguintes versos lembrados por Cicero:

*Hæc omnia vidi inflammari*
*Priamo vi vitam evitari,*
*Aras sanguine fædari.*

N'estas repetições existe decerto uma combinação rimica; e se trouxermos este exame até ao X e XI seculos, encontraremos grande numero de versos latinos rimados. Mas é claro que esta rima é já ensinuada pela poesia vulgar, e os canticos da egreja, em lingua latina, alguns seculos antes, haviam adoptado o mesmo uso. Os assoantes e consoantes, em parelhas, assumem até ás vezes uma magestade singular, como n'este cantico funebre tão conhecido:

*Dies iræ, dies illa,*
*Solvet sæculum in favilla*
*Teste David cum sybilla.*

Temos, por conseguinte, que este elemento da poesia moderna nos vem dos arabes, porque, se por vezes o encontrâmos em versos latinos, mesmo classicos, não póde deixar de ser reconhecido com fim differente. Parece que os latinos tinham antes por objecto assignalar o sentido do que cadenciar o verso. Segundo Villemain e varios outros criticos, é uma semelhança na construcção da phrase que produz a rima: os verbos encontram-se com verbos, os nomes com os nomes, e o effeito d'esta repetição é indicar ao ouvido que o poeta segue em dois ou tres versos idéas analogas.

É da edade-media em diante que as poesias latinas



Digitized by Google

são mais frequentemente rimadas; e como a mistura dos arabes com os romanos começou desde o seculo VIII, será difficil descriminar, se este uso era já originario dos romanos, se foi recebido originariamente dos arabes. É um ponto de inducção que, n'este caso, deve levar a concluir pela segunda affirmativa, visto que na poesia latina se encontra a rima como circumstancia puramente occasional, em quanto que entre os arabes a rima faz parte integrante da cadencia e harmonia methodica de seus poemas.

Julgo não ser fóra de proposito dar aqui uma leve idéa do genero da poesia arabica, e porque até d'este modo satisfaço decerto a curiosidade dos amadores d'estas cousas litterarias, que a não poderão satisfazer facilmente, se não recorrendo a obras que, por volumosas, caras e raras, estão fóra do alcance de muitos. Escolho uma poesia, não das mais antigas, nem de auctor celebre, mas d'aquellas compostas e conhecidas na Hispanha, porque é exactamente a manifestação poetica dos arabes nas Hispanhas que dezejo fazer conhecer, visto ser esta especie de poesia que impressionára o animo dos christãos n'esses tempos. Será a pintura do palacio de um rei moiro, porque o luxo das festas, a opulencia oriental que se communicava á poesia, apparecem-nos completas n'este trecho. Ao que parece foram compostos estes versos por um poeta da côrte de Al-Mansor, e em sua honra. Al-Mansor era o kalifa de Cordova, e um dos principes mouros que mais protegeram as artes e as lettras em Hispanha. É esta a poesia:

«Como é bello o palacio que tu assoberbas, e cuja grandeza é illustrada pela tua gloria!

«Este palacio, se tu ferisses com os raios da sua luz os olhos de um cego, faria com que elle volvesse com vista á sua habitação.

«O ar que gyra aqui é vital para todos, e até os ossos dos mortos reanima.

Digitized by Google

«Faz esquecer a refeição da manhã, e a voz das bellas cantoras.

«A sua altura sobrepuja Cawarnak e Sédir. Para o construir debalde trabalhariam esses persas antigos, que ergueram altos monumentos. Bastantes seculos decorreram sobre os gregos, e elles jámais edificaram aos seus reis uma residencia semelhante ou comparavel.

«O' rei, tu nos recordas o paraizo, quando nos patenteas estas salas immensas de abobadas elevadas! Ao seu aspecto, os crentes multiplicam as boas obras, e entrevêem o jardim celeste e as vestes de sêda das houris. Os peccadores volvem para elle os olhos desvairados, e praticam, para expiação, boas obras.

«É um novo céu entre os sete céus: póde despresar o brilho da lua cheia, porque vê erguer-se no seu firmamento o astro de Al-Mansor. Eu julgo sonhar o paraiso, quando presenceio n'este palacio as magnificencias da tua côrte. Ao vêr os escravos descerrar estas portas, parece, pelo rodar de seus gonzos sonoros, dezejarem as boas vindas áquelles que imploram o teu favor. Leões mordem as argolas d'estas portas e murmuram: Deus é grande! Estão assentados, mas prestes a devorarem todo aquelle que se avisinhe, sem ser chamado.

«O pensamento, livre de peias, arremessa-se para abranger tanta grandeza, e cahe extenuado da sua impotencia.

«O marmore branco dos páteos assemelha um tecido fino ou mosaico de pedras brilhantes. Acreditareis que é terra de poesia, pois d'ella se exhalam o perfume e o sabor. Quando o dia finda, este palacio póde substituil-o, e espalhar a claridade entre as primeiras sombras da noite.»

Não é preciso examinar muito esta poesia para lhe reconhecer as feições caracteristicas da imaginação arabica, communs tambem ás poesias provençaes ou dos trovadores. A allegoria fórma o caracter frequente das producções arabicas: raro é o conto ou composição

Digitized by Google

poetica d'este povo em que não figure: até ha quem assevere que a allegoria deve ter nascido no Oriente, por ser um disfarce, uma dissimulação, uma amostra de receio, a que os escriptores, debaixo do jugo despotico dos kalifas, se viam constrangidos a recorrer, por não poderem com desafôgo manifestar os seus pensamentos.

Assim será; mas, pelo menos entre os arabes, em Hispanha, a allegoria apresentou-se por varias vezes tão engenhosa como audaz, e até para o confirmar citam alguns auctores um exemplo conhecido que reproduzo aqui. Um kalifa de Cordova quiz augmentar os seus jardins, e mandou construir um pavilhão com o pequeno terreno que o limitava, e em que consistiam os unicos bens de uma pobre viuva. Esta oppoz-se. O principe então, ou o seu ministro, apossou-se do campo e mandou edificar n'elle um palacio esplendido. A desditosa mulher partiu a queixar-se ao cadi de Cordova. O negocio tinha espinhos; porém o cadi, homem integro, montou no seu jumento e dirigiu-se ao kalifa, procurando-o á propria hora em que elle, rodeado da sua côrte, se achava no pavilhão. O cadi levava comsigo um grande sacco. Depois de se haver prostrado aos pés do principe, supplicou a permissão de encher o seu sacco com a terra do jardim. O rei, que era bondoso, consentiu; e tanto que o sacco esteve cheio, o cadi, com a familiaridade oriental que recorda a familiaridade patriarchal, disse d'esta sorte ao kalifa: «Não é tudo que peço: para consummar a tua obra é mister que me ajudes a carregar este sacco sobre o meu jumento. O kalifa tentou-o, mas achou o pêso demasiado.—Principe, exclamou então gravemente o cadi, quando este sacco, que não contem senão bem pequena porção de terra, te parece assim pesado, como não será quando levares diante de Deus toda esta terra que usurpaste a uma pobre viuva?! O rei percebeu a allegoria e restituiu o campo á mulher, dando-lhe tambem o pavilhão que n'elle havia edificado e as demais riquezas.

Digitized by Google

Aqui temos, pois, uma allegoria que não denota medo, e como esta outras muitas que se encontram nos contos orientaes. Na poesia provençal, a allegoria é da mesma sorte usada e frequente, e outras analogias se deparam na poesia dos dois povos, provando, por isto, a preponderancia d'aquella sobre esta, ou para melhor dizer, a origem de muitas das fórmas do machinismo poetico dos provençaes, que é visivelmente arabica. O maravilhoso, ou o emprêgo de certos entes mysteriosos, como genios, fadas, constitue parte d'esse machinismo, não esquecendo as ficções de animaes imaginarios que tão a miudo lêmos nos contos e que são inquestionavelmente de origem arabica, posto que influenciadas e fortemente fecundadas pela imaginação dos persas. As aves, como agentes de contos, tambem ahi nos apparecem.

Não incluimos n'esta especie de maravilhoso, que se restringe quasi que exclusivamente ao imprevisto de certos lances determinados pelo poder de entes mysteriosos, e á lucta do *principio máu* com o *principio bom*, que esse é indubitavelmente de origem persa, as nossas superstições e crendices domesticas, que nos deixaram os povos celtas, escandinavos e algumas até que nos foram transmittidas da Bretanha.

Subsistem, talvez, ainda outras analogias entre esta natureza de poemas que antes reputo expontaneas que imitadas: refiro-me aos canticos funebres.

Este genero de inspiração pertence a todos os povos, e no seio dos mesmos selvageus a idéa da morte, e a saudade dos que nos foram caros dispertam graves e tocantes desabafos. Basta que nos lembremos dos *tristes*, dos indigenas da America, e das sentidas endeixas que Châteaubriand ouviu aos natchez, para conhecermos quanto é universal esta verdade.

Todavia, muitos auctores teem querido inculcar a poesia dos trovadores futil e unicamente erotica, e enganam-se, porque se inspira egualmente de graves e melancholicas sensações, e não poucas vezes a perda de

Digitized by Google

um guerreiro celebre dispertou solemnes e doloridos sons no alaude d'estes poetas. E n'este caso, como em varios outros, sobresahem affinidades notaveis entre as canções arabicas e provençaes.

Renan, adoptando a doutrina de Dozy, é de opinião que a Europa não escapou á acção universal da lingua arabica, pois que bastantes vocabulos sarracenos ficaram em uso entre os hispanhoes e portuguezes, e que igualmente os outros idiomas romanos encerram sobejo numero de palavras arabicas, porém, no tocante ás influencias litterarias e moraes, julga exagerado muito do que se tem escripto, e chega a avançar até, que nem a poesia provençal, nem a cavallaria devem nada aos mussulmanos; que um abysmo separa a fórma e a indole da poesia romana da fórma e indole da poesia arabica, nada subsistindo tendente a provar que os poetas christãos *hajam tido conhecimento da existencia d'uma poesia arabica*, porque, ainda mesmo que a houvessem conhecido póde-se affirmar, que a não comprehenderiam nem na linguagem, nem no espirito. Todavia, esta opinião, apesar de vir de eruditos tão respeitaveis, como Dozy e o auctor da *Historia das linguas semiticas*, tem encontrado fortes controversistas, e é a propria historia e seus comentos que a refutam. N'outra parte exponho já, que a organisação da cavallaria religiosa, não podia ser copiada senão dos sarracenos; que muitos annos antes de Dom Affonso Henriques crear a ordem da Ala, e de serem estabelecidas n'outros pontos da Europa as Ordens dos Templarios e dos Hospitalarios, existia a dos arabes denominada dos Rabitas, celebrados pela sua austeridade cavalleirosa e constancia com que supportavam as asperezas da vida guerreira, permanecendo vigilantes e apercebidos na fronteira christã.

Quanto ás influencias moraes, fallam de sobra as conversões reciprocas, em materia religiosa, e a introducção na Peninsula de usos até domesticos, attestados pelos vocabulos arabicos relativos a todos os misteres da vida intima.

Digitized by Google

Porém, a poesia nada deve aos arabes, ajunta por fim o celebre erudito. Nem da poesia erudita, a enredada de artificios metricos, e notavel pelos conceitos tão proverbiaes no caracter semitico, se póde avançar tanto, porque bem se lhe aproximam, na semelhança d'essas complicadas combinações de metro e rima as canções provençaes. Quanto á poesia popular dos arabes, essa teve uma geral imitação em toda a Peninsula Hispanica. «Ouviam-se os seus poemas arabicos, diz Ribeiro dos Santos, em todas as partes, na boca *não menos de hispanhoes que de sarracenos*; e já chegava a tal ponto entre os nossos o amor que tomavam ás mesmas musas, que *com muita promptidão e elegancia versejavam n'aquella lingua na medida e rima dos mesmos arabes.*»[1]

É pelo menos este o parecer d'este nosso sabio escavador em tantos pontos da nossa historia litteraria.

O contacto dos dois povos foi tão intimo e permanente, que a assimilação não podia deixar de effectuar-se, pelo menos em varios dos seus resultados. Se querem que a paixão e o colorido das canções provençaes provenham da acção exclusiva dos trovadores que tomaram parte nas cruzadas da Syria, e que introduziram depois na Europa a languidez mystica dos poetas da Persia, que lhes fôra transmittida, e até a sua pompa de estylo poetico, como não querem que a permanencia e communicação com os arabes, factos muito mais subsistentes em todas as suas relações moraes e intellectuaes que as cruzadas, não houvessem produzido na poesia e na imaginação o que produziram nas artes, na industria e até nos costumes?

Não póde ser. Ahi apresentâmos um exemplo, e ha de fornecel-o o conhecido Beltrão de Borne, o guerreiro selvagem, cujo brado de guerra fôra sempre desolador, e que, todavia, com aquella mesma mão com que em-

[1] *Origens e progressos da poesia popular portugueza. Mem. de Litt. da Acad. Real das Scien.* tom. IV.

Digitized by Google

punhava o terrivel montante sabia tambem dedilhar no alaude canções que a voz exprimia em metros engenhosos e complicados, como já indicámos. Vejam se na magoa que elle desafoga pela morte do principe inglez Henrique, mancebo que conseguira rebellar contra seu pae, não transluz uma parte da emphase oriental.

«Se todas as maguas, e os prantos, e as saudades, e as angustias, e as perdas, e os desastres, que tem sido vistos n'este triste seculo, se reunissem, pareceriam excessivamente ligeiros a troco da morte do mancebo inglez, principe cuja perda afflige o merito e a honra, e cobre de um escuro véu o mundo privado da alegria e cheio de colera e tristeza!

«Tristes e angustiados persistem os cortezes soldados, e os trovadores, e os jograes que sobreviveram: teem elles tido na morte uma cruel inimiga, pois lhes rouba o joven rei inglez, junto do qual os mais generosos pareciam avaros. Jámais por tal desastre, acreditem, jámais por tal desastre se derremarão excessivas lagrimas.

«Cruel morte, origem de afflicções, podes-te vangloriar, porque roubaste ao mundo o melhor dos cavalleiros que ainda existiu! Não ha merito algum que se não encontrasse no joven principe inglez; e melhor seria, se fosse do agrado de Deus, que elle continuasse a viver que muitos invejosos que jámais causaram aos valentes senão mal e tristezas.

«D'este seculo covarde e cheio de discordias, se o amor se retira, desfallece-me toda a esperança de alegria, pois nada haverá que se não volva em soffrimento. Todos os dias vereis que o dia de hoje vale menos que o de hontem. Que cada um tome o exemplo do moço rei inglez, que era o mais esforçado guerreiro do mundo. Presentemente o seu coração gentil e amoravel partiu, e resta-nos só desconforto, desventura e angustias.

«Aquelle que intendeu, por causa dos nossos males, vir ao mundo, e nos tirou das ruinas e recebeu morte

Digitized by Google

para nos salvar, como a um Senhor justo e benigno, suppliquemos graça, para que perdôe ao joven principe inglez, se lhe approuver, e conceda que elle habite, com venturosos companheiros, lá onde não penetram jámais nem lutos nem dores.»

Eis aqui um excerpto d'esta poesia singular. A traducção mal chega a dar idéa, sequer, das bellezas do original, que reune summo engenho na expressão de uma angustia penetrante e ao mesmo tempo verdadeira sciencia dos movimentos de estylo e combinações rhythmicas.

Tenho mostrado os elementos que compõem a chamada poesia dos trovadores, as influencias que a dominaram, e que até certo ponto lhe imprimiram caracter, e da mesma sorte a importancia que esta poesia assumiu nos acontecimentos da épocha e existencia social do tempo, porque através d'essas trovas, e da efflorescencia que junto d'ellas vimos rebentar, a poesia dos jograes, vemos a vida feudal dos castellos, conhecemos os episodios das cruzadas, as *côrtes de amor*, e sobretudo as disposições moraes de tão importante periodo.

Agora, como parte complementar d'este estudo, tratarei de explicar a marcha positiva dos acontecimentos, afim de dar a conhecer o como a poesia provençal, ou dos trovadores, chegou até á Peninsula Hispanica, e ahi preponderou, o que não é de todo difficil, reproduzindo ligeiramente uma parte da historia.

A França meridional, depois de ter sido partilha de alguns successores de Carlos Magno, foi elevada, em 879, á cathegoria de reino independente por Boson, que se fez coroar em Nantes com o titulo de rei de Arles ou de Provença, e que submetteu ao seu dominio o Delphinado, a Saboya e o Lyonez, e varios condados da Borgonha. Este titulo de reino foi após tempos, em 943, substituido pelo de condado, dominando Boson II, sem que por isso a Provença fosse desmembrada ou sahisse da casa de Borgonha, cujo fundador fôra Boson I. Esta casa extinguiu-se em 1092, na pes-

Digitized by Google

soa de Gilberto, que só deixou duas filhas, entre as quaes partilhou seus estados. Uma d'ellas, Taydida, esposou Affonso, conde de Tolosa; e a outra, Dulce, casou com Raymundo Bérenger, conde de Barcelona.

Depois seguiu-se para a Provença uma épocha tranquilla e quasi obscura, porque, unida durante duzentos annos debaixo do governo de uma serie de principes que não representaram de certo um papel brilhante, a querel-os considerar tão sómente segundo as idéas guerreiras e de conquista do tempo, mas que augmentaram a população e as riquezas do estado com um reinado paternal, occupou-se ella de preferencia em dar impulso aos recursos interiores de seus dominios, e isto bastou para consolidar as suas leis, morigerar os costumes e apurar o idioma provençal. Foi por este tempo que o *romance* da Provença tomou o logar do latim. Fazia-se ainda uso d'este ultimo em actos publicos e documentos juridicos, mas o provençal, fallado, começava a tomar importancia na litteratura.

A soberania, e successão da Provença em Raymundo Bérenger, marido de Dulce, imprimiu novo movimento ao espirito nacional, com a resistencia dos catalães com os provençaes. Das tres linguas então falladas pelos povos christãos de Hispanha, o catalão, o castelhano, e o galleciano ou portuguez, pois n'esta épocha era o mesmo dialecto, porque da unidade do territorio da Galliza com Portugal provinha a unidade da lingua, o catalão era quasi semilhante ao provençal; e posto se fosse distinguindo decorrido tempo, sobre tudo no reino de Valencia, sempre o designaram com o nome da mesma provincia franceza. Os naturaes o chamavam *llemosi* ou *limosim*.

Os catalães entendiam-se perfeitamente com os provençaes; e a sua reunião na mesma côrte contribuiu para se polirem e civilisarem reciprocamente. Os primeiros haviam já recebido bastante desenvolvimento, tanto com as guerras de Hispanha, como com a grande actividade do commercio de Barcelona. Esta cidade

Digitized by Google

fruia então os mais amplos previlegios: seus habitantes gosavam de immunidades foraleiras que os faziam respeitar de seus principes, e isto ao mesmo passo que as riquezas grangeadas por elles volviam os impostos mais productivos e proporcionavam á côrte dos condes soberanos uma magnificencia desconhecida dos outros reinantes. Raymundo Béranger, e seus successores, chamaram á Provença simultaneamente o espirito das franquias municipaes e o da cavallaria, o gosto da elegancia e das artes, e as sciencias dos arabes. D'esta juncção de sentimentos nobres nasceu a poesia que em toda a Provença e Meio-dia da Europa fulgurou ao mesmo tempo, como se uma centelha electrica houvesse, no seio de tão espessas trevas, irradiado por toda a parte chammas resplandecentes.

Varios successos notaveis concorreram para alargar a preponderancia d'estes mesmos elementos, e um d'elles foi a conquista de Toledo, feito notavel que inflammou a imaginação dos guerreiros e poetas, já pelo lado politico, como portentoso resultado que sobre elles reflectiu, já pelo aspecto maravilhoso, como theatro que ostentou façanhas tão singulares. Seguiu-se-lhe a conquista de toda a Castella por Affonso VI. Este monarcha, que era então auxiliado pelo famoso Achylles hisponhol, Ruy Dias de Bivar, convidou para a expedição, que de 1083 a 1085 fez mais do que duplicar seus estados, e assegurar aos christãos o senhorio da Hispanha, grande copia de cavalleiros francezes, provençaes e gascões que tinham algumas relações de parentesco com elle, por sua mulher, Constança de Borgonha. O nosso conde Dom Henrique de Borgonha, filho de Roberto I, duque de Borgonha, foi um d'estes principes. Com elle vieram cavalleiros trovadores, e sobejos d'estes principes o eram, conforme a moda da épocha. Era após o intervallo de duzentos annos a primeira guerra contra os infieis, em que tão gentis cavalleiros, e de terras tão longes, se encontravam empenhados: apenas quatorze annos tinham decorrido que se alevantára a pré-

Digitized by Google

gação da primeira cruzada. Estes guerreiros, de estados differentes, reunidos no mesmo campo, vendo-se alvo de attenção em paizes estrangeiros, deviam por força tornar-se sensiveis a todos os estimulos da gloria; e o grande nome do Cid, que sobrepujava todos os heroes do tempo, e que poetas mouros e castelhanos tomavam por thema constante de seus poemas, indo até crear na phantasia dos povos famosas lendas que o culto poetico da posteridade accrescentou á celebrada *Iliada* do prodigioso capitão hispanhol, serviu mais do que nenhum outro exemplo para lhes ensinar a conhecer o quanto as trovas populares podiam diffundir a fama dos feitos militares.

Aqui temos, pois, como a corrente dos proprios acontecimentos nos explica a procedencia, marcha, e o vigor natural de uma poesia que, vindo da Provença, encontrava na indole dos povos da Hispanha, nas suas grandes emprezas guerreiras de então, e no influxo do antigo dominio arabico, elementos predisponentes para mais se enriquecer.

Digitized by Google

# CAPITULO III

**A poesia popular.—Origens germanicas.—Influencias que a enriqueceram e de que ainda hoje restam vestigios.—Os symbolos, tradições e mythos.—Maravilhoso.—As prohibições dos concilios e os trovadores.—Constituições dos bispados.—Diversos caracteristicos.—Fórmas da poesia popular.**

Depois de assim descriminarmos os dois generos de poesia que tanto caracterisaram os periodos da historia a que nos referimos, a sua acção social e influencias que as dominaram na essencia e fórma, importa agora ir procurar a origem e seguir o andamento d'essa outra corrente poetica, que, brotando da propria indole popular, foi perturbada e quasi estancada por vezes pelo extremo rigor das prohibições dos concilios e pelo desdenhoso cultismo dos trovadores. Refiro-me á poesia popular. N'este ponto, os jograes fizeram verdadeiro serviço, sem o intenderem, a todas as tradições oraes que andavam na boca do povo, ou, pelo menos, a uma parte, porque se assenhorearam d'ellas, assimilando-as ás suas inspirações poeticas, e levados da especulação que

Digitized by Google

os convidava a cantar ao povo as suas mesmas tradições nacionaes, apresentaram em suas composições estes assumptos, que tão bom acolhimento lhes grangeavam. E é por isto que muito acertadamente nota o sr. Theophilo Braga, que a poesia jogralesca é que foi dando fórma ás tradições e sentimentos vagos do povo.[1] O verso quasi adoptado geralmente pela musa popular foi o verso septisyllabo, que é o verso mais naturalmente resultante do genio rythmico da nossa lingua. A primeira poesia, desafôgo genuino do sentimento ou tradição dos antigos habitantes do territorio portucalense, foi no primitivo dialecto portuguez-galliceano, que era o fallado na provincia de Entre Douro e Minho, como já fica notado, e tão preferido na poesia pelos portuguezes, gallegos e castelhanos, como o certificam os cancioneiros que encerram trovas d'esses tempos, em que estes elementos linguisticos começavam já a separar-se e constituirem linguas[2].

A Galliza, antes da divisão que fez Augusto das provincias da Hispanha, pertencia á Lusitania. Possidonio, em Strabão, chama aos artabros, ultimos povos da Lusitania, e mesmo Strabão, fallando da região que corria do Douro para o Norte, diz que ella, nas eras antigas, se chamava Lusitania, e, nos seus tempos, Callaica[3].

Não é facil de inquerir e apurar as diversissimas e complexas influencias com que achamos mesclada a poesia popular da parte da Peninsula que veiu a pertencer-nos. N'este ponto, esta poesia participou notavelmente da alternativa das invasões successivas e differentes modificações sociaes. Só póde dar-nos idéa exacta da sua origem e marcha a nascente de um rio, que em sua corrente fosse perturbada por obstaculos estranhos, e que, depois, para os poder vencer e seguir, se divi-

[1] *Hist. da Poes. Pop.*

[2] *Cancioneiro Geral do Collegio dos Nobres*, publidado por Lord Stuart. Advert. pag. VI.

[3] Ribeiro dos Santos. *Memorias de Litt. da Academ.*

Digitized by Google

disse em pequenos arroios, revolteando uns quasi occultos por entre a sombra de penedias e arvoredos, de que reflectisse as côres, e outros se infiltrassem pelos terrenos de cujas diversas camadas geologicas grangeasse alguns residuos e o sabor, mas sem nunca perderem de todo a qualidade aquosa do primitivo manancial.

A nossa poesia popular, bem como a natureza das camadas populares d'onde ella brota, é incontestavelmente de origem germanica. Assim o provam as tradicções, o maravilhoso, os mythos, os symbolos e as usanças que reproduz e a que allude. Mas que de influencias lhe não suffocaram o veio e estiveram a ponto de extinguil-o! A poesia dos godos, de inspiracão religiosa, em latim, que vulgarisou os hymnos liturgicos, e o dominio arabico, que derramou o gosto da canção ligeira e lubrica, são as duas principaes influencias fecundantes da poesia popular, e a altivez erudita dos trovadores, que a baniu dos castellos feudaes e solemnidades das côrtes, e a organisação aristocratica da egreja, que a repelliu das festas ecclesiasticas, foram as duas causas principaes da sua decadencia. Nas eras primitivas da egreja, o povo tomava parte nos canticos liturgicos; compunha hymnos e entoava-os em coro. Ainda resta um vestigio d'esses costumes no *Tantum Ergo,* nas Antiphonas das Novenas, nas Jaculatorias e nas Ladainhas. Varios hymnographos, ou compositores de hymnos, nos conservam a tradição d'esses usos.

Assim, perseguida e ainda mais desacreditada pelos seus desvarios, porque a inspiração popular, na boca dos jograes, ou chocarreiros, havia-se tornado n'uma satyra contra os grandes e em malevola lisongeria para os viciosos costumes da plebe, a poesia do povo viu-se desconceituada e repellida. A prova bem evidente d'este desprêso encontra-se até n'estas velhas disposições do velho direito:—*Péages de Provence.* «Histrions, baladins, mimes et menestrels, feront jeux, exercices et gallantises, la dame du château presente (*com a cas-*

Digitized by Google

*tellã presente*) E n'outra parte:» Le pélerin dirá sa romance sur un air nouveau, *et couchera sur la paille fraîche, s'il veut passer la nuit au manoir*.[1].

Usages est en Normandie
Que qui hebergiez est qu'il die
Fables ou chansons a son oste[2].

A poesia popular não tinha em seu favor a *mestria*, que tantas vezes e com tanto orgulho citam os trovadores nas suas composições. No poema *de Alexandre* diz Lourenço de Segura, nos seguintes versos:

Mester trago fermoso, no es de ioglaria,
Mester es sem peccado ca es de cleresia,
*Fablar curso rimado* per la quaderna via
A sillabas cuntadas *ca es grant maestria*.

Os *assoantes*, como ainda hoje usam os hispanhoes, e tambem usaram os nossos poetas dos seculos XVI e principalmente do XVII, que se deixaram influir da moda castelhana, são um caracteristisco d'esta poesia. A *assonancia* é a rima poetica no seu estado embrionario: é uma harmonia imperfeita. Consideram-na os criticos como um symptoma de rusticidade, e, por isso, privativa da poesia popular.

O *estribilho* é tambem um dos caracteristicos da poesia popular, volvendo-se não poucas vezes em *retornello*, repetição permanente que fecha todas as estrophes. Quando o estribilho constitue uma estrophe perfeita, fórma o chamado côro. Antigamente esta fórma era especialmente adoptada nas composições hymnicas, o que, ou por abuso da musa popular, que se foi desman-

[1] Michelet, *Origines de Droit*, pag. 207.
[2] Jehans le Chapelains, *Li Segretaines de Clugny*. Estas citações aproveitamol-as do bello trabalho do sr. Theophilo Braga, *Historia da Poesia Popular*.

Digitized by Google

dando, ou por ciume da aristocracia clerical, que não queria ouvir nos cantos liturgicos a voz profana do povo, foi pouco a pouco extinguindo-se, como já fica notado. Pelo theor das *Constituições dos bispados* deve inferir-se que effectivamente o estro do povo, que no templo tomava por estas occasiões festivaes o duplo caracter de auditorio e officiante, se desmandava, chegando á irreverencia. Não só eram os cantos, senão os actos que se praticavam, a titulo de usanças tradicionaes, que escandalisavam a moral e feriam de frente a gravidade do culto. Uma das *Constituições do Bispado de Evora* resa assim:[1]—«Defendemos a todas as pessoas ecclesiasticas e populares, de qualquer estado ou condição que sejam, que não comam nas egrejas, nem bebam, com mezas nem sem mezas; nem cantem, nem bailem em ellas, nem em seus adros, nem os leigos façam seus ajuntamentos dentro d'ellas sobre cousas profanas; nem se façam nas ditas egrejas ou adros d'ellas jogos alguns, posto que sejam em vigilia de santos ou de alguma festa; nem representações, ainda que sejam da paixão de Nosso Senhor Jesus Christo,[2] ou de sua Resurreição, ou nascença, de dia, nem de noite, sem nossa especial licença, porque de taes actos se seguem muitos inconvenientes, e muitas vezes trazem o escandalo no coração d'aquelles que não estão mui firmes na nossa santa fé catholica, vendo as desordens e excessos que n'isto se fazem.»

E na *Constituição do Bispado do Porto* lê-se o seguinte:

«E porque não é decente interromper o santo sacri-

[1] *Const.*, 10, tit. 15, anno de 1534.

[2] Estes usos continuaram por muito tempo nas nossas provincias, entertidos pelo fanatismo, e sobre tudo em Hispanha. Ainda em 1831 se viu em Lisboa, no perystillo do mosteiro de San Bento, representar-se o descendimento da cruz, em sexta-feira-santa, sendo individuos grosseiros e mercenarios a quem foram attribuidos os differentes papeis do Christo, José de Arimathea, Maria Magdalena, os centuriões, etc.



Digitized by Google

ficio da missa, e deixar de cantar o que a egreja n'ella tem indicado se cante para intrometter n'ella *chansonetas*, e *villancicos*, e ainda que sejam pios e devotos; conformando-nos com a disposição do Concilio Provincial Bracharense, prohibimos que nas missas cantadas em logar do *Fracto, Offertorio, Sanctus, Agnus dei, Post communio*, e mais cousas ordenadas pela egreja, se cantem *chansonetas e villancicos*, nem *motetes, antiphonas* e *hymnos*, que não pertençam ao sacrificio, que se celebra, nem em quanto se disser alguma missa se consinta cantar *cantigas profanas*, nem *festas*, nem *danças, autos, colloquios*, posto que sejam sagrados, nem *clamores, petitorios de esmolas*.[1]

«E outro sim mandâmos, sob as ditas penas (excumunhão maior), que nenhuma pessoa nas ditas egrejas, ermidas ou seus adros, *façam comedias, representações, entremezes*, ou *allegorias profanas*, com que se offenda gravemente a Divina Magestade, e os seus fieis se escandelisam; nem se façam *danças, bailes, folias, luctas*, ou cousas semilhantes, nem cantem *cantigas deshonestas*, etc.[2]»

Vê-se que este uso havia degenerado em reprehensiveis excessos. Já não era a devoção popular desabafando, posto que rudemente, em cantos simples, mas piedosos; era a licença dos costumes, levando mal disfarçados instinctos de intemperança e de lascivia ao proprio templo, onde as paixões ruins deveriam emmudecer. Não só se cantava ao divino, mas entoavam-se cantos profanos, *cantigas deshonestas, dançavam-se danças lubricas, comia-se, bebia-se*, e a embriaguez e a luxuria ostentavam repugnantes espectaculos. É este, pelo menos, o pretexto apparente das prohibições dos Concilios, e Constituições dos bispados, e a desgraça foi que para manter a seriedade do culto se tornou indispensavel exterminar abusos, em cujo fundo existiam algumas for-

[1] Liv. III tit. 2. *Const.* 7, pag. 175.
[2] Liv. IV, tit. 9. *Const.*, 6, pag. 427.

Digitized by Google

mosas tradições que tanto enriqueciam as fontes da poesia peninsular.

E tambem á mesma intuição religiosa dos povos convinham estes canticos, animados elles da piedosa sinceridade com que foram imaginados a principio. Nada de mais conveniente para bem se radicar a fé do que o conhecimento directo de todas as rezas da egreja. A religião muito lucraria com isso. O povo deve orar em lingua que entenda, e da mesma sorte comprehender todas as ceremonias do culto. A devoção accende-se em fé mais viva, desafogando naturalmente, e os canticos liturgicos, em latim, são apenas o formulario ecclesiastico, alheio á comprehensão popular.

E taes usanças, volvidas em condemnavel abuso, datam de remotas épochas. Já no seculo X se empregava a lingua popular e latina, alternadamente, em muitas passagens dos officios da egreja. As phrases de certos textos, recitadas ou entoadas em latim, como parte do ritual, eram entremeadas de outras, que cantava ou resava o povo na linguagem commum, depois do sacerdote. A esta mistura chamava-se *farcitura* ou *latim farci*.

Alem d'estes trechos, mais ou menos épicos ou lyricos, havia tambem orações completas em dialogo, e replicadas pelo mesmo systema. Ao celebrante, que cantava em latim, respondiam os fieis em dialecto wallon, tudesco ou provençal. Por exemplo, do capit. 25 do Evangelho de San Matheus, extrairam o assumpto de uma acção dramatica, especie do *mysterio* (empreguemos o verdadeiro termo consagrado annos depois), conhecido pelo das *Virgens discretas e as virgens loucas*. Era o padre que resava o prologo em latim, e proferia estas palavras: — «O esposo, que é Nosso Senhor Jesus Christo, está a chegar. Virgens, vellae. Os homens regosijem-se e se regosijarão ainda mais á sua vista, porque Jesus Christo livrará do peccado original as nações que tenham servido o demonio, pela falta da nossa primeira mãe, etc.»

Digitized by Google

Então o anjo San Gabriel respondia em lingua provençal:

Oiet, virgines, aiso que vos dirum,
Aise et presen, que vos commandarum:
Atendet un espos; Jhesu salvaire a non:
Ghaire no i dormet!

Roma intendeu que era condescendencia demasiada, para com a imaginação popular, o que se estava passando, e tratou de restringir a liturgia á sua regularidade official. Foi então que Innocencio III, mais particularmente, prohibiu estes abusos. Porém, as determinações da curia foram ao principio pouco attendidas, e sobretudo na propria Italia. Mas com o tempo estas irregularidades, ainda mais reprovadas pelo seu excesso do que pelas mesmas prescripções da egreja, desappareceram pouco a pouco. Baniram a maior parte das cerimonias extravagantes, decerto introduzidas por um sincero desvario da imaginação piedosa, como a *festa dos doudos* e a *festa do burro*. N'esta, o jumento, ou antes a tradicional jumenta de Balaam, segundo a lenda biblica, apparecia, em honra da Natividade, ou por occasião da fugida para o Egypto; e como qualquer dos prophetas, ou alguns dos personagens do *Antigo Testamento*, Moysés, Amós, Jeremias, Daniel ou Nabuchodonosor, o animal tambem se mettia a prophetisar, mas depois de lhe haverem dirigido primeiro um convite n'este ou theor parecido:

Hez, sire asne! çá, chantez,
Belle bouche rechignez.
Vous aurez du foin assez,
Et de l'avoine à plantez.

Na presença d'estes desatinos o dever da egreja não podia deixar de ser intervir, e purificar as cerimonias religiosas, restringindo-as ao rito severo. Assim o prati-

Digitized by Google

cou no seculo XII, mas com precaução, por que estes usos estavam mui inveterados ou quasi identificados com a propria crença.

Em Gil Vicente encontrâmos varias d'estas composições grutescas. No *Velho da Horta*, por exemplo, entra este personagem resando o *Padre Nosso* pelo theor seguinte:

*Pater Nostre* creador
*Qui est in cœlis* poderoso,
*Sanctificetur* Senhor,
*Nomem tuum* vencedor
Nos céos e terra piedoso.
*Adveniat* a tua graça,
*Regnum tuum* sem mais guerra;
*Voluntas* tua se faça
*Sicut in cœlo et in terra,*
*Panen nostrum*, que comemos,
*Quotidianum* teu é;
Escusal-o não podemos;
Inda que o não merecemos,
*Tu da nobis hodie,*
*Demitte nobis* Senhor
*Debita* nossos errores.
*Sicut et nos* por teu amor
*Dimittimus* qualquer error
Aos nossos devedores, etc.

A veia satyrica tinha invertido os assumptos mais graves. As proprias orações da missa estavam transformadas burlescamente. O espirito popular aproximava assim da comprehensão vulgar a lingua liturgica, mas a satyra malevola insuflava decerto nestas transformações um sôpro de impiedade, e se observarmos que a vida dissoluta dos clericos e escholares originou n'estes mesmos tempos canções libertinas e obscenas, em latim, acharemos a triste coherencia d'esta propensão assás geral de afinar pelo tom chocarreiro os assumptos mais

Digitized by Google

graves da vida intima e da religião. A dissolução dos costumes era grande, e transparecia até nas solemnidades da egreja.

Nas nossas provincias, ainda ficaram permanecendo alguns d'estes vestigios. Os cantos dos Reis Magos, pelas portas á noite, os cantos do presepio, em que se santificam os animaes, como o boi, e a mula do tradicional estabulo, onde nasceu Jesus, são restos d'essa poesia, nascida na engenuidade do povo e consagrada pelo fervor da piedade christã. O boi, que alenta com o seu bafo o Divino Menino, grangeou as bençãos do povo; a mula, que a tradição diz intentava comer as palhas que agazalhavam o filho de Maria, attrahe a execração popular que a fulmina com o anathema da esterilidade. Respira-se decerto uma ingenuidade patriarchal n'esta poesia que nos refrigera a alma e inclina para singelezas tão pias e sinceras como as crenças de nossos maiores. Até na bocca das criadas andam d'estas cantigas de acalentar os meninos, inspiradas visivelmente pela ingenua poesia da infancia de Jesus:

O' meu menino Jesus,
Quem vos deu, porque choraes?
—Deu-me a minha avó Santana,
Oxalá me dera mais!

O' meu menino Jesus,
A vossa capella cheira,
Cheira a cravos, cheira a rosas,
Cheira a flor de larangeira.

Eu bem vi Nossa Senhora
Nos alpendres de Belem,
Com Deus Menino nos braços:
Como lhe ficava bem!

Ella lhe estava dizendo:
—Filho meu, que te farei?

Digitized by Google

Não tenho cama, nem berço,
Nos braços te criarei.

Virgem mãe, olhae para o céu,
Que lá vereis uma cruz,
Com cama e travesseiro,
Para o menino Jesus.

Eu hei de ir morar no céu,
Mais que seja a um cantinho,
Aos pés de Nossa Senhora
Para embalar o Menino.

O' meu Menino Jesus,
O' meu Menino tão bello,
Val mais que o proprio ouro
Esse teu lindo cabello.

O' meu Menino Jesus,
Meu Menino tão formoso,
Quem fôra para o céu comtigo,
Que seria bem ditoso!

O' meu Menino Jesus,
Meu Menino tão amado,
Nasceste n'umas palhinhas
Em vez de berço dourado,

O' meu Menino Jesus,
Que sentimento profundo!...
Vêr-vos nascer n'umas palhas,
Sendo vós o rei do mundo!

Poucas eram, ainda ha cincoenta annos as casas, onde se não via um presepio. Todos os episodios do Nascimento do Menino Jesus, a adoração dos pastores, a

Digitized by Google

chegada dos Reis Magos com o seu estado, o anjo accordando os pegureiros, e indicando-lhes a estrella que os havia de guiar, a Senhora fugindo para o Egypto, todos estes quadros inspirados pelos Livros Santos, ou transmittidos pelo espirito legendario da fé christã, enchiam de perfume a imaginação das creanças e levavam a devotas promessas o coração de seus paes. Era esta uma poesia que se nutria da tradição, mas que o culto santificava, e gratas e singelas recordações da infancia trazia periodicamente á memoria do povo, como uma das suas festividades mais queridas e solemnisadas.

A familia, o lar tambem se apresenta como fonte de sentimentos e inspirações profundas, no genero desta poesia profundamente nacional.

As fórmas que adoptou a poesia popular são abundantes e diversissimas. Na classificação religiosa temos a *lôa*, bem conhecida nos cirios, e na profana o *romance*, o *exemplo*, o *villancico*, a *trova*, o *soláo*, a *endeixa*, a *seguidilha*, as *maias*, as *janeiras*, a *desgarrada*, o *desafio*, o *descante*, a *barca*, a *xacara*, o *fado*, e talvez ainda outras cantadas e ao mesmo tempo dançadas, como a *charola*, a *folia*, a *gitana*, a *captiva*, a *xacota*, e tambem o *arremedillo*, especie de pequena farça em verso e entoada. Algumas d'esta fórmas da nossa antiga musa popular são assás conhecidas e vulgares em quasi todas as provincias do reino, outras, porém, já estão em desuso e esqueceram.

*Romance* ou *rimance*, significava em comêço a lingua vulgar, ou dialecto local *romanisado* com a acção do latim, e com o tempo veiu a designar a narrativa feita n'esta linguagem, e por fim nem mesmo n'esta linguagem, mas tendo só em vista a natureza do conto. *Romance paladino*, isto é, conforme á pronuncia mais clara e perceptivel, era a linguagem mais acceita e vulgarisada. Nas *Leis das Partidas*, determinando-se ácêrca do theor das escripturas, lê-se:—E las palavras dellas que sean buenas e llanas e *paladinas*, de manera que todo hombre

Digitized by Google

las pueda entender e retener. [1] Depois *romance*, ou antes *rimance*, foi empregado como narrativa epica, sem canto, equivalente das *Gestes* francezas. *Cantar* era um poema mais breve, e por isso cantarolado n'uma toada singela e monotona, como eram todas as d'aquellas eras, e acompanhado á theorba ou çanfonha. *O cantar* tambem ás vezes nada tinha com a musica, e indicava a subdivisão do *romance*. Mas propriamente a poesia do povo, sem musica, eram *os cantos em verso*, que referiam festas de heroicidade, e tradições legendarias ou feudaes. O *romance* teve tambem, como fica dito, a significação de uma fórma litteraria na poesia, abraçando, em geral, assumptos historicos, como o dá a entender Garcia de Resende, quando diz: — «E assy muitos emperadores, reys, e pessoas de memoria pelos *rymances* e trovas, sabemos suas estorias».

O *exemplo* foi muito usado pelos prégadores da edade media. Não o damos aqui como parte, ou uma das fórmas da poesia popular, mas como fonte que contribuiu para um genero que tomou depois esse caracter. Eram pequenos contos, ás vezes deduzidos de diversos conceitos axiomaticos, como rifões ou proloquios populares, que os padres introduziam nos sermões para demonstração mais clara, ou *exemplo* d'aquillo que desejavam comprovar. Os mais eruditos procuravam-nos nos auctores antigos, ou em casos da historia grega e romana, o que, fazendo-os conhecidos do povo, deu talvez origem ás lendas do chamado cyclo grego-romano, e d'ahi provieram egualmente muitos contos populares. O pouco discernimento dos padres e a licença de costumes da épocha concorreram decerto para que se ouvissem do pulpito abaixo casos facetos e até irrisorios, que em vez de moralisar mais pervertiam. Foi esta demasia que os condemnou.

O *villancico* correspondia aos cantos do Natal, usado em quasi todas as egrejas da Europa christã, na eda-

[1] *Partida I*, tit. I, liv. 8.º Edição de 1565.

Digitized by Google

de-media. Eram em latim e vulgar como quasi todas as composições religiosas d'aquellas eras, em que havia penetrado o espirito popular. Em Hispanha era vulgarissimo, e ainda hoje se usa em algumas de suas provincias, onde estes vestigios estão menos apagados, a recitação de coplas ao divino, como os antigos *vellancicos*. Em Portugal não ha memoria segura d'este uso, mas só presumpção de que existisse; porém Gil Vicente adopta o *vellancico* como canção final do canto pastoril. Fallando do casamento de Philippe II, em 1570, diz Colmenares: — Nove meninos do côro, em trajo de pastores, sairam bem ataviados, do sanctuario, e cantaram um *villancico*, dançando. [1] Assim o *villancico* é um canto campestre, com que finalisavam as eglogas ou autos representados pelos nataes e usados principalmente no seculo XVI. Póde mesmo apresentar-se como uma das origens populares do theatro moderno. [2] Effectivamente assim o qualificam eruditos competentissimos, e até como o embrião da opera nacional, como brevemente veremos comprovado pelo trabalho de um illustrado e incansavel investigador. [3]

As *lôas* são coplas laudatorias usadas ainda hoje nos cyrios. Figuram ser um cantar de anjos, ou espiritos celestes, e entre elles recitado e replicado. A phrase empregada é *deitar lôas*, talvez figurando que por ser de bocca de anjos seja do céu que as *deitam* para a terra. Diante dos presepios tambem se recitam ainda nas provincias do Norte. São quasi sempre em fórma de dialogo travado entre os pastores e os anjos, na vespera do Natal, por occasião da Missa do Gallo, e no dia de Reis.

No antigo theatro chamavam *lôa* ao prologo, ou pe-

[1] *Historia de Segovia*, in-folio, pag. 558. Segovia 1627.
[2] Theoph. Braga, *Historia da Poesía Popular*, pag. 45.
[3] *Estudos Sobre a Origem da Opera Nacional*, pelo sr. Marques que estão proximos a serem dados á estampa, e com que muito lucrava por certo a nossa historia litteraria.

Digitized by Google

queno discurso preliminar, com que um actor vinha antes de começar a récita expor resumidamente o theor da composição scenica, e pedir indulgencia para ella. Todo o theatro hespanhol antigo é precedido d'esta especie de preambulo conciliatorio. O nosso tambem.

A *endeixa* é já hoje uma fórma perdida da nossa antiga poesia. Era uma composição sentimental, especie de *nenia*. Na poetica classica a *endeixa* conservou a mesma natureza, pois que, como o *epicedio*, é a fórma consagrada a exprimir a pena, a magoa de um sentimento doloroso. O marquez de Santillana diz: «En otros tiempos, a las cenizas e defunciones de los muertos, metros elegiacos se cantaban; é aun agora en algunas partes dura, las cuales son llamadas *endeixas*.»

Estas *endeixas*, ou canções pranteadoras, eram cantadas pelas antigas carpideiras, ou mulheres que pranteavam e carpiam por occasião dos *trintarios*, [1] ou nos saimentos, em volta dos ataudes, ou sobre as sepulturas. Este carpir poucas vezes era a expressão sincera da saudade pelos mortos: quasi sempre mulheres mercenarias se encarregavam d'esta tarefa funeraria, arrepellando-se e pranteando por estipendio que lhes davam. «Este modo de chorar los muertos, como o explica Covarruvius, [2] se usava en toda España, porque ivan las mugeres detras del cuerpo del marido descabelladas, y las higas tras el cuerpo de sus padres, mesando-se y dando tantas vozes, que en la iglesia no deixavan

[1] *Trintario* era o espaço de trinta horas, em que o cadaver permanecia insepulto, e o vellavam em roda parentes e padres. A vaidade humana inventou para estes transes extremos a dôr fingida e mercenaria, o que originou as carpideiras. Nos conventos por muito tempo se manteve o uso dos trintarios, com todo o ceremonial antigo. D'este costume se derivou a phrase *tritario cerrado*. Veja-se a este respeito o *Elucidario* de Viterbo, no vocabulo *Trintario*.

[2] *Tesoro de la Lengua Castellana*.

Digitized by Google

hacer el oficio a los clericos.» Lá diz tambem a antiquissima moda popular:

Prantos se fazem de noite
Vespera de Santa Luzia.

Estes prantos são naturalmente os mesmos de que nos occupâmos, ou teem analogia com elles.

A *desgarrada*, e o *desafio* trouxeram-nos os arabes aos nossos costumes, mas foram adoptados pelos provençaes que muito usaram d'este genero de canto com o nome de *torneyamen* e *tensões*. A chamada *arte de leixapren*, encontrada n'este genero de canções, é uma indubitavel prova. O vocabulo *leixapren* é composto dos verbos *leixar* e *prender*, que inculcam ao vivo a fórma de composição em que é deixado o ultimo verso, para ser tomado e servir de thema e ao mesmo tempo de primeiro verso á quadra do improvisador que se siga, como ainda hoje ouvimos nas povoações saloias dos arredores de Lisboa, as derradeiras onde se refugiaram os mouros furagidos ao odio christão, e que por isso se identificaram mais que outras quaesquer com os usos e costumes d'esses nossos invasores.

A *desgarrada* e o cantar ao *desafio* generalisaram-se por quasi todas as aldeias das nossas provincias, por muito se ageitarem aos estimulos da rivalidade amorosa e desabafo do orgulho ferido dos chamados *cantadeiros*, que nas *esfolhadas* e *espadeladas* de nossas aldêas, não querem encontrar competidor nos *descantes*, que, picados pela emulação, convertem em *desafio*.

A *prosa* é uma fórma esquecida da poesia popular. Significava a narrativa poetica de uma historia. Em Hispanha e Italia, antigamente, appellidavam d'esta sorte a composição em verso, na linguagem *rimance*. Em Gil Vicente encontra-se uma allusão á *prosa*, mas que parece abranger todo o canto lyrico.

As *janeiras* e *maias* foram muito usadas pelos romanos, posto que tambem as encontremos nos costu-

Digitized by Google

mes germanicos. As *maias*, ou cantigas com que a infancia festeja a chegada do mez de maio, são recordações festivaes com que o povo congratula os seus protectores, pondo-lhes giestas ás portas, e cantando-lhes debaixo das janellas. Ainda ha vinte annos se ouviam por toda essa Lisboa creanças engrinaldadas de flôres silvestres, e rodeadas de outras da mesma edade, cantarolando:

Viva o Maio pequenino,
Que elle vae jogando ao pino.

Viva o Maio carambola,
Que elle vae jogando á bola.

Viva o Maio, Maio é,
Que elle vae brincando em pé.

E na provincia do Minho:

Ora vae, que vaes andando,
Boas horas vão comtigo,
Tornarás por aqui á noite
Comer o caldo comigo.

Ó senhor abbade novo,
Faça a cama na roseira,
Que dizem as moças todas
A cama a rosas cheira.

Viva lá senhor feitor
A sua cara é o sol
Cercada de diamantes
E de aljofres ao redol.

Viva o dono d'esta casa
Os annos que Deus quizer;
Viva tambem uma rosa
Que Deus lhe deu por mulher.

Digitized by Google

Viva esta linda menina,
Raminho de salsa crua,
Quando se chega á janella,
Allumia toda a rua.

Viva sua irmã mais nova,
Rosa branca de entoucar,
Quando se chega á janella,
Até o sol faz pasmar.

A tradicção popular explica o costume de se lançarem giestas e maias pelas portas, como memoria do que se praticou com a Virgem Maria, a quem pozeram esses signaes pelo caminho, para que se não perdesse na fugida para o Egypto.

As *janeiras* tambem eram cantigas symbolicas adoptadas pelos povos modernos da mesma origem que as maias. São uzos introduzidos na Peninsula pelo paganismo, o que o nosso povo conservou por muito tempo, como os penates que são os registos nos quartos, as veneras, etc., que depois o catholicismo tolerou, por lhe ser difficil desarreigar de todo, sem alluir a fé, estes habitos tão identificados com ella, e ás vezes confundidos até, no vêr dos espiritos incultos.

O genio malefico lançou mão das *janeiras* para sortilegios, como lançar cal ás portas, e outras abusões ideadas para illudir a credulidade do povo, o que motivou o citado *Accordão da Camara de Lisboa*, do tempo de D. João I, e que resa assim: «Outrosim estabelecem que d'aqui em diante, n'esta cidade e em seu termo, não se cantem *janeiras*, nem *maias*, nem a outro nenhum mez do anno, nem se lance cal ás portas, sob titulo de janeiro, etc. [1]

O *Soláo* é de origem provençal. Era um canto amoroso, e assim como a *alvorada* se recitava ao nascer

[1] Soares da Silva, *Mem. de Dom João I*, tomo IV, pag. 359 n.º 37.

Digitized by Google

do dia, e a *serenada* á noite, o soláo era cantado com sol fóra, porque, na lingua de Oc, *solan* significa sol. Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda referem-se a este genero de composição poetica.

A *xacara*, na sua origem, teve uma significação mui differente que depois lhe deram. Quebedo foi quem lhe deu cultura litteraria e a vulgarisou no sesulo XVII. As *xacaras* de Quebedo seguem quasi sempre a fórma epistolar. É com pouco fundamento que alguns a reputam dramatica, e mourisca, posto que a sua etymologia seja arabe.

*Axacara* de alguma sorte se confunde com o *romance*, por ser narrativa; porèm fallece-lhe o caracter cavalleiroso, distinctivo do *romance* ou *rimance*.

As *barcas* são uma imitação das *barcarolas* venezianas, ou cantos entoados no mar, ao bater compassado dos remos. Gil Vicente traz varios modelos de canções maritimas.

Temos por fim a *trova* que é antes a fórma, que a naturesa de um canto. Quando fallâmos dos trovadores, dizemos trovas, e tambem dizemos trovas quando nos referímos ás prophecias de Bandarra. De *trouver*, ou *trovar*, isto è *achar*, veiu o nome aos trovadores; e a *trova* não è outra coisa senão a fórma *achada* pelo engenho poetico dos provençaes aos sentimentos amorosos e inspirações do seu estro.

Outros muitos vestigios da poesia popular teriamos a ajuntar aqui, se os não houvesse de todo apagado o volver do tempo. Nas nossas provincias subsistem ainda vestigios de origem antiquissima, em que o canto e a dança se combinam, o que decerto tem concorrido para se perpetuarem até nossos dias, e se ensinuarem mais facilmente nas usanças do povo. São elles como o caracteristico d'essas mesmas provincias, dando significativa physionomia aos seus uzos populares. O *fado*, o *fandango saloio*, a *giralda*, a *caninha verde*, a *ceranda*, o *lundum*, a *xacota*, a *viravira*, o *malhão*, a *moda rebélla*, a *rebaldeira*, são em geral modas dança-

Digitized by Google

das, mais ou menos antigas, e todas bem filhas da predilecção popular. A *moda rebêlla* e a *ribaldeira* veem de antiquissimo uso entre os povos de Cima do Douro. Cantam-nas e dançam-nas ao mesmo tempo, acompanhadas pelas chamadas violas de Braga, n'uma toada monotona, sapateando a compasso, o que bem accusa a sua antiguidade remotissima, até pelo uzo da especie de *neuma* prolongada, acompanhada por estrebilho singular, que repetem todos em côro unissono com as violas. Aqui damos algumas para exemplo:

Venho de cima do Douro
E mais não venho dourado,
Venho da terra das moças,
E mais não venho casado.

*Cham pum... cham pum, cham pum, etc.*

Á minha viola canto
Cantigas ao meu amor,
Ellas vem do coração
Com todo o maior primor.

*Cham pum... cham pum, cham pum, etc.*

A viola sem na prima
É como a filha sem pae,
Cada corda seu suspiro,
Cada suspiro seu ai.

*Cham pum... cham pum, cham pum, etc.*

A viola sem na prima,
A prima sem no bordão
É como a filha sem mãe
Que não tem educação.

*Cham pum... cham pum, cham pum, etc.*

Digitized by Google

A viola sem na prima,
Sem na toeira do meio,
E' como a filha sem pae,
Que não tem nenhum meneio.

*Cham pum... cham pum, cham pum, etc,*

Este uso da *neuma*, ou sustentar a ultima syllaba do ultimo verso, n'uma toada requebrada ou apenas prolongada, é de origem gallega, que de eras mui remotas a adoptaram. Chamam-lhes cantigas de *alalála*, termo onomatopico que dá idéa da nota sustentada ao cabo da quadra em quanto mulheres e homens repetem o estribilho em chusma. Este uso, e o local, que é aquella parte do nosso reino que esteve n'outros tempos ligado com a Galliza, evidenceiam a origem de tal moda, e a antiguidade d'esta fórma poetica de indole essencialmente popular.

A *geralda*, a *ceranda* e a *vira-vira* são modas dançadas em rodas, ou chorêas, o que visivelmente patenteia a sua muita antiguidade.

O *lundum*, motivos em requebros plangentes, foi introduzido em Portugal depois da descoberta do Brazil. E' de origem americana, e muito faz lembrar os cantos do Perú, pela languidez e suaves devanêos, que reproduz a indolencia d'aquellas organisações devoradas pela ardencia de um sol abrazador. Ainda no primeiro quartel d'este seculo se ouvia com frequencia cantado ao som da guitarra, seu instrumento predilecto. Com a separação do Brazil de Portugal deixaram as primeiras familias do reino de ter escravas pretas, o que então constituia quasi um distinctivo de fidalguia, e assim se foi perdendo o uso do *lundum chorado*, do *lundum do Rio*, e outros que naturalmente entram n'esta parte, de certo parasita, da nossa poesia popular.

A dança tambem aqui figura caracteristicamente, e mui essencialmente ligada a este genero de poesia, pois foi até a musica, quer no canto, quer na dança, que



Digitized by Google

ajudou a perpetuar estas diversas sortes de cantigas, por ser assim que mais facilmente se conservaram nos costumes populares. Além das danças já ennumeradas, temos ainda outras, havidas por mais antigas, como a *gitana*, a *folia*, a *captiva* e as *danças guerreiras*, ou *pyrrhicas*, talvez as mais antigas de todas ellas, pois a sua origem vem dos povos celtas. Os etymologistas pretendem que trazem a denominação de Pyrrhos, rei do Épiro, cujos exercitos combatiam com ingentes pavezes, e no fragor da peleja percutiam com as lanças e maças de encontro uns aos outros, o que tirava d'elles sons tão estranhos e temerosos que mais os instigava á matança, e incutia pavor no inimigo. Outros antiquarios, porém, como Pitiscus e varios, narram que fôra o mesmo Pyrrhus, filho de Achilles, que instituira as danças pyrrhicas em memoria dos triumphos alcançados no cêrco de Troya. Os soldados que entravam n'esta dança vinham cingidos de tunicas de escarlata, e armados dos pés á cabeça, brandindo uma espada ou uma lança. Os musicos usavam de elmos com cimeira emplumada.

Este uso do embate dos broqueis, ao som de musica guerreira, no acto de partir para a guerra, e nos banquetes, foi mui acceite dos povos germanicos, e d'elles nos veiu decerto. Ainda pelo carnaval vemos reproduzirem-se d'estes brinquedos pelas ruas; e nos theatros egualmente em bailes ou dramas de espectaculo historico apparece ainda de vez emquando a reproducção d'estes uzos guerreiros, em que os antigos adoptavam a gymnastica ás exigencias da guerra.

A *captiva* ainda não ha muitos annos que a dançavam em Almada, em dia de San João. Vinham mouras agrilhoadas cercadas de guerreiros christãos, e entre todos se travavam varios passos dançantes, talvez em memoria da lenda de Gonçalo Hermingues, raptando n'esta mesma villa a moura Fatima, depois chamada Ouriana, quando convertida á fé de Christo, conforme a trova bem conhecida.

Digitized by Google

A *folia*, como o seu nome bem significa, é um doudejar incessante, sendo as figuras que voltêam em circulo vestidas á ligeira, e acenando com lenços e fazendo admanes entre si mui intimativos.

A *xacota*, como asseveram os chronistas, era a dança predilecta de Dom Pedro I, o que importa tanto como dizer que era uma dança popular, pois com o povo, e no seio d'elle se entregava elle a estes bailes. O povo ia esperal-o ao caes, quando o principe regressava do mar, ou d'além do Tejo, e depois acompanhava-o, dançando ao som das *trombas* (trombetas), unicos instrumentos que elle consentia, [1] e isto de dia, e tambem de noite.

A *gitana* era assim denominada por ser dançada por *gitanos*, ou ciganos. Era composta de ciganos, vestidos á sua moda bohemia, e bailando. Vinham entre elles algumas mouras, trazendo cada uma, em pé, sobre os hombros, uma rapariga vestida de pannos cozidos em oiro, e talhados de galantes e variados feitios. Com aquelle peso bailavam mui lestas, ao som de um tambor, enfunando-se com o vento os vestidos das raparigas, que faziam esvoaçar um lenço por varios modos, ora com a mão direita, ora com a esquerda, ora segurando-o debaixo do braço, ora nas costas, momos estes que depois repetiam com facas por diversos modos. [2]

Importa advertir, todavia, que a poesia sempre diversificou de provincia para provincia, como ainda hoje diversifica: em cada uma existe com o seu cunho natural; e no Algarve as mouras encantadas, as talhas encerrando ramo de peste e thesouros prodigiosos, e os contos mouriscos, assentam n'um maravilhoso mui differente do maravilhoso da provincia do Minho, onde fortalece as lendas dos santos, os mi-

[1] Fernão Lopes, *Chronica d'El-Rei D. Pedro I*, capit. XIV.
[2] É d'esta sorte que vem descripta esta dança na viagem do legado do papa, o cardeal Alexandrino, vertida em portuguez e publicada no *Panorama* de 1841, pelo sr. Alexandre Herculano.

Digitized by Google

lagres e os contos religiosos da hospitalidade. A verdade é que o maravilhoso é o prestigio da poesia popular: é o maravilhoso que attrahe as imaginações, e que deixa que pensar nos espiritos. «O maravilhoso é a maior verdade da poesia popular. Nos poemas eruditos, nas poeticas arestotelicas, que estabelecem as regras para a intervenção do maravilhoso, o *Deus ex machina* é uma falsidade inepta e ridicula, ficções sem alma, ôca de sentido, personificações allegoricas das virtudes moraes, que só teem o valor de agentes suporiforos. Na poesia popular portugueza encontrâmos o maravilhoso na vida intima, nos costumes, nas tradições, na vida aventureira dos mares, nas prophecias nacionaes em que se canta o nosso ideal messianico, e, sobretudo, a par da immensa verdade d'estas creações, o maravilhoso é a revelação do genio celtico do nosso povo.»[1]

O maravilhoso é de todas as poesias populares. A Escossia, a velha Bretanha, a Allemanha, em geral, e a Hispanha e a Noruega, todas possuem, debaixo de mil fórmas, mais ou menos phantasticas, segundo a natureza das tradições e disposições psycologicas d'estes povos, um maravilhoso, ou mythologia peculiar e caracteristica que alimenta poeticas ficções, constituintes de uma parte do mundo moral d'esses paizes. É do natural de todos os povos verem o maravilhoso, onde a phantasia inventa, por lh'o não permittir de outra sorte a ignorancia. E essas invenções esplanam-se á medida da opulencia do ideal d'esse povo, e assumem aspectos sinistros ou resplendem as matisadas côres do iris, segundo n'ellas se reflectem os horisontes do mundo exterior, sóturnos e carregados, nos povos do Norte, como a sua natureza nevoenta e sombria, risonhos e esplendorosos, como o bello clima do Meio-dia. *O Diccionario infernal* de Dencker, as balladas e lendas allemãs de Grimm e mad. de Alboin, as lendas scandina-

[1] Theophilo Braga, *Hist. da Poes. Pop.* pag. 98.

Digitized by Google

vas de Du-Méril e todo esse peculio de crenças e tradições da nossa Peninsula, exemplificam as diversas manifestações da superstição popular, thesouro de suas riquezas poeticas. Em Portugal, as *almas em pena*, as *feiticeiras* que vão á India em cascas de ôvo, e *vôam por cima de toda a folha*, depois dos *esconjuros diabolicos do sabbado;* os *lobis-homens*, espojando-se nas encruzilhadas e curtindo o seu *fadario;* a *buena-dicha*, os *malificios*, os *maus-olhados*, a *mão do finado*, os *abejões*, o *Santelmo*, prenuncio de naufragios, e as *almas de mestre*, avesinhas que piam no alto mar; as *sortes* e *adivinhas*, as *mouras encantadas*, as *fontes maravilhosas*, as *talhas sotterradas com ramos de peste* ou *thesouros mouriscos*, e infinitas outras superstições e crendices, umas já apagadas pelos seculos, outras ainda revivendo na credulidade de muitos individuos no seio das nossas aldeias, formam o nosso maravilhoso, agregado das origens deixadas por muitos dos povos que habitaram a Peninsula, sobretudo os povos germanos.

E estas sortes e esconjuros, apparições e pactos tinham as suas formulas, apparato e resas, como as *Orações de San Cyprianno*, de *San Christovão*, da *Emparedada*, da *Imperatriz*, de *San Leão Papa*, de *Santa Martinha*, a *Oração do Testamento de Jesus Christo*, da *Madre Celestina*, muitas das quaes só nos deixaram noticia pelo *Index expurgatorio* que as prohibiu em 1624. A oração de San Cyprianno ainda anda na bocca das chamadas *mulheres de virtude* ou feiticeiras, a quem a credulidade popular vae consultar nas incertezas attribuladas da vida intima.

Alguns documentos antigos apontam melhor do que o poderamos fazer varias d'essas origens da superstição do nosso povo. Começo por uma postura da Camara Municipal de Lisboa, de 1385: resa assim: — «Os sobreditos (os vereadores) estabelecem e ordenam que d'aqui em diante, n'esta cidade, nem em seu termo, nenhuma pessoa não use, nem obre feitiços, nem de ligamento, nem de chamar os diabos, nem de descantações, nem de obra de via-

Digitized by Google

deira, nem obre de carantulas, nem de geitos, nem de sonhos, nem de encantamentos, nem lance roda, nem lance sortes, nem obre de adivinhamentos, nem outrosim ponha nem meça cinta, nem escante olhado em ninguem, nem lance agua por joeira... etc.

«Outrosim estabelecem que d'aqui em diante n'esta cidade, e em seu termo, não se cantem janeiras, nem maias, nem a outro nenhum mez do anno, nem se lance cal ás portas sob titulo de janeiro, nem se furtem agoas, nem se lancem sortes, etc.

«Porque o carpir e depenar sobre os finados é costume que descende dos gentios, e é uma especie de idolatria, e é contra os mandamentos de Deus, ordenam e estabelecem os sobreditos, que d'aqui em diante n'esta cidade, nenhum homem ou mulher, não se carpa ou depene, nem brade sobre algum finado, nem por elle, ainda que seja pae, mãe, filho ou filha, irmão ou irmã, marido ou mulher, nem por outra nenhuma pena, nem nojo, não tolhendo a qualquer, que não traga seu dó, e chore, se quizer.»

A provisão do tempo de Dom João I, em 1403, tambem é bem clara. Entre outras coisas, diz o seguinte:

«Não seja nenhum tão ousado, que por buscar ouro ou prata ou outro haver, *lance varas*, nem *faça circo*, nem *veja em espelho* ou em outras partes.»

E nas *Constituições* de Evora, já citadas, vemos egualmente muitas referencias a estas praticas supersticiosas. Ahi vão:

«Defendemos que nenhuma pessoa de qualquer estado ou condição que seja, tome de logar sagrado ou não sagrado, pedra de ara, ou corporaes, ou parte de cada uma d'ellas, ou qualquer outra cousa sagrada; nem invoque diabolicos espiritos, em circulo ou fóra delle, ou em encruzilhadas; nem dê a alguma pessoa a comer ou beber qualquer cousa, para querer bem ou mal a outrem ou outrem a elle; nem lance sortes para advinhar, nem varas para achar haver; nem veja em agoa ou chrystal, ou espelho, ou em espada, ou em outra qualquer

Digitized by Google

cousa luzente, nem em espadua de carneiro; nem faça, para advinhar, figuras de imagens algumas de metal, nem de qualquer outra cousa; nem trabalhe de advinhar em cabeça de homem morto, ou de qualquer outra alimaria; nem traga comsigo dente, nem baraço de enforcado, nem façam com as ditas cousas, ou cada uma d'ellas, nem com outra alguma semelhante, posto que aqui não seja nomeada, especie alguma de feiticeria, ou para advinhar, ou para fazer damno ou proveito a alguma pessoa: nem façam cousa para que uma pessoa queira bem ou mal a outrem, nem para ligar homem a mulher, etc.

«Outro sim deffendemos que nenhuma pessoa passe doente por silva ou machieiro, ou por baixo do trovisco, ou por lameiro virgem; nem benzam com espada que matasse homem ou que passasse o Douro e o Minho tres vezes; nem cortem solas em figueira baforeira; nem cortem sobro em limiar de porta; nem tenham cabeças de saudadores encastoadas em ouro ou em prata, ou em outras cousas; nem apregoem os demonhinhados, nem levem as imagens de alguns santos a cêrca de agoa, fingindo que as querem lançar em ella, e tomando fiadores, que se até certo tempo lhes não der agoa, ou outra coisa que pedem, que lançarão a dita imagem na agoa; nem revolvam penedos e os lancem na agoa para haver chuva; nem lancem joeira; nem dêem a comer bolo para saber parte de algum furto; nem tenham mendraculas em sua casa, com tenção de haverem graças ou ganharem com ellas; nem passem agoa por cabeça de cão, para conseguirem algum proveito; nem digam cousa alguma do que é por vir, mostrando que lhe foi revelada por Deus, ou por algum santo, ou visão, ou em sonho, ou por qualquer outra maneira; nem benzam com palavras ignotas, e não entendidas, nem approvadas pela egreja; ou com cutellos de tachas pretas, ou de outra qualquer côr, nem por cintos e ourellos, ou por outro qualquer modo não honesto; nem façam camisas fiadas e tecidas

Digitized by Google

em um dia, nem as vistam nem usem de alguma arte de feiteceria.» [1]

Este assumpto ainda se acha mais esplanado nas *Reflexões historicas* de João Pedro Ribeiro, tratando das superstições populares portuguezas, nas *Ordenações do reino,* nas *Constituições dos bispados,* nas Posturas de varias camaras municipaes insertas nas *Memorias de Dom João I,* por J. Soares da Silva, e no *Panorama,* pelo sr. Alexandre Herculano.

A oração que Gil Vicente faz resar á feiticeira, no seu *Auto das Fadas,* deve completar esta inscripção de documentos antigos. A feiticeira entra com um alguidar, e um sacco preto com feitiços, e depois profere estas palavras por entre gestos de quem esconjura:

Alguidar, alguidar,
Que feito foste ao luar,
Debaixo das sete estrellas
Com cuspinhos de donzellas
Te mandei eu amassar;
O' cuspinhos preciosos
De beiços tão preciosos,
Dae ora prazer
A quem vos bem quer,
E dae boas fadas
Nas encrusilhadas.
Este caminho vae para lá;
Est'outro atravessa cá;
Váe no meio, alguidar,
Que aqui cruz não ha de estar.
Embora esteis, encruzilhada,
Per e qui entrou, per e li sahiu,
Bem venhades, dona honrada,
Vae a estrada pela estrada.

[1] *Const. do Bisp. de Evora,* 1534.

Digitized by Google

Benta é a gata que pariu,
Gato negro, negro he o gato.
Bode negro anda no mato,
Negro é o corvo e negro é o pez,
Negro he o rei do enxadrez,
Negra he a vira do sapato,
Negro he o sacco que eu desato.
  Isto he forçura de sapo,
Que está n'este guardanapo.
Eis aqui mama de porca,
Barbas de bode furtado,
Fel de morto excommungado,
Seixinhos do pé da forca;
Bolo de trigo alqueivado
Com dois ratos no meu lar,
Por minha mão semeado,
Colhido, moido, amassado
Nas costas do alguidar.
  Achegae-vos a mim:
Que papades, me ch'rubim?
Escumas de demoninhado.
Quem vol-as deu?
Deivol-as eu.
Fel de morto,
Meu confôrto,
Bolo cornudo,
Vós sabedes tudo,
Bico de pêgo,
Aza de morcego,
Bafo de drago
Tudo vos trago.
Eu não juro,
Nem esconjuro,
Mas gallo negro suro
Cantou no meu monturo.
E ditas as santas palavras,
Eil-o demo vae, eil-o demo vem
Co'as bragas dependuradas.

Digitized by Google

Os romances chamados *de cordel*, a que os hispanhoes chamam de *pliego suelto*, tambem são uma forma da inspiração popular, taes como o *Marquez de Mantua*, *Conde Marcos*, *D. Carlos de Montalvão*, de origem hispanhola, como a mor parte d'elles, e traduzidos por Balthasar Dias. A *Donzella Theodora*, a *Imperatriz Porcina*, *João de Calais*, a *Formosa Magalona*, *Roberto do Diabo*, *duque de Normandia*, o *Infante D. Pedro*, assim como um grande numero de contos, formam outro veio d'esta litteratura popular. O romance moderno, mais conhecido por *xacaras*, como *Gerinaldo*, a *Bella Infanta*, *Bernal Francez*, o *Cego*, *Sant'Iria*, *Don Marcos*, a *Silvana*, *Conde de Allemanha*, a *Laurinda*, e muitos outros, uns já collecionados pelo visconde de Almeida Garrett e sr. Thiophilo Braga, outros ainda dispersos na tradição oral das velhas das nossas provincias, constituem o verdadeiro Romanceiro e o mais apreciavel das nossas antigas tradições nacionaes.

Os romances mouriscos tambem tomam uma parte assás importante n'esta galeria litteraria, e como o não havia de ser, sendo as ligações com os infieis tão geraes e apertadas comnosco por tanto tempo? Embora Wolf, Renan e outros auctores, como elles, impugnem, debaixo de diversos aspectos, esta influencia dos arabes sobre a nossa antiga inspiração popular, principaltudo Fernando Wolf, que chega a assegurar que o caracter fundamental das composições que nós denominamos *romances mouriscos*, não participa do genio arabico, posto que n'estes um certo tom lyrico, e de alguma sorte um colorido vivo e brilhante, occulte a carencia do sentimento, o que caracterisa a poesia arabica, embora se dê esta impugnação, aliás respeitavel, por vir de eruditos tão abalisados, é innegavel que muitos romances possuimos de incontestavel influencia mourisca, na essencia do assumpto, e até na fórma. Este romance, por exemplo, citado tão opportunamente pelo sr. Theophilo Braga, confirma bem de perto a acção da influencia mourisca. É do seculo XIV.

Digitized by Google

Yo me era mora Moraima
Morilla de um bel cantar;
Christiano vino á mi puerta,
Cuitada, por mí engañar:
Hablome en algarabia
Como quien la sabe hablar.

Mostra este romance duas coisas, e ambas ellas de natureza bem essencial: uma é as estreitissimas relações moraes dos dois povos, e a outra a divulgação da lingua arabica. «*Hablome em algarabia, como quien la sabe hablar.*»

O que se refere n'este romance, refere-se em quasi todas as legendas da fronteira d'essas eras, que depois deram fundamento heraldico ás armas de muitas terras do reino, como se lê no *Nobillario*.

Os cancioneiros e romanceiros hispanhoes tambem são ricos d'esta classe de composições, e de origem incontestavelmente serracena, o que prova este influxo na Peninsula. O romance, que traz Châteaubriand no *Ultimo Abencerragem*, e os citados por Victor Hugo, nas *Orientaes*, são dos mais formosos.

Diz o sr. Theophilo Braga que os romances mouriscos, genuinos da tradição popular, se converteram depois insensivelmente nos *contos dos captivos*. Peço venia para objectar que me não parece esta exactamente a filiação dos *romances mouriscos* dos seculos XVI e XVII. A origem d'estes romances, n'esta epocha, é de certo mais directa e pessoal: não póde ser outra senão o facto successivo dos muitos captiveiros em Africa, em resultado das prêsas feitas pelos corsarios argelinos e tunienses, que então infestavam os nossos mares, e que originavam as angustiosas ausencias da patria, os enormes sacrificios das familias para o resgate dos captivos, e por fim o regresso d'estes á terra desejada, ransfigurados pela crueza do captiveiro em terra de infieis, indo buscal-os, ao desembarque, em piedosa pro-

Digitized by Google

cissão, os frades trinos, que promoviam estes resgates, e as irmandades da Senhora do Resgate e do Senhor dos Captivos. Custa a crer que a origem d'esta natureza de composições escapasse ao sagacissimo espirito de analyse do sr. Theophio Braga, pois a não encorpora na resenha que faz, quando classifica as diversas épochas determinantes da poesia popular portugueza,

Estas diversas épochas, e suas causas influenciadoras segundo a historia, são as seguintes, na opinião do mesmo escriptor.

1.ª Vinda dos Cruzados, pelo Mediterraneo, á Terra Santa, e seu auxilio a Dom Affonso Henriques na tomada de Lisboa, o que motivou de certo a diffusão entre nós das famosas tradições do cyclo carlingiano, ou façanhas praticadas por Carlos Magno e seus Paladinos, que então andavam em voga por toda a Europa, e que a chegada dos Cruzados de certo mais conhecidas fizeram dos portuguezes:

As narrativas dos peregrinos que vagabundeavam por essas terras do reino, e mesmo de fóra, e que pagavam a hospitalidade que lhes davam com seus cantares;

Os feitos audaciosos dos Pares de França, que condiziam com a rudeza temeraria de nossos primeiros guerreiros, de que a *Canção de Figueiral*, o principal monumento da elaboração poetica de nossas proezas, é já verdadeira manifestação;

A volta de França do conde de Bolonha, depois Dom Affonso III, que trouxe comsigo mais activa a influencia franceza, do que restam vestigios em os nossos romances;

2.ª O cultismo provençal, que fez sobresahir a rudeza da poesia popular, no tempo de Dom Diniz, concorrendo para ella ser banida dos castellos;

Dom Diniz que deixou a redondilha para rimar á provençalesca;

A poesia do povo, que participava da hymnologia da egreja, e que foi excluida da liturgia pela decisão dos concilios;

Digitized by Google

Os cancioneiros palacianos que a substituiram completamente:

3.ª O reinado de Dom João I, pelo seu casamento com Dona Philippa, filha do duque de Lencastre, e pelas relações com a côrte ingleza, que introduziu em Portugal o gosto da poesia do cyclo da *Tavola Redonda*, ou commettimentos do rei Arthur, de Inglaterra, e dos seus guerreiros, os chamados da *Tavola Redonda*,[1] que então começaram a substituir na Europa o cyclo carlingiano, o que se confirma pelas referencias feitas por Fernão Lopes na sua *Chronica de Dom João I;*

As tradições dos *Doze de Inglaterra*, as aventuras da *Ala dos Namorados* e da *Madre Silva*, que mais recordaram o espirito dos feitos guerreiros inglezes:

4.ª As relações das côrtes de Hispanha e Portugal, no reinado de Dom Manuel, que tornaram exclusiva a influencia dos romanceiros hispanhoes na poesia do nosso povo, fazendo que o castelhano fosse adoptado como linguagem palaciana, e que chocarreiros de Castella, como o diz Damião de Goes, fossem chamados e protegidos pelo monarcha portuguez;

O romance hispanhol tornado a fórma litteraria predilecta, como se mostra pelas queixas de Jorge Ferreira, na sua *Aulegraphia;*

Os romances a que Gil Vicente se refere repetidas vezes nos seus cantos, e que se haviam perdido na tradição oral, mas que depois appareceram nas modernas colleções hispanholas:

5.ª As imitações dos romances mouriscos ou granadinos, dos escriptores do seculo XVII, em Hispanha, tendo como typo o *Mira Laide*, reproduzida entre nós por Francisco Rodrigues Lobo, que compoz na maior parte em castelhano, e por Dom Francisco Manuel de

[1] Eram assim chamados estes heroes, porque, por seu valor, não podendo subsistir preeminencia entre elles, se apresentavam todos a uma *meza redonda*, onde os logares eram eguaes. Já os Paladinos de Carlos Magno se appellidavam *pares*, por motivo analogo.

Digitized by Google

Mello, nas *Tres Musas de Melodino*, os quaes passaram para a versão popular na fórma dos *contos de captivos*:[1]

6.ª A poesia popular, do fim da edade heroica de Portugal, que pela perda de Alcacer-Kibir, tomou por assumpto as prophecias da nossa futura grandeza, apresentando n'esta épocha um caracter religioso que Balthasar Dias esparze por todos os seus autos, tão dilectos do povo, taes como o de *Sant'Aleixo* e de *Santa Genoveva;*

Vulgarisação dos chamados contos decameronicos, ou imitações dos contos livres de Boccacio, historias de frades, com uns longes dos *fabliaux* francezes, ou narrativas de um fresco jovial e por vezes licencioso, porém na maior parte em proza;

As lendas dos santos e cantigas soltas, que eram procuradas com predilecção pelo povo, que assim buscava aliviar suas maguas patrioticas, e trabalhos da vida;

E finalmente os hymnos de guerra das nossas commoções politicas que substituiam os romances de cavallaria.

Aqui ficam, pois, em resumo, as phases da historia da poesia popular, e a enumeração rapida das influencias mais capitaes que lhe imprimiram caracter derivadas da historia geral.

Como os trovadores e jograes, que figuram nos nossos cancioneiros, pertencem aos finaes do seculo XII e seculo XIII, isto é principalmente aos reinados de Dom Sancho II, Dom Affonso III e Dom Diniz, porque as proprias cinco reliquias da antiga poesia portugueza as collocam os criticos no fim do seculo XII e talvez co-

[1] É aqui que não póde deixar de ser notada a influencia que indicámos, a das prezas dos corsarios argelinos, e angustiosos episodios d'isso resultantes. A influencia citada pelo illustre critico é apenas uma influencia erudita; mas existiu de certo a influencia mais directa e personal, a inspiração do verdadeiro influxo moral que indicámos, o que se prova até pelo intrexo dos romances alludidos que reproduzem muitos casos passados mesmo em Argel.

Digitized by Google

mêço do seculo seguinte, será quando desenvolvermos o quadro d'essas eras, e tratarmos dos nossos cancioneiros provençaes, que nos occupemos d'esse assumpto, aliás ainda tão intrincado, mesmo ainda depois dos trabalhos de Wolf, Diez, Varnhagem, Verdier, Moura, e ultimamente do sr. Theophilo Braga.

Digitized by Google

Digitized by Google

# CAPITULO IV

## PRIMEIRA ÉPOCHA

### (De 1139 a 1290)

Seculos de mudez. — A critica perdendo-se em indagações infructuosas. — A Peninsula hispanica e a sua situação politica. — Bruteza e mingua em quasi todas as relações sociaes. — Na dissolução geral é involvida a egreja luzitana. — Instituição monastica e seus beneficios, mesmo na ordem civil. — O regime de tolerancia dos arabes. — As lettras achando abrigo nos mosteiros, e os monges conservando a tradição classica. — A instituição da monarchia e a protecção aos estudos litterarios. — Coimbra, Guimarães e outras terras do reino fundam escholas nas Sés. — Estudo das linguas antigas. — O cyclo das epopéas na Europa não encontra écco no territorio portucalense. — A influencia franceza e os cruzados. — Lendas do tempo de Dom Affonso Henriques. — A cultura latina não deixa resfolgar o genio nacional. — A lingua portugueza e a poesia provençal. — Côrtes de Dom Sancho II e Dom Affonso III.

O estado das lettras, e até mesmo de todos os elementos de organisação social, nos tempos que antecederam a épocha da instituição da monarchia portugueza, é confuso e obscuro. Reinam trevas em volta de todas as indagações que possa intentar a critica. Os seculos IX e X são dois seculos em que parece entrado em hybernação o grande impulso de elaboração universal. A



Digitized by Google

natureza descançava dos formidaveis cataclysmos, das torrentosas invasões dos povos do Norte, das pestes e mortandades da carnificina militar, do atordoamento da variadade das linguas, do desabamento das instituições civis, politicas e religiosas. Mr. Didron, na sua obra de investigação dos monumentos iconographicos da edade media da Europa, chega a asseverar que não achára nem emblemas, nem sequer a symbologia do Padre Eterno, tal é a falta de crença religiosa que assistia áquelles tempos! Os preceitos doutrinarios haviam-se tornado tão desconhecidos, como absoluta a negação do senso moral. A humanidade tinha descido á sua maior abjecção: havia-se reduzido ás condições mais exclusivamente materiaes da animalidade. E comtudo, um importante trabalho latente, mysterioso, se realisava debaixo d'essas sombras espessas da incerteza dos costumes, das idéas, e das instituições, que era o trabalho de reconstrucção das linguas modernas, da moderna familia, do novo direito, das novas creações estheticas. [1] Não decorrêra um seculo ainda, observa o historiador Robertson, depois que os povos barbaros se tinham estabelecido na terra conquistada, e já os vestigios dos conhecimentos e da polidez que os romanos esparziram por toda a Europa, se haviam de todo extincto. Permaneciam decaidas em desprêso, ou se haviam já perdido, não só as artes elegantes, de que o luxo se aproveita e o mesmo luxo alimenta, senão muitas d'aquellas mesmas a que devemos os commodos e regalos da vida. N'aquelles malfadados tempos eram apenas conhecidos os nomes de litteratura e philosophia e do gosto apurado, ou se d'elles se fazia algum uzo, era para os prostituir em objectos tão despresiveis que até parece se ignorava o significado em que deveriam ser tomados. As pessoas da mais alta gerarchia, elevadas aos cargos importantes, nem escrever, nem lêr sabiam. Muitas d'essas nem entendiam o Breviario, que aliás tinham o dever, pelas leis canoni-

[1] Theophilo Braga, *Trovadores Gallecio Portuguezes*, pag. 21.

Digitized by Google

cas, de recitar todos os dias, e não poucas appareciam que nem sequer o sabiam deletrear. Havia-se perdido a tradição dos successos volvidos, ou apenas se conservavam em chronicas recheadas de circumstancias pueris, e de lendas fanaticas ou supersticiosas. Os proprios codigos de leis, publicados pelas nações, que restabeleceram nos differentes pontos da Europa invadida as noções de direito, deixaram de ter auctoridade, e viram-se substituidos por costumes instaveis e extravagantes. Os povos, sem liberdade, sem cultura, nem estimulo, cahiram na mais crassa ignorancia.» [1]

Esta opinião, comtudo, do historiador citado, não póde deixar de ser acceite com restricções. A verdade é, que a decadencia fôra profunda, mas a onda dos costumes selvagens das hordas invasoras não afogou tudo a ponto de não ficarem ainda dispersas raras sementes de civilisação que, com o tempo, foram reverdecendo, e recuperando parte da antiga seiva. As alternativas da guerra faziam que esta situação peiorasse em todos os resultados. A Hispanha, diz um apreciavel critico nosso, e por conseguinte a parte da Peninsula que nós habitamos, porque n'este ponto sentia os transtornos dos mesmos successos, offerece n'este longo periodo o espectaculo continuo de cruentas e devastadoras pelejas dos habitantes do paiz com os mouros: era uma lucta fanatica e sanguinaria entre os christãos e infieis; porém, sem exito decisorio, porque os revezes e as victorias alternavam-se. Os condes e os magnates, com quem os soberanos repartiam as conquistas, segundo o systema feudal, emulos uns dos outros, e não poucas vezes do proprio monarcha, regulavam os seus serviços mais com a mira nos interesses exclusivos que nos interesses communs; e os reis a cada passo se viram constrangidos a empregar, para submetter estes vassal-

[1] *Quadro dos progressos da sociedade na Europa desde a destruição do Imperio Romano, até ao principio do seculo XVI*, secção I, pag. 23. Edição de Paris de 1817.

Digitized by Google

los rebeldes, as armas que tão precisas lhes eram para combater os inimigos da fé. E da parte dos mouros succedia outro tanto, pois tambem por seu lado tinham adoptado o mesmo systema de governo. N'este conflicto seguiram, até que Dom Affonso VI, rei de Leão, pela tomada de Toledo, no anno de 1085, cidade que constituia o centro do poderio dos sarracenos, alcançou sobre estes uma superioridade decisiva, e que lhes apparelhou inteira ruina. [1]

No entretanto estas disposições dos povos accesos pelos desatinos do fanatismo religioso e armados pela cubiça dos barões, reflectia os seus effeitos em todas as condições sociaes. Todos os monumentos inculcam o mesmo deploravel estado de ruinas, de pobreza e miseria, em que n'esta épocha jazia a Hispanha; nem outro podia ser o resultado do furor e duração da guerra entre duas religiões, e da barbaridade e ignorancia geral, que caracterisam estes seculos. Os valores territoriaes constituiam a unica riqueza, e por isso os senhores das terras se esmeravam á porfia em conceder vantagens aos seus colonos. A escassez do numerario era tal, que não é raro encontrarem-se vendas ou permutações de terras, de largas herdades, e das chamadas villas, a troco de um boi, de uma vacca ou bezerra, de uma egoa, de uma ovelha, de uma manta, de uma pelle, e, nas mais importantes permutações, até por alguma medida de fructos. [2]

Na ordem e dissolução geral foi envolvida a egreja luzitana. Ainda que se conservassem as antigas cathedraes, comtudo apenas é possivel, nos historiadores e documentos d'aquelles tempos, encontrar destacados os nomes de alguns bispos. Muitas egrejas estiveram privadas de pastores, ou porque as abandonassem, ou porque os mouros interrompessem a eleição. Nenhum

[1] A. C. do Amaral, *Memoria IV, para a legislação e costumes de Portugal.* Tom. VII das *Memorias de Litteratura da Academia.*
[2] Idem, § 53. *Elucidario* de Viterbo, vocabul. modio.

Digitized by Google

concilio se celebrou na Luzitania; e nos do resto da Hispanha apenas no de Cordova, em 389, sobre os erros dos *cassianistas*, [1] se acha assignado o bispo de Mérida; e no de Coiança, de 1050. o de Vizeu; além de alguns que assistiram ao de Oviedo, de 901, se é verdadeiro. [2]

A devoção religiosa e as riquezas e vantagens concedidas aos mosteiros, concorreram para a sua grande multiplicação: a maior parte dos mais afamados da nossa antiguidade, sobretudo no vasto territorio do Porto e Coimbra, [3] datam dos seculos IX, X, e XI. Os monges estavam sujeitos aos votos; alguns eram sacerdotes, outros occupavam-se do trabalho de mãos. Os seus bens consistiam em terras com escravos, ou colonos, pela maior parte dadivas dos bispos, dos reis, dos ricos homens, do povo, e até dos mouros, e quasi todos reconheciam algum padroeiro secular. Até ao XI seculo não tinham regra fixa; talvez se governassem alguns pela que San Fructuoso lhes havia dado. O concilo de Coiança, porém, sujeitou-se á de San Bento. A maior parte eram duplices, ou *mixtos*, isto é, constavam de individuos de ambos os sexos, reunidos em edificios contiguos. [4]

Mas, como a sua fundação era permittida a todos, havia muitos mosteiros que mal mereciam este nome. Começavam por pequenas egrejas, ou ermidas, que o proprietario fundava para os seus colonos ou escravos satisfazerem alli os preceitos da religião; tomavam o nome titular em um santo, e annexavam as pequenas po-

[1] Os cassianistas, além dos principios de fatalismo, seguiam muitas tradições não approvadas pela Igreja, de cuja disciplina se apartaram em grande parte. Vid. *Memoria* citada, § 12.

[2] Dom Thomaz da Encarnação, tom. II, secção 8.ª e 9.ª sobre o Concilio de Oviedo. Aguirre, tom. III, pag. 155.

[3] Taes são os de Lorvão, Moreira, San Simão de Junqueira, Arouca, Pedrozo, Pendorada, Santo Thyrso, Pombeiro, etc.

[4] *Memoria* citada, § 47, nota 216, D. Thomaz da Encarnação, tom. II, secção 10.ª e 11.ª, cap. VI.

Digitized by Google

voações visinhas, chamadas *decanias* ou *deganias*. E porque o presbytero, que alli officiava, que muitas vezes era o mesmo dono do terreno, tomava o habito de monge, e se aggregava a alguns companheiros, convertia-se em mosteiro ou ascetorio. Outras vezes os proprietarios fundavam estes esceterios desde logo por devoção, ou por interesse, para gozarem dos privilegios de coutos, que as leis lhes concedíam. É certo que taes mosteiros continuavam a ser propriedade do fundador, perpetuavam-se nas familias por testamento de successão, sujeitos a toda a especie de contractos. Pelo decurso dos tempos, uns extinguiram-se, outros formaram parochias seculares, mas a maior parte foi absorvida pelos grandes mosteiros. [1]

Esta mesma facilidade, porém, de fundar mosteiros, e de os pôr ao abrigo das leis civis, as dadivas que lhes vimos fazer *até de mouros*, prova á evidencia quanto era tolerante e essencialmente politico o dominio dos arabes. Os excessos do fanatismo partiam antes dos christãos, que d'elles. Os christãos conservavam quasi por toda a parte o livre exercicio da sua religião, observa o celebrado jurisconsulto a quem estou seguindo. Os ministros communicavam e correspondiam-se livremente; usavam das vestes ecclesiasticas, e até dos sinos para a reunião dos fieis. É verdade que muitas vezes se faz menção de egrejas destruidas, mosteiros roubados, e de grande numero de fieis martyrisados, principalmente durante a perseguição de Abderraman II, rei de Cordova, no seculo IX. Estes factos, comtudo, devem ser attribuidos *menos ao espirito de tolerancia, do que aos effeitos da guerra, e á especie de fanatismo, com que os christãos insultavam e desafiavam os mouros, zélo mal intendido, que chegou a ser condemnado por alguns concilios.* [2]

[1] Coelho da Rocha, *Ensaios sobre a historia do governo e da legislação de Portugal*, pagina 37, 38 e 39.
[2] Idem, pag. 37.

Digitized by Google

Um antigo documento do mosteiro de Lorvão, citado por frei Bernardo de Brito, [1] refere-se a estas circumstancias. E não importa frei Bernardo de Brito, cuja authenticidade em documentos se torna assaz contestavel, pois sobram os testemunhos historicos que o confirmam. O rancor dos nossos aos sarracenos produziu peiores resultados do que os effeitos naturaes da conquista. E este rancor aproveitou todos os momentos de desabafo. Os historiadores ecclesiasticos, toda a vez que teem de se referir ás invasões sarracenas, aporfiam em as denegrir com os epithetos mais exagerados. A verdade é constantemente deturpada pela falsa rhetorica de seu estylo. Chegam a appellidar de *barbaro* aquelle povo, que resumia a civilisação completa d'aquellas eras, e a quem a industria, as artes e as sciencias devem muitos dos seus maiores progressos, e equiparam a sua presença, nas terras de Hispanha, á marcha assoladora da peste!

O auctor da *Chronica de Albaida*, Sebastião de Salamanca, Izidoro de Beja, e outros, insultam-nos com o desvario do fervor religioso, que toca as raias do fanatismo, e foram estas inexactidões, filhas do odio de dogmas irreconciliaveis, que para muitos serviram de dados historicos. A verdade está longe d'isto.

A confusão era incontestavel, mas os elementos confundidos não devem ser tidos inteiramente por inuteis ou prejudiciaes. Aos trabalhos intellectuaes falleceu decerto o merito da arte: a fórma era rude, incompleta; a linguagem incorrecta, vacillante; o methodo obstruso; mas, como diz Guizot, [2] com esta fórma tão imperfeita, no meio de tão estranha mistura de idéas e de factos, ás vezes bem mal comprehendidos e mal ligados, os livros da edade media são monumentos assás notaveis de actividade e riqueza de espirito humano: encontra-se n'elles grande copia de vistas profundas e originaes: as

[1] Brito, *Monarchia Luzitana*, livr. VII, capit. VII, pag. 2.
[2] Guizot, *Histoire de la civilisation en France*, tom. I, pag. 174.

Digitized by Google

questões são ahi por vezes controvertidas até á sua essencia: lampejos de verdade philosophica, de belleza litteraria fulguram a miude no seio d'essas tempestuosas trevas. O minerio é bruto n'esta mina, mas contem abundancia de metal, e merece decerto ser explorado. No seio da sociedade religiosa era onde se manifestavam estas luzes.

As lettras acharam effectivamente na Peninsula um refugio nos mosteiros, que, como fica demonstrado, eram instituidos com toda a liberdade que a piedade desejava, e submettendo-se logo ao abrigo das proprias leis civis. Os monges eram então quasi os unicos depositarios de alguma sciencia litteraria, porque os nobres, entretidos nas suas contendas reciprocas, e guerras de fronteira contra os infieis, não curavam de outra instrucção que não fosse o manejo das armas. Continuaram pois alguns monges a dar-se ao estudo dos livros santos, e a conservar de certo modo a tradição das lettras latinas, e tambem a archivarem os successos mais notaveis que se ligavam com as instituições monasticas. Foi principalmente na provincia do Minho que começou a respirar do seu captiveiro, no começo do seculo IX, liberta pelo ferro victorioso dos principes christãos, a restauração dos estudos ecclesiasticos com a restauração do instituto claustral. Com a fundação de mosteiros novos, e outros erguidos das ruinas, se foi pouco a pouco desterrando a ignorancia, facto aliás notavel por pertencer aos seculos IX e X, justamente aquelles mais capitulados de obscuros, pelo cataclysmo das contendas religiosas e territoriaes que então envolvia a Peninsula toda. A invasão dos arabes, como já fica observado, e as suas consequencias, constituiram uma d'essas causas, mas é mister descriminar os effeitos da primeira invasão, capitaneada por Musa, que foi vingativa, barbara e assoladora, das que lhe succederam depois, e cuja acção já não deve ser qualificada da mesma fórma para a situação social dos povos conquistados. E pela analyse d'esta situação se conhece a differença dos dominadores, porque todos

Digitized by Google

os habitantes da Luzitania, sujeitos aos visigodos, permaneciam em total estado de ignorancia, chegando a tanto que toda a vez que apparecia um documento qualquer, logo se declarava havel-o escripto um presbytero, e ás vezes um diacono, signal evidente de que os leigos não sabiam escrever, ao menos a linguagem chamada latim, em que taes escripturas se costumavam lavrar, [1] emquanto que entre os povos dominados pelos arabes floresciam as artes e as lettras, dando prova d'isto muitos escriptores notaveis apparecidos n'esta quadra, justamente n'aquella em que quasi toda a Europa se via entregue aos estragos da guerra. No *Catalogo dos monumentos arabico-hispanos*, existente na bibliotheca do Escurial, por Dom Miguel Cesari, vem apontados os portuguezes celebrados então, e principalmente na poesia, durante o dominio dos sarracenos; e no catalogo do arabe Abu Baker Alcodad Ebn Alhabar, ácerca das differentes bibliothecas arabicas das Hispanhas, enumera este auctor, entre muitos escriptores hispanhoes, vinte e cinco portuguezes, cujos nomes e obras reproduz o citado Cesari no seu *catalogo*.

E ainda se citam, em referencia a este periodo que vamos percorrendo, os seguintes homens celebres, de quem a historia, posto que contèstada a respeito de alguns d'elles, nos conserva noticia. O historiador e theologo Paulo Osorio, encarecido com eloquentes rasgos panegyricos pelo grande doutor da egreja, Santo Agostinho, e que tanto se exaltou na refutação das doutrinas priscillianistas, causa de grandes males moraes nas Hispanhas; Avito, companheiro de Osorio, e douto na lingua grega, como o prova na versão que fez da *Carta* de Luciano; Aprigio Pacense, theologo; Dom João, bispo de Gerona, tambem historiador; Adacio, bispo de Lamego, ou de Lugo; Pedro Alladio, historiographo notavel;

[1] *Memoria IV para a historia da legislação e costumes de Portugal, no governo dos arabes na Hispanha*, por Antonio Caetano do Amaral.

Digitized by Google

San Fructuoso, bispo de Braga, assás versado nas sagradas lettras, [1] tudo homens que evidenceam, por seus escriptos de grande nomeada, não ser uma épocha de absoluta ignorancia áquella que atravessaram.

E isto mais se confirma, quando se lê o discurso do erudito João Pinto Ribeiro, *Preferencia das lettras ás armas,* em que observa, com o chronista frei Antonio Brandão, [2] que havia já em Portugal estudo de sciencias, no governo de Dom Affonso VI, pae de Dona Thereza, mulher do conde Dom Henrique, porque os principes portuguezes, mesmo a braços com as asperezas da guerra, não se esqueceram das lettras, e tanto assim que o conde Dom Sisnando, logo que recuperou o senhorio e governo de Coimbra, instituiu um seminario, *em que se creassem moços que illuminassem o reino com seu saber.* E o mesmo Brandão, referindo-se ao primeiro bispo de Coimbra, Dom Paterno, depois da cidade liberta da sujeição dos mouros, accrescenta que, *o sobredito bispo, com recado de el-rei (Dom Affonso de Leão) e do consul (Dom Sisnando), deu ordem a um seminario de moços na propria Sé episcopal e egreja de Santa Maria da mesma cidade; a estes determinava, e foi dispondo para receberem o grau de presbyteros.* [3]

E aqui poderia accrescentar o que diz frei Luiz de Sousa, como comprovativo do que fica exposto: — Desde a sua primeira poericia entrou o bemaventurado Gil (famoso medico d'aquelles tempos, que era quasi tido por magico) a frequentar mestres em Coimbra, na qual cidade, como côrte que era n'aquelle tempo dos monarchas portuguezes, se achavam em grande vigor os estudos das lettras. [4] E logo, em pagina diversa, *que era Coimbra o assento da côrte, e juntamente havia n'ella*

[1] Vid. *Epistolas* de Sam Jeronymo, edição de Verona, e *Appendice*, tom. VII de Santo Agostinho.
[2] *Monarchia Luzitana*, part. III, liv. 5.º
[3] *Idem*, part. III, liv. VIII, cap. V.
[4] *Historia de San Domingos*, part. I, liv. II, capit. XIII.

Digitized by Google

*mestres das boas artes e sciencias. Porque el-rei Dom Sancho (o primeiro), como recebeu de seu pae o reino pacifico e rico, procurou illustral-o e accrescental-o por muitas vias, e não lhe esqueceu as lettras, que é o que mais lustre dá aos homens e ás provincias.* [1]

Todas estas noticias e referencias provam que os conhecimentos litterarios não se haviam tornado completamente estranhos aos cuidados dos governantes, e que os seus resultados haviam por força de diffundir-se por algumas classes, se observarmos que, n'esta mesma época, e já desde épochas anteriores, estavam fundadas escholas em Coimbra, Guimarães, e outras terras principaes de Portugal. Estas escholas tinham sido abertas nas sés. Na sé de Coimbra estabeleceu-se uma, outra em Santa Cruz, segundo assevera Dom Nicolau de Santa Maria, na *Chronica dos Conegos*, [2] onde se diz que se lia publicamente, grammatica, [3] theologia e medicina; e frei Francisco Brandão dá noticia tambem de que nas cathedraes d'este reino (refere-se já a um periodo mais proximo) se ensinavam as lettras, e para os que estudavam havia tambem livrarias publicas. No tempo antecedente á fundação da Universidade se ensinava nas cathedraes do reino grammatica: na sé de Lisboa estu-

[1] *Loc. supracit.*

[2] *Chronica dos Conegos Regrantes*, parte II, livro VII, capitulo 72.º

[3] O vocabulo *grammatica* tinha n'esta época um significado muito mais amplo, scientifico e complexo, como bem o observa Bluteau, e abrangia um conjuncto de disciplinas, equivalente, pouco mais ou menos, ao que depois se ficou chamando humanidades. Dizer grammatico era como dizer *humanista*, ao presente philologo, e tanto assim que o famoso juris-perito Thomaz de Anversa, napolitano, do qual só ficaram obras de direito, é denominado *grammatico*. Este termo ficou correspondendo decerto, com o andar do tempo, á denominação de letrado.

«Dans celle périodo on nommoit *grammaire* tout ce qui aujourd' hui est compris sous la dénomination philologique; l'étude de la langue, ainsi que celle de la mythologie, et des antiguités. La grammaire proprement dite etait nommée *grammatistique*. F. Schoel, *Hist. Abreg. de la Lit. Grec.* tom. I, periodo 5.

Digitized by Google

dou Santo Antonio, como noticía San Bernardino: e ainda em toda a Hispanha, antes que houvesse universidades, se faziam livrarias publicas nas sés, cathedraes, e egrejas parochiaes para estudarem aquelles que se destinavam ás letras, de que existem muitos exemplos apontados nas chronicas d'estes reinos. Carlos Magno, com as suas Capitulares, havia dado grande impulso á illustração da Europa; e a fundação das escolas das collegiadas deve considerar-se um effeito d'esse impulso, recebido na instrucção ecclesiastica. Como em França, os nossos primeiros livros foram Biblias, vertidas em vulgar; com o que o povo utilisou, pois lhes serviam para seu ensino, e d'aqui se derivaram depois os estudos organisados nos mosteiros, denominados *humanidades*, como subsistiram até á extincção dos conventos, e de que resta ainda a lembrança, como San Vicente, Espirito Santo, Paulistas, Marianos ou Torneiros (carmelitas descalsos), e da mesma sorte a denominação de mestre-escola, ainda hoje usada nas sés e cathedraes, mas que, pelas variações do tempo, passou depois a ser uma das dignidades dos cabidos, talvez em memoria de haverem sido os mestre-escolas os directores dos estudos.

Não me parece que a derivação seja forçada, e antes se me affigura natural. O mestre-escola era primitivamente aquelle que ensinava; depois, vindo a fazer parte da collegiada, e não podendo ser senão ecclesiastico, visto serem estes os unicos individuos instruidos nos primeiros seculos da nossa monarchia, é de presumir que, quando se organisaram os cabidos, entrasse para elles, levando comsigo a mesma denominação, porém accrescentada na cathegoria, por vir a superintender aos estudos das sés ou cathedraes, que é o cargo que lhe ficou competindo. As dignidades que ainda hoje representam o cabido são:—O deão, chantre, arcipreste, arcediago, thesoureiro, e mestre-escola, todas desempenhadas pelos conegos mais qualificados, formando o resto o cabido.

No seculo XII, quando a nacionalidade portugueza

Digitized by Google

começava a constituir-se, florecia na Europa meridional e na Hispanha o grande periodo da creação epica. A Allemanha resuscitava as suas tradições guerreiras de Attila, e com as antigas *cantilenas* formava o novo cyclo dos *Niebelugens*. A França, enthusiasmada com as façanhas dos heroicos Paladinos de Carlos Magno, produzia as bellas *canções de Gesta*, agrupamento das velhas tradições assimiladas nos altos feitos de Roldão, Oliveiros e seus irmãos de armas. E a propria Hispanha, encontrando no bello ideal do heroismo do seu maior capitão, o Cid Campeador, analogos rasgos de valor, investia os seus heroes da celebridade dos heroes dos cyclo carlingiano, e erguia a formosa *Iliada* hespanhola nos seus *Romaneiros*. Em Portugal, os successos de algum modo dispunham tambem os espiritos para receberem a acção d'este influxo. Exemplos de desusada intrepidez multiplicavam-se e cada vez mais solemnisados pela victoria da nossa espada. As conquistas de Dom Affonso Henriques, os triumphos da cruz sobre o povo anathematisado pelo odio do clero, pela ambição dos nobres, e pelo fanatismo popular, um reino a constituir-se, uma nacionalidade a consolidar-se, eis de certo um espectaculo essencialmente epico, que só de per si deveria accender estimulos de orgulho no peito portuguez, se não se houvessem estabelecido já outras correntes de inspiração alheia. Porém, o abalo impulsivo, que lavrava em Hispanha, não lavrava n'esta parte da Peninsula. Uma excessiva predilecção pelas lettras latinas apagou todas estas influencias, ou antes a apathia do genio nacional, suffocado ou distrahido por outras causas, esterilisou o talento poetico em face do grandioso theatro de tão victoriosos commettimentos.

Com a entrada no territorio portucalense dos trovadores francezes, do sequito do conde D. Henrique, ou de seus proprios companheiros de armas, necessariamente se introduziram muitos dos cantos carolinos: os cruzados, que seguiam pelo Mediterraneo á conquista da Terra Santa, e que nos deram auxilio na tomada de

Digitized by Google

Lisboa, da mesma sorte nos trouxeram muitas das tradicções cavalleirosas do norte da França, que se diffundiriam no campo portuguez. D'esta ordem de factos historicos existem vestigios e até documentos authenticos. É a *Chronica Gothorum* que o assegura, quando relata que por aquelles tempos (os do reinado de Dom Affonso Henriques e era de MCLXXVIII) abicaram ao Porto de Gaya algumas náus, vindas inesperadamente das partes das Gallias com cavalleiros armados que se iam com voto de combater em Jerusalem, e que sabendo Dom Affonso do successo se fôra a fallar com elles, que eram cêrca de setenta, para irem pôr cêrco a Lisboa, elles pelas bandas do mar, e o rei pelo lado da terra, e que depois de um longo e mallogrado assedio, o monarcha volvêra á sua terra e os cavalleiros seguiram o rumo da Terra Santa. [1] E na mesma *Chronica* se narra tambem, que havendo já o rei cercado Lisboa no mez de julho de MCLXXXV, por um rasgo da Providencia aportára a Portugal uma grande frota vinda das Gallias, que lhe prestara importante auxilio. E na *Chronica da Fundação do Mosteiro de San Vicente* se lê o seguinte: «Entom os christãos do senhorio de França e de Bretanha e de Guitania, e as nações dos Gontonicos, veendo elles que era grande serviço de Deos e salvaçan das almas dos christãos o que el-rey dom Affonso de Portugal fazia, ouveromlhe enveja, e quizeram ser participantes em tal guerra como esta, por que tal enveja como dito é cabe em Deos, que é enveja de se haver de acrescentar o seu serviço. Entom cada uma d'estas nações de gentes se aparelharom com muitas naves que ouverom, e veerom todos juntamente a Lixboa com grandes companhas bem armadas e prestes pera trabalhar, e desejavam haver vitoria dos emigos da santa fé.» [3]

[1] *Monum. hist.*, publicados pelo sr. Herculano por commissão da Academia, vol. 1, pag. 13.
[2] Idem, pag. 15.
[3] Idem, pag. 408.

Digitized by Google

N'esta mesma *Chronica Gothorum* conta-se egualmente como Coimbra, depois de conquistada pelos nossos, fôra povoada por uma colonia franceza, [1] e na já citada *Chronica* da fundação do mosteiro de San Vicente refere-se que «entom partiu as terras por esta guisa: *deu aos francezes* e aaquelles que com elles quizerom ficar das nações susoditas, o senhorio da Azambuja, e de Villa Verde e de Atouguia, e de Lourinhãa, seendo os ditos logares em aquelle tempo terra chãa; e depois forom os ditos lugares poboados das ditas nações.[2] E nas *Chronicas breves e memorias avulsas de Santa Cruz de Coimbra,* accrescenta-se: e se forom em sua ajuda em esta toma muitas companhas *dalemaees e framengos* e doutras nações, que veerom per mar, antre as quaes forom hi quatro capitãaes que haviam nome dom Guilhim de Licorne e dom Rooim e dom Juzhertz, e dom Ligel. Estes quatro demandavam parte da villa a el-Rey dom affonso porque forom na tomada della. E el lhe disse que o nom faria, mais lhe daria outros logares que poborassem eles e sua linhagem pera todo o sempre, e que lhe conhecessem delles o senhorio. E a hum delles deu a azambuja, e a outro villa verde, e ao outro a lourinhão; e estes dizem que forom de Frandes e trouxerom todos seus linhagens e seus averes, e poborarem estes logares.» [3] E como vestigio d'este antigo senhorio francez encontramos nos foraes d'estas mesmas villas isenções e penas que não são da indole da nossa legislação penal, nem immunidades foraleiras communs a outras povoações do reino.

E esta colonisação proseguiu em todo o reinado de Dom Affonso Henriques, e ainda depois. A ella se deve decerto a implantação dos poemas dos trouveiros, dessas legendas epicas da *lingua d'Oil,* que depois ouvimos na boca dos jograes. E entre esses cavalleiros vie-

[1] Idem, vol. I, pag. 9.
[2] Idem, vol. I, pag. 411.
[3] Idem, vol. I, pag. 29.

Digitized by Google

ram inquestionavelmente trovadores: Marcabrus, da eschola poetica da Aquitania, foi um d'esses e o mais celebrado. Um dos motivos que attrahiram os trovadores a Portugal, diz o sr. Alexandre Herculano, talvez fosse o publicar-se que os cavalleiros e homens de armas que viessem defender a Extremadura contra os infieis, e mui particularmente Leiria, que os mouros occupavam, gosariam das mesmas graças que gosariam indo á Palestina, e seus peccados seriam remidos como se morressem em Jerusalem. [1] Assim é indubitavel que as tradições da França do Norte nos foram transmittidas da mesma sorte que se estabeleceram tão radicalmente os seus naturaes, e os seus usos e costumes se insinuaram por entre os nossos. A poesia seguiu esta corrente. A poesia era então a companheira inseparavel dos campos de batalha. A guerra tornara-se o thema, a alma a preoccupação poetica da épocha. O uso da theorba, instrumento de origem arabica mas transmittido aos trovadores, e sobretudo a *çanfonha*, antiquissima em França com o nome de *cymphonia*, provam a adopção d'estes costumes. [2] A *çanfonha* foi desde os primeiros seculos da monarchia o instrumento predilecto e caracteristico da poesia do nosso povo. Ainda hoje é popular na Galliza, e nas nossas provincias, onde a tocam os cegos á maneira dos jograes, de quem elles são os successores, e até por vezes no proprio genero das cantigas que lhes ouvimos. A *poitevine*, moeda com que se pagava aos jograes, e depois introduzida nos nossos proloquios e annexins com o nome de *patavina*, tambem era uma moeda franceza. N'uma palavra o proprio verso alexandrino francez encontramol-o empregado nos primeiros monumentos da Hispanha e em varios romances nossos, e até grande copia de ter-

[1] *Hist. de Portug.*

[2] Chama-se em França *symphonie* um instrumento que os cegos tocam, cantando as *canções de gesta*, e tem este instrumento doce som e muito agradavel de ouvir. *Les Epop. Françaises*, tom. I, pag. 393, citadas pelo sr. Theophilo Braga.

Digitized by Google

mos se insinuaram no nosso vocabulario, como o patenteiam as canções provençalescas depois encorporadas no *Cancioneiro do Collegio dos Nobres*. Tudo emfim nos mostra o quanto a influencia franceza se derramára em Portugal e ahi lançára fundas raizes. Todavia, apesar de tudo isto, a verdade é que as epopêas do genio francez só por excepção deixaram aqui e alli algum mal apagado vestigio.

A mudez com que correspondemos aos cantos heroicos de toda a Europa, possuindo nós de casa o arrojo temerario e o caracter audaz e aventuroso dos grandes guerreiros de então, como o primeiro rei portuguez, Gonçalo Mendes da Maia, o *Lidador*, Egas Moniz, Martim Moniz, Gonçalo Hermingues, o *Traga-Mouros*, Dom Fuas Roupinho, Dom Payo Gutterres, o *Sipião Portuguez*, Dom Gualdim Paes, mestre da ordem do Templo, que na sua individualidade epica poderiam absorver o enthusiasmo dos cantos carolinos, ou despertar outros proprios, pode-se apenas explicar pela concentração na cultura latina. Os feitos de armas decerto excitaram o engenho poetico, mas a irresistivel propensão classica, conservada pelos monges e escholares, suffocou-lhe a florescencia logo nos primeiros momentos, subjeitando-o a uma fórma invencivel, a fórma latina. Tambem outra natureza de factos dá a razão d'este successo. N'aquella parte do seculo XII já actuavam fortemente em Portugal duas ordens de inspiração: a dos trovadores e a jogralesca. A poesia dos trovadores, a dos nobres e enamorados, era a poesia affectuosa, das damas, dos castellos e saraus, e a poesia dos jograes era a poesia errante, zombeteira, satyrica, narrativa, que havia por habito reduzir as tradições e antigos cantos á fórma breve de suas cantigas, mas que não compunha originalmente. Poemas só poderiam sahir ou da fonte erudita, ou do estro verdadeiramente popular: porém este, que, espontaneo, produziria cantos de genuino sentimento nacional, havia já sido reprimido pelo cultismo provençal e pela aristocracia da egreja, que o banira dos tem-



Digitized by Google

plos, [1] esterilisando-lhe assim uma das suas mais caracteristicas e fervorosas inspirações. Quanto á poesia erudita, essa não abandonava a cultura classica, principalmente sustentada pelos monges e escholares. O estudo do latim atrophiou todas as outras influencias, e apoderou-se de todas as fórmas litterarias. E tanto assim que a tomada de Santarem e a de Alcacer do Sal foram decantadas em dois poemas latinos. Tambem é em latim uma narrativa da tomada de Santarem, que alguns criticos e historiadores da eschola antiga, e entre elles Freire de Carvalho, attribuem ao proprio rei Dom Affonso Henriques, tirando porventura d'aqui fundamento para o denominarem sabido latinista e bom poeta. Esta *Historia da Conquista de Santarem* conservou-se por muito tempo manuscripta, no archivo do extincto convento de Alcobaça, e foi inserta por frei Antonio Brandão no Appendice da 3.ª parte da *Monarchia Lusitana*. A respeito d'este escripto diz o sr. Alexandre Herculano [2] — «Existe uma relação da tomada de Santarem, especie de poema em prosa, em latim, em que figura o proprio rei, narrando as particularidades da empresa. Esta composição é, segundo cremos, obra de um monge de Alcobaça. Infelizmente não ha absoluta certeza de que seja coéva, posto que muitas probabilidades militem em seu abono.» A pureza do latim, por se afigurar ao erudito escriptor de um seculo mais aperfeiçoado, suscita um dos fundamentos á sua duvida.

[1] Foi só nos fins do seculo XII que Innocencio III prohibiu abertamente a mistura dos cantos populares nas resas das egrejas, mas já antes d'essa prohibição formal, os bispos, instados pelas reclamações contra os escandalos da demasia extravagante e até mesmo licenciosa d'esses cantos, haviam publicado Constituições em que reduziam ás orações puramente liturgicas as solemnidades religiosas. Assim, a poesia popular, pelo abuso de alguns mal intencionados que lhe deturpavam a sua indole, ficou privada de uma das suas inspirações, em que o fervor da fé christã pedia á ingenuidade do caracter primitivo do nosso povo singelos trechos de sincera e expansiva piedade.

[2] *Historia de Portugal*, tom. I, pag. 355.

Digitized by Google

Em todos estes factos a influencia classica, e ainda outra, como principal causa d'onde aquella proveiu, isto é a influencia monastica, se observam e podem explicar os effeitos notados, porque, se esta falta de enthusiasmo pelos grandes acontecimentos da Europa e total indifferença no seio da atmosphera de poemas guerreiros que a glorificavam, se póde deduz da indole do caracter portuguez, sombrio e taciturno, difficil de sahir de seus habitos pelo affêrro aos usos inveterados, qualidades que talvez ainda lhe provenham dos iberos, tambem se pode fundamentar no influxo do monachismo, que tão fortemente imperou nos primeiros seculos da monarchia, desde Dom Affonso Henriques até Dom João I, principalmente. Este influxo do monachismo atrophiou os instinctos artisticos, e até os das lettras. San Bernardo, esse genio cuja severidade e energia foram uma potencia da edade media, que arrastou após si os reis e os exercitos ás cruzadas da Syria, fundára uma regra celebre pela sua austeridade canonica. N'ella se bania dos templos a ostentação das obras de arte: nem as sedas, nem o ouro, nem os ornatos esculpturaes podiam ahi resplandecer. Foi exactamente no reinado do primeiro rei portuguez que se fundaram os mosteiros d'esta ordem. O de Alcobaça é o mais notavel, e tambem o mais caracteristico da regra cistercience, ao mesmo tempo poderosa e severa. O exame da parte primitiva da sua architectura, apenas solida e sem elegancia, o aspecto geral do templo, colossal e rude, indicam claramente a condemnação do favor ás artes, que presidiu á sua construcção, como um facto desnecessario a bem de mundanidades superfluas. Esta rigidez pois, partindo da religião, e actuando nas artes, e, por conseguinte, nas imaginações, n'esta épocha em que os factos da vida tão ligados andavam ás cousas da egreja, não podia ser tambem totalmente alheia a esta situação moral.

A austeridade das instituições monasticas, e, portanto, um dos seus resultados praticos e mais positivos, a

Digitized by Google

cultura antiga, a insistencia e primasia que se dava á litteratura latina, contribuiram inquestionavelmente para a repugnancia com que deveriam ser ouvidas por certos eruditos essas tradições dos commettimentos mais fabulosos dos heroes do cyclo carlingiano.

Temos, pois, assumptos essencialmente patrioticos, cujo destino deveria ser comprehendel-os o povo, reduzidos á fórma latina, o que os tornava exclusivo peculio da erudição classica. Algumas lendas restam sobre o grimeiro rei portuguez, e os episodios da sua vida conquistadora e irrequieta, mas são em prosa. A actividade da nossa inspiração poetica, ou perdida, ou pouco espontanea, não teve força para lhes dar fórma metrica.

Entre estas lendas vem uma tradição epica, que pertence ás que se reproduziram pela vinda dos cavalleiros francezes, que merece ser lida pelo caracter grandioso que a reveste. O sr. Theophilo Braga acha-lhe o caracter sublime do cyclo carolino, o que é evidentemente uma prova da influencia franceza.

«Estando já assi a cidade de Lisboa su o poder dos christãos, e ordenada em serviço de Deus acaeceu hum dia que soterrarom no dito mosteiro de Sam Vicente hum cavalleiro que havia nome Anrique, e foi natural de uma villa a que dizem Bona, que faz quatro legoas aalem de Colonha: cavalleiro boo, e ben fidalgo e abastado de todos bons costumes, e foi morto na entrada da cidade, fazendo muito bem per seu corpo e vertendo de grande vontade o seu sangue entre os mouros, pola paixom de nosso salvador Jesu Christo... Depois d'esto a poucos dias acaeceu que um escudeiro do sobredito cavalleiro Anrique, que fôra na entrada da cidade, fôra mal chagado dos ennumigos de grandes feridas, em tal maneira que a pouco tempo depois da morte do dito cavalleiro Anrique seu senhor, passou o dito seu escudeiro no mosteiro de Sam Vicente e foi hi sepultado em huma sepultura a longe onde jazia o dito seu senhor. E depois que este escudeiro assi foi enter-

Digitized by Google

rado a longe do muimento de seu senhor, como dito he, o sobredito cavalleiro Enrique apareceu de noite em sonhos a aquelle que era guardador e servidor da egreja do dito mosteiro: e este era Enrique leigo, o qual fôra estabelecido pera o serviço da dita egreja como dito he: e aparecendo-lhe o dito cavalleiro disse-lhe assi: — Levantate e vae aaquelle logar onde os christãos enterraram aaquelle meu escudeiro, longe de mim, e toma o corpo d'elle e trageo aqui iunto comigo.» E o dito Enrique servidor, veendo esta primeira vissom nom curou d'ella nenhuma cousa. Entom veo outra vez o dito cavalleiro ao dito Enrique servidor e disselhe que fizesse e cumprisse aquello que lhe dito avia: e o dito Enrique nom curou delle nenhuma cousa. E quando veo a terceira vez, apareceulhe o dito cavalleiro mui bravo, e com rosto e face mui espantosa, e com seu dizer de grande medo e espanto, porque nom cumpria aquello que lhe já por tantas vezes mandara fazer. Entom o dito Enrique servidor, veendo o dito cavalleiro em como vinha irado contra elle, ouve gram temor e espanto e levantou-se logo donde jazia dormindo, e foi com candeas aa sepultura onde jazia o dito escudeiro, e desenterrouho, e levantou o corpo d'ali, e trouxeo pera aquella sepultura onde o dito cavalleiro jazia, e feze-lhe uma sepultura a melhor que el pode fazer, e suterrou o escudeiro em ella iunto com seu senhor, assi como lhe fôra mandado. E todo esto fez de noite com grande medo que avia do dito cavalleiro: e quando veo na manhãa, achou-se este Enrique tam sem afam, nem trabalho que no corpo sentisse, que bem pareceu que nunca per elle tal trabalho como aquelle passara.» [1]

Aqui temos portanto, quasi demonstrado evidentemente, que as tradições epicas francezas penetraram em Portugal, pois as transmittiram e conservaram a vinda e a colonisação dos cavalleiros francezes, em terras portu-

[1] *Mom. Hist.* vol. I, pag. 410.

Digitized by Google

guezas, mas não as diffundiram, ficando d'ellas apenas raros vestigios.

Porém, se a tradição dos poemas carolinos não encontrou terreno proprio para medrar e florescer, outro tanto não aconteceu com essa outra poesia, tambem de proveniencia franceza, a poesia provençalesca. Introduziu-se ella com a corrente mais popular, comos jograes, com esses cantores tão bem accolhidos sempre, e que vagabundeavam de terra em terra, cantando ao som da çanfonha as novas *Canções de Gesta*, que os differentes povos decoravam e reduziam depois a outras mais breves, ajuntando-as ás velhas narrativas locaes.

Mas é assás difficil prefixar a épocha da existencia dos primeiros trovadores portuguezes, ou mesmo d'aquelles trovadores forasteiros, que visitaram esta parte occidental das Hispanhas, ainda que, n'este ponto, por serem nobres grande quantidade d'elles, muito nos auxiliam os *Nobiliarios*, sobre os *Cancioneiros* e os *Romanceiros*. A verdade é que a historia litteraria, n'este particular, não póde ser senão conjectural, como é egualmente a historia politica. A excepção póde-se considerar o facto averiguado. E comtudo é fôra de duvida que a vinda do conde Dom Henrique, acompanhado de varios fidalgos francezes, foi um dos acontecimentos directos e pessoaes que não podemos regeitar, e cujos resultados encontrâmos depois confirmados nos proprios *Cancioneiros*. É porém custoso determinar o periodo da entrada e predominio em Portugal da poesia provençal. Subsistem mui diversos alvitres, e todos documentados. Uns pretendem que a influencia provençal nos viesse directamente da Provença, trazida pelos guerreiro-trovadores e cruzados, aportados a Lisboa, na sua viagem pelo Mediterraneo á Terra-Santa, ou pelos que seguiram o conde de Bolonha, no seu regresso á patria: outros querem que ella nos fosse transmittida n'outras épochas anteriores, por intermedio da Galliza. Estes sustentam que por duas vias entrára ella na Peninsula: pela Catalunha e pela Galliza, depois tornadas grandes

Digitized by Google

centros d'onde se ramificou, da Catalunha, para Barcelona e o Aragão, e da Galliza, para Castella e Portugal. «O que, porém, excitou e accendeu mais os nossos, observa Ribeiro dos Santos, foi por certo o trato e communicação que tiveram com a Galliza, nossa visinha e commarcã, antigo solar das musas hispanholas, e provincia de primor e fartura na lingua, e muito affeiçoada desde a mais alta antiguidade ao exercicio das trovas e cantares. *Com sua gente se povoaram nossas terras em diversos tempos*, já dos reis de Leão Dom Ramiro I, Dom Ordonho I, Dom Affonso III, Dom Fernando, Dom Affonso IV, já do conde Dom Henrique e do seu filho Dom Affonso Henriques, concorrendo os naturaes de Galliza nas conquistas e populações d'este reino, ou vissem de envolta com as tropas militares, que cá desceram, ou já com a esperança de melhor fortuna: *com estes vieram de mistura innumeras familias nobres d'aquelle reino de que ainda restam nelle seus primeiros solares avoengos.*»[1] E a esta mesma concorrencia da gente da Galliza, na conquista e povoação de Portugal, allude o antigo poeta João Mena, no seu *Labyrintho*:

Conquiso Sepulveda con lo ganado
Avis, Portugal; y poblólas luego
De gente de Asturias, y mucho gallego,
Gentio que vino de vuelta mesclado.[2]

Póde-se portanto affirmar que a influencia provençal nos veiu n'uma d'estas correntes, e que a influencia galeciana já existia. Este parece-me ser de feito o facto historico; devendo dar-se, por conseguinte, á vinda do conde Dom Henrique a importancia que deve ter n'este caso, e que debalde lhe intentam escurecer. Toledo,

[1] Ribeiro dos Santos, *Memoria* sobre as *Origens e progressos da poesia portugueza. Mem. da Litt. da Acad.* tom. VIII, part. I.
[2] Mena, *Labyrintho*, copl. 275.

Digitized by Google

este fórte baluarte do valor mussulmano, apresentava obstinada defesa aos assaltos dos guerreiros hispanhoes. Cahiu por fim, e essa façanha das armas christãs encheu de hymnos de gloria o campo dos fidalgos de Affonso VI e de episodios victoriosos a inspiração dos trovadores e menestreis do tempo. Os sons dos alaudes e das theorbas reboaram festivos pelas abobadas dos castellos senhoriaes. No seio d'este alvoroço de jubilos guerreiros erguia-se a fama do primeiro capitão das Hispanhas, de Ruy Dias de Bivar, do grande Cid, do heroe a quem as hyperboles da imaginação popular, tornada supersticiosa pela grandeza dos successos decantados, havia já auréolado dos prestigios da lenda, por lhe parecer pouco a verdade historica para lhe tecer o elogio. Affonso VI aproveitára-se do conjuncto de circumstancias para alargar os seus dominios, tomando por fito a conquista de toda a Castella. Grande numero de cavalleiros francezes foram convidados para esta especie de nova cruzada. Ao convite acudiram guerreiros gascões, francezes e provençaes. O conde Dom Henrique, seguido de seus parentes, de companheiros de armas e mais comitiva, foi um d'esses. N'estes importantes acontecimentos, os trovadores eram a alma, o estimulo, o brado da victoria, e não poucas vezes até a propaganda. Tão fulgurante e aguerrida phalange de espadas christãs ainda não havia avistado campo agareno, depois da ultima cruzada, após o intervallo de duzentos annos. A tradição dos antigos feitos na Palestina, a emulação reciproca de guerreiro para guerreiro, a attenção da Europa christã que sobre elles estava fixada, era mais que ao incitamento do valor era a instigação á temeridade. O exito coroou os esforços reduplicados, e a Hispanha contou mais um vasto reino, ganho victoriosamente aos mouros.

Assim podemos facilmente certificar, que a presença do conde Dom Henrique, na côrte do rei hispanhol, não significou um acontecimento singular, despojado de circumstancias extraordinarias, senão um imponente

Digitized by Google

feito, cuja natureza e consequencias foram d'aquellas que forçosamente haviam de inflammar o estro dos trovadores, e attrahir grande copia d'elles.

Mas quem foram esses trovadores? A historia, n'esta parte, apparece-nos preplexa e quasi sempre obscura, posto que devamos attribuir antes esta obscuridade á falta de registos seguros que nos colligissem os cantos dos poetas d'aquellas eras, e nol-os transmittissem, do que á carencia absoluta de engenhos poeticos. No reinado de Dom Affonso Henriques falla-se d'alguns trovadores portuguezes e até d'elles se indica o nome, como Egas Moniz, e Gonsalo Herminges, por cognome o *Traga-Mouros*.

Porém, torna-se uma questão verdadeiramente difficil verificar a existencia dos trovadores n'estes primeiros annos da monarchia. Faria e Sousa, nas notas ao *Nobiliario*, assegura pertencerem ao seculo XII Juan da Gaya, Fernan Garcia Escaravenha, Juan Soares Payva, Juan Martinez e Vasco Fernandes de Praga, que o *Nobiliario* do conde Dom Pedro cita, e que Faria e Sousa dá como pertencentes á côrte de Dom Affonso Henriques; porém, a totalidade d'elles é do seculo XIII, como se verifica pelo exame do *Livro Velho das Linhagens*. E d'estas controversias resultam outras muitas, sem melhor resultado para a averiguação de tal assumpto.

É comtudo indubitavel que n'esse tempo a poesia teve seus dilectos, em Portugal. Já então os principes e a nobreza, por distinctivo e moda de jerarchia, e até como prenda annexa ao exercicio das armas, se davam a trovar. As côrtes da Provença e da Italia e do Aragão dão-nos d'isto o exemplo. Os dois nossos primeiros cancioneiros mais antigos, o do *Collegio dos Nobres* e o de *Dom Diniz*, trazem o nome de muitos fidalgos portuguezes, dos seculos XII e XIII, que foram trovadores ou copleiros. Entre elles tambem encontramos alguns estrangeiros e até jograes. E a preponderancia da poesia póde-se até de certa maneira aferir pela pre-

Digitized by Google

dilecção que subsistia na côrte de nossos primeiros reis, e junto da nobreza, para com os jograes.

O uzo de ter jogral assoldadado encontra-se logo nos primeiros reinados da monarchia portugueza. Este uso, se não subsistia já nas Hispanhas, trouxe-o o conde Dom Henrique de França, onde era geral, como em todas as partes da Europa, onde os costumes senhoriaes do feudalismo se arraigaram. De Dom Sancho II, Dom Affonso III, Dom Diniz consta por documentos authenticos. D. Manuel tambem adoptou chocarreiros castelhanos, que tanto monta como dizer bobos ou truões.

Que devemos presumir que os conflictos da côrte dos primeiros soberanos portuguezes deveriam abafar muito o natural desafogo do talento poetico. As desavenças, para logo armadas de Dom Affonso Henriques com sua mãe; a cubiça do conde de Trastamara e o seu condemnavel affecto a Dona Thereza, o que lhe rebellou em crua guerra seu filho, de que foi theatro o historico castello de Guimarães; depois as dissensões do rei portuguez com a Santa-Sé, quando ainda não havia embainhado de todo a espada vencedoura dos régulos mouros em Ourique; a preoccupação constante da guerra de fronteira com os mouros, a cubiça dos nobres entre si e dos despojos dos vencidos, a incerteza dos combates, a instabilidade da vida dos campos de batalha, tudo isto fórma uma serie de perturbações, em que os sentimentos guerreiros, e os receios graves da politica deveriam ser os unicos attendidos.

No entanto, documentos subsistem de que a côrte do primeiro rei portuguez, francez por seu pae, e attrahido decerto para as recordações tambem francezas que ainda o rodeassem na infancia, fôra uma côrte galante, onde a poesia e as tradições cavalleirosas se mantiveram.

A litteratura, em geral, teve quem a cultivasse n'estas eras, e o proprio rei Dom Affonso Henriques, segundo noticias authenticas, foi cultor e patrocinador das lettras. As linguas antigas e a francezas deveram-lhe

Digitized by Google

predilecção. Na historia tentaram-se alguns ensaios com João Camello, capellão do mesmo monarcha, nomeado por elle primeiro chronista do reino, incumbencia que lhe foi dada em 3 de novembro de 1145, isto por elle ser varão *de juizo prudente e animo sincero, porquanto* (resa a provisão real) *andou sempre comigo nas guerras, e conhece bem os que comigo andaram, e sabe donde bieram e é pessoa de boa consciencia.*[1]

Este João Camello escreveu egualmente *Summario das Familias e primeiros Conquistadores d'este Reyno.*[2] Succedeu-lhe depois, n'este cargo de chronista, Dom Pedro Alparge, natural de Coimbra, que fôra estudar a Paris theologia, e onde tomou a borla doutoral, e voltando em seguida a Portugal, abraçou o instituto dos conegos regrantes de Santo Agostinho, em Santa Cruz, de que veiu a ser prior claustral. Foi nomeado chronista em 13 de junho de 1175, por carta passada em Leiria, cujo theor é como se lê:

«E para continuar o dito livro (já começado por João Camello) nomeio o illustre Dom Pedro Alfarge, Prior Crasteiro da dita minha igreja e mosteiro de Santa Cruz, e por sua morte aos que lhe succederem no officio de prior da Crasta, e haverão cada um, a seu tempo, as seis mil libras acima ditas cada anno.»[2]

Este documento mostra que o officio de chronista d'estes reinos, como lhe chama a carta regia, foi dado de propriedade, já no começo da monarchia, aos priores claustraes de Santa Cruz de Coimbra.[3]

[1] Frei Francisco Brandão, *Monarch. Luzit.* part. V, liv. XVII. cap. V.

[2] Idem, *ibem.*

[3] D. Nicolau de Santa Maria, *Chron. dos Coneg. Reg.* liv. IX, cap. IX.

«Esta carta andava n'um livro de pergaminho, com sêllo de chumbo pendente de cordões brancos, firmada pela mesma mão do rei, e adiante da firma real uma cruz de cinco pontos ·:· e foi copiada, com outras memorias genealogicas da familia dos Alpões, em uma certidão authentica de 7 de março de 1514, pelo tabellião Gonsalo Rodrigues, em virtude do mandado do juiz de

Digitized by Google

O bispo de Evora, Dom Gastão de Fox, tambem foi um escriptor esclarecido d'este tempo, e mui versado no estudo das linguas antigas, assim como Dom João de Froes, o qual chegou a ensinar na Universidade de Paris, e pela facilidade e eloquencia com que prégava na lingua franceza, grangeou a estima de Filippe II, que o nomeou seu prégador e arcebispo de Besançon, chegando depois a ser cardeal pela muita consideração em que o teve o papa Gregorio IX, que o nomeou seu legado nos reinos de Hispanha e Portugal, onde deixou provas da sua piedade na egreja mandada edificar por elle no sitio do Tojal, visinho a Lisboa.

A lista dos escriptores ecclesiasticos é grande, o que mostra effectivamente o quanto as lettras se haviam acolhido aos mosteiros, e que a tradição classica, nem mesmo na cerração das trevas da edade-média, se havia perdido, duas verdades que desde logo assentámos no começo d'este trabalho. O papa João XXI, que exerceu a medicina em Lisboa, entra n'este numero de talentos nacionaes, e d'elle ficaram varias obras didaticas

fóra de Coimbra, Ruy Ravasco, e do requerimento de Pero de Alpõem: os quaes todos viram o dito livro (como se diz na mesma certidão) que era a mesma chronica original do Mestre Dom Pedro Alfarge, na mão de Ruy Dias de Sá, sobrinho do veador de Santa Cruz. Este a roubou ao mosteiro, com damno irreparavel da nobreza de todo o reino, que n'este precioso livro tinha os mais solidos documentos das suas ascendencias.

«Dom José de Christo, conego regular de Santa Cruz, e bem versado nas antiguidades, copiou a certidão nos seus manuscriptos, em que chora um roubo tão sacrilego. (Dom Nicoláu de Santa Maria, *Verdades Manifestadas* (m. s.), verd. 51, num. 37, incluidas na *Chronica dos Coneg. Reg.* L. IX, cap. IX.)»

A authenticidade d'esta carta regia tem sido controvertida. O dr. Dom Thomaz da Encarnação, na sua *Historia Ecclesiastica Luzitana*, tom. III, sec. XII, cap. VIII, § XII, regeita-a, como apocrypha, por n'ella se lêr a era MCLXXXIII, que anda nas copias que corresponde ao anno do senhor de 1145. Ora n'esta carta diz Don Affonso Henriques que faz a doação de 6.000 libras aos priores de Santa Cruz, para exercerem o officio de chronistas, *com deliberação do seu filho*, Dom Sancho, mas este principe nasceu em

Digitized by Google

e theologicas em latim, assim como Santo Antonio, da familia Bulhões, que compoz muitos sermões assás notaveis pela erudição sagrada e uncção eloquente. A *Concordantiæ morales Sacræ scripturae, prædicatoribus ad virtutes commendandas, et vitia condemnanda utilissimæ*, é d'elle e mui encarecida. Mestre Menegaldo, auctor do escripto latino *Historia Geral do mundo*, tambem pertence a esta rapida noticia, bem como Dom João Peculiar, arcebispo de Braga, tão erudito que mereceu ir a Roma, em 1139, ao segundo *concilio latrense*, onde deitou larga fama de suas muitas e boas lettras, sobretudo sagradas, o que lhe grangeou a amisade de San Bernardo.

O reinado de D. Sancho I foi tranquillo. Seu pae, ao cerrar os olhos, viu em roda de si quasi a paz absoluta que estabelecêra o terror da sua espada. E isto mostra-se pelos effeitos subsequentes, porque Dom Sancho foi um monarcha principalmente administrador e organisador. As côrtes de Dom Sancho II, de seu filho e do rei lavrador, já patenteiam uma disposição bem diver-

1154, nove annos depois da data da carta. Porém, os defensores da veracidade do documento asseguram que o erro é dos copistas, por que sobre o primeiro X da era de MCLXXXIII deviam pôr um *til*, o que lhe augmentava o valor de 30 annos, ficando portanto sendo a era MCCXIII, o que dá a era vulgar de 1175, e quando Dom Sancho já contava a edade de 21 annos, o que dá possibilidade ao facto referido na carta régia em questão.

Este erro de deixar de pôr um *til*, ou accento, sobre o X, o que para os versados em antiguidades torna bem evidente o augmento de 30 annos, tambem se deu com a copia do *Livro da Nôa*, de Santa Cruz, para a Academia Real das Sciencias, descuido ou ignorancia de que resultaram viciarem-se muitas datas, o que comtudo nos condemnou a verdade da historia.

Frei Manuel de Figueiredo, na sua obra *Dissertação historica e critica para apurar o cathalogo dos chronistas-móres do Reino e Ultramar*, dá por duvidosos, como chronistas, a João Camello e a Dom Pedro Alfarge, ou Alfarde, como elle escreve, e da mesma sorte aos mais priores claustraes de Santa Cruz de Coimbra, até 1460. Quando se tratar de Fernão Lopes, e dos Chronistas, em geral, desenvolveremos mais largamente este assumpto.

Digitized by Google

sa: a poesia torna-se o passatempo dilecto d'essas côrtes. Estava então no zenith o gosto da poesia provençal. O reinado de Dom Affonso III é essa épocha florescente para a expansão poetica da eschola da Aquitania.

Dediquemos, porém, alguns instantes a seguir este movimento poetico, e ás evoluções da lingua portugueza, determinadas por elle.

A poesia provençal, a que não fôra estranha a cultura latina e a influencia arabica, como já demonstrámos, e que era a poesia dos castellos e dos paços, pelos themas que a alimentavam, foi levada de côrte em côrte pelos consorcios dos principes, pelo cortejo dos trovadores que os acompanhavam e pelos jograes que affluiram a essas solemnidades, que os chamavam de todas as partes da Europa. Em Portugal esta poesia teve uma épocha de florescencia que foi nos fins do reinado de Dom Sancho II, logo que o infante Dom Affonso, seu irmão, regressou de França, casado com a condessa de Bolonha. Antes d'isso, a poesia deveria ter esmorecido, porque a côrte de Dom Sancho II foi a côrte de um rei solteiro, sem damas, nem os enlêvos galanteadores, que são os que inspiram e fecundam o talento poetico. O reinado, no comêço, d'este rei, foi um reinado de conquistas, e depois de desavenças e desgostos, desgostos que a triste mancebia com Dona Mecia Lopes de Aro o levou á fatal reclusão de Toledo. O genio provençal, affectuoso e expansivo, não podia expandir-se entre disposições tão adversas. A presença, pois, de Dom Affonso trouxe os costumes e a galanteria franceza. Foi n'este mesmo tempo que principiou a introduzir-se na fidalguia portugueza o gosto de trovar, por meio das familias dos Nobres, dos Valladares, e dos Souzas, cavalleiros que tinham seguido o infante a França e assistido aos celebrados festejos do seu consorcio, cuja lembrança lhes ficou dominando a imaginação por muito tempo.

Portugal permanecia então ainda na mesma commu-

Digitized by Google

nhão poetica com a Galliza: identicas idéas e influencias os unificavam; e a lingua portugueza, confundindo-se com a gallega, ou galleciana formou a lingua predilecta da poesia da Peninsula. A' semelhança da lingua d'Oc, e da lingua d'Oil, o nosso idioma completou-se pela combinação de dois dialectos. Estes dois dialectos foram o *galliciano*, fallado desde a Galliza até á Estremadura, e o *algarvio*, fallado da Estremadura até ao Sul de Portugal, isto é ao Algarve, donde tirou a denominação, pela influxo arabico que d'essa circumstancia local lhe provinha.

Mas foi pelo uso do provençal, como linguagem da galanteria e do amor, como já principiara a adoptar-se na côrte de Dom Sancho I, que a lingua portugueza se começou a distanciar da lingua galliciana, as quaes ambas eram antigamente quasi uma mesma, nas palavras, nos dypthongos e pronunciação, no dizer de Duarte Nunes de Leão, *na Origem da Lingua Portugueza*, o que vemos tambem confirmado na tantas vezes citada *Carta* do marquez de Santillana, quando escreve, referindo-se aos trovadores dos dois territorios «*todas sus obras componiam em lengua gallega ó portugueza.*» A existencia, portanto, d'esta lingua totalmente mesclada, é uma verdade historica e linguistica. Mas a Galliza perdeu a sua importancia politica: deixou de ter côrte, o que é sempre o centro mais poderoso do desenvolvimento poetico e litterario de um idioma, e Portugal cresceu, constituindo definitivamente a sua nacionalidade. D'este facto a separação das duas linguas, uma, a gallega, decahindo, e a outra, a portugueza, aperfeiçoando-se, o que já se mostra nos documentos dos seculos XI e XII, em que a portugueza, desprendida da sua irmã de Alem-Minho, tomou mais tarde um caracter peculiar sob a influencia da côrte de Dom Diniz, onde foi adoptada como idioma litterario, tendo por base d'esta adopção o uso popular, e, dentro em pouco, o formulario dos documentos publicos.[1]

[1] Soromenho, *Orig. da Ling. Portug.* pag. 26.

Digitized by Google

E é n'esta quadra, isto é parte do seculo XIII, que, pelo lado poetico, a lingua provençal muito concorreu para o aperfeiçoamento da portugueza. A lingua de Oc, ou provençal, exerceu esta influencia, influencia culta, com a vinda dos trovadores a Portugal. Marcabrus, Pedro Vidal e Gavandan o Velho, entram n'este numero. São as locuções poeticas que enriquecem e pulem os idiomas. O trovador era ainda mais cantor que poeta; e o canto é o meio mais directo e seguro de apurar a dicção e fixar o rythmo prosodico. Foi d'esta arte que a poesia provençal, com as suas estrophes cadentes e com os seus artificios metricos, corrigiu as asperezas, as collisões e os hiatos da nossa linguagem primitiva, suavisando-lhe, por meio das elisões, as desinencias rudes deixadas pela influencia germanica. E' esta a grande acção que effectuou o provençal na Italia e tambem na Hispanha. As mesmas fórmas poeticas, por exemplo, a *lóa*, o *dizer*, os *nataes*, o *villancicos*, encontram-se em todas as linguas romanas, como expressão de um sentimento commum dos povos do Meio-Dia da Europa. [1]

Porém, a poesia provençal, assás complicada nos artificios da metrificação, repugnava á naturalidade e espontaneidade da veia popular. É por isso que ella jámais passou das classes eruditas. A linguagem dos Cancioneiros não é a do povo, nunca foi a fallada, assim como não é hoje a dos nossos poetas, nem mesmo a da prosa do *Eurico*, ou a dos *Quadros Historicos* do sr. Visconde de Castilho, porém contribuiu bastante para crear locuções e fixar a prosodia á lingua, como estas obras modernas são bons modelos de vernaculidade e estyllo litterario. No *Cancioneiro do Collegio dos Nobres*, o mais antigo monumento da poesia portugueza, é onde se acha mais caracterisada a poesia provençal. Todo aquelle enredado, e, por vezes, desgracioso artificio de coplas, é pura imitação da Provença.

[1] Theoph. Braga, *Intr. á Hist. da Litt. Portug.* pag. 113.

Digitized by Google

Porém, o povo não o entendia, ou entendia-o pouco. Entendia mas era a poesia dos jograes, que, pela natureza de seus cantos e phraseado, se aproximava da comprehensão e predilecção populares.

No tempo de Dom Sancho I já encontrâmos canções provençaes: no *Nobiliario* do conde Dom Pedro citam-se trovadores com mais de tresentos annos de antiguidade, o que prova, como ponderámos, que no séquito do conde Dom Henrique vieram alguns trovadores e troveiros. No *Cancioneiro da Ajuda*, o depositario mais antigo da nossa poesia provençal, não achâmos os seus nomes, porque as canções não estão assignadas: são anonymas, o que mais prova a sua incontestavel antiguidade; porém bem denunciam a origem no requebro provençalesco, e nos segredos de uma poetica artificiosa.

As primitivas poesias d'essas eras, que a critica não qualifica de apocryphas, são na totalidade compostas no primitivo dialecto portuguez-galliciano, usado então na provincia de Entre-Douro e Minho, como fica referido. Este dialecto era o empregado com predilecção pelos poetas portuguezes, castelhanos e gallegos, quando estes elementos cameçavam já a constituir linguas distinctas.

Nas côrtes dos soberanos portuguezes e na de Affonso o Sabio, os poetas trovavam em identicos idiomas. Era o portuguez, ou galliciano, a linguagem das côrtes, da galanteria e do amor. O *Livro das resas*, de Dom Affonso o Sabio, foi escripto em castelhano, porém, o *Livro das Cantigas* compol-o elle em portuguez. Assim o assevera o padre Sarmiento,[1] e este é tambem o parecer do sr. Varnhagem. A circumstancia de se encontrarem n'aquellas poesias vocabulos e phrases já em desuso na Galliza, no tempo do rei hispanhol, e triviaes em Portugal, dá verdadeiro fundamento e auctoridade a estas opiniões.

[1] *Memor. para la Hist. de la poesia.*



Digitized by Google

Explica-se tambem este facto por um modo: como os dialectos locaes tendiam a descriminar-se e a tomar fórmas regulares de idiomas, occorreu decerto esta preferencia em favor de uma lingua, cuja brandura dispoz favoravelmente a sua acceitação na poesia e a universalidade entre aquelles que seguiam o cultismo provençal na Peninsula.

No *Cancioneiro do Collegio dos Nobres*, entre outras canções da épocha remotissima a que nos referimos, vem uma canção que descanta a tomada de Santarem, em 1147. Inquestionavelmente a sua antiguidade é grande e talvez seja effectivamente coéva, pois n'ella se acham referencias contemporaneas, que só poderiam ser conhecidas de quem assistisse ao assalto.

A canção é a segninte:

A mays fremosa de quantas vejo
En Santaren a que mays desejo,
E en que sempre cuidando sejo,
Non cha direi, mays direi comigo:
*Ay sentirigo! ay sentirigo!*
*Al e Alfanx, e al seserigo.*

Ella e outra, amigo, vi as
Se deus me valla non á dous dias,
Non cha direi eu cá o dirias,
E perder-l'-ias por en comigo:
*Ay sentirigo! ay sentirigo!*
*Al e Alfanx, e al seserigo.*

Cuidand' ela ja ey perdudo
O sen, amigo, e ando mudo,
E non sey ome tan entendudo,
Que m'oj entenda o porque digo
*Ay sentirigo! ay sentirigo!*
*Al e Alfanx e al seserigo.*

Como já apontei, ha referencias que dão um caracter

Digitized by Google

coévo a este poema. O verso *Al e Alfanx e al seserigo* combina com as narrativas da tomada de Santarem, attribuida a Dom Affonso Henriques, e que é uma composição em prosa latina, que talvez fosse primitivamente versificada, mas que a incuria dos copistas reduziu á fórma porque hoje a conhecemos.[1] *Alfanx* era o nome da montanha em que assenta Santarem, e *Senserigo* ou *sesserigo* o terreno á beira do rio, conhecido pela denominação vulgar de Ribeira de Santarem. Dom Affonso dividiu a sua gente em dois troços, e fez atacar Santarem por estes dois pontos, que depois da victoria ficaram servindo de grito de guerra, como se lê na canção.

Frei Joaquim de Santo Agostinho julga apocrypha a narrativa de Alcobaça,[2] porém o sr. Alexandre Herculano, conforme já expozemos, regeita os seus argumentos, declarando todavia que lhe parece assás culto o latim, com relação aos documentos portuguezes dos seculos XII e XIII.[3]

[1] Conservava-se esta *Historia da Conquista de Santarem*, attribuida, como já se notou, por alguns auctores, a Dom Affonso Henriques, em um manuscripto, no archivo do extincto mosteiro de Alcobaça, e se póde lêr impressa em frei Antonio Brandão, no *Append. á Parte III da Monarchia Luzitana, Escriptura 20.ª*

[2] *Mem. de Lit. da Acad.* tom. V, pag. 316.

[3] *Hist. de Portug.* tom. I, pag. 504.

Digitized by Google

# CAPITULO V

## CANCIONEIROS

Desprêso da nossa antiga critica a respeito dos cancioneiros. — Difficuldade de os colligir, e apurar a origem — Os nossos antigos philologos, os academicos, e a edade-media. — Os trabalhos de Schlegel e Diez desconhecidos. — Catalogo dos cancioneiros que existem e dos que subsiste a tradição. — *Cancioneiro do Collegio dos Nobres*, e a sua natureza provençalesca. — Indicativos da poesia provençal — Revolução na esphera moral e social. — O amor egualando as condições, e elevando a mulher. — *Cancioneiro de Dom Diniz.* — Poesia artificial: imitação provençalesca. — Antigos monumentos da nossa poesia. — O *Poema da Cava.* — A *Canção do Figueiral.* — As *Canções de Gonçalo Hermingues.* — As duas *Cartas* de Egas Moniz. — Comentos e variantes.

A questão dos nossos cancioneiros, como os unicos repositorios onde devemos encontrar os monumentos e tirar inferencias para a primeira parte da historia da nossa poesia, é das mais difficeis de averiguar e authenticar. E todavia sempre carecemos de esclarecel-a. Os nossos antigos philologos dispensaram completamente este exame. A falta de criterio philosophico na analyse das coisas litterarias, e o amor hyperbolico aos modelos latinos, prendiam-nos exclusivamente dentro do circulo estreito, que

Digitized by Google

lhes traçavam os estudos escholares, não descriminando nada de notavel para a historia das luzes e da civilisação, durante o tumultuoso e original periodo da edade media. A edade media, em todos os seus effeitos e manifestações, era para elles uma lacuna historica. A humanidade havia interrompido o seu curso, paralysado totalmente a sua acção vital, e, por um milagre mais estupendo que o de Jesué, saltado uns poucos de seculos, como se a lenda biblica dos sete dormentes fosse possivel de realisar-se no gyro fatal da marcha dos povos. Para serem idolatras das lettras do Lacio, desviaram os olhos d'essa quadra, notavel elaboração, grande genesis das nacionalidades que se remodelavam, dos idiomas e litteraturas modernos. Os estudos de Raynouard, de Schlegel, de Diez, excavadores litterarios e criticos reformadores, que, por suas lucubrações reconstruiram o primeiro lanço do edificio da litteratura dos povos modernos, nem de leve eram conhecidos em Portugal. Escreviam-se estiradas memorias, a arrebentar de erudição, sobre a vinda de Sam Thiago ás Hispanhas, ou se a rainha Dona Thereza era ou não bastarda de Dom Affonso VI de Castella, mas investigar, apreciar e coordenar os diversos materiaes para a resenha das manifestações da nossa intelligencia e sentimento, sem predilecções vãs que falseam a critica e deturpam o verdadeiro atticismo, isso foi uma tarefa desconhecida e sempre fóra das analyses academicas. Felizmente, o impulso de fóra já encontrou disposições favoraveis, e agóra é seguir-lhe a direcção.

Varios são os Cancioneiros portuguezes. De alguns restam-nos apenas fragmentos, e de outros a noticia duvidosa. Na *Monarchia Luzitana*, de frei Bernarno de Brito, na *Chronica de Cister*, de frei Luiz de Sousa, na *Europa Portugueza*, de Faria e Sousa, e na *Miscellanea* de Miguel Leitão de Andrade, leem-se referencias a cancioneiros e trovadores ou copleiros, e até ahi encontrámos trasladadas varias composições d'estes, ou anonymas, cuja authenticidade tem despertado dissertações,

Digitized by Google

em que, todavia, se nota o pouco aprêço em que os nossos velhos criticos tinham estes monumentos da antiga musa provençal e popular.

Aqui fazemos a relação d'elles. Estes são os reputados Cancioneiros provençaes portuguezes. Seguimos na ennumeração a sua antiguidade.

Cancioneiro do collegio dos nobres.—É assim conhecido e denominado, porque era na antiga livraria do Collegio dos Nobres onde se guardava. Hoje chamamno o *Cancioneiro da Ajuda*, por ser n'aquella bibliotheca que se conserva. Anda encadernado junto com o *Nobiliario do Conde Dom Pedro*.

Pertencem a este *Cancioneiro* vinte e quatro folhas avulsas, encontradas na bibliotheca de Evora, pelo seu antigo bibliothecario Joaquim Helliodoro da Cunha Rivara.

Cancioneiro de El-rei Dom Diniz.—Comprehende as canções d'este monarcha e de todos os trovadores do seu reinado, principes e fidalgos.

Citam-se d'este *Cancioneiro* as copias que relaciono aqui:

1.ª—Exemplar do seculo XIV, existente em Hispanha, no palacio de Dona Mecia de Cisneiros, o que vem attestado na celebre Carta de seu neto, o marquez de Santillana, ao condestavel de Portugal, filho do infante Dom Pedro, duque de Coimbra.

2.ª Exemplar da Livraria de el-rei Dom Duarte, citado no *Catalogo dos Livros de uzo* do mesmo rei, com o titulo: *O Livro das Trovas de El-Rei Dom Diniz.*

3.ª Exemplar encontrado na Bibliotheca do Vaticano, em Roma, no reinado de Dom João III, o que fez dar o nome de *Collecção Vaticana* a este Cancioneiro.

4.ª Copia que se diz achada em poder de um grande de Hispanha, em 1849, pelo sr. Varnhagen. Póde talvez ser o exemplar que pertenceu a Dona Mecia de Cisneiros.

Estes são os exemplares do *Cancioneiro de Dom Diniz*. Agora temos mais:

Digitized by Google

O Livro das Cantigas do Conde de Barcellos. — Sobre este livro dá-se grande controversia. Dizem que fôra deixado por aquelle principe, em 1230, ao rei Affonso de Castella, trovador celebrado, o que se encontra confirmado no testamento do proprio conde.

Coplas do Conde Dom Pedro, duque de Coimbra. — A existencia d'este cancioneiro é contestada pelos eruditos, mas Antonio Ribeiro dos Santos, na sua *Memoria sobre a origem da typographia em Portugal no seculo XV*, [1] affirma haver existido, e mais de um exemplar, baseando-se para o affirmar no testemunho do conde da Ericeira, Dom Luiz de Menezes, que declara haver visto um d'elles na livraria do conde do Vimieiro, queimada pelo terremoto de 1755, no qual exemplar se lia a verba, «que tinha sido impresso *seis annos depois que em Bazilêa fôra acabada a famosa arte de impremissão*.» Pertencia este exemplar á bibliotheca do chantre de Evora, Manuel Severim de Faria, e outro exemplar existia na casa dos duques de Lafões, tendo sido em comêço da livraria do cardeal Sousa. Corrobora por ultimo todas estas affirmativas a conta que o mesmo conde da Ericeira leu á Academia Real da Historia Portugueza, na conferencia de 23 de agosto de 1794, nota 23, pagina 7, e José Soares da Silva, nas *Memorias para a Historia Portugueza*, no governo de el-rei Dom João I. Todas estas provas e testemunhos attestam portanto a existencia do livro das *Coplas do Conde Dom Pedro*. Não acho fundamento para as negar ou desprezar. Sobretudo a conta do conde de Ericeira, á Academia de Historia, é dada ainda n'uma épocha, em que se tornava facil examinar o que elle relata, por ter sido só decorridos alguns annos que ardeu a bibliotheca da casa de Vimieiro, e se perdeu n'esse incendio o exemplar das *Coplas* a que o conde se referia. Pode-se affirmar portanto, como certo, termos possuido mais uma collecção de trovas, cujo merito e natureza facilmente se apre-

[1] *Memorias de Litteratura da Academia*, tomo VIII, parte I.

Digitized by Google

ciam pelas outras composições que o conde Dom Pedro deixou em castelhano, porque em portuguez restam apenas d'elle umas canções dirigidas a João de Mena, auctor do *Labyrintho*, o maior poeta hispanhol d'aquelles tempos, e que adiante transcrevemos.

Além d'estes Cancioneiros ainda são citados outros, como:

Cancioneiro do conde de Marialva, onde se leem as canções attribuidas a Guesto Ansures, Egas Moniz, Gonçalo Hermingues, o *Poema da Cava*, a canção da *Reyna groriosa* e varias mais em copioso numero.

D'este cancioneiro apenas resta a memoria, e essa duvidosa. Ribeiro dos Santos assevera que vira um exemplar em poder do dr. Gualter Antunes, mas que se perdêra com a morte do mesmo doctor. Porém na *Historia de la musica española*, de Soriano Fuertes, apparece-nos citada, e até trasladada parte da canção da *Reyna groriosa*, e respectiva toada, assim como a trova da *Canção do Figueiral*, o que prova indirectamente a existencia d'aquelle Cancioneiro.

Livro das Trovas de El-Rei Dom Duarte.—Este livro perdeu-se, e resta unicamente noticia d'elle pelo vermos incluido no *Catalogo dos livros de uso* d'este principe, tão estudioso como infeliz. Presume-se que conteria as composições poeticas dos trovadores desde o reinado de Dom Affonso IV até ao seu.

N'este periodo, representado por estes trovadores, termina a influencia provençal e começa a dominar a eschola hispanhola.

Ainda devemos abranger n'esta ennumeração o Cancioneiro citado por monsenhor Gordo, no relatorio apresentado á Academia Real das Sciencias de Lisboa, em 1791, impresso nas *Memorias* da mesma Academia, tomo III, em que declara haver encontrado, na Real Bibliotheca de Madrid, um Cancioneiro Portuguez, escripto, ao que se lhe affigura, no seculo XV, com producções de mais de 150 auctores, cujos nomes não transcreve. Este relatorio foi o resultado da commissão que lhe fôra dada

Digitized by Google

em 1790. Depois, o distincto academico, o sr. Seromenho, sendo-lhe dada analoga commissão, foi á côrte visinha procurar o inculcado cancioneiro, mas não o achou. Parece que o roubaram d'aquelle real archivo hispanhol. Nada se apurou ao certo, comtudo ninguem se abalançará a contestar a verdade do relatorio de monsenhor Gordo, cuja boa fé e seriedade são abonadoras da sua exposição. Offerece-se, porém, ainda um fio que nos póde guiar n'este labyrintho, que são os nomes dos trovadores relacionados, e que talvez se encontrem nos *Cancioneiros da Ajuda*, ou de *Dom Diniz*, e no *Livro de Linhagens*, o que, sendo assim, prova ser aquelle cancioneiro apenas mais uma compillação das trovas já conhecidas. Custa a crêr que não se hajam cotejado ainda estes diversos monumentos, o que nos haveria trazido desengano formal a este respeito.

Vamos ajuntar aqui alguns esclarecimentos para mais elucidação d'estes codices. O *Cancioneiro do Collegio dos Nobres*, e o *Cancioneiro de el-rei Dom Diniz* abrangem a poesia portugueza provençal desde o seu comêço em Portugal, isto é, desde o seculo XII, até ao reinado de Dom Diniz.

O *Cancioneiro do Collegio dos Nobres* pertenceu n'outros tempos aos padres da Companhia. Depois que os bens lhes foram confiscados, mandaram este codice para a antiga livraria dos jesuitas, na extincta casa professa da Cotovia, depois instituida em Collegio dos Nobres, no reinado de Dona Maria I. É d'esta circumstancia que provem a denominação vulgar dada a esta collecção de trovas antigas. Depois foi transferido para a bibliotheca da Ajuda, circumstancia por onde hoje é conhecido.

Parece que este Cancioneiro foi primeiro dos jesuitas de Evora, como se prova pelo achado na Bibliotheca d'aquella cidade de vinte e quatro folhas avulsas encontradas pelo sr. Rivara, e que decerto alli ficaram desmembradas do corpo principal, por descuido. Esta particularidade, assim como o facto de existirem na mesma Biblio-

Digitized by Google

theca a maior parte dos manuscriptos de el-rei Dom Duarte, leva a crêr que este Cancioneiro seria talvez um dos monumentos collegidos por aquelle monarcha, pois tambem lá se guardava o *Livro das Trovas de el-rei Dom Diniz*, e quem sabe se n'aquelle tempo tudo reunido n'um mesmo corpo geral, como suppõe ajuizadamente o sr. Theophilo Braga?

O *Cancioneiro do Collegio dos Nobres*, ou da *Ajuda*, é o mais antigo monumento que possuimos para a historia da nossa poesia: é escripto em pergaminho, com 18 centimetros de alto em cada folha, e 12 de largo, em duas columnas, em caracteres chamados *italo-gothicos*. Os primeiros versos de cada copla são intervallados por espaços grandes, com o fim d'ahi introduzirem a musica notada em que devia ser cantada. A letra inicial de cada canção é maiuscula e colorida. As coplas são de varios auctores. O idioma em que está escripto póde-se reputar, em geral, do seculo XIII.

Deste *Cancioneiro* fez-se uma edição, em Paris, em 1823, que muito concorreu para o vulgarisar. Foi feita por lord Carlos Stuart Rothsoy, que esteve alguns annos antes como ministro de Inglaterra em Lisboa. Assás estudioso em assumptos historicos e boas lettras, e prevalecendo-se da sua valia politica, pôde fazer extrahir d'elle uma copia, mandando-a depois imprimir em Paris. A tiragem foi apenas de vinte e cinco exemplares, o que tornou a edição assas apreciada e rara. Sahiu com o titulo: *Fragmento de um cancioneiro inedito que se acha na Livraria do Real Collegio dos Nobres de Lisboa. Impresso á custa de lord Stuart, socio da Academia Real de Lisboa. Em Paris, no paço de Sua Magestade Britannica*, MDCCCXXIII. É prefaciado por uma advertencia de Thimotheu Lecussan Verdier, que não vem assignada, mas que se sabe com certeza ser d'elle.

O sr. Varnhagen fez d'esta outra edição em Madrid, que denominou: *Trovas e cantares de um codice do seculo XIV: ou antes mui provavelmente o Livro das*

Digitized by Google

*Cantigas do conde de Barcellos, com dois fac-similis.* Madrid. MDCCCXLIX.

N'esta edição emendaram-se os erros da edição de Paris, que eram sobejos, porém sobrevieram outros historicos. A opinião de Diez, seguida por João Pedro Ribeiro, que attribuia a um só auctor todas as canções, por não virem assignadas, induziu o sr. Varnaghen no mesmo engano: as coplas tambem tiveram uma collocação atropellada. Porem, tudo ficou corrigido, depois de publicadas umas *Notas Avulsas*, na nova edição que se seguiu, onde até já veem tambem incluidas as vinte e quatro folhas descobertas em Evora, pelo bibliothecario o sr. Rivara.

O sr. Varnhagen deu egualmente á estampa uma selecção d'estas canções, conhecida pelo titulo de *Cancioneirinho de trovas antigas.*

A vulgarisação do *Cancioneiro de Dom Diniz* quasi que tambem a devemos a um estrangeiro. José Maria da Costa e Silva assevera ter visto um exemplar manuscripto, propriedade do seu defuncto amigo, o doctor beneficiado Pedro José de Figueiredo. Em todo o caso o zêlo de um estrangeiro contribuiu para sahir do olvido monumento tão fundamental para a nossa historia litteraria. Foi o livreiro de Paris, Aillaud, que, informado pelo fallecido conego Roquete, soube que na Bibliotheca do Vaticano existia um codice manuscripto com copiosa poesia de el-rei Dom Diniz, e de varios poetas d'aquellas eras, ou quasi d'aquellas eras, e concebeu fazer d'elle uma edição. O finado visconde da Carreira era então nosso ministro em Roma, e influiu para que lhe fosse ministrada uma copia, de que se seguiu vêr a luz publica pela primeira vez, em 1847, o chamado *Cancioneiro de el-rei Dom Diniz*, precedido de uma prefação e acompanhado de notas elucidativas pelo doutor Caetano Lopes de Moura.

Este *Cancioneiro* encerra, essencialmente, toda a elaboração poetica da poesia provençal, já decadente, no meado e fins do seculo XIII, e que n'este periodo, termo

Digitized by Google

do reinado de Dom Sancho II, reinado de Dom Affonso III, e todo o de Dom Diniz, se conservava em Portugal apenas como moda palaciana.

As fórmas poeticas d'este Cancioneiro são variadissimas. Só ellas, de per si, attestam o artificio tão caracteristico da poetica provençal. A encarecida *mestria*, timbre d'aquella eschola, e que tão vaidosamente era apregoada por todos os seus trovadores mais celebres, entrando no numero o patriarcha d'esta familia poetica na Peninsula, o celebre marquez de Santillana, ahi se ostenta com todos os seus engenhosos e multiplicados segredos de versificação.

A lingua empregada é a galliciana, a adoptada pelos poetas, ou aquella a que diversos escriptores chamam antes portugueza, pela rasão dos exemplos como aquelle dado com o *Livro das Cantigas* de Affonso o Sabio, onde se prova effectivamente que o idioma preferido pelo rei castelhano era mais portuguez que galliciano, visto encontrarem-se em seus versos termos que a Galliza já não usava. Esta lingua, como já observamos, era a fallada ao Norte de Portugal, de Coimbra para além do Mondego, mas fallada, ou antes adoptada pelos poetas e gente culta, porque a linguagem do povo era mais inculta, como se vê até pelos documentos de todo esse seculo, e ainda o seguinte e meado do XIV.

A analyse d'aquellas trovas dá-nos a tradição provençal na sua verdadeira genuidade. O requebro provençalesco, no pensamento, e artificio da metrificação, a ausencia da assignatura na canção, o que indica claramente a timidez d'aquelle affecto que tanto se occulta diante do objecto do seu amor, talvez a mais formal e indicativa manifestação da poesia dos trovadores, tudo emfim resume o caracter d'esta natureza de inspiração, que não só preoccupou as phantasias, mas levou effeitos positivos á ordem social, porque o fidalgo e plebeu encontraram-se no mesmo nivel, egualados em muitas circumstancias da vida, só pelo favor do estro poetico. E este bafejo da inspiração, que assoprava a chamma

Digitized by Google

nos peitos apaixonados, mal lhe dava forças para o seu desabafo, porque muitas vezes o alvo d'estas ternas canções, d'estes vôos temerarios, era uma princeza, ou uma nobre castellã, que, attraida pelo enlêvo da poesia, escutava o trovador, que afinal ficava rendido de seus encantos. A mulher exalta-se, divinisa-se quasi com esta consagração que lhe dá esta poesia de mysterios, de receios a longe alumiados de esperança, e o homem occulta-se, disfarça, cria emfim o chamado *romantismo*, esse composto ideal e sentimental moderno, em que se trocaram os papeis antigos do mundo moral, porque a mulher passou a exercer uma influencia absoluta nos dominios do coração.

Esta transformação effectuou-se e produziu resultados que se estenderam á ordem social e politica.

Entre o *Cancioneiro do Collegio dos Nobres* e o de Dom Diniz existe grande differença. A lingua das suas canções é quasi a mesma, ou a mesma, porque é galliciana, porém o espirito que os anima classifica-os de modo bem diverso. Nas canções do tempo de Dom Sancho II, e Dom Affonso III, a lingua galliciana apparece como a expressão natural, espontanea, indicativa d'essa épocha; é a fórma prosodica d'essas eras: mas no reinado de Dom Diniz, e ainda alguns annos antes predomina já a imitação. O genio provençal decahira por falta de razões historicas que o avigorassem, e os trovadores, filhos d'essa eschola poetica, mas não partilhando os mesmos sentimentos, recorreram aos meios artificiaes. Em vez do amor era metaphysica affectuosa. As canções de Dom Diniz dão-nos d'isto o modêlo. Revolteia em torno d'ellas um ideal de convenção. Elle arguia os jograes de cantarem só na estação das flôres, quando podiam gyrar pelo mundo em demanda de melhor recompensa:

Mays os que troban no tempo da frol,
E no en outro, sey eu ben que non
Am tam grã coyta no seu coraçon,

Digitized by Google

e todavia conhece-se que as suas estrophes são apenas de um erudito, do imitador de uma quadra poetica que vae presto a esvaecer-se.

E é por isto que no seu *Cancioneiro* a monotonia cança. No *Cancioneiro do Collegio dos Nobres*, as composições que ahi se lêem ferem só uma corda, que é o amor timido, que se esconde, que receia que o observem em seus pensamentos talvez inconsiderados, e que por isso se envolve no anonymo. Porém desafoga nelle o peito de uma grande quadra poetica: ha verdade, e até expressão caracteristica em todos aquelles disfarces, que representam as disposições moraes d'esse tempo. Mas no *Cancioneiro de Dom Diniz* tudo, ou quasi tudo é artificial. Finge-se o sentimento, e imita-se a linguagem, que não é já a espontanea d'aquellas eras.

Não era a existencia da épocha que as inspirava, mas o cultismo de Dom Diniz, o primeiro trovador d'esta quadra. Levados do mesmo impulso, da moda cortezã, outros principes, seus parentes ainda, o imitaram, rasão por que este periodo não passa de um periodo de poesia artificial. Nada exprime senão recordações de tempos que o gyro da historia ia afastando, e um desejo insistente de imitação. Nos capitulos seguintes analysaremos esta situação. Agora ajuntaremos aqui apenas os primeiros monumentos, e os mais antigos, reputados alguns d'elles por varios escriptores obra de uma antiguidade assás remota, o que é contestado decerto por outros, sem comtudo estas impugnações os desauctorisarem da sua valia como verdadeiros primordios da poesia portugueza. Servir-nos-hemos, para a sua transcripção, da lição que presumimos mais authentica, que é a do antigo bibliothecario Antonio Ribeiro dos Santos, na sua *Memoria sobre as origens da poesia:* é um profundo estudo linguistico, em que o curioso d'estas escavações litterarias encontra uma analyse rigorosa, auxiliada por todos os subsidios que podem prestar os Elucidarios mais abalisados. Pena é que não esteja de todo publicada, e que a vejamos mutilada, tendo de re-

Digitized by Google

correr ás *Memorias de Litteratura* da Academia,[1] para conhecer a 1.ª Parte, ao *Jornal dos Amigos das Lettras*,[2] para seguir a leitura das 2.ª e 3.ª, e afinal ao manuscripto, que se guarda na Bibliotheca Publica, se quizermos conhecer o resto.

Seguimos a ordem historica das épochas que attribuem as differentes peças poeticas. Comecemos pelo *Poema da perda de Hispanha.*

---

## POEMA DE CAVA

O rouço da Cava imprio de tal sanha
A Juliam e Óppas á saa grey daninhos,
Que ensembra co os netos d'Agar fornesinhos
Huãa atimarom prasmada façanha;
Cáa Muça e Zariph com basta companha
De jusu da sina de Miramolino
Cá falso Infançom, e Prestes malino
De Cepta áduxerom ao Solar de Espanha.

E por que era força, adarve e foçado
Da Betica Almina, e o seu Casteval
O conde per ençha e pró communal
Em terra os encréos poyaram a saa grado.
E Gibaraltar, maguer que adarvado,
E co compridouro por saa deffensão
Pelo suso dito sem algo de afão
Presto foi delles entrado e filhado.

[1] Tom. VIII, part. I.
[2] Num. 3, pag. 84.

Digitized by Google

E os ende filhados, leaes á verdade,
Os hostes sedentos de sangue de oniudos
Meterom a cutelo apres de rendudos
Sem esguardarem a sexo nem idade,
E tendo atimada a tal crueldade,
O templo e orada de Deos profanarom
Voltando em mesquita hu logo adorarom
Saa besta Mafoma, a medes maldade.

O gozu, eo assalto que os da aleivosia
Tramaram per voltos de algo sayões
C'os dois Almirantes da hoste mandões
Que darom com farta soberba e folia
E Algezira, que o medes temia,
Por ter a maleza cruenta sabudo,
Mandou mandadeiro, como era teudo
Ao rançam do Rey, que em Toledo sia.

A authenticidade d'este poema, em relação á épocha que lhe pretende attribuir Faria e Sousa, começos do seculo IX, que foi o da perda de Hispanha pela invasão de Musa e traição do conde Julião, é assás contestavel, e tem sido já duvidada por diversos criticos. João Pedro Ribeiro, não só a esta poesia, mas a todas as outras quatro reliquias da nossa primitiva musa, reputa apocryphas. Porém, Bouterweck, e Sismondi, que vae quasi sempre após as opiniões do philologo allemão, abraçam o parecer de Faria e Sousa, e querem que esta poesia seja coetanea da primeira invasão sarracena. Custa a crêr, sobretudo que Bouterweck insista em similhante erro! Uma leitura attenta das quatro estanças, feita por intendidos n'este genero de poesia, e d'esta fórma de linguagem antiga, basta para se reconhecer que tal antiguidade nunca existiu.

Tal estudo diz-nos que este fragmento é muito mais moderno.

Digitized by Google

Não é preciso senão attentar nas phrases d'estes versos:

*E porque era força*, adarve e forçado.

Meterom o cutelo aprez de rendudos,
*Sem esguardarem a sexo nem idade.*

*Por ter* a maleza cruenta sabudo, etc.

Comparem-se estas locuções com os versos attribuidos a Gonçalo Hermingues, e a Egas Moniz, e conhecer-se-ha facilmente a grande distancia da origem. As proprias trovas do Condestavel, uns poucos de seculos depois, chegam a parecer mais antigas. A nós, a leitura do *Poema da Cava* produz-nos o effeito de um trecho de poesia, por exemplo do seculo XVII, passado confusamente á linguagem dos nossos antigos trovadores.

Isto não é reforçar indirectamente a accusação feita a Faria e Sousa, de que fôra elle o *fabricador* d'esta poesia, que declarou achada no castello de Lousã, é manifestar uma opinião, a que temos direito como outro qualquer que estude e investigue estas coisas litterarias. O desejo, ou antes a ambição de possuirmos uma tentativa epica em tempos tão remotos, quando ainda por parte alguma da Europa a musa da epopeia, depois dos monumentos da poesia latina, encontrava interpretes, instou porventura com alguns dos nossos philogos para deixarem correr a opinião de que effectivamente o fragmento de que se trata era de origem tão antiga; e se Bonterweek e Sismondi não foram decerto levados dos mesmos sentimentos de ufania patriotica, porque eram estrangeiros, foi talvez o pouco exame, e por assentarem que n'estas coisas peculiares da nossa litteratura, em que importa ser profundamente erudito, unico modo de aprofundar devidamente a raiz das questões, se podiam louvar no voto dos que reputavam com-



Digitized by Google

petentes, e como taes tiveram Manuel de Faria e Sousa, Caminha, e Miguel Leitão de Andrade, que tambem sem mais exame nem reparo a inseriu nas suas obras, sendo este ultimo quem decerto primeiro a publicou na sua *Miscellanea*, o que livra do labéo de *contrafactor* a Faria e Sousa, de que alguns o accusam, porque a *Europa Portugueza*, onde elle a estampou, e diz achada no castello de Louzã, veiu a publico em 1667, e a *Miscellanea* de Miguel Leitão de Andrade, é anterior a 1629.

Ribeiro dos Santos, procurando refutar varios d'estes argumentos, diz que a differença do estylo mais polido, que se nota no *Poema da Perda de Hispanha*, provem da diversidade dos dialectos entre nós usados, porque as canções de Gonçalo Hermingues e Egas Moniz foram compostas em dialecto da provincia de Entre Douro e Minho, que era portuguez-galliciano, e o *Poema da Cava* no dialecto das provincias meridionaes, *onde pelo muito trato que houve dos arabes, houve tambem maior mudança e polimento na locução*. Porém, ainda assim, conclue sempre, collocando aquellas canções na primeira parte do seculo XII, e o *Poema da Cava* nos fins do mesmo ou comêços do seculo XIII, quer dizer, quatro seculos depois da era indicada por Faria e Sousa.

Em todo o caso remataremos, dizendo com um escriptor ainda ha pouco fallecido, que embora se ignore quem fosse o auctor d'este primeiro ensaio da poesia epica em o nosso idioma, tal qual é, e não obstante deixar de estar concluido, é sempre um testemunho honroso para o genio portuguez, visto provar que fomos o primeiro paiz da Peninsula em que a musa da epopeia se revelou.

---

## CANÇÃO DO FIGUEIRAL

(Attribuida a Guesto Ansures)

No figueiral figueiredo
A no figueiral entrei

Digitized by Google

Seis niñas encontrara,
Seis niñas encontrei,
Para ellas andara,
Para ellas andei,
Llorando as achara,
Llorando as achei,
Logo lhes pescudara,
Logo lhes pescudey
Quiene las mal tratara,
E a tão mála ley?

No figueiral figueiredo
A no figueiral entrei,
Una me repricara
Ei, infançon, nom sei,
Mal houvesse la terra,
Que tene o malo rey!
Si ei as armas usara
Já á mi fé nom sei
Si homo a mi levara
De aquella mala ley!
Vos, adeos, vos vaiades,
Garçom, ca ei nom sei
Se onde me fallades
Mais ei vos fallarei

No figueiral figueiredo
A no figueiral entrei,
E ei lhe repricara,
A mi fé nom hirei
Cá olhos d'essa cara
Caros los comprarei.
As las longas terras
En traz vos me hirei,
Las compridas vias
Per vos andarei,
Lingua de aravia
Eu a fallarei,

Digitized by Google

Mouros si me vissem,
Eu os matarei.

No figueiral figueiredo
A no figueiral entrei,
Mouro que las guardava
Cerca lo achei,
Mal la ameaçara,
Ei mal me anoguei,
Troncom desgalhara,
Troncom desgalhei,
Todolos machucara,
Todolos machuquei,
Las niñas furtara
Las niñas furtei,
La que a mi fallara
N'alma la chantei.
No figueiral figueiredo
A no figueiral entrei.

Frei Bernardo de Brito foi o primeiro que publicou esta canção, quando historiou o facto do tributo das cem donzellas, a que ella se refere. A fama de novelleiro, de que ficou gozando este escriptor, pelas muitas falsidades que encerram as suas obras, lança a desconfiança no animo dos eruditos, ácerca da authenticidade de tal monumento. Podemos assegurar comtudo que elle o não inventou. Não tem a antiguidade que lhe quer attribuir, porém as indicações mais seguras marcam-lhe a épocha do segundo meado do seculo XII, ou começos do XIII. Esta é a opinião de Ribeiro dos Santos. Conhecendo Brito este e outros romances, diz o sr. Theophilo Braga, se houvessem falsificado o canto, *seguiria fatalmente a redondilha maior*, usada nos cantos populares da Peninsula do seculo XIV em diante, e *não o verso redondilha menor*, que é o hemistichio do alexandrino, usado anteriormente. Brito não conhecia ainda estes factos, porque os monumentos d'onde

Digitized by Google

se deduzem estavam ainda ineditos. A tradição foi glossada em mais de uma provincia, e Miguel Leitão de Andrade lembra-se de a ouvir cantar, em toada mui dolorida, a uma sua velha criada algarvia. Faria e Sousa tambem diz o seguinte, referindo-se a este mesmo assumpto: *Omito unas canciones, que en Portugal se conservan, y que con antigua linguagen relatam esta aventura.* [1]

Aqui reproduzimos a tradição oral do Algarve, talvez uma d'aquellas a que elle se refere, e que assim o comprova.

—Que fazeis aqui, senhora,
Quem vos aqui prantearia?
Quem veiu aqui deixar-vos
N'esta choupana sombria?
Contae-me la vossa historia
Que eu por gosto a escutaria.
«Sou filha d'el-rei de França
Neta sou d'el-rei de Hungria;
Aqui me trouxeram mouros
Com sua feitiçaria.»
. . . . . .
. . . . . .

A caminhar se pozeram
Quando a lua mais umbria,
E dava o clarão no rosto
De la *infanta que fugia.*
Quando no meio do caminho
*Perro Mouro lhe saia,*
*Que era quem a vigiava,*
*Que era quem a guardaria.*

—«Tem-te, tem-te, cavalleiro,
Se a vida te não agonia;

[1] *Europa Portugueza*, tom. I, pag. 395, part. IV, cap. V.

Digitized by Google

Se la donzella me levas
Levas a luz do meu dia.
—Só me importa o que levo
De ti não me importaria.
—Se a dona tu me roubares,
Logo aqui te mataria.

Para ella avança o mouro,
Pensando que a deteria,
Mas ao puxar pela Infanta
A mão aos pés lhe caia.
Queda-se elle pensativo
Sem saber o que faria.
Emquanto o Mouro pensava,
Emquanto elle se doria,
O Christiano com la Infanta
Voava, que não corria. [1]

O sr. Theophilo Braga, não duvida que este romance seja uma nova versão, do seculo XV, da *Canção do Figueiral* do seculo XIII. Nos versos sublinhados existe effectivamente verdadeira identidade entre a lenda e o romance, posto que a linguagem, a não ser que haja sido amodernada pelos copistas ou mesmo pela tradição oral, nos pareça de épocha muito mais recente.

---

## CANÇÃO DE GONÇALO HERMINGUES

(O Traga Mouros)

Tinherabos, nom tinherabos,
Tal a tal cá assoma,
Tinheradesme, non tinheradesme;

[1] *Romanceiro do Algarve*, do sr. Estacio da Veiga, pag. 43.

Digitized by Google

De lá vinherades, de cá filharedes;
Cá amabia tudo em soma.

Per mil goivos trebelhando
Oy oy bos lombrego,
Algorem se cada folgança
Asmei eu; perque do terrenho
Nom ha hi tal perchego.

Ouroana, Ouroana, oy tem per certo
Que inha bida do biber.
Se alvidrou per teu olvidro; perque em cabo
O que eu ei de la chebone sem referta,
Mas nom ha perque se ver.

A esta canção, e ás que se vão seguir, nega João Pinto Ribeiro a authenticidade pelos fundamentos que expõe da maneira seguinte:

«Não duvidando do uso de uma lingua na Hispanha n'aquelles tempos, e em tudo diversa da latina, não posso reconhecer a genuidade d'estes documentos:

1.º—Por falta de provas da sua antiguidade, sendo uns produzidos por Leitão, no meio de uma novella,[1] em que põe na bocca de seus fabulosos personagens um soneto de Camões; outros são produzidos por Brito,[2] cuja fé é nenhuma.

2.º—Porque as palavras que n'ellas se empregam, todas de diversas edades da nossa lingua, formando um todo affectado, parecem ser mais obra de um artificio estudado.

3.º—As cartas de Egas Moniz Coelho, e a de Gonçalo Hermingues, tão visinhas em tempo a outros documentos vulgares verdadeiros, comtudo se distinguem

[1] Na *Miscellanea.*
[2] Na *Monarch. Luzit.* Part. I.

Digitized by Google

tanto em barbaridade, que até n'isso mostram sua affectação.»

A isto replica o sr. Theophilo Braga, [1] que é facil de confutar estes unicos argumentos, sem mesmo precisar de que se confrontem os glossarios da lingua romance, como fez Ribeiro dos Santos.—1.º Como composições particulares e sem importancia, nenhuma chronica allude a ellas: o facto de serem apresentadas por Leitão e Brito, não as torna apocryphas, porque tambem o não são as cantigas do povo de Lisboa na sepultura do Condestavel, que traz frei José de Sant'Anna, nem os hymnos a Jacopone di Todi, que traz frei Marcos de Lisboa, nem os romances que se encontram em Jorge Cardoso, nem a cantiga das mulheres no cerco de Lisboa, que traz Fernão Lopes, nem o romance de Garcia Ordoñes, que vem em Leitão, etc. 2.º—As palavras das diversas edades da lingua, serão introduzidas pelos copistas, em quanto andaram manuscriptas, como succedeu á maior parte dos documentos, e isto mesmo notou o illustre diplomatico. 3.º—A mesma razão milita para as canções de Egas Moniz e Gonçalo Hermingues, que são imitações provençaes. Viterbo, no Elucidario, não discute a authenticidade d'ellas, e diz que estes *despedaçados restos nos informam quanto era rude e mal pulida a nossa lingua.*» [2]

O sr. Theophilo Braga, que importa dizer a verdade em louvor de mancebo tão estudioso e escavador d'estes assumptos da nossa antiga historia litteraria, intende que não é a disposição natural d'esta canção a adoptada pelos copistas, e aproveitada até hoje pelos collectores ou criticos que a tem transcripto. Sem *introduzir palavras novas, e simplesmente submettendo os versos ás exigencias da rima,* chega a alcançar uma estrophe mais perfeita na ultima, e transpõe tambem as duas

[1] Nas Notas do seu *Cancioneiro Popular.*

[2] *Eluc.* pag. 12, tudo citado pelo sr. Theophilo Braga, no *Cancion. Geral,* pag. 198, notas.

Digitized by Google

primeiras; e seguindo esta lição, que lhe parece a mais provavel e genuina, tradul-a do seguinte modo:

Tenho-vos já, não vos tenho,
A um e um tudo acode!
Tiveram-m'a, não tiveras!
De lá fartada cá vieras,
Pois luctam a quem mais póde.

Por mil jocos trebelhando
Hoje, hoje vos prescruto!
Alguem d'aqui lá falgando
Suppuz; porque esse terrenho
Nunca deu ai tal fructo.

Mas não ha porque se ver,
De minha vida o viver
Por teu alvidro olvidei.
Diz o canto, sem mentira:
Ninguem Oriana me tira
Porque é alfim o que eu hei.[1]

Esta interpretação parece-nos realmente muito mais fiel, e o processo de restituição mais exacto, do que o seguido pelo visconde de Almeida Garrett que se nos affigura ter-se servido do trabalho do allemão dr. Bellerman, que verteu para o seu idioma estas nossas antigas poesias.

A traducção do visconde de Almeida Garrett, sahiu no tomo VI da *Revista Universal Lisbonense*, e aqui a ajuntamos para ser mais completa a analyse d'este estudo litterario.

---

### CANÇÃO DE GONÇALO HERMINGUES

Ora vos tenho, ora não;
E um a um elles que chegam!

[1] *Amadiz*, pag. 66 e 67.

Digitized by Google

Já me apanhaes e já não...
D'aqui largam, e d'ali pegam,
Que anda tudo ao repellão.

Por mil goivos retouçando
Ai, ai, que vos avistei!...
Já sei porque ando lidando,
Que em taes terras, bem pensei,
Melhor fructo não verei.

Oriana, Oriana, oh tem por certo
Que esta vida, do viver,
Toda em ti se olvidou n'aquelle apêrto,
E o que, em troco, eu vim a haver
Não ha mais para se ver.

---

## PRIMEIRA CARTA DE EGAS MONIZ A VIOLANTE

(Quando partiu para Coimbra)

Ficaredes bos embora
Taom coitada
Que ei boime per hi fora
De longada.

Bae-se o bulto do mei corpo,
Mas ei non
Que os çocos bos finca morto
O coraçom.

Se pensades que ei vom
Non no pensedes,
Que chantado em bos estom
E nom me bedes.

Mei jazido e mei amar
Em bos acara,

Digitized by Google

Grenhas tendes de espelhar
Lusia cara.

Non farom estes meis olhos
Tal abesso,
Que esgravizem os meis dolos
Da compeço.

Mas se ei for pera Mondego
Pois la vom,
Carulhas me fagaom cego
Como ei som.

Se das penas do amorio
Que ei retouço,
Me figerem tornar frio
Como ei o ouço.

Asmade-me se queredes
Como Lusco,
Se no torvo me acharedes
A muy fusco.

Se me bos a mi leixardes,
Deis me guarde,
Nem asmeis bos de queimardes
Isto que arde.

Hora nom leixedes, nom,
Ca sois garrida,
A se non, Christé la jon
Per inha vida.

---

## CANÇÃO DE EGAS MONIZ COELHO

(Versão de Garrett)

Ficae-vos em boa hora
Tão chorada,

Digitized by Google

Que eu vou-me por ahi fóra
De longada.

Vae-se o vulto do meu corpo
Mas eu não,
Que aos pés vos fica morto
O coração.

E se pensaes que eu vou,
Não no pensedes;
Que unido comvosco estou
E não me vedes.

Em vós meu ser, meu amor,
Que de vós nasce;
Tranças tendes de espalhar,
Lucida face.

Não quero os olhos voltar
Tam de avesso,
Que os meus males vá contar
Do começo.

Mas se eu fôr para Mondego
Como vou,
Carochas me façam cego
(Que já o sou!)

Se n'estas penas de amor
Com que lido,
Como dizeis, esfriar
O meu sentido,

Amae-me assim, se quereis,
D'este modo;
Senão peor me achareis
Cego de todo.

Digitized by Google

Se vós a mim me deixardes...
Deus me guarde!
Que fareis vós em queimardes
O que já arde?

Ora não me deixeis, não,
Que sois garrida!
E se não kirieleisão
Por minha vida.

---

## SEGUNDA CARTA DE EGAS MONIZ

(Depois do regressar de Coimbra e saber do perjurio de Violante)

Bem satisfeita ficades,
Corpo de oiro
Alegrade a quem amades
Que ei ja moiro.

Ei bos rogo bos lembredes
Ca bos quige,
A que dolos nom abedes
Que bos fige.

Cambastes a Pertigal
Por Castilla,
Abasmades o mei mal,
Que dôr me filha.

Pranhaisme por Castijanos,
Epestineque,
A chantaisme binte enganos
Que me segue.

Bedes moiro, bedes moiro,
Biolante,

Digitized by Google

Longe bá o sestro agoiro
Por diante.

Bos bibede hu centanairo
Muy garrioso,
Que ei me boy pera o trintairo
Lagrimoso.

A se a bossa remembrança
Ei bier,
Dizei, Egas tem folgança
Hum Xiquer.

A se ouvirdes na murtulha
Os campaneiros,
Retouçade na murmulha
Os meis marteiros.

Quando ouvirdes papear
O castejom,
Lembrede-bos lhe fige dar
Ja de cotom.

A que bos guige, e reguige,
Como ber,
A nunca a cousa bos fige
Desprazer.

Nem bos podo maes falar
Que nom falejo,
Ca bem podedes asmar
Qual ei sejo.

Tenho todo o arcaboiço
Sem feiçom,
Mas ei bos vejo, e bos oyço
No coraçom.

Digitized by Google

Bedesme boi descahindo
N'esta hora;
Bos amor fincade rindo
Muito embora.

---

## CANÇÃO DE EGAS MONIZ COELHO

(Versão de Garrett)

Bem satisfeita ficaes,
Corpo de oiro;
Alegraes a quem amaes
Que eu já moiro.

Mas peço que vos lembreis
Que vos quiz,
E que penas não haveis
Que vos fiz.

Trocastes a Portugal
Por Castella,
E levaes-me a alma, inda mal!
Que dor hei n'ella!

Deixais-me por castelhanos...
Que negra sorte!
E teceis-me mil enganos
Por me dar morte.

Vedes moiro, vedes moiro,
Violante!
Longe vá o sestro agoiro
Por diante.

Vós vivei um centenario
Mui ditoso,

Digitized by Google

Que eu me vou para o trintario
Lagrimoso.

Se um dia á vossa lembrança
Eu vier,
Dizei: Egas, tem folgança!
Dizei siquer.

Quando ao meu enterramento
Se tocar,
Revolvei no pensamento
O meu penar;

E quando esse castelhano
Basofiar,
Lembrae-vos que desengano
Lhe fiz já dar.

Ah! que vos quiz e requiz
Como o ver!...
Em coisa alguma vos quiz
Desprazer!

Não vos posso mais falar
Bem me fino...
Bem podeis imaginar
Qual sou mofino.

Tenho todo o arcaboiço
Sem feição,
Mas inda vos quero e oiço
No coração.

Vede, já vou descahindo
N'esta hora...
Vós, amor, ficae-vos rindo,
Muito embora.

Digitized by Google

Reunimos a estas cinco composições, em todo o caso reputadas pelas mais antigas, a cantiga que nos refere Fernão Lopes cantarolavam as mulheres do povo de Lisboa, quando andavam nos trabalhos de construcção da muralha da cidade, para defesa contra o cêrco dos castelhanos, a quem de cima dos adarves atiravam d'estes remoques, fazendo referencia ao conde Andeiro, morto pelo Mestre de Aviz, e ao arcebispo de Lisboa, Dom Martinho, precipitado da torre septentrional da Sé, por suspeitas de partidario de Castella.

Esta es Lixboa prezada,
Miralda, y leixalda,
Si quizieredes carnero
Qual dieran al Andero;
Si quizieredes cabrito
Qual dieran al Arçobispo.

As rezas dos mendigos, que iam ao caldo que lhes mandava dar o Condestavel Dom Nuno Alvares Pereira, na portaria do convento do Carmo, teem verdadeiro cunho historico, e entram naturalmente n'esta collecção de primitivos documentos da inspiração popular.

O Gram Condestabre,
Em o seu Mosteiro,
Dános sua sôpa,
Mail-a sua rôpa,
Mail-o seu dinheiro.

A bençon de Deos
Cahiu na Caldeira
De Nunalves Pereira,
Que abondo cresceu
E todolo deu.



Digitized by Google

Se comer queredes,
Nom bades além:
Dom menga non tem,
Ahi lo comeredes
Como lo bedes.

O estudioso d'estas antigualhas, que deseje encontrar maior numero onde aprofunde os seus estudos, acha uma collecção, a melhor que possuimos decerto, no Cancioneiro do sr. Theophilo Braga, para onde o enviâmos.

Digitized by Google

# CAPITULO VI

Dos trovadores portuguezes provençaes.—Da lingua romance preparando os idiomas das nações do Meio-dia da Europa.—Raynonard e a sua *Grammatica*.—O marquez de Santillana e a arte de trovar conhecida da Galliza e de Portugal antes que nas outras partes das Hispanhas.—Dom Diniz, o nosso primeiro trovador provençal.—Os seus Cancioneiros.—Trovas do rei *Lavrador*.—A *mestria maior* e a *mestria menor*.—Selecção da lingua portugueza, reputada o provençal da Peninsula Hispanica.—Exemplos: Dom Affonso, o Sabio, e Macias, *el enamorado*.—Os bastardos de Dom Diniz.—Ainda a influencia provençal como moda palaciana.—Poesia artificial.—O duque de Coimbra e o soneto dirigido a João de Mena.—Testemunho de Miguel Leitão Ferreira nas notas dos *Poemas Luzitanos*.—Verdade que d'aqui resulta em favor da nacionalidade do auctor do *Amadiz*.—Outros trovadores.—Influencias da renascença.—A poesia provençal cedendo á influencia italiana.—Exemplos da semelhança da lingua romance attestadas pelas coplas de trovadores de differentes nações.

A lingua rimance, ou dos provençaes, precedeu e preparou a formação dos idiomas particulares de cada nação da Europa meridional. Esta these é largamente desenvolvida e exemplificada por Raynouard, na sua *Grammaire romane, ou grammaire de la langue des trou-*

Digitized by Google

*badours*. Trata de provar o erudito philologo que, não obstante conservar cada uma das linguas a sua indole e typos peculiares de nação, adoptou todavia os termos e locuções da lingua rimance, e que, separados aquelles typos fundamentaes, substituira a mesma lingua; e esta lingua, assim generalisada entre as nações meridionaes, é aquella conhecida pelos nomes de lingua provençal, limosina, catalã, valenciana, gallega ou portugueza, como já observámos.

Daremos agora um exemplo d'esta paridade, confrontando varias coplas de trovadores de differentes paizes, o que não deixa de ser um estudo proveitoso, e ao mesmo tempo de verdadeira utilidade para aquelles que não possuem os livros, aliás raros ou caros, onde se encontram dispersas estas producções. Tratemos, comtudo, primeiro dos trovadores portuguezes, que é o objecto principal d'este artigo.

O marquez de Santillana, na sua Carta ao condestavel portuguez Dom Pedro, inserta na collecção de poesias castelhanas de D. Thomaz Antonio Sanches, escreve o seguinte: —«Depois, diz elle, em seguida a ter tratado dos trovadores catalães e aragonezes, fallaram esta arte (a lingua provençal), que *maior* se chama, e *arte commum*, segundo creio, nos reinos de Galliza e Portugal, onde não ha duvida que o exercicio d'estas sciencias mais que em nenhumas outras regiões ou provincias de Hispanha se costumou; e chegou isto a tal ponto que não ha muito tempo quaesquer *dizedores* e trovadores d'estas partes, ou fossem castelhanos, andaluzes ou da Extremadura, *compunham todas suas obras em lingua gallega ou portugueza*; e ainda d'esta é que recebemos os nomes da arte, chamando-a *mestria* maior ou menor etc.»

Esta parte da carta do marquez de Santillana prova, em primeiro logar, que mui geral fôra a arte de trovar em Galliza e Portugal, como já o fizemos sentir, e muito mais que n'outra qualquer região das Hispanhas; e em segundo logar, que a lingua preferida com pre-

Digitized by Google

dilecção em Portugal e Galliza, para compor estas trovas, era uma lingua propria e particular, que se fallava, ou em que se escrevia a poesia, e, por imitação, adoptada n'este mesmo genero de litteratura pelos castelhanos, andaluzes e extremenhos, o que nos leva a concluir que em Portugal e Galliza se creou e formou um dialecto á parte, mas harmonioso e poetico do que o castelhano, especie de lingua provençal portugueza ou gallega distincta dos varios dialectos communs da Hispanha em geral. E isto evidenceia-se principalmente na primasia que os poetas d'aquellas eras davam de preferencia a trovar n'este dialecto, pela suavidade e harmonia que todos lhe conheciam, o que já observámos n'outra parte d'este *Curso*. E com isto fica mais demonstrado que a rasão da uniformidade da nossa lingua com a fallada desde tempos remotos na Galliza, não provém só decerto da influencia latina, como alguns philologos pretendem, mas da homogeneidade ou identidade que entre ellas sempre houve. As canções e cantilenas dos antigos trovadores dão d'isso uma clara prova, e da mesma sorte os documentos e escriptos juridicos das primeiras eras da monarchia, que tanto se assemelham ao dialecto actual da Galliza. E tão corrente era este facto que todos os antigos escriptores hispanhoes chamavam lingua galliciana, ou lingua portugueza ao idioma dos dois povos; e até o poeta Macias, *el enamorado*, é contado por uns entre os poetas gallegos, e por outros entre os portuguezes. Succede o mesmo com D. Affonso o Sabio, que escreveu em portuguez o seu *Livro de Cantigas*, em quanto que foi em castelhano que compoz o poema das *Querellas* e o do *Thesouro*, o que assáz patentêa a superioridade de um dialecto sobre o outro, pois que as cantigas, como a sua denominação inculca, eram poemas para serem cantados por musica, e, como taes, requeriam a sonoridade e brandura de pronuncia, dotes que falleciam aos outros dialectos da Hispanha, naturalmente asperos, gutturaes e aspirados.

Outros muitos exemplos temos de ser tido em gran-

Digitized by Google

de estimação este dialecto provençal-portuguez, e de muitos principes, os mais illustrados d'então, assim como varios cavalleiros celebres, o haverem cultivado e praticado com esmero. Além de el-rei Dom Diniz, e do conde de Barcellos e do infante Dom Pedro, duque de Coimbra, Manuel de Faria e Souza, nos *Commentarios* ao *Nobiliario*, menciona os seguintes trovadores, todos elles decerto nobres d'aquelle tempo; João de Gaya, Fernão Gonçalves Esgaravinha, Estevam Annes Valladares, João Soares de Paiva, João Martins, Vasco Fernandes de Praga, todos anteriores ao conde Dom Pedro, e florescendo, portanto, no seculo XIII, como já indicámos.

A' testa dos nossos trovadores, que poetaram á provençalesca, figura el-rei Dom Diniz, como um d'aquelles que mais cultivaram a poesia occitanica, já então a deixar-se dominar pela eschola hispanhola. Porém, Dom Diniz representa um esforço artificial d'esta preponderancia poetica. Rasões moraes e historicas tinham determinado a decadencia da poesia provençal. As fontes donde a veia provençalesca naturalmente manava, tinham-se seccado, e successos se deram depois que mais obstaram á sua permanencia. O triumpho da cruzada contra os albigenses, em que entravam muitos dos principaes trovadores, a fundação da universidade de Tolosa, que proscreveu o uso da lingua d'Oc, a predilecta da inspiração provençal, a attracção que começava a estabelecer a poesia italiana illuminada pelo prestigio de Dante, foram em conjuncto estas causas e factos positivos que concorreram para o resfriamento do estro occitanico. Ainda se lhe seguiu um periodo de imitação, em que Dom Diniz, a exemplo de outros monarchas d'aquellas eras, cujo intento era realçar o fausto palaciano da sua côrte com estas demonstrações da gentileza nos costumes palacianos, procurou retardar o curso dos acontecimentos. Mas as producções d'este esforço, ou imitação de uma quadra que tendia a desapparecer fatalmente, accusam a ausencia de vida propria, de colorido sentimental, que lhe communicavam seiva pe-

Digitized by Google

culiar. O reinado de Dom Diniz, sob este aspecto, é um periodo de transição. O poetar no genero provençalesco era como uma lisongeria rendida, pelos fidalgos trovadores, ás predilecções do principe portuguez.

Ácerca dos Cancioneiros d'este rei poeta já nos occupámos: foram elles de dois generos: um de *cantigas*, ou trovas para serem cantadas e acompanhadas á theorba; outro de composições devotas, consagradas á Virgem, e que denominara *Cancioneiro de Nossa Senhora*. O caminho que o primeiro trouxe para nos chegar ás mãos, já tambem nós indicámos; d'este ultimo, porém, não nos resta senão a noticia, e essa mesma provém-nos unicamente de alguns auctores, que a não documentam. E' quasi vaga a affirmativa. Salvo Duarte Nunes de Leão, que, encarecendo o éstro poetico do soberano, diz que elle fôra «quasi o primeiro que na lingua portugueza soubera escrever versos, o que elle e os d'aquelle tempo começaram a fazer á imitação dos Avernos e Provençaes, segundo vira, por um *Cancioneiro* seu, que em Roma se achou em tempo de el-rei Dom João III, *e per outro que está na torre de tombo*, DE LOUVORES DA VIRGEM NOSSA SENHORA.» A asseveração é positiva, e custa a crêr que Duarte Nunes de Leão certificasse de um modo formal a existencia d'este *Cancioneiro* na *Torre do Tombo*, sem lá existir. Deve-se até presumir que elle o viu e examinou, visto ser até obra attribuida ao soberano de quem escrevia a chronica quando tal assevera.[1] Duarte Nunes de Leão foi desembargador, celebrado pela sua gravidade, e homem encarregado no reinado de Dom Sebastião de fazer um resumo da legislação antiga. A importancia d'este trabalho e gravidade do seu caracter dão porventura toda a auctoridade ao seu testemunho. Não ha perplexidade na sua affirmativa; declara formalmente que o Cancioneiro de *Louvores da Virgem Nossa Senhora* está na Torre do Tombo, onde elle provavelmente o viu nas

[1] *Chron. dos Reis de Portug.* part. I, tom. II, pag. 76.

Digitized by Google

repetidas vezes que teve de visitar aquella repartição do Estado, na investigação e recapitulação das leis que extractou e colligiu. E note-se que Duarte Nunes de Leão foi um dos primeiros escriptores, como pondera o velho marquez de Alegrete, que *abriram caminho á critica da nossa historia, escrevendo com juizo e madureza* as chronicas dos primeiros dez reis de Portugal,[1] não podendo, por conseguinte, admittir-se que andasse de leve n'uma asseveração, a respeito da existencia de um codice n'um local que elle visitava a miude, quando foi tão seguro e exacto no que escreveu a respeito do outro *Cancioneiro* achado em Roma, no tempo d'elrei Dom João III, o que serviu de guia ao erudito allemão Wolf para o procurar na bibliotheca do Vaticano, onde de feito existia.

A unica circumstancia, e poderosa, que contraria a existencia do Cancioneiro dos *Louvores de Nossa Senhora,* é não vir no cathalogo dos *Livros* de uzo de Dom Duarte: encontra-se ali só o *Livro das Trovas;* e custa a crêr que Dom Duarte, o nosso antigo bibliophilo por excellencia, deixasse de adquirir e conservar tal codice, reputado decerto um precioso monumento poetico n'aquellas eras, como ainda agora o seria, que já lá vão muito longe os tempos de imperar tão deslumbrantemente o prestigio assás proclamado d'esse monarcha feliz, que *fez quanto quiz,* como assevera a voz popular, tal era a quasi canonisação legendaria com que o consagrara a admiração das gerações que lhe succederam!

É pena que o *Cancioneiro* publicado por mr. Aillaud não fosse edicionado de um modo mais apropriado á natureza da obra de que se tratava. As canções deviam ser separadas e pôrem-se talvez até titulos, e não imprimil-as confusamente e sem divisão, o que põe o leitor na duvida se acabou ou não o poema que está lendo. Era indispensavel egualmente maior copia de notas

[1] *Hist. da Acad. Real da Hist. Portug.*

Digitized by Google

philologicas e historicas, para interpretação de infinito numero de vocabulos, cuja intelligencia requer grande e profundo estudo, mesmo dos mais instruidos nas diversas phases porque tem passado a nossa lingua. Evitar-se-hia assim o auxilio dos Elucidarios, e porque, sobretudo, nem todos lêem Viterbo e Ducange. E ainda mais nos penalisa, sobretudo, que mr. Aillaud não publicasse, conjunctamente com as trovas do rei *Lavrador*, as composições dos outros trovadores que estavam juntas no manuscripto encontrado pelo sr. conego Roquete na Bibliotheca de Roma. Fazia com isto serviço mais completo á historia das nossas lettras, porque, n'estas escavações litterarias, não subsistem nobliarchias nem precedencias, pois quer a gerarchia dos auctores das obras encontradas seja elevada ou não, ha n'ella tãosómente merito e conveniencia litteraria. E tanto assim que as trovas de Dom Diniz são apreciaveis, não por serem composição de um rei, mas por constituirem um dos primeiros monumentos da musa portugueza. E debaixo d'este aspecto mui conviria estampar conjunctamente os outros poemas, e indagar se elles eram coévos, anteriores ou posteriores, porque assim teriamos ensejo de perceber a qual d'esses poetas deveram mais os progressos da lingua e os differentes processos da metrificação.

Estas ponderações que fazemos não querem dizer, todavia, que o trabalho e empenho do benemerito livreiro francez, não reclamem a nossa gratidão, porque, de todos os modos, lhe devemos a publicação de um monumento que, a não serem os seus esforços, quem sabe se o obteriamos!

O merito principal do *Cancioneiro de Dom Diniz*, não é o merito poetico, como é facil de prevêr. Considerado n'esta relação, até possue bem pouco merecimento, porque nada mais pobre de imaginação, desornado das graças de estylo, e destituido de sentimento poetico do que as composições d'este principe. Parecem mais um jogo de palavras, obrigado a consoantes, do que con-

Digitized by Google

cepções em que se houvesse insuflado um pensamento qualquer. Mas agradam pela harmonia, pela cadencia, pela suavidade as suas trovas, e por aquella melancholia que é ao mesmo tempo o attributo e a expressão da poesia dos trovadores peninsulares. Além d'isto, nos poemas de Dom Diniz já a linguagem portugueza começa a apresentar feições mais peculiares e distinctas, e até phrases, construcções e vocabulos que ainda hoje não deveriam ser desdenhados, pela sua propriedade e cunho nacional.

Nas trovas d'este rei subsistem duas feições distinctas, que inculcam evidentemente duas épochas de elaboração poetica: a primeira resume as canções vagas, impersonaes, allegoricas, em verso hendecasyllabo, como se diz vulgarmente, mas a que nós chamaremos de dez syllabas, pelas rasões já expendidas,[1] verso conforme modêlos que se encontram na eschola *limosina*, como a appellida o marquez de Santillana, caracterisando-a pela metrificação; a segunda composta das canções em redondilha maior e menor, imitações do gosto popular das *serranilhas* e *dizeres*, *cantares de amigo*, como os chamavam no seculo XIII, pintorescos, chistosos, apreciaveis pela summa naturalidade que tanto as recommenda.

Aqui damos uma mostra dos dois generos. Mas primeiro ainda uma observação.

Muitos versos hendecassyllabos se acham n'este Cancioneiro, o que prova, como demonstraremos a seu tempo, que os chamados metros toscanos, não foram introduzidos com a renascença das lettras por Sá de Miranda e Ferreira, pois é um processo de versificação já antigo e uzado pelos trovadores, que o aprenderam

[1] Vid. o já citado *Tratado de Metrificação Portugueza*, do sr. Visconde de Castilho.

Hendecasyllabo, em grego *hendéka*, que quer dizer *onze*, é o antigo verso *phalecio*, assim appellidado pelos haver introduzido o poeta Phalaecio, e mui uzado pelos gregos e romanos: era composto de cinco pés: um espondeu, um datylo e tres trocheus.

Digitized by Google

com o trato e exemplo dos arabes, os primeiros mestres na arte das combinações, artificio e harmonia metrica. Esta canção, composta n'esta medida, dá-nos idéa do talento versificador do rei poeta.

Si vi em vos a nenhum mal, Senhor,
Mal mi venha d'aquel, que pode, e val,
Si non que matades a mi pecador,
Que vos servi sempre, e vos fui leal.
E serei ja sempre em quanto eu viver,
E, Senhor, nom vos venho esto dizer
Pelo meu, mais porque a vos esta mal:
Cá por Deos mal vos vai per estas Senhor,
De si he cousa mui descomunhal,
De matardes mi, qu'eu merecedor
Nunca vos fui de morte, e pois que al
De mal nunca Deos em vos quiz poer,
Por Deos, Senhor, non quirades fazer
Em mi agora que vos está mal.

Note-se que *Senhor*, n'este poema, equivale a senhora, o que é trivial n'estes poetas antigos e ainda depois em varios dos nossos classicos, que faziam muitos vocabulos invariaveis, que aliás tem feminino e masculino.

N'outro genero, esta *pastoral* merece ser lida, pois não é falha de graça, e sobretndo respira a singeleza d'aquellas eras. O metro é flexivel e adequado ao canto a que eram destinadas taes cantigas.

Oy oj cantar d'amor
En hum formosa vergeu
Huma formosa Pastor
Que no parecer seu,
Jamais nunca lhe par vi,
E porem dixi-lhe assi
«Senhor, por vosso vou eu.»

---

Digitized by Google

Tornou-me sanhuda enton,
Quando eu esto oye dizer,
E disse, «hide-vos, varon,
«Quin vos foi aqui trouguer
«Pera me hirdes di estorvar?»
E ei disse «a questo cantar
«Que fez quen si bem querer.»

———

«Pois que me mandades hir»
Disse-lh'eu, «Senhor, hir-me hey,
«Sempre per vos andarey
«Ca vosso amor me forçou
«Assi que per vosso me hey,
«Cujo sempre eu ja serey.»

———

Diz ella «non vos ten prol
«Esso que dizedes, nen
«Mi pras de o oyir sol,
«Ant'ey nojo, e pesaren,
«Ca meu coraçon non é
«Nem será per boa fé
«Senon non bos quero ben.

———

Nem o meu, dixi-lhi eu já,
«Senhor, ou se partirá
«De vós por cujo sol ten,
«O meu, disse ella, será
«Hu foi sempre, hu está
«E de vos non curo ren.

———

«Quand'eu ben moto semensa
«Eu qual vos vejo, e vos vi,
«Des que vos eu conheci
«Deus, se oje eu sey ben,
«Que semelhe o vosso eu ren.

———

Digitized by Google

«Quando eu a beldade vossa
«Vejo, que vi per meu mal,
«Deos, que a coitados val,
«A mi nunca valer possa,
«Senhor, se oje eu sei ben,
«Que semelho o vosso ar ren
«E quasi a si non ten,
«Non vos vio, ou non ha sen.»

Parece-nos util aqui o juntar estas composições, porque nem todos, ou raros possuem os Cancioneiros que as contéem: são, em geral, livros caros e que só existem nas poucas livrarias publicas, que possuimos. Assim, ajuntando aqui estas amostras do talento poetico dos nossos primeiros cantores, fazemos mais completo este trabalho. Não encontram n'ellas apenas uma *curiosidade* litteraria, senão os elementos dispersos da historia comparada da nossa lingua e da poesia portugueza. Assim consideradas, teem immenso valor, e deverão ser altamente apreciadas pelos eruditos e ainda mais por aquelles que dezejam ter cabal conhecimento das questões que sobre ellas se possam suscitar. É por isto que ainda aqui ajuntâmos mais esta breve canção, agradavel pelo estylo pastoril, que já então começava a despontar, decerto estimulado pelo estudo dos antigos bucolicos italianos e hispanhoes, e que um seculo depois deveria de encontrar apropriados e suaves accentos nas eglogas do suavissimo Bernardim Ribeiro.

Hunha pastor se queixava
Muito estando n'outro dia,
E sigo medés fallava
E chorava, e dizia
Com amor que a forçava
Par Deos vi te em grave dia
Ai, amor!

---

Digitized by Google

Ella se estava queixando,
Como mulher com gram cuita,
E a quem apesar des quando
Nascera não fôra duita,
Por en dizia chorando
Tu non hes senon gram cuita
Ai, amor!

———

Coita lhe davam amores,
Que non lhe heram sinon morte,
E deitou-se antes nas flores,
E disse com coita forte
Mal te venga por hu fores
Ca no es sinon minha morte
Ai, amor!

Esta composição, pela singeleza do sentir e da fórma, assemelha-se áquellas que os francezes chamam *rondeaux*, e que Froissart, Clotilde de Surville,[1] João Peruse e outros poetas antigos d'aquella nação compunham quasi habitualmente para o canto, e que receberam esta fórma poetica dos trovadores provençaes, que Dom Diniz tão apaixonadamente imitou.

A *mestria maior*, como se ficou decerto deprehendendo pelo trecho da carta do marquez de Santillana, que reproduzimos no principio d'este capitulo, abrangia o genero de metrificação hoje chamado arte maior, isto é metros de sete syllabas para cima, e *mestria menor*, os metros de menos numero de syllabas. Os trovadores, que com tanta ufania aporfiavam em se distinguir dos jograes, adoptavam sempre, ou quasi sempre, os metros da *meestria mayor*, e deixaram á poesia

[1] Ou antes Vanderbourg, que se serviu do nome de Clotilde de Surville, a poetisa tão attractiva pela candura de seus versos, para publicar uma collecção de poesias, encantadoras pelo perfume de ingenuidade que as tornou tão celebres no seu tempo.

Digitized by Google

mercenaria dos jograes a *meestria menor*. Depois, este dois generos casaram-se, e veiu quasi a predominar a influencia jogralesca. Em Dom Diniz, como em muitos outros trovadores d'aquellas eras, vemos este exemplo.

Aqui temos uma amostra n'este *soláo* em que encontrâmos, tão bem aliadas, a poesia lyrica com a narrativa:

Uma pastor bem talhada
Cuydava en seu amigo,
Estava, ben vos digo
Per quant'eu vi, mui coytada.
E diss'! «Oy mays nõ é nada
De fiar per namorado
Nunca molher namorada;
Poys que m'o meu ha errado.»

Ela tragia na mão
Un *papagay* mui fremoso
Cantando muy saboroso,
Cá entrava o verão:
E diss':—«Amigo loução
Que faria per amores
Poys m'errastes tã en vão
E cá eu antr' unhas flores.»

Una gram peça do dia
Jouve ali, que non falava,
E a vezes acordava
E a vezes esmorecía;
E diss':—«Ay! Santa Maria,
Que será de mi agora!»
E o *papagay* dizia:
Ben, per quant' eu sey, senhora.

Se mi queredes dar guarida
Diss' a pastor, de verdade,
*Papagay* per caridade,

Digitized by Google

Cá morte m' é esta vida.»
—Diss' el: —'Senhor, comprida
Do ben, e non vos queixedes;
Ca o que vos ha servida
Ergued' olho e velvoedes.

Após este monarcha trovador seguem-se instinctivamentente seus dois filhos naturaes, Dom Pedro, conde de Barcellos, e Dom Affonso Sanches, conde de Albuquerque.

O conde de Barcellos era um principe estudioso, e que, attrahido pelo exemplo de seu pae, a quem decerto dezejava agradar, e levado da onda da moda da côrte em que vivia, procurou tambem o trato das musas, mas o seu talento não era notavel; e, se a posteridade o aprecia, é principalmente como compillador. O serviço que lhe devemos é o que fez antes á historia que a litteratura. Modificou os velhos livros de linhagens, já existentes no reinado de Dom Affonso Henriques,[1] e egualmente se deu ao trabalho de colligir os dispersos Cancioneiros d'aquelles tempos remotos, que andavam na mão de fidalgos e apreciadores.

Importa aqui observar que, em taes épochas, em que ainda vinha longe a arte da typographia, um exemplar d'estes valia por um morgado. Em muitos solares existiam mettidos em grossas folhas de castanho, chapeadas de ferro, á maneira dos missaes gothicos, e até acorrentados em logares seguros e escusos, como thesouros em que eram tidos, e como taes ás vezes constituindo legados, como se deu no testamento d'este mesmo infante, ou figurando como parte de arrhas em escripturas nupciaes.

Escreveu, pois, o conde Dom Pedro o *Nobiliario* e o *Livro das Cantigas*. Como trovador, a sua fama não deveria ser grande, pois vemos o proprio Affonso XI

[1] Talvez aproveitando-se dos trabalhos de João Camello e Pedro Alfarde, como já fizemos notar.

Digitized by Google

de Castella, que era o que hoje nós chamamos um *critico atrabiliario*, e a quem o Infante legou o seu *Livro das Cantigas*, chegar a declarar, que era fraco trovador, e que os seus versos não passavam de plagiarios das insulsas canções do trovador Pero da Ponte e Affonso Annes Cotom, e, como tal, digno collega de outro ruim versejador por nome Bernal de Bonaval.

No entanto, era mui estimado de Dom Diniz, que, com o trabalho de investigação de Dom Pedro, das filiações da nobreza, viu fortalecidos os direitos reaes; e tanto logrou insinuar-se até no animo de Dom Affonso IV, por quem fôra desherdado, logo no principio do seu reinado, pelos ciumes causados pela predilecção com que Dom Diniz, seu pae, o tratara, que por fim chegou a captivar-lhe as boas graças, e a haver tal intimidade e privança entre elles, que os outros trovadores o appellidavam o *rimante d'el-rei*, não sabemos se por estar já no habito de fazer as trovas que lhe pedia seu irmão, se por ser apenas encarregado por elle de lh'as corrigir e limar.

As poesias d'este principe não foram publicadas no seu tempo; e até se conta, como já referimos no capitulo dos *Cancioneiros*, que as colleccionara em fórma de Cancioneiro e as testara a el-rei de Castella, o qual não chegou a receber o legado, porque falleceu quatro annos antes da morte do conde, mas parece que a disposição testamentaria sempre se realisára nos herdeiros do monarcha hispanhol, e o *Cancioneiro* fôra para Hispanha, pois vêmos, passados seculos, um erudito, por nome Dom Alexandre Gomes Fuentenabro, dal-o á estampa, precedendo-o de um romance ácêrca dos amores do conde D. Pedro, obra do editor, e outros mais differentes versos em lingua gallega de Dom Alberto Camino.

A valia d'este livro, como todos os que conteem trovas d'aquellas eras, resume-se no que póde offerecer ao estudo de lingua, pois é tãosómente auxiliados por estes antiquissimos monumentos que podemos apreciar



Digitized by Google

e seguir as fórmas primitivas e marcha do nosso idioma. Como poesia tem os defeitos de todas as da épocha: rudeza de linguagem, versificação irregular, desharmonia, estylo prosaico, construcções barbaras e sobretudo verdadeira monotonia na composição e pobreza de pensamento poetico.

Aqui damos uma amostra do talento d'este trovador n'este *soldo:*

N'outro dia quando eu mi espedi
De mia Señor, e quando me houve a ir,
E me fallou, e non me quiz oyir,
Tan sen ventura fui que non morri,
  Que si mil vezes podesse morrer,
  Meor cuita me fôra de soffrer.

———

Que eu dixe con graça, mia Señor,
Catou mi un pouco, e teve mi en desden
Porque me non dixe o mal nem ben,
Fiquei cuitado, e con tan gran pavor,
  Que si mil vezes podesse morrer
  Meor cuita me fôra de soffrer.

———

E sei mui ben ei me della quitar,
E m'onde eu fui, e non me quiz fallar,
Ca pois ali non morri com pesar
Nunca jamais con pesar morrerei,
  Que se mil vezes podesse morrer
  Meor cuita me fôra de soffrer.

É de suppór que este principe escrevesse algumas obras em prosa, a julgar pelo *Nobiliario,* livro hoje raro e muito estimado pelos bibliographos. Os dramaturgos e romancistas encontram tambem n'este livro uma apreciavel mina de lendas populares e tradições historicas, que andam entrelaçadas com a origem dos no-

Digitized by Google

mes e solares de muitas casas illustres e da instituição das villas do reino, e que formam ao mesmo tempo a mythologia e a auctoridade d'essas casas. A *Dama pé de cabra*, do sr. Alexandre Herculano, foi extraida d'este repositorio, tão abundante e cheio de *côr local* n'este genero legendario.

É singular a acceitação, e até o culto, que a poesia conservou, n'estas primeiras épochas da monarchia portugueza, dos principes e até dos nossos reis! Esta caracteristica da edade-média, que fazia que o nobre descansasse das fadigas da peleja para descantar na theorba de trovador os rigores da dama de seus pensamentos, não faltou em Portugal, e foram nada menos do que soberanos, cuja irascibilidade e violencia de caracter os apresentava como alheios ao trato brando e affectuoso das musas, como D. Affonso IV e D. Pedro I, de quem se affirma haverem tambem muita predilecção pela poesia. A respeito de Dom Affonso IV não parece mui segura esta asseveração. Dom Diniz, pela muita estima que tinha a seus dois filhos naturaes, o conde de Barcellos, e mui particularmente a Dom Affonso Sanches, filho da celebre Dona Aldonça Rodrigues Telha, que tantas inquietações causára á rainha Santa Izabel, e para quem fôra edificado, conforme assevera a tradição local, o palacio que ainda hoje se vê em ruinas no sitio do Monte Real,[1] logo de verdes annos arredára de si o principe herdeiro. Depois os sentimentos violentos que o senhorearam, e as paixões que o levaram a erguer mão armada contra seu progenitor, devastando o reino e dividindo os fidalgos em bandos, tragicos lances em que a Santa Rainha desempenhou sempre o papel de conciliadora, não seriam decerto os mais azados para lhe

[1] Monte-Real, sitio que fica no caminho da Vieira para Leiria. N'uma collina vêem-se ainda os restos d'uma edificação, que a memoria popular assevera haver sido o palacio da amasia do *Rei Lavrador*, e que deu o nome de *Monte Real* ao logar, por estes amores do principe.

Digitized by Google

soltarem os vôos do talento poetico, se porventura o possuia. Conta-se, todavia, que se dera a poetar, e as suas trovas foram recolhidas por frei Bernardo de Brito, conforme se lê n'um manuscripto de Manuel Severino de Faria. É isto, pelo menos, o que diz Barbosa Machado.

Mas as suas poesias, se existiram, nunca se imprimiram: attribuem-lhe comtudo um soneto, mas cuja authenticidade é contestada, pelo attribuirem tambem alguns criticos a Dom Pedro, duque de Coimbra, e dizerem outros que fôra obra do dr. Antonio Ferreira, chegando os editores (dos *Poemas Luzitanos*) a estampal-o no Tomo I, como se fôra corrente e indubitavel esta opinião, que não nos parece facil de sustentar. Ferreira, pelo pouco affeiçoado que era á poesia dos trovadores, não torna logica a presumpção de o julgarem auctor d'estes brinquedos litterarios. A sua musa, toda classica, não prestava ouvidos aos cantos da inspiração provençal, e até o seu maior empenho foi sempre arredar o gosto e o estudo d'aquellas fórmas metricas, que elle reputava barbaras. No entanto, quem o affirma é seu proprio filho, Miguel Leitão Ferreira, n'esta nota que acompanha as erratas da edição de 1598: — *Estes dois sonetos fez meu pae*, na linguagem que se costumava n'este Reyno, no tempo d'el-rei Dom Diniz, que é a mesma em que foi composta a historia do *Amadiz de Gaula*, por Vasco Lobeira, natural da cidade do Porto, cujo original anda na casa d'Aveiro. *Divulgaram-se em nome do Infante Dom Affonso, filho primogenito d'el-rei Dom Diniz*, etc.»

Mas para que faria Ferreira estes sonetos? E para que se dirigiria a Vasco de Lobeira? Para dar mais côr local ao soneto? E que dezejos seriam estes de querer imitar o estylo de Dom Diniz, elle, o fundador da escola classica? Tudo isto é singular. Sempre vemos d'aqui originar-se uma utilidade, que é a asseveração da originalidade do *Amadiz*, na lingua portugueza, e a naturalidade do seu auctor, Vasco de Lobeira. Este tes-

Digitized by Google

temunho, n'esta parte, por ser apresentado como indubitavel e corrente, é de summa importancia para esta questão, aliás tão controvertida pelo tempo adiante, pela má-fé de alguns criticos hispanhoes.

O soneto é o seguinte:

Gram Vasco de Lobera, e de gram sen,
De pram, que vos avedes ben contado
O feito d'Amadiz, o namorado,
Sem quedar ende por contar hi ren.

E tanto nos aprouge, e a tamben
Que vos seredes sempre ende loado,
E entre os homes boos per bem mentado,
Que vos leram adeante, e que ora len.

Mas por que vos fazestes a fremosa
Brioranja amar endando hu non a amarom?
Esto cambade e compra sa vontade?

Ca eu hey de gran dor de a ver queixosa,
Por sa gran fremosura, e sa bondade
E ber que seu amor non lho pagarom.

Tambem entram em o numero dos trovadores Dom Affonso Sanches, filho natural d'el-rei Dom Diniz, principe de muitas prendas, e Dom Pedro, o desditoso amante de Dona Ignez de Castro. Diogo Barbosa Machado refere-se a um poema, que affirma ser d'este monarcha, no qual se deplora a morte da malaventurada Dona Ignez. O poema é composto em versos de arte maior e hendecasyllabos, á maneira das canções italianas, mas em lingua castelhana. Das poesias de Dom Affonso Sanches nem um manuscripto passou á posteridade.

Ainda pertence a esta phalange de cantores de sangue real o infante Dom Pedro, duque de Coimbra, que foi regente do reino na menoridade de Dom Affonso V,

Digitized by Google

e que tão desastroso fim teve nos campos da Alfarrobeira. Foi muito instruido e apaixonado por viagens, o que occasionou escreverem-lhe a vida n'uma especie de epitome legendario, bem conhecido do nosso povo, e que tem por titulo as *Sete partidas do Infante Dom Pedro.*[1] Na poesia deixou-nos apenas noticias confusas. Já nos referimos ao seu livro das *Coplas*, quando tratamos dos *Cancioneiros*, o que para muitos ainda é duvidoso, mas que nos parece innegavel, depois dos testemunhos e documentos que apontamos. Nos *Cancioneiros* vem varias coplas d'este principe, mas quasi todas em castelhano. Em portuguez achâmos unicamente estas dirigidas ao celebre poeta João de Mena, auctor do *Labyrintho*, e que, n'aquella épocha, passava pelo maior poeta das Hispanhas.

Nom vos será grão louvor
Per serdes de mim louvado
Que nam sam tal sabedor
Em trovas, que vos dei grado.
Mas meo desejo de grado
A mim praz de vos louvar;
E vos o podeis tomar
Tal quejando vos he dado.

———

Sabedor, e bem fallante,
E gracioso em dizer,
Coronista obastante,
Poesias a trazer,
Ou de novo as fazer,
Cumpra com grão mestria,
De comparar melhoria,
Dos outros deveis haver.

[1] Este livro é geralmente attribuido a Gomes de Santo Estevão, e tambem por José Soares da Silva nas suas *Mem. de Dom João I*, e Faria e Sousa, nos *Comm. a Camões.*

Digitized by Google

D'Amor Trovador sentido,
Como a quem seu mal sentio,
E o houve bem servido,
E os seus segredos vio;
E de todo se partio
Mui fermoso, e muito bem,
Como pode dizer quem
Vossas copras ler ouvio.

---

De louvar a quem vos praz
Aconselhar lealmente,
Disto sabeis vos assas,
E fazeis-lo sagazmente,
E assentar so presente
Creo não terdes igual,
De consoar como tal
Julgue-o quem o bem sente.
Per todo esto sam contente
Das vossas obras, que vejo,
E as não vistas desejo
Fazei-me d'ellas presente.

Tambem escreveu uma especie de poema moral em estanças de arte maior, no gosto de João de Mena, que muito queria imitar, e cuja invocação aqui estampamos. N'esta especie de versos, ninguem, até então, melhor os compoz, nem mais harmoniosos nem mais obrigados aos preceitos metricos. Basta a primeira oitava para avaliar a perfeição a que já havia chegado o machinismo poetico.

Diremos el celso, y mui grande Dios,
Diremos las cosas caducas, y vanas:
Retener devemos las firmes em nos,
Las utiles, santas, mui buenas e sanas.
Oh tu, gran Mynerva, que siempre emanas
Meis veros preceptos em grand abastança.
Imploro me mantres las leys sobranas
Y fiere my pecho com tu luenga lanza.

Digitized by Google

As invocações mythologicas, n'esta oitava, manifestam bem claramente quanto o influxo da renascença classica já predominava nos espiritos cultos em Portugal.

Fecha o cyclo dos nossos trovadores Macias, a quem tão desastroso fim deram seus amores, e talvez o primeiro d'elles que, pelo tom sentimental de suas endeixas apaixonadas e pelos arrebatamentos que lhe ateiam a phantasia, deixa já adivinhar o poeta erotico. No alaúde d'este desditoso cantor a nossa poesia perde o desalinho, e por ventura a rudeza dos antigos menestreis, para já desafogar em desabafos de formoso lyrismo, cujas inspirações se accendem e inflammam todas nos infortunios de um affecto mal aventurado. Pelo seu espirito ainda pertence ao periodo cavalleiroso, em que o guerreiro e o cantor formavam entidades homogeneas ou inseparaveis; pelo coração é todo d'esses tempos de aventuras amorosas em que a paixão se escudava e justificava até com a temeridade dos lances arriscados; mas pelo talento, pelas tendencias de sua intelligencia culta, abraça os seculos de diffusão de luzes, de aperfeiçoamento litterario, de estudo e imitação das lettras classicas, cujo movimento, operado na Italia, alargou ramificações pelo resto do Meio-dia e Occidente da Europa.

Como todos os poetas da eschola provençal, cujas magoas ou alegrias constituem a quasi chamma unica de seu estro, Macias descantou tãosómente os seus amores. Esta é a indole poetica, aquella que o personifica como trovador, deixando transver na fórma artistica e primor da metrificação o discipulo dos estudos depertados com o renascimento das lettras. Macias é o primeiro talento, entre nós, pelo menos aquelle que mais caracteristicamente o denuncia, que prova a ligação espiritual e litteraria da Peninsula Iberica com a Peninsula Italiana, norma e estimulo então para tudo que fossem recordações grandiosas. É principalmente com a suavidade e brandura da musa italica, e a harmonia de seus metros, que o derradeiro dos nossos trovado-

Digitized by Google

res adquiriu a individualidade que ainda hoje o recommenda. Pena é que das suas numerosas composições restem só tres. Duas d'ellas incluiu-as Dom Thomaz Sanches na sua *Collecção de poemas anteriores ao seculo XV*; a outra aqui a estampâmos, pois é preciso que o leitor avalie por si mesmo os progressos da nossa poesia nos versos d'este talento insinuante e apaixonado.

Cativo de mi tristura
Já todos prendem espanto,
E preguntam que ventura
Foy que me atormenta tanto?
Mas non se ao mundo amigo
O que mais do meu quebranto
Diga desto que vos digo,
Que bem ser nunca debia
Al pensar que faz folia.

Cuidê subir em alteza
Por cobrar mayor estado;
E cai em tal pobreza
Que moyro desemparado.
Com pesar, e com desejo,
Que vos direy, mal fadado!
Lo que yo hey ben o vejo,
Quando o loco cay mais alto
Subir prende maior salto.

Pero que pobre sandece
Por que me doy o pesar!
Miña loucura assi crexe,
Que moyro por entonar:
Pero mais non a verey!
Si non ver é desejar,
E poren assi direy
Quen en carcel sole viver,
Em carcel se veja morrer.

Digitized by Google

Miña ventura en demanda
Me puso, e tan dudada
Que mi corazom me manda
Que seya sempre negada,
Pero mais nom saberan
De miña cuyta lasdada;
E por en asim diran:
Can rabioso é cousa braba,
De su señor que se traba.

Ha n'esta poesia uns longes já da suavidade que se aprecia em Boscan e Garcilasso de la Vega, que, como outros, foram tambem discipulos e imitadores de Petrarcha.

Talvez nos arguam de cerrar precipitadamente o periodo dos trovadores em Macias, pois que outros houve, coévos e ainda depois d'elle, que pertenceram decerto a essa corrente de influencia poetica. O *Cancioneiro de Rezende* collige as coplas de muitos poetas, em que se notam vislumbres d'esta ascendencia, posto que, na totalidade, representem o dominio da eschola hispanhola, que baniu de todo a provençal e floresceu até ser combatida pela italiana, no reinado de Dom João III. Ha quem pretenda encorporar debaixo da mesma ordem de inspirações poeticas a Bernardim Ribeiro e Gil Vicente, qualificando-os tambem de trovadores, quando a sua indole, e as mesmas predilecções da sua musa, os levaram para pontos mui diversos a dilatarem a esphera da sua phantasia. Bernardim Ribeiro, alma apaixonada e espirito em que se espelhavam profundamente os magicos aspectos da natureza, resume os sentimentos e as inspirações do poeta erotico e do poeta bucolico; e Gil Vicente, pela veia satyrica da sua musa galhofeira, e pelo sentimento nacional que tanto o individualisa, é ao mesmo tempo o reproductor da nossa poesia popular e o creador do theatro nacional. Nos seus *autos* e comedias encontra-se a satyra dos costumes do tempo e efflorescencia de todas as antigas tradições da inspiração jogralesca.

Digitized by Google

No *Cancioneiro de Rezende*, e n'outros Cancioneiros, ainda apparecem as coplas de varios versejadores, como Ayres Telles, Affonso Valente, Fernão da Silveira, Alvaro de Brito Pestanha, Dom João Manuel, Dom João de Menezes, Luiz Henrique, Jorge de Aguiar, Dom Rodrigo de Monsanto, Francisco da Silveira, Diogo de Mello, Henrique da Motta, Diogo Brandão, mas estes copleiros já preludiam o renascimento das lettras em Portugal, separando-se por disposições proprias e pelos mesmos assumptos que mais facilmente excitam o seu estro, dos limites estreitos do circulo dos trovadores e dos jograes.

E preludiam já o renascimento das lettras, porque varios, como por exemplo Diogo Brandão, imita Dante; Fernão da Silveira, recorda Marcial e Juvenal na agudeza dos seus apôdos satyricos; Fernão da Silveira accusa tambem a lição assidua dos poetas latinos na pintura engraçada e mordaz que traça dos costumes do seu tempo. Todos estes vislumbres de estudos classicos, todos estes resaibos de imitação dos auctores antigos, todas estas diversas direcções que ia tomando o talento poetico entre nós, decerto asseguram que a influencia da renascença já actuava nos animos. Dom João de Menezes compõe, por exemplo, este eipgramma contra o aulico Pero de Sousa Ribeiro, que fingiu esquecer-se de o annunciar ao principe real, em cuja camara desejava ser admittido.

Se vós lá dizeis de nós
O que cá de vós dizemos,
Razão é que não entremos.

E direis, por não medrar,
Sabemos mui bem fazer
C'os de dentro não dizer
C'os de fóra murmurar.

Digitized by Google

Se taes somos como a vós,
Confessamos, conhecemos
Que é rasão que não entremos.

Aqui entrevê-se já a veia satyrica aperfeiçoada, mui distante d'essa ordem de coplas que os antigos trouveiros denominavam *sirventes*, insulso e estirado estendal de injurias, que se disparavam reciprocamente, e muitas vezes replicando uns aos outros, á maneira de *desafio*, como ainda hoje uzam os nossos camponezes.

Entre aquelles poetas tambem ha differentes que se atreveram a embocar a tuba épica, como Luiz Henrique, que compoz a *Conquista de Azamor*, e Diogo Brandão, que deixou um poema funebre dedicado á morte de Dom João II, ambos em estanças de oito versos de arte maior, imitação de João de Mena, cujo *Labyrintho* é todo escripto n'estas estanças, deixando vêr que em todas as nações visinhas os maiores talentos se desprendiam já das formulas apertadas das coplas de arte menor, mais adoptadas pelos antigos trovadores, e que procuravam combinações metricas que se aproximassem do hexametre dos gregos e latinos, como adquadas a exprimir as grandes concepções.

A feição proeminente, porém, e quasi unica d'estes poetas, é a satyrica, o que ainda mais os distanceia dos trovadores, eschola cujo caracteristico peculiar é determinado pelos sentimentos de uma épocha historica, como o culto exagerado da belleza, o heroismo militar, e a ambição de conquista, que foram as preoccupações insistentes e quasi singulares da edade-media, e até a origem de muitas das mais notaveis instituições, como a cavallaria e as cruzadas. Por isto devemos classificar de outro modo estes poetas, que pertencem ainda aos primeiros rudimentos da nossa poesia pelas fórmas da versificação que seguiam, que foram as antigas, e isso alguns d'elles, porque outros, mais eruditos e applicados, já lançavam mão dos metros recommendados pela lição da antiguidade.

Digitized by Google

E a natureza da fórma adoptada não é que determina a indole ao talento poetico. A circumstancia de serem os versos de arte menor os dominantes ainda, prova unicamente que estes são os que mais se coadunam com a contextura especial da nossa lingua, e aquelles que mais facil e caracteristicamente dão sahida aos repentes do estro popular. E' sabido que a contextura metrica resulta, n'estes casos, do genio da lingua. E tanto assim, que a épocha dos trovadores já vae longe, e essa medida de versos ficou, e continua a ser a usada e predilecta do povo. Todas as canções, coplas, voltas, vilancetes e cantigas populares são vasadas n'este molde. O nosso povo, e todos os povos, não sabem o que seja verso heroico. Isso é já illustração; é já sciencia de fórma; é já a idéa procurando a amplidão do periodo e a pompa da phrase realçada dos epithetos; é a rhetorica fabricando moldes para concepções grandiosas. E entre estes mesmos poetas temos exemplos d'isto. Quando um quiz decantar a conquista de uma praça africana, procurou a fórma epica; e quando outro se deixou inspirar pela musa da elegia, do mesmo modo adoptou o verso chamado vulgarmente hendecasyllabo.

Mas esta foi a excepção, porque a natureza e a phisionomia d'aquelles versejadores (que alguns nem esta qualificação merecem, senão em attenção ao atraso da épocha) são as dos poetas populares satyricos, que é assim que devem ser considerados, como o foram em tempos posteriores Chiado, e muito mais recentemente José Daniel Rodrigues da Costa, reminiscencias vivas dos antigos jograes.

E bastante semelhança apresenta, e até pontos de contacto na escolha dos assumptos, um d'aquelles poetas com o celebrado e popular Chiado. E' Dom João Manuel, moralista conciso e conceituoso. As seguintes voltas, que resumem o codigo da vida facil e pacifica, dão uma clara idéa do genero do seu talento, e patenteiam o parentesco que indicâmos.

Digitized by Google

Ouve, vê e cala,
Viverás vida folgada.

Tua porta cerrarás,
Teu visinho louvarás,
Quanto pódes não farás,
Quanto sabes não dirás,
Quanto ouves não crerás,
Se quizeres viver em paz.

Seis coisas sempre vê
Quando fallares, te mando,
De quem fallas, onde, o quê
E a quem, e como, e quando.

Nunca fies, nem porfies,
Nem a outro injuries,
Não estês muito na praça,
Nem te rias de quem passa.

Seja teu tudo o que vestes,
A ribaldos não doestes,
Nem cavalgarás em potro
Nem tua mulher gabes a outro.

Não cures de ser picão,
Nem torvar contra razão,
Assim lograrás ter cans
Com tuas queixadas sans.

São admiraveis de concisão, de bom senso e de chiste todas estas maximas. A musa do Tolentino folgaria de ter mimoseado o seu predilecto com tal composição.

No começo d'este capitulo referimo-nos á influencia da lingua provençal, influencia, que, sem alterar completamente a indole de cada um dos dialectos do Meio-dia e Occidente da Europa, os aproximava, todavia, e tornava reciprocamente comprehensiveis pela quantidade

Digitized by Google

de vocabulos e locuções identicas que derramava por elles todos. Como já tambem dissemos, este estado simultaneo dos idiomas é um effeito que a historia da continua oscillação dos povos, n'aquellas eras, explica cathegoricamente: é propriamente uma elaboração popular, e por isso se pode dizer com verdade, que ainda depois a formação dos idiomas neo-latinos se apresenta como um resultado da acção inconsciente dos povos.

Parece-nos curioso ajuntar aqui alguns exemplos d'esta identidade. Mesmo aquelles que hajam dado menos tempo a taes estudos perceberão a semelhança, e se habilitarão para poder entrar cabalmente n'esta questão linguistica e philologica.

Fornece-nos um bom exemplo esta trova, attribuida ao imperador Francisco II, filho do celebre Barbaruça, feita em louvor e lisongeria das diversas nações, cujos principes haviam seguido suas expedições. E' harmoniosa, e, pela agudeza do espirito, chega quasi a ser conceituosa.

Plas mi cavalier francez,
E la donna cathalana,
E l'onrar del ginoez,
E la cour de kastellana,
Lou cantar provenzalez,
E la danza trevisana,
E lou corpo aragonez,
E la perla juliana,
Las mans et kara d'anglez,
E lou donzel de Tuscana.

Esta que segue é de Dom Gonsalo Bercéo, auctor do poema intitulado *Vida del glorioso confessor Santo Domingos de Silles*, e outros mais que vem na collecção de Dom Thomaz Sanches. Passa por ser o primeiro poeta que escreveu em lingua vulgar castelhana.

Digitized by Google

Quiero em mi vejez, maguer só ya cansado
Desta Santa Virgen romanzar su dictado;
Que Dios por'el su ruego sea de mi pagado,
E non quiera venganza tomar del mi peccado.

Agora demos alguns exemplos comparativos de trovas de poetas nossos, gallegos, provençaes e outros paizes.

PORTUGUEZ

E pois uós uos da cuita nõ nêbrades
Nen do affan q ma mor faz pñder
Por meu mal uiuo mais ca uos cuidades
E por meu mal me fezo Deus naçer
E por meu mal nõ morri u cuidei
Como uos uisse por meu mal fiquei
Uiuo, pois uós por meu mal ren non dades.

PORTUGUEZ

Desta cuitan que me uos teêdes
En que ogen uiuo tan sen sabor
Que farei eu pois mia uos nõ creedes,
Que farei eu catiuo pecador.
Que farei eu uiuendo sempre assi,
Que farei eu q mal dia naçi,
Que farei eu pois me uos nõ valedes.

E pois que Deus non quer me uallades
Nem me qirades mia cuita creer,
Que farei eu por Deus, que mi o diga
Que farei eu se logo nõ morrer.
Que farei eu se mais a uiuer ei
Que farei eu q consello nõ sei
Que farei eu que uos desamparades.

Enguarirdes voss ome q matades
E que uos ama mais q outra ren

Digitized by Google

Por min uos digo que no ácho quen
Me dé consello nem uos mi o dades.
Pois Deos sabe quã do coraçon
Ogen uos amo e se elle me perdom
Desamo mi por q se desamades.

Per boa fe mia señor e sabiades
Ca por q aqstey perdudo meu sen
Mais se Deos quiser q uos dig-algãe
Qual bê uos quero e que o uos creades.
Poderei en men sen cobrar de si
E se a uos puguer q seia assi
Sempre poren boa uentura aiades.

PROVENÇAL

Melhor deu esser
En est aventurar
Vezer e no guardar
Em guardar e vezer.
Vezer e defender
Molt bon seria
Mas qui poiria?

PORTUGUEZ

(Traducção)

Melhor deve ser
N'este aventurar
Vêr e não guardar
Que guardar e vêr.
Vêr e defender
Muito bom seria
Mas quem poderia? [1]

[1] Este exemplo, colhido na *Introducção da Historia da Litteratura Portugueza*, do sr. Theophilo Braga, mostra bem até que ponto as linguas então se identificavam.



Digitized by Google

## LINGUA CATALÃ.—POEMA DE SANTA FIDES D'AGEN,

Citado no *Recueil de l'Origine de la Langue et Poésie Française.*

Canczon audi ques bellantresca
que fo de razõ·espanesca
non fo de paraulla grezesca
dolz esuaus es plus que bresca
e plus que nuls piments qome mesca,
qui ben la diz a ley francesca
cuig men qe sosgranz pros len cresca
e qe nest segle len puresca:
Tota basconnet aragons
el encontrada dels gascons
saben qual ses aqist canczons
esses ben vera sta razons
en laudi legir a clerczons
e agramadis a molt bons
si qo no mostral passions
en que omligestas leiczons
e si vos plaz est nostre sons
aisi cõl guidal primers tons
eu la vos cantarei en dons.

---

## LINGUA LIMOSINA

*Exemplos extraidos do Tom. I da Collecção de Dom Thomaz Sanches*

Esperanza res non dona
ama pena comportar
lora que vinch à pensar
qui ofen nunca perdona.
Lo ofen á franqueix la cara
et perdona quisque sia·
qui ofen tostemps diu gara
que non faza per falsia.
Ausades Deu me confona
si non cuit desesperar
lora que vinch a pensar
qui ofen nunca perdona.

Digitized by Google

Contra felnia sun fãit de gran bontat
Contra prejuri de bona feeltat
Contra avaricia sun fait de largetat
Contra tristicia sun fait d'alegrat
Contra menzonga sun fait de veritat
Contra luxuria sun fait de castitat
Contra superbia sun fait d'umilitat.

---

CACIONEIRO DE RESENDE [1]

Senñor fremosa querria saber
de uos que sempre punney de servir
pois uos eu sey mais d'outra ren amar
que diredes a quem uos perguntar
pois me podedes de morte guarir
Senñor por que me leixades morrer.

Pois que massi tendes en poder
Senñor fremosa dized uma ren
que diredes se uos alguem disser
que lle digades se uos aprouguer
pois me podedes guarecer muy ben
Senñor por que me leixades morrer.

Pois m'en tal coyta podedes ualer
come de morte, se Deus uos perdon
que diredes fremosa mia Senñor.
U uos aquesto preguntado for
pois uos amo mui de coracon
Senñor por que me deixades morrer.

---

TROVADORES PROVENÇAES FRANCEZES

Pus que d'amor m' estuet chantar
Chansoneta commenserai
E per mon cor reconfortar

[1] Pag. 98 e 99.

Digitized by Google

De novela amor chantarai
Dieus, tan me fai a li pensar
Cela dont ja no m' partirai
Tan con viurai.
Ah Dieus! Uerai Dieus! no puesc durar.
Alo mals qu ieu ai.

Si la bella blonda sabia
Com lo departirs m' ancira
Ja de mi no departiria
S'amor qu' ela donada m'a.
Quar, en qual loc que moc corp sia
Moc corp totz joy a li sera;
Ni ja noi en departira
Dieus! la reveirai ieu tant ja
La bella que mon cor a?

---

LINGUA DOS TROVADORES ITALIANOS

Per me si va en la ciutal dolent
Per me si va en l'eternal dolor
Per me si va tras la perduta gent

Justizia moguet el mieu alt fachor
Fez mi la divina potestat
La summa sapienza e l' prim'amor.

Ma de la temperanza e pietate
La misericordia si ne é nata

Eo Bonifacio de tanta potenza
De mi dotaron et ebeno paura
La strucion crudele de Florenza.

---

VERSOS DO MARQUEZ DE SANTILLANA PARA INSTRUCÇÃO DO PRINCIPE DOM HENRIQUE, FILHO DE DOM JOÃO II DE CASTELLA

Fijo mio mucho amado,
para mientes,

Digitized by Google

no contraste á las gentes
mal su grado.
Ama, e serás amado
e poderás
facer lo que no farás
desamado.

Muitos outros exemplos poderiamos aqui ajuntar, mas julgâmos estes sobejos para demonstração da identidade tão sustentada nas obras de Raynouard.

Digitized by Google

# CAPITULO VI

## SEGUNDA ÉPOCHA

**(De 1290 até 1383)**

**Progresso litterario de accordo com a organisação politica de Portugal.—Dom Diniz e os primeiros passos para a emancipação da lingua e instituição de estudos superiores: a *Biblia* e o *Livro das Partidas* vertidos em vulgar.—Educação de Dom Diniz e sua influencia na poesia.—A poesia provençal: periodo de imitação e artificio.—A côrte d'este rei e as tradições provençalescas sustentadas pela moda palaciana.—Fundação da Universidade Portugueza, e os effeitos da renascença do seculo XIII.—O conde de Barcellos e o *Nobiliario* como elemento de reforma politica.—Dom Affonso Sanches, o bastardo.—A batalha do Salado, e o cyclo poetico que este successo creou em Portugal e Hispanha: poemas.—Dom Pedro I: os seus infortunios dominam o seu caracter e actuam na imaginação da épocha.—Confusão d'este principe com o filho do duque de Coimbra.—Influencia da invasão dos fidalgos gallegos e a do cyclo da *Tavola Redonda*.—Fecha o cyclo dos trovadores Macias, *el enamorado*—O seu talento inspira-se do grande movimento de renovação operado na Italia e communicado á Peninsula Hispanhola.—Effeitos da educação erudita.**

A historia das nossas cousas literrarias começa a desenhar-se de um modo mais perceptivel com o reinado de el-rei Dom Diniz. É com o impulso do seu animo esclarecido, é com os seus bons desejos como principe

Digitized by Google

que prevê ser impossivel sem aperfeiçoamento intellectual realisarem-se progressos reaes em qualquer ordem de melhoramentos publicos, e é ainda mais com o seu peculiar e insistente amor ás lettras, que se dão os primeiros passos para sahirmos das trevas primitivas em que permanecia envolvida a monarchia portugueza. Os historiadores chamam ao reinado d'este soberano a nossa *idade de oiro*. E sem encarecimento assim se deve appellidar, porque, se attentarmos no atraso das idéas e das instituições no restante da Europa, n'essa épocha, em que quasi todos os espiritos e a propria organisação informe dos estados era totalmente disposta para as necessidades da guerra e dos combates, muito mais nos deve admirar que o rei portuguez erguesse pensamentos acima d'essa uniformidade e rudeza, que por toda a parte affogava as inspirações mais arrojadas, e lograsse effectuar adiantamentos que foram decerto os alicerces do nosso edificio litterario. Foi elrei Dom Diniz que tratou de libertar esta nação do jugo da lingua estranha, que mais de dez seculos supportára, proscrevendo do fôro, dos tribunaes e demais tratos publicos o latim abastardado que até então fôra a lingua vulgar, ou, pelo menos, a adoptada em todos os documentos civis; quem mandou verter em portuguez a *Biblia* e o *Livro das Partidas*, em que os estudiosos das nossas cousas antigas pretendem vêr um texto de legislação adoptado, e que foi ao mesmo tempo a escolha de uma obra, por si encarecida e por isso com acêrto escolhida para ensaio litterario. Foi tambem Dom Diniz quem fundou uma Universidade em Lisboa, onde se estudava direito civil, depois transferida para Coimbra em 1308. Os primeiros estatutos foram-lhe dados em 1309. Distinguiu-se tambem este principe como um dos mais esmerados cultores das musas, cabendo-lhe inquestionavelmente a honra de ser o primeiro trovador que rimou em lingua chamada nacional. Os nossos historiadores antigos chegam até a classifical-o como *grande trovador*, conforme se lê em

Digitized by Google

Duarte Nunes de Leão, [1] quando escreve que: «sobre estas grandes virtudes (as politicas) tinha el-rei Dom Diniz outras, que foi ser mui humano e conversavel, sem perder nada da magestade de rei, e *grande trovador, e quasi o primeiro que na linyua provençal portugueza sabemos escreveu versos*, o que elle e os d'aquelle tempo começaram a fazer á imitação dos Avernos e Provençaes, etc.»

Dom Affonso III, seu pai, deixára consolidada a conquista de Portugal. A Dom Diniz nem foi mister alargar o territorio, porque possuia bastante para constituir um reino, nem teve de sustentar renhidas guerras com os mouros, porque a nossa espada gloriosa os havia expulsado já do seu antigo reino de Algarve. A paz dera estabilidade ao seu reinado, e é este o segredo da sua larga acção sobre as principaes bases constituitivas de um Estado.

A poesia já no tempo de Dom Sancho II e Dom Affonso III era um passatempo palaciano. Nas côrtes destes soberanos aporfiava a nobreza em qual se mostraria mais dextro no manejo das armas e no poetar. Foi n'este periodo que se compozeram essas infinitas trovas amorosas e satyricas, que formam a *Collecção Vaticana*, exuberante efflorescencia da poesia provençal na sua melhor quadra, mas depois já forçada e facticia, porque essa poesia, arredada já da atmosphera da sua influencia peculiar e caracteristica, tornara-se um artificio. Não era a inspiração que a produzia, senão a moda aristocratica que a determinava.

Dom Diniz, quasi educado pela influencia da côrte poetica e abrilhantada das tradições provençaes de seu avô, Dom Affonso, o Sabio, desde verdes annos amava as lettras e a poesia. A risonha épocha da florescencia dos poetas da Provença e de seus imitadores, cujos éccos festivos chegaram ainda ao paço de seu pae, povoaram-lhe a phantasia de recordações, e assim como tentou

[1] *Chronica de el-rei Dom Diniz.*

Digitized by Google

conservar a ordem dos Templarios com o nome de Cavalleiros de Christo, da mesma sorte pretendeu perpetuar a antiga usança das gentilezas do genio provençal, sustentando, com o seu exemplo, a imitação de uma quadra poetica, já a expirar em França, e que na propria Italia começava tambem de ser esquecida pelos admiradores de Dante.

A posteridade ficou dizendo que Dom Diniz *fez quanto quiz*, e de feito não só na governança politica de seu reino elle realisou quasi todos os esforços da sua vontade, senão que até nas proprias espheras da imaginação e do gosto conseguiu retardar a marcha dos acontecimentos. Os primeiros fundamentos da instrucção litteraria foram lançados por este rei, e não só os fundamentos da instrucção litteraria se devem a este principe, senão a cultura de costumes e aquelle esmero cavalleiresco que tanto recommendava todas as côrtes, onde a galanteria dos trovadores provençaes e a galhardia dos grandes guerreiros da épocha haviam introduzido o culto das damas e o enthusiasmo pela poesia. De certo que estes sentimentos não eram estranhos á corte do rei portuguez; e os resultados provam-no, quando observâmos que todos os seus filhos, legitimos e naturaes, muitos de seus cortesãos e fidalgos do tempo primavam na arte de trovar. Cultivar as musas tornára-se a prenda que todo o nobre procurava, como para fazer sobresahir os outros dotes de valor que por ventura possuisse. Menestreis e trovadores representavam a fama viva, coeva e quasi que pessoal dos feitos heroicos ou das desditas amorosas d'esses guerreiros, que, na liça dos torneios, nos salões dos paços reaes, ou nas torres solitarias dos castellos timbravam por se tornar fieis ás leis do amor e da cavallaria. A julgar até por tão guapa e cavalleirosa phalange de principes, como foram aquelles que ennobreceram e exaltaram a côrte de Dom Diniz, talvez se podesse presumir n'ella a séde de alguma d'essas *côrtes de amor*, como as teve a Provença e o Aragão, tão resplandecentes de for-

Digitized by Google

mosura e rasgos de gentileza amorosa, se a austeridade das virtudes da rainha Santa Izabel não viesse banir toda a suspeita da existencia d'esses galanteios e affectações que, se por um lado poliam, por outro começaram a corromper e a afeminar a regidez dos costumes guerreiros da edade-media. Todavia, a denominação de *Amor* dada por Dom Diniz ao gracioso e isolado palacio, cujas ruinas ainda hoje se observam á direita do caminho de Montereal para Leiria, e que a tradição assevera haver sido a residencia de uma concubina do rei, torna perplexo o espirito indagador a este respeito, e, pelo menos, encaminha-nos a inferir que as infidelidades conjugaes do soberano, que tanto se empenhou por introduzir em Portugal os progressos dos reinos cultos, adoptariam decerto os nomes que suggeria a galanteria dos costumes cavalheirescos da épocha.

E é a mesma historia que nos diz até, que Dom Affonso III, aquietado o seu reino das incursões dos arabes e procurando illudir as pretenções da curia romana e da cubiça immoderada dos fidalgos, oppostos aos privilegios foraleiros concedidos pelo monarcha, apparentou de doente para ter motivo de não resolver estes negocios, e assim se conservou por quatorze annos, segundo o confirma o proprio Dom Diniz, que no seu manifesto refere «*que avia bem catorze* (annos) *que elrei Dom Affonso jagia em cama e que se non podia levantar.*[1]» Isto induz-nos a crêr que o estado enfermo de Dom Affonso III, tão prolongado, naturalmente haveria de concorrer para que os nobres e officiaes da sua casa procurassem ideiar passatempos, reunindo-se em saráus poeticos, em volta do monarcha, para o distrahir. E d'aqui talvez, no reinado de seu filho, que tivera por preceptor mestre Aymeric d'Ebrard, francez douto, natural de Cahors, depois feito bispo por seu saber e virtudes, e que tanto amor fez grangear seu regio pupillo ás tradições da risonha Provença, se seguiria mui natural-

[1] Herculano, *Hist. de Port.* Tom. III, nota XII, pag. 418.

Digitized by Google

mente um arremêdo das *côrtes de amor*, em que as *baladas* e *alvoradas*, essas composições indicativas de reuniões tão joviaes e namoradas, encontrariam fervorosos episodios de affecto e estimulos para alardo dos dotes gentis dos cavalleiros de então.

E quem sabe se d'esta especie de certames poeticos, que produziram mais tarde os *jogos florestaes*, e que, degenerados, acabaram por fim nos *oiteiros* do seculo XVIII, não sahiriam muitas das canções depois colligidas pelo proprio rei, no Cancioneiro do seu nome, como o fizera seu avô, Dom Affonso, o Sabio, no *Livro das Cantigas*, ou se esta resolução seria tomada por algum dos fidalgos da sua côrte, egualmente trovador e interessado na perpetuidade de taes composições amorosas e satyricas? Póde muito bem ser, e é provavel que a origem d'este apreciavel monumento poetico haja sido alguma d'estas.

A influencia da eschola hispanhola, porém, o apparecimento da *Divina Comedia*, em Italia, os resultados da Crusada contra os albigenses, e a fundação da Universidade de Tolosa, prohibindo o uso da lingua de Oc, a lingua predilecta dos poetas provençaes, determinaram as causas de decadencia da poesia provençal. A sua preponderancia, em Portugal, era já artificiosa e convencional, como fica exposto: foi, por conseguinte, impossivel resistir á corrente dos effeitos naturaes.

Todavia, em Portugal, a tradição provençalesca não esmoreceu repentinamente. Os filhos da propria eschola hispanhola, naturalmente erotica e casuistica, por um effeito natural d'esta natureza, retrocediam, em allusões, aos tempos de galanteria dos velhos solares, e as *côrtes de amor* resuscitavam, mas como uma parodia imaginada pela cavallaria andante, que não foi outra cousa senão um esforço de imitação das eras semiheroicas da edade media, imitação que, pelo seu exagero, se tornou caricata.

No *Cancioneiro de Rezende* ainda nos apparece a designação de trovador; na Livraria de el-rei Dom Duar-

Digitized by Google

te guardava-se o *Livro das Cantigas* de Dom Affonso, o Sabio, e o *Livro das Cantigas* de el-rei Dom Diniz; na celebre Carta do Marquez de Santillana ao condestavel de Portugal, citam-se os nomes de varios, como Sordello, Guido Januncello, Arnaldo Daniello, trovadores do derradeiro periodo da eschola provençal,[1] o que tudo induz a crêr que por muito tempo os vestigios e as lembranças d'esta poesia predominaram na mente dos nossos poetas.

Porém, o facto mais notavel na esphera litteraria no reinado de Dom Diniz, é a fundação da Universidade. O seu amor ao estudo, os seus desejos de progresso litterario e scientifico cederam a um impulso, que então se tornára universal n'uma parte da Europa.

Os effeitos da renascença do seculo XIII tiveram uma larga repercursão em Portugal, graças ao espirito culto e energico d'este soberano, que soube repartir a sua actividade por todos os elementos de prosperidade de um reino. Desde a agricultura até ás artes, e desde a industria até ás lettras tudo se resentiu do seu influxo impulsivo e organisador.

A' imitação da universidade de Bolonha, já afamada n'estas eras, onde depois cursou leis e adquiriu nome historico João das Regras, discipulo do célebre legista Bártholo, bem como outros juristas nacionaes tambem abalisados, instituiu Dom Diniz a Universidade Portugueza: os seus estatutos foram copiados dos do celebrado instituto italiano. Na nova Universidade abriram-se diversos cursos, regidos por sabios estrangeiros quasi todos. Constavam então de um lente de decretaes, outro de leis, outro de medicina, além dos de dialectica e grammatica, porque a theologia ficou ainda entregue aos conventos de Sam Francisco e Sam Domingos.[2] Os estudantes que alli estudavam direito civil chamavam-nos *licenciados*, e aos lentes legistas, *ictos*, e aos de medici-

[1] Theoph. Braga, *Trov. Galecio Port.* pag. 332.
[2] *Monarch. Luzit.* Parte V, liv. 16, cap. 57, 72, 73, e Parte VI, liv. 18, cap. 28.

Digitized by Google

na, *mestres*. Ao principio, em 1290, esta Universidade foi instituida em Lisboa, mas pouco tardou que não fosse reconhecida a inconveniencia da sua estada na capital, porque, como sensatamente adverte Francisco Leitão Ferreira,[1] Lisboa *era côrte aonde os divertimentos, com as familiaridades, offereciam nocivas distracções*, e por isso a transferiram para Coimbra em 1308, sendo promulgados os primeiros estatutos em 1309.

Além d'isto «Dom Diniz estabeleceu a supremacia do fôro civil, caracteristico da ordem moderna. Mandou traduzir as *Leis das Partidas*, que vigoravam na Peninsula, e onde estavam já acceites os principios da coodificação romana e as melhores disposições accomodadas aos modernos usos. A prerogativa dos direitos reaes não podia já subsistir, para dar um córte nas invasões senhoriaes, mas o monarcha intelligente mandou fazer um cadastro das familias nobres de Portugal, no *Nobiliario* e no *Livro Velho das Linhagens*, e instituiu o principio absoluto de que ninguem poderia ser nobre *fóra do fôro de el-rei.*» [2]

Quasi todos estes esforços do monarcha illustrado se viram seguidos de resultados fructificadores. Foi ainda sob a sua influencia que Vasco de Lobeira compoz o seu *Amadiz de Gaula*, o primogenito da extensa familia dos Amadizes, que tanto procreou, e uma das primeiras *Novellas de Cavallaria*.

Na côrte do rei trovador a moda palaciana sustentava a gentileza e sumptuosidade dos costumes provençaes; versejava-se com as damas: as suas côres e tenções, usadas em divisas e charpas, constituiam tymbres cavalleirosos. As justas e torneios procuravam no amor estimulo a inauditas façanhas guerreiras, como as transmitiram os tempos verdadeiramente épicos da edade média. [3] E eram os poemas d'estas inconcebiveis proesas, perpetuadas nas gestas de *Roldão*, de *Ogier*, de

[1] *Not. Chron. da Univ. de Coimb.*. anno de 1309, n.º 250.
[2] Theoph. Braga, *Trov. Galecio-Port.* pag. 172.
[3] Vejam-se a este respeito os *Monumentos Historicos, Scrito-*

Digitized by Google

*Raul de Cambraia* e *Girard de Roussilhão*, já reduzidas a prosa na versão oral, que formaram os romances tão preferidos pela leitura d'aquelle reinado. O *Amadiz* é um producto d'esta corrente de impressões. E' a expressão do gosto do tempo, expressão moral e litteraria. E as constantes referencias que n'elle se leem aos romances do cyclo carlingiano, provam que a obra de Vasco de Lobeira não foi tanto um fructo ingenito do seu espirito, como o abalo que lhe produzira na imaginação a poesia da edade media. E sobre tudo o valor organico do *Amadiz*, na historia litteraria portugueza, é o do passo mais cabal dado para o aperfeiçoamento da prosa no nosso idioma. Os desejos manifestados por Dom Diniz, nas suas disposições legislativas, como o uso obrigado da lingua vulgar nos documentos publicos e no fôro, e a versão da *Biblia* e do *Livro das Partidas*, tiveram o seu complemento na fórma litteraria da novella de Lobeira, talvez a primeira, na Europa, que reduziu as ficções epicas á linguagem da prosa.

E d'aqui a nova vereda litteraria aberta aos talentos. Se não fosse o apparecimento do *Amadiz* talvez a nossa litteratura não viesse a possuir a *Menina e Moça*, esse outro romance participante das duas naturezas lyrica e erotica; nem o *Clarimundo*, nem o *Palmeirim*, que afinal todos encorporaram na numerosa familia dos *Amadizes*, germinada pela obra de Lobeira.

Volvamos porém ao tempo de Dom Diniz.

Dom Pedro, conde de Barcellos, filho bastardo de Dom Diniz, foi um principe applicado, e a quem, como compilador, se devem escriptos de valia ainda hoje, pois d'elles aproveitaram a historia e a litteratura. O seu *Nobiliario*, inquirindo e apurando as genealogias da fidalguia do reino, desde o tempo de Dom Affonso Henriques, fortaleceu os direitos reaes, porque se tornou a base de varias leis restrictivas promulgadas por

*res*, pag, 358, citado tão a proposito pelo sr. Theophilo Braga no seu *Amadiz*, pag. 139.

Digitized by Google

seu pae, e que muito reduziram e coarctaram a prepotencia da classe nobre, como já acima exposemos. [1] O seu trabalho de compilação dos pequenos Cancioneiros que andavam em mão dos fidalgos, variaveis nas copias e sugeitos a perderem-se ou fragmentarem-se, tambem encerra o valor de um serviço feito á poesia, que ficou contando com esta collecção mais, origem segura dos seus primeiros ensaios.

Dom Affonso Sanches é outro filho bastardo de Dom Diniz, e o que lhe deveu mais predilecção. Foi por sua causa, principalmente, que se originaram as principaes desavenças com seu irmão, o principe herdeiro, que accenderam o reino em guerra do soberano contra seu filho. Dom Affonso Sanches era mui dado á poesia, e affirmam que tambem seu irmão, depois Dom Affonso IV, posto que custa a crêr como principe tão dominado de inquietações, e entregue aos odios da guerra fratricida achasse ainda tempo para poetar. E é até d'este mesmo rei que se conta que, pelo excesso com que se entregava ao passatempo da caça, dera logar ao famoso dito do *senão, não,* ameaça nascida da inteireza e isenção de um fidalgo da sua côrte, que com isto lhe quiz dizer que, *se não* deixasse a caça, e curasse dos negocios do Estado, não mais o soffreriam por soberano.

De Dom Affonso Sanches ficaram com effeito algumas trovas; mas das de seu irmão só resta a noticia vaga e contradictoria. A irascibilidade do seu genio, os seus habitos da caça e vida montesinha, decerto adquiridos pelo abondono a que ainda mancebo seu pae o entregára pelo pouco que lhe queria, não lhe deixaram socego nem meditação para composições poeticas. E o mesmo se póde assegurar de Dom Pedro, cujo caracter impetuoso e violento mais se azedou logo desde os mais

[1] Este livro das genealogias do conde de Barcellos tem o titulo: *Da Linhagem dos homens, como vem de padre a filho desho começo do mundo, e do que cada um viveo, e de que vida foy; e começa em Adão, o primeiro homem, que Deos fêz, quando formou o Céo e a terra.*

Digitized by Google

verdes annos pelos infortunios da sua mallograda paixão por Dona Ignez de Castro, *a quem depois de morta fez rainha.* No emtanto varias canções lhe attribuem, e até um pequeno poema á morte de sua desditosa amante, o qual, se existiu, desappareceu com o volver dos tempos.

E' preciso comtudo assignalar um grande facto no reinado de Dom Affonso IV, que teve larga importancia na esphera poetica de toda a Peninsula, que foi a batalha do Salado. A batalha do Salado, pelo esforço do braço portuguez e prestigio legendario que o animo guerreiro e cavalleiroso de Dom Affonso IV lhe attrahiu, determinou o fundamento de um cyclo poetico para os trovadores portuguezes e hispanhoes. Não faltaram cantigas e versos narrando a partida da armada portugueza, e depois os feitos gloriosos ainda hoje testemunhados pela trombeta que empunha um anjo, encimando o sepulchro do heroico soberano, na Sé de Lisboa, unico tropheo que elle acceitou da famosa peleja.

Entre outras cantigas ahi vae uma, que traz o *Cancioneiro de Dom Diniz*, em que se descrevem os preparativos da frota apparelhada para a grande façanha. O almirante Peçanha era quem capitaneava a armada.

Em Lixboa, sobre la mar,
Barcas novas mandei lear;
Ai mha senhor velida!

Em Lixboa, sobre lo ler
Barcas novas mandei fazer;
Ai mha senhor velida!

Barcas novas mandei lear
E no mar as mandei deitar;
Ai mha senhor velida!

Barcas novas mandei fazer

Digitized by Google

E no mar as mandei meter;
Ai mha senhor velida!

Muitas outras canções populares encontrâmos no citado *Cancioneiro* do mesmo auctor, que é João Zorro, provavelmente algum copleiro popular d'aquellas eras, e que bem provam quanto este successo preoccupou a imaginação n'aquelles tempos.

Esta batalha assumiu, pois, as proporções de um grande acontecimento de épocha, cujos éccos se diffundiram e retumbaram pela Europa. Muitos trovadores nossos assistiram ao denodado commettimento, alguns ahi falleceram, outros volveram com inquestionavel fama de guerreiros, o que tudo germinou na phantasia poetica e no peito feminino elementos de uma nova ordem de impressões. Estes cantos, porém, sahiram de Hispanha, assim como sahiram de Portugal, mas a eschola hispanhola, decerto por preponderante e aprimorada, exerceu notavel influencia em todo este periodo. São hispanhoes dois poemas historicos, cujo fim é cantar esta batalha. Um tem o titulo de *Chronica en coplas redondillas de Dom Affonso XI*, e o outro *Chronica de rimas antiguas*. Estes dois poemas, que podem ser tidos por norma da nova influencia, indicam bem a direcção que a poesia castilhana deu á poesia portugueza. Affonso Giraldes tambem compoz um poema ácerca d'esta mesma batalha, e que encerra o singular merito de ser o auctor um dos que assistiram ao combate.

A presença na Peninsula dos jograes italianos, que narravam contos facetos e outros com exemplos moraes e de fadas, quasi todos filhos de origens legendarias ou successos historicos alterados pela tradição oral, fez-se sentir e exerceu o seu influxo nas alternativas da litteratura popular. A adopção da lingua portugueza, em todos os actos da vida commum e official, não podia deixar de convidar a diversos ensaios em prosa, e o desenvolvimento dos contos, e depois das novellas de cavallaria, resulta inquestionavelmente



Digitized by Google

d'este facto. A natureza lugubre do reinado de Dom Pedro, d'este monarcha irascivel pela severidade da sua justiça inexoravel para toda a sorte de culpa, imprimiu por força um caracter reflexivo ás imaginações d'aquella era, e as composições affectuosas abandonaram decerto o campo ás tendencias historicas e narrativas. Sobre tudo o lamentavel episodio da vida de Dona Ignez de Castro, a lembrança das suas angustias, o seu assassinato traiçoeiro, a sombra sinistra dos sicarios fugindo á tremenda vingança do amante implacavel, as exequias solemnes d'aquella peregrina belleza a que acudiu o reino inteiro a fazer alas, a sua coroação em que o amor, em lastimavel disputa com a morte, reveste debalde de honras reaes o que já não era mais que pó, e afinal o supplicio dos matadores, esse esforço de crueza ainda mais colorido pelas côres horrificas da disposição legendaria do povo, tudo isto deveria constituir uma atmosphera condensada de apprehensões, que, como a recordação de um pesadêlo, pezasse nos espiritos, e *impressionasse os poetas de todas as idades*, como bem diz La Clerc.

As filhas do Mondego, a morte escura
Longo tempo, chorando, memoraram,

diz Camões, e Garcia de Rezende, pondo em verso os melhores romances populares suggeridos pelo infausto successo, [1] mostra bem como a magoa acerba dos peitos affectuosos foi ideando esta lenda nacional.

A concentração de vinganças tão temerosas fez denominar a Dom Pedro com o epitheto de *Crú*. A nobreza tinha sido complice no attentado, e o soberano appellou para o affecto do povo, ao qual desaffrontou em todo o tempo das injurias do alto clero e dos fidalgos da sua côrte. Só os cantos do povo o prendiam, como um dos seus poucos enlêvos, a elle, triste e concentrado na sua dôr, que até prohibiu todos os instrumentos musicos, menos as trombetas, ou *trombas*, [2]

[1] *Miscellanea.*
[2] *Chronica d'El-Rei D. Pedro I*, cap. 14.

Digitized by Google

porque o som estridente e rouco d'aquelle instrumento de guerra era o unico que deveria accender o animo guerreiro para as arremettidas dos combates, e sobre tudo por ser aquelle que deveria recordar o do instrumento fatidico que a tradição biblica nos annuncia, como dando o signal pavoroso do juizo final.

N'estas circumstancias, a poesia e a litteratura não podiam ser senão as suggeridas por sentimentos graves e recordações de grande firmeza. E' o que acontece, sobrevindo as novellas cavalleirosas onde o valor, a perseverança e a temeridade resumem os principaes elementos moraes. A severidade dos successos transmittiu-se á influencia das idéas. E é por isto que affoitamente se póde asseverar que não são de Dom Pedro I as canções que no *Cancioneiro* de Rezende vem rubricadas: *Del rrey Dom Pedro a uma Senhora.* São muito mais modernas; são de outro Dom Pedro, filho do infante Dom Pedro, duque de Coimbra, que viveu no seculo XV, a quem, na côrte, denominavam *rei*, por ter sido eleito para o throno de Aragão, em 1462, periodo assás infeliz da sua vida. No reinado de Dom Fernando ainda este facto se torna mais evidente. Com as guerras de Pedro o Cruel, de Castella, com seu irmão Henrique de Trastamara, entraram na Hispanha os bandos de aventureiros bretões e normandos, capitaneados por Beltrão du Guesclin, e soldados inglezes, mandados pelo principe de Galles, ou *Principe Negro*, o que trouxe á Peninsula, com o alvoroço causado por estes bandos irriquietos de aventureiros aguerridos, as tradições do genio bretão, das lendas dos normandos, e dos poemas do cyclo da *Tavola Redonda*, que em breve se diffundiram e se insinuaram nas tradições locaes. Mas a fugida dos fidalgos hispanhoes para Portugal, com a desgraça de Pedro de Castella, modificou esta influencia. Foi por este tempo que emigraram para os dominios portuguezes os trovadores gallegos. N'esse numero entraram os Camões e Sás de Miranda, antepassados dos dois poetas tão celebrados. E' um resultado d'este

Digitized by Google

facto a fusão artificiosa dos dois dialectos poeticos do norte da Peninsula. Todavia, a influencia bretã insinuou-se mesmo nas canções dos poetas gallegos, onde são frequentes as referencias aos *Amadizes*, aos *Tristãos*, e aos *Lançarotes do Lago*, o que leva a crêr que eram, muito mais que as trovas galicianas, as *Novellas de Cavallaria*, que espaireciam os ocios e faziam o enlêvo da côrte do indolente Dom Fernando, como se prova pelo esplendor que este monarcha dera ás justas e torneios, pela celebração do casamento da infanta Dona Beatriz, sua irmã, com Dom Sancho, irmão de Dom Henrique, rei de Castella, [1] posto que no reinado de Dom Pedro I já estes passatempos guerreiros assumissem proporções solemnes, como se conhece pelas descripções que veem no poema de Cuvilier. [2]

Mas, o predominio da poesia provençal não affrouxou de subito, e ainda no mesmo *Cancioneiro de Rezende* vemos denominarem-se trovadores poetas actuados por influencias mui diversas da poesia occitanica. E' verdadeiramente só no seculo XVII que a tradição provençalesca se extingue totalmente. Não é possivel, porém, fechar este periodo, em que as recordações da Provença dominaram mais ou menos, sem mencionarmos o mais notavel trovador da Peninsula, celebre pelo seu talento e ainda mais celebre pelos seus amores, o apaixonado Macias, a quem tão desastrado fim enluctou desastradamente a memoria. Macias, apesar das contestações, incontestavelmente portuguez, [3] é o trovador que fecha entre nós o cyclo da inspiração provençal; comtudo o seu espirito e as circumstancias da vida do poeta, que decerto lhe actuaram na imaginação, apresentam-no já como um talento de transição. O tom sentimental de suas endeixas, a abstracção subjectiva de seus

[1] Fernão Lopes, *Chronica de El-Rei Dom Fernando*, cap. 84.

[2] Citado pela primeira vez, que tenhâmos noticia, pelo sr. Theophilo Braga, no seu *Amadiz*, pag. 140.

[3] Corroborâmos a nossa opinião com a affirmativa de criticos hispanhoes.

Digitized by Google

raptos, o colorido d'aquella phantasia imaginosa deixam já adivinhar o poeta erotico. As tendencias do seu caracter, os impetos do seu coração arrebatavam-no ainda para essas eras, em que a poesia era o enlêvo dos solares e o primeiro attractivo de suas castellãs, mas pelas propensões da sua intelligencia culta é já dos seculos em que disponta a renascença das artes e das lettras, graças ás abençoadas investigações de espiritos prescrutadores em Italia. A Italia, como a Hispanha depois, exercia então poderosa influencia na imaginação poetica. Dante, envolvido na obscuridade mysteriosa do seu poema, attrahiu fatalmente os espiritos para a contemplação d'esses versos admiraveis, onde havia, nos vôos do vate, as meditações do politico e as prophecias do theologo. Que importa observar que a Italia jámais perdêra de todo o condão do seu influxo litterario e artistico. Os mesmos cataclysmos da edade-média, que alluiram pelos alicerces a omnipotencia do Imperio romano, não derrocaram, nem dispersaram completamente o assombroso edificio das lettras latinas, em que os progressos da propria illustração grega dominaram tão directamente. E este influxo da antiguidade reinou sempre nos talentos, no paiz onde as imaginações e os olhos debalde se volveriam para um ou outro lado, sem que deparassem com os monumentos dos Cezares e tradições classicas, que o marmore, a tella e a reminiscencia perpetuaram. N'aquella abençoada região, a poesia e a erudição nunca perderam de todo os seus estimulos e prerogativa de modêlos. Não só o arrôjo demolidor dos invasores respeitou muitos dos primores de arte, que continuaram a servir de norma e incentivo aos artistas, senão que não conseguiu, nem alterar sequer, as designações historicas, que, na memoria do povo e no culto dos estudiosos, teimaram em lembrar aquella terra como a patria dos grandes prodigios das lettras e das artes.

Estes factos observam-se ainda mesmo no fragor acceso dos grandes conflictos que assolaram e dividiram

Digitized by Google

tòda a Italia nos seculos XII, XIII, e XIV. Os padres, os poetas, os jurisconsultos eram as tres potencias mais respeitadas então. As lettras achavam por toda a parte zelosos protectores. Roberto, rei de Napoles, era o mais enthusiasta, dedicado e esclarecido d'esses principes, que se constituiam Mecenas e admiradores dos talentos do seu tempo. N'outros pontos da Italia dominavam homens de costumes ferozes, como Bernabé Visconti; mas era tal o poder das lettras, que pretendendo assegurar a paz com os venezianos, foi um sabio, grande latinista, que enviou ao Senado de Veneza. Parece que o deslumbramento que sentia a Italia moderna com a renascença das lettras, a obrigava a procurar tudo que fossem individuos representantes d'aquelle grande movimento dos espiritos, como oradores, poetas e eruditos, para interpretes e medianeiros das suas relações politicas, entre aquellas cidades que disputavam a autocracia, e entre aquelles povos divididos pela honrosa cubiça da sua independencia. E procurando entre estes nomes celebres, que actuaram tão directamente nos destinos da sua nação, aquelles que, pela immensa amplitude d'essa mesma influencia, sahiram da sua patria e se tornaram cidadãos do mundo culto, achamos, por exemplo, Dante, Petrarcha, e depois d'elles Rienzi e Bocaccio. E entre Petrarcha e Rienzi occorre um accidente que patenteia assás o poder e prestigio que exercia nos animos o enthusiasmo da litteratura. Rienzi, pelo estouvamento que misturava no seu arrojo, cahiu do poder que tinha junto do Papa. Mas Petrarcha protegia-o, e bastou este patrocinio, o patrocinio do genio consagrado então pela admiração universal, para o salvar. Petrarcha não fez mais do que declarar a Rienzi poeta, e este titulo, como égide que o devesse escudar de todos os perigos, bastou para o subtrahir á propria vingança do Summo Pontifice!

Mas esta especie de condão decerto não podia fascinar as imaginações senão n'uma terra, cujas tradições classicas fallavam ainda eloquentemente pela voz dos

Digitized by Google

monumentos, e pelo culto da antiguidade, que jámais se apagára de todo, culto recordado pela historia e pela presença d'esses mesmos monumentos. Por isto, em quanto o resto da Europa permanecia subjugado pelo despotisco do dominio feudal e influencia do fanatismo ecclesiastimo, a Italia mantinha o seu caracter de nação cultora das sciencias, das lettras e das artes, e desentranhava do seu passado tudo que lhe podesse enriquecer os thesouros do saber e fecundar as fontes da imaginação.

Este prestigio do talento, esta exuberancia de sabedoria, este gosto das lettras, este enlêvo pelos mais admiraveis pruductos da arte, que dentro em pouco transbordaram pela França, pela Allemanha, pela Hispanha, chegou tambem a Portugal. Os sonetos e elegias de Petrarcha, as canções e novellas de Bocaccio, os vigorosos tercetos de Dante tornaram-se a admiração e o estudo de todas as vocações poeticas.

Macias, é um dos primeiros talentos, entre nós, que provam esta intimidade da Peninsula Iberica com a Peninsula Italica, e esta intimidade revela-se, principalmente, na suavidade e brandura da sua musa italiana e na harmonia de seus metros.

A este tempo, porém, já este sôpro fecundo, que nos vinha de fôra, activava a germinação dos fructos intellectuaes que havia muito predispunha e cultivava a Universidade. Estudo de linguas antigas, lettras sagradas, mathematicas, direito civil, sciencias moraes, e humanidades, tudo encontrava estudiosos, e patenteava a fructificação de tão notavel applicação nos talentos com escriptos que successivamente foram sendo conhecidos. Na ordem litteraria sobresahe n'este numero frei Mendo Vasques de Briteiros, da ordem de Cistér, com o seu poema da tomada de Lisboa, Obidos e Alemquer, e demais guerras feitas no tempo d'el-rei Dom Diniz; Soeiro Govin, poeta que celebrou a tomada de Alcacer, ainda do tempo de Dom Affonso II, n'um poema latino; Dom frei Alvaro Paes, franciscano, bispo de Coron e

Digitized by Google

de Silves, discipulo do celebre Scôtto, e que gozou da intimidade e estima do proprio pontifice João XXII: deixou as obras *De Plautu Ecclésiæ*, e chegou a ser lente de jurisprudencia civil e canonica na Universidade de Bolonha. Varios outros talentos, applicados a diversos ramos de conhecimentos humanos, então cultivados n'aquellas épochas, poderiamos aqui ennumerar; mas basta citar estes para demonstração do quanto entre nós, n'estes seculos, que a muitos se affiguram totalmente obscuros, a vocação poetica, actuada pela influencia provençalesca ou pela erudição das letras antigas, encontraram já cultores, que tornaram esta quadra recommendavel e auspiciosa para todo o movimento intellectual que depois se patenteou e tanto floresceu.

Digitized by Google

# CAPITULO VII

## TERCEIRA ÉPOCHA

### (De 1384 a 1495)

O Mestre de Aviz e o desenvolvimento intellectual e importancia politica de Portugal.—Prestigio d'este principe.—E' no affecto popular que elle firma uma das forças do seu reinado.—Côrte de Dom João I e os principes seus filhos.—Convocação de côrtes.—Desenvolvimento artistico e litterario: o mosteiro da Batalha e o chronista Fernão Lopes.—O infante Dom Henrique e a Academia de Sagres: estudos astronomicos e nauticos: emprezas maritimas, cartas de marear.—Largo incitamento de todos estes progressos nos primeiros passos da civilisação.—Dom Pedro, duque de Coimbra. Raridade e preço dos livros.—As leituras n'aquelle tempo.—Influencia ingleza e os *Mysterios*.—Dom Duarte e o seu reinado: famosa livraria d'este monarcha.—Côrte que soffreu a fidalguia com a *lei mental*: os jurisconsultos.—Predominio das idéas cavalleirosas de accôrdo com as inclinações da épocha: os poemas dos cyclos normandos e as divisas guerreiras.—Genero aventuroso desafogando em grandes factos do tempo.—Grande influxo das novellas de cavallaria: *Amadiz* e seus effeitos nas imaginações e nos costumes.—Respira ainda a inspiração popular: poesia ao Condestavel.—Descobrimento da typographia: os judeus e os estudos linguisticos.—Gomes Eannes de Azurara e a livraria dos paços de Evora.—As tendencias classicas actuam em todas as phases da instrucção.—D. João II e Angelo Poliziano.

O ultimo quarto do seculo XIV e o seculo XV foram uma quadra de vasta importancia para o desenvolvimento intellectual e preponderancia politica d'esta

Digitized by Google

terra. É com o reinado do mestre de Aviz que Portugal assenta a sua verdadeira integridade de territorio e robustece o caracter nacional, e são estas bazes de independencia e altivez patriotica que implamtam nos espiritos os audaciosos pensamentos, que depois se revelam em commettimentos que mudaram a face do mundo. O Mestre de Aviz, atravez do prisma legendario porque o observam a admiração e o amor do povo, é o nosso Carlos Magno: o seu reinado apresenta-se notavel de feitos heroicos de esforço militar, e na sua côrte, como em nenhuma outra de nossos reis, luzem as prendas esmeradas que constituem o lustre da antiga cavallaria, que no culto das damas e na defeza dos opprimidos resumia os deveres e tambem os arrojos da sua galhardia tradicional. Em roda do grande rei vê-se essa lustrosa phalange de principes guerreiros e illustrados, Dom Henrique, o sabio, Dom Duarte, o philosopho e bibliophilo, Dom Pedro, o politico e trovador, Dom Fernando, o heroe de resignação, que ao mesmo tempo que acompanham seu pae em todas as conquistas do seu genio audaz, estudavam as lettras e as sciencias, que, traduzidas em factos, dão, com a dedução dos tempos, homens eminentes a esta terra, como Fernão Lopes, Azurara, Duarte Galvão, Ruy de Pina, Lucena, Vasco de Lobeira, Zacuto, e preparam graves acontecimentos que abriram a Portugal e á Europa novos horisontes. E como complemento d'esta afamada côrte, tão exemplar pelos dotes moraes resultantes da austera educação ingleza e influenciados pela rainha Dona Philippa de Lencastre, que os soubera communicar a seu esposo e filhos, divisâmos ao lado do fundador da dynastia os dois vultos imponentes do Condestavel e de João das Regras, como se nos quizessem inculcar que na sabedoria de um e no valor do outro se identificavam o acêrto e a fortaleza d'aquelle reinado.

O Mestre de Aviz, espirito atilado e previdente, reconheceu que no povo encontraria uma grande força.

Digitized by Google

Esta força resultava de dois principios: da affeição que o povo tinha ao principe e do odio que votava a Dona Leonor, á rainha adultera, que, a seu pesar, mais reforçara esta affeição, fazendo, sem o presumir, que elle fosse o escolhido para vingador dos aggravos populares. E Dom João retribuiu este affecto como rei, por que foi o primeiro soberano que reconheceu outro apoio e outra importancia fóra da classe do clero e da nobreza: o Mestre de Aviz reconheceu o valor politico da burguezia. Deveu-lhe o throno e pagou-lhe com prerogativas e isenções que sempre respeitou. As côrtes de 1385 indemnisaram a dignidade popular do abatimento a que tinha sido votada desde o tempo de Dom Diniz, mais aggravada pelas inconsequencias e arbitrariedades de Dom Fernando. N'essas côrtes resolveu-se que o novo monarcha «formaria seu conselho de cida-«dãos das principaes cidades do reino, escolhidos sob «propostas de listas triplices; que ouviria os povos em «todos os negocios que lhes tocassem; que se lhes não «imporiam tributos, sem serem ouvidos e sem que com «sua decisão e conselho se buscassem os meios mais «suaves para a sua execução; que não faria guerra nem «paz, sem seu consentimento, etc.» [1]

Nem um rei constitucional poderia conceder maiores prerogativas ao seu povo, *e ainda que mal definidas e sem outra segurança senão a promessa de Dom João I, estas condições foram cumpridas.*[2] As leis, os subsidios, e todos os negocios de monta resolveu-os sempre em côrtes, que convocou vinte e duas vezes. Proveitoso exemplo dado, que seguiram seus successores.

Dom Duarte reuniu côrtes quatro vezes; Dom Affonso V, vinte e tres, e Dom João II egualmente attendeu este elemento popular, pelo menos emquanto não destruiu de todo a altivez feudal da nobreza. Póde-se re-

[1] Soares da Silva, *Memorias para a Hist. de Dom João I*, liv. I, cap. 43, § 284.

[2] Coelho da Rocha, *Ens. sobre a Hist. do gov. e da legisl. Port.* pag. 100,

Digitized by Google

putar esta a épocha das côrtes e egualmente da verdadeira grandeza de Portugal.[1]

Esta transformação politica, tão essencial á nossa organisação social, produziu effeitos que até abrangeram o dominio das imaginações e da litteratura. «Não se póde negar, diz Trigoso, que foram mais meigos e civis os tempos em que reinaram Dom Affonso V, e Dom João II, e os illustres filhos do grande rei Dom João I. Desde então toma a nossa litteratura, e a nossa politica um grande e ainda não conhecido esplendor.[2]»

E', porém, com Dom Duarte que estes resultados, pelo que diz respeito ás lettras, se manifestam mais claramente. O nosso horisonte intellectual havia sido dilatado pelo impulso civilisador das conquistas, umas devidas ao esforço da espada, como Ceuta, outras ao seguimento dos descobrimentos maritimos, como Porto Santo, Madeira, e o resto do archipelago dos Açores. Esta iniciativa aventureira, coroada de exitos prosperos, actuou por ventura nos espiritos e no sentimento nacional. O orgulho do povo exultou a par da satisfação do monarcha que via ante si alargarem-se futuros tão promettedores, e d'ahi nasceu radicar-se tão profundamente o principio monarchico no affecto e dedicação dos subditos.

Estes factos complexos de uma monarchia que se organisa e define, e de um povo que não perde com ella os seus foros e prerogativas, antes os vê fortalecidos e acatados nas repetidas vezes que as côrtes são convocadas em Coimbra, Porto, Braga, Lisboa, Evora, Vizeu, Santarem e Estremoz, patenteiam-se em dois notaveis acontecimentos desse tempo: na obra do mosteiro de Santa Maria da Victoria, e na larga concepção dos escriptos do primeiro chronista portuguez. No convento da Batalha reluz o poder e illustração de um soberano que possue já a ventura de encontrar em si e

[1] João P. Ribeiro, *Mem. sobre as fontes do Cod. Philip.*
[2] *Mem. sobre o Theat. Port.* nas *Mem. da Acad.* tom. V, part. I.

Digitized by Google

no conjuncto de attributos de seus vassallos a possibilidade de erguer monumentos como aquelle que attesta, na elevação do pensamento e summo gráo de primor artistico, o mais exaltado esforço de independencia patriotica, e poderoso desenvolvimento nas artes, e nos livros de Fernão Lopes palpa-se o desassombro, a isenção, a integridade com que o *espirito publico*, influencia social e politica até então desconhecida, já ousava pela voz de um dos seus mais intelligentes interpretes, fazer entre nós a historia dos povos e das nações.

Estas idéas, pois, e estes factos, na ordem politica e na ordem social, tiveram o seu corolario nas regiões da phantasia. O abalo estendeu-se a tudo. Desaffrontou-se o solo portuguez da ruim sombra invasora, começou de organisar-se a monarchia, respirou á larga o espirito de independencia nacional, e a cultura intellectual, disposta e organisada por principes tão applicados e amantes de toda a sorte de illustração, fructificou poderosamente.

A mesma natureza d'estes novos successos contribuiu para se reconhecer a necessidade de estudos mais solidos e regulares.

Os homens que volviam de regiões longinquas, com idéas novas que lá haviam adquirido, despertadas pelo trato de estrangeiros illustrados, ou pela presença de objectos desconhecidos até então entre nós, traziam comsigo este ardor de instrucção que depois se generalisou e fermentou com maior vigor. D'esta transmutação de viagens e do commercio, alargando-se cada vez mais, tambem se originou o paiz ser visitado por venezianos e genovezes, os povos mais esclarecidos e emprehendedores do seculo. A Universidade, instituida por Dom Diniz, resumiu e representou todos estes resultados, adoptando os professores mais afamados nossos e de fóra. Ao infante Dom Henrique, seu zeloso e illustrado protector, deve este instituto scientifico um grande desenvolvimento. Doou-lhe em

Digitized by Google

1431 umas casas em Lisboa[1], para n'ellas se lerem todas as faculdades, e em 1460 dotou-a com doze marcos de prata, procedidos dos dizimos da ordem de Christo, de cujo Mestrado era governador e administrador, para salario do lente de prima de theologia,[2] faculdade que até então era ensinada nos conventos de San Domingos, e San Francisco, e que por este acto ficou aggregada á Universidade Portugueza. Tambem instituiu em 1431 as cadeiras de philosophia natural e moral; e é de presumir que seja egualmente obra sua a creação das cadeiras de arithmetica, geometria e astrologia, que nesse mesmo anno encontrâmos funccionando, visto a sua grande disposição para os astudos mathematicos, como o provou pela instituição da Academia de Sagres, no Algarve, primeira sociedade maritima conhecida na Europa, e que tão notaveis resultados produziu para a navegação, e augmento do nosso imperio de alem-mar, pois foi d'ella que sahiram os famosos navegadores portuguezes, os Perestrellos, os Bettencours, os Camaras, os Vasêos, que descobriram as ilhas do Atlantico, e as costas de Affrica, desde o Cabo Bojador até á Serra Leôa, e que aplanaram a passagem do Cabo das Tormentas, d'esse cabo guardado pelo temeroso gigante, que inspirou ao genio de Camões o mais original e sublime episodio da epopeia moderna, e onde Dom João II, baptisando-o com o nome mais auspicioso de *Cabo da Boa Esperança*, anteviu as paragens por onde proseguiram os grandes descobrimentos maritimos de Vasco da Gama, o heroe dos *Lusiadas*.

O incrivel arrojo e pericia nautica estenderam o imperio portuguez pelas regiões orientaes, e deram thema

[1] Ainda se vêem presentemente estas casas em Lisboa. São no antigo Bairro de Alfama, visinhas a Sam Vicente, na rua denominada das *Escholas Geraes*, nome que tomou evidentemente pela estada n'aquelle local das diversas escholas publicas, ou geraes, como então era conhecida a Universidade.

[2] Francisco Leitão Ferreira, *Noticia Chronolog. da Universid. de Coimbra*, anno de 1400, num. 558.

Digitized by Google

á epopeia mais sublime que ainda inspirou o amor da patria inflammado pelo sopro da musa moderna. «Os portuguezes, escreveu La Croix. [1] teem a gloria de haver sido o primeiro povo europeu que aperfeiçoou a navegação e lhe applicou as sciencias astronomicas; e o principe Dom Henrique, filho do rei Dom João I, fundou em Sagres, no reino do Algarve, um observatorio, onde mandou educar e instruir varios mancebos na sciencia da astronomia. Previa elle toda a vantagem que os navegadores poderiam tirar do uzo da bussola, que era já conhecida havia tres seculos, mas de que se não tinham ainda lembrado fazer a applicação nos roteiros das longas viagens maritimas.»

Ha quem attribua tambem ao Infante Dom Henrique as cartas de marear, fundando-se talvez n'um artigo do Bluteau, e outras noticias, o que todavia não passa de conjectural. [2] Porém, o que não é conjectural é o largo caminho que elle abriu a navegação e descobrimentos

[1] *Geograph.* tom. I. Portugal. Edic. de 1800.

[2] Esta passagem de Bluteau é a seguinte: — «Ha tres especies de Cartas de marear. Umas se descrevem por meio de rumos, e distancias, sem se attender á latitude, nem longitude da terra: estas só servem para navegar junto da costa, ou em mares, em que por pouco tempo se perde de vista a terra. Outras, que se chamam communs, ou planas, ou de gráos eguaes: tem os meridianos e paralellos equidestantes: fazem-se por derrotas e alturas; *d'este modo são as cartas Portuguezas ordinarias, de que o Infante Dom Henriqui foi inventor*, etc. — Bluteau, *Vocabul.* na palavra *marear*,

José Agostinho de Macedo, não sabemos com que fundamento, escreve egualmente estas palavras n'uma nota do seu poema *O Novo Argonauta*: «Os primeiros successos dos pilotos do Infante Dom Henrique *satisfizeram tanto os judeus* José e Rodrigo, *que primeiro no mundo formaram o projecto, e conceberam a idéa de construir Cartas maritimas...* As Cartas Geographicas já então estavam conhecidas, *porém eram nullas em navegação.* O *Novo Arg.* pag. 23, nota.

Portanto, ou aperfeiçoamento em alguma especie d'estas Cartas, ou, pelo menos (e é o que ha de ser) applicação pratica, póde-se attribuir ao Infante Dom Henrique, ou a algum dos mareantes celebrados que tanto aproveitaram com a sua instituição.

Digitized by Google

maritimos, com o incitamento que imprimiram os seus exemplos nos estudos astronomicos, cosmographicos e nauticos. [1]

Os outros irmãos do Infante Dom Henrique egualmente tomaram parte n'esta proficua tarefa de illustração. Fernão Lopes, o grande chronista d'aquellas eras, e frei João Alvares, o sacerdote que deu o primeiro impulso á linguagem oratoria do pulpito, são obra de Dom Fernando, d'esse caracter verdadeiramente christão que a tantos dotes do saber juntava a virtude da resignação evangelica com que supportou as durezas do captiveiro em Fez, talvez a maior mácula do reinado de seu irmão! Dom Pedro, lettrado e trovador, viajante e politico, cujas viagens e façanhas, na Allemanha, deram assumpto á lenda popular de Gomes de Santo Estevam, *Livro do Infante Dom Pedro que andou as quatro partidas do mundo*, [2] e cujas trovas dirigidas ao primeiro talento poetico das Hispanhas, n'aquelle tempo, a João de Mena, provam que cultivava as lettras, sobretudo as classicas, em que deixou uma versão no livro de *Dé officiis*. [3] O proprio Dom João I escreveu, a exemplo de Dom Diniz e Dom Affonso, o Sabio, e dos monarchas mais celebrados do tempo, a *Côrte Imperial* e o tratado da *Montaria* que são trabalho seu. Porém os escriptos de Dom Duarte, e sobretudo o seu muito amor ao estudo, só podem ser apreciados pelo conhecimento da sua rica livraria, thesouro tão raro n'aquellas eras, em que obter um livro significava tentar uma conquista, e compral-o só principes o podiam fazer, pois a sua posse importava montes de ouro.

[1] O infante Dom Henrique escreveu *Noticia dos seus descobrimentos, Conselho offerecido ao senhor Dom João I, quando partiu para Tanger*, sobre cuja jornada o consultou; e *Conselho a seu irmão el-Rei Dom Duarte ácêrca da guerra de Africa.*

[2] Vide a este respeito o *Dicc. Bibliog.* do sr. Innocencio, pag. 314.

[3] Este infante, álem das poesias citadas, compoz o *Poema em honra de Lisboa*, cujo principio anda impresso na Part. I da *Monarch. Luzit.* liv. II, cap. XV.

Digitized by Google

E por isso, como já notámos n'outra parte d'este *Curso*, estava em costume prender ás estantes, os livros com cadeias, para prevenir a subtracção. E d'este facto deriva o verbo *catenar* um livro, o que significa, não tornal-o defezo, mas, pelo contrario, permittir a sua leitura, porém com as cautellas necessarias.

N'aquelle tempo, segundo encontramos no testamento do Infante Santo, Dom Fernando, e no catalogo de el-rei Dom Duarte, até se descreviam todas as particularidades dos livros, como o tamanho, se de papel ou pergaminho, numero de folhas, a proveniencia, e até o nome do copista.

O seu preço era fabuloso: os catalogos de differentes principes do seculo XV assim o certificam: estão ahi cotados por centenas de libras tornezas. Alguns que pertenceram a imperantes e principes d'aquelle tempo, e que depois foram adquiridos por Dom Duarte, encontrâmol-os subidos a este preço:

*Lancelot do Lac.* 125 libras, e em 1404 o seu custo foi 300 escudos de ouro.

Um *Tito Livio* e *Boecio* comprou-os em 1397 o duque de Orléans por 337 libras e 10 soldos tornezes.

No seculo XIII, um *Codigo* custava 50 maravedis, e umas *Decretaes* o mesmo: assim o affirma o testamento do bispo do Porto Dom Julião II, feito em 1298. [1]

Foi el-rei Dom Duarte, e não seu filho Dom Affonso V, como erradamente se tem escripto, o primeiro rei portuguez que colleccionou uma livraria, [2] facto aliás

[1] Theoph. Braga, *Introd. á Hist. da Litter. Portug.* pag. 212.

[2] Para os verdadeiros investigadores da historia litteraria já esta asserção era uma verdade assente e reconhecida; porém o sr. Innocencio, sempre incansavel nos seus trabalhos bibliographicos, acabou de authenticar o facto, e vulgarisal-o, publicando no *Panorama* de 7 de outubro de 1854 um artigo assás curioso pelo seu fundo erudito, em que verdadeiramente revindica para Dom Duarte o haver sido o primeiro rei portuguez que nos seus paços coordenou uma livraria. O já conhecido e antiquissimo *Catalogo dos livros de uzo* do mesmo principe, publicado pela primeira vez nas *Provas* da *Historia Genealogica*



Digitized by Google

assombroso na edade-media, em que não eram celebradas senão as livrarias de Carlos VI, de França e as do duque de Anjou, Luiz. Muitos dos livros que a compunham herdou-os aquelle soberano de seu pae, porém, foi incansavel durante toda a vida em a enriquecer com as encommendas feitas ás nossas Feitorias nos principaes mercados da Europa.

Dom Duarte era um principe philosopho e erudito, e um escriptor de variados conhecimentos para o tempo em que viveu; era, sobretudo, um verdadeiro bibliophilo, ou enthusiastico amador de livros. A descoberta e diffusão da imprensa deu azo a seu filho Dom Affonso V, para augmentar tão valiosa herança. Foi na *Historia Genealogica da Casa Real* que pela primeira vez se deu á estampa o catalogo de tão importante livraria, debaixo do titulo: *Memoria dos Livros de uzo d'El-rei Dom Duarte: a qual está no livro antigo da livraria da Cartuxa d'Evora, d'onde o fez copiar o conde da Ericeira, Dom Francisco Xavier de Menezes.*

Esta collecção, segundo a noticia que resta d'ella, era valiosissima. Infelizmente, o tempo, e os desvios anniquilaram-na. Serve-nos todavia essa mesma noticia para certeza do quanto o desejo do estudo, e o amor a livros raros se tinham insinuado no animo de nossos principes n'aquelle tempo, aliás obscuro em muitas partes da Europa.

As côrtes dos soberanos portuguezes da segunda raça foram umas côrtes verdadeiramente litterarias. Participavam promiscuamente da natureza das antigas *côrtes de amor*, e já das modernas academias litterarias. Na côrte de Dom João I liam-se e discutiam os melhores livros do tempo, e sobretudo novellas de cavallaria.

*da Caza Real*, completa este trabalho, por dar uma idéa da natureza e quantidade dos livros do monarcha lettrato. As suas predilecções litterarias e estudos habituaes concebem-se pelo exame d'estes livros. N'elles tambem entrevemos a indole erudita e tendencias litterarias da épocha, sobretudo nas espheras sociaes mais proximas da familia real.

Digitized by Google

E' elle mesmo que nol-o certifica, quando se refere a essas leituras, citando até o livro do *Regimento de Principes*, ao despedir-se de seus cavalleiros em Ceuta, em 1465. [1]

E seu filho Dom Duarte, sendo já rei, tambem se comprazia de recordar essas leituras aos infantes seus irmãos, leituras feitas nos serões do paço, em que eram escutadas com affectuosa veneração as palavras de el-rei, seu pae. E na côrte d'este mesmo monarcha identicos passatempos preoccupavam as imaginações dos fidalgos e damas. Os saráus da côrte d'este principe philosopho e moralista eram porém mais severos. A leitura dos poemas do cyclo do rei Arthur constituia quasi o entertenimento constante: a quantidade de romances deste genero, relacionados no *Catalogo de seus livros de uzo*, e que existiam na sua celebrada livraria, provam-no bem evidentemente.

Os livros de *Tristão*, de *Galaaz*, de *Merlim*, e de outros heroes do cyclo de *Tavola Redonda*, resumiam o attractivo d'essas leituras nocturnas. Na obra d'este monarcha, *Ensinança do bem cavalgar*, se estabelecem até preceitos que regulam o melhor methodo de as fazer. Diz ella assim: «E os que esto quizerem bem aprender, lêam-no de começo, pouco, passo, e bem apontado, tornando algumas vezes ao que já leerom pera o saberem melhor; ca se o lerem ryjo, e muyto juntamente, como liuro de estorias, logo despraserá, e se enfadarom del, por o nom poderem tambem entender nem renembrar, porque regra geral he, que d'esta guiza se devem leer todollos liuros dalgua sciencia ou ensynança. [2]

Estas leituras, como se vê, faziam-se como ainda hoje se fazem as leituras academicas, e mesmo em familia, o que ainda era vulgar no seculo passado, em que os livros bons, por caros, se tornavam raros, e a

[1] Fernão Lopes, *Chronica de el-rei Dom João I.*
[2] *Leal Conselh.* pag. 500.

Digitized by Google

diffusão do jornalismo litterario e politico não saciara ainda a anciedade de lêr. Reuniam-se as pessoas, e em voz alta e bem articulada lia o individuo encarregado da leitura, que procuravam sempre quem se recommendasse pela clareza da voz, e pureza com que articulasse as palavras: os outros ouviam, e nada diziam para não interromper a leitura e quebrar o fio da narrativa.

As côrtes de Dom Affonso V, e Dom João II chegaram a ser celebradas por este genero de distracção, e outras ainda mais variadas, em que já entraram até representações de mimos e entremezes, nos quaes os fidalgos e o mesmo soberano tomavam parte.

E quem sabe se a communição dos costumes inglezes, trazidos a Portugal pela vinda dos fidalgos e damas da comitiva de Dona Philippa de Lencastre, introduziria tambem nos nossos paços o uso dos *Mysterios* e outras representações scenicas, tão generalisadas no seculo XIV em Inglaterra, onde o duque de Glocester, Henrique VII, e muitos dos altos barões do seu tempo, mantinham companhias de comediantes estipendiadas? Quando não fosse a Inglaterra, a Hispanha deveria já ter-nos transmittido este passatempo, pois que no meiado do seculo XIV (1356) ha noticia da representação da peça do judeu Rabi dom Santo, *Danza general en qui entram todos los estados de las gentes*, e Pedro Gonsales de Mendonça tinha egualmente escripto varios cantos pastoraes, destinados, como as comedias de Gil Vicente, a distrahirem a sociedade fidalga. É muito de suppôr que estes divertimentos palacianos houvessem tambem penetrado já em Portugal. Os *Mysterios*, nas igrejas, de certo foram de adopção popular, logo nos primeiros tempos da monarchia, como o foram em toda a Peninsula e outras partes da Europa christã. Os costumes francezes, trazidos pela comitiva do conde Dom Henrique, e estabelecimento dos fidalgos da mesma nação em differentes pontos do territorio portugalense, não podiam deixar de arraigar este uso, que andava quasi ligado

Digitized by Google

ao proprio formulario liturgico da egreja em quasi toda a edade-média. Pelo menos assim o presume o Sr. Alexandre Herculano, no seu romance *A Abobada*, quando introduz a representação de um *Auto*, ou antes *Mysterio*, na solemnidade da chegada do rei a Aljubarrota.[1] Comtudo, não o podemos aventar senão conjecturalmente, posto que fortemente estribados em inducções historicas.

Mas a verdade é que todas as manifestações nas lettras e nas artes, e até nos simples habitos do gosto e da polidez eram o effeito de causas derivadas do grande movimento politico e social que se operava. O reinado de Dom João I foi effectivamente o reinado em que a monarchia, a par da individualidade nacional, se organisava e fortalecia com o elemento popular. O valor e o desejo de instrucção emprehenderam os maiores commettimentos n'essa épocha. Os filhos do rei eleito do povo foram os implantadores de muitos ensinos, os exemplos de fecundas instituições, os protectores de numerosos homens notaveis que tanto contribuiram para o incremento intellectual d'aquelle tempo. Dom Henrique, cultivando a astronomia e a navegação e fundando a Academia de Sagres, onde se estudavam as mathematicas; Dom Duarte, applicando-se ao estudo da philosophia e da historia, o que o tornou um apreciavel moralista pratico, e um soberano tão bondoso na arte de governar como se documenta pelo seu livro o *Leal Conselheiro*, a verdadeira

[1] A duvida que se póde offerecer sobre a probabilidade historica d'esta representação, resulta tãosómente do facto de terem já sido prohibidas taes usanças, no seculo XII, por Innocencio III, como contrarias á gravidade do culto, e o *Mysterio* da *Abobada* figurar annos depois de 1385, quasi dois seculos depois da prohibição. Mas não resistiu a propria Italia á bulla do referido papa? E em varias provincias da Hispanha não continuaram, e continuavam ainda ha pouco estas representações ao divino? E entre nós mesmos, não vimos ainda em 1831 uma repetição d'estas scenas, como já noticiámos n'este livro? Este é o rigor historico, porque a liberdade concedida ao romancista, não póde deixar de ser reconhecida e latitudinaria.

Digitized by Google

*Encyclopedia* d'aquellas eras; e Dom Pedro, dando-se á litteratura e ás sciencias, fructo de sua longa peregrinação, onde colheu a sabedoria que tanto o singularisou como regente, concorreram poderosamente para este adiantamento. Foi da Academia de Sagres que partiu esse genio aventureiro que descobriu novos mundos para a sciencia, e novas possessões para a corôa portugueza. Foi tambem n'essa épocha que toda a legislação patria foi mandada reduzir a um corpo de leis ou codigo, tarefa dada ao corregedor da côrte, João Mendes, e concluida na regencia do infante Dom Pedro, em 1446, com o titulo de *Ordenações Affonsinas*, depois de revistas pelo doutor Ruy Fernandes, que succedeu no encargo por mandado de el-rei Dom Duarte, e por Lopo Vasques, corregedor da cidade de Lisboa, bem como pelos desembargadores Luiz Martins e Fernão Rodrigues. Os escriptos de antiguidade chamaram egualmente o exame e o fervor dos estudiosos n'este periodo. Além das livrarias de Dom Duarte e Dom Affonso V, a bibliotheca do duque de Coimbra, pela raridade e quantidade de codices ahi reunidos, apresenta-nos o testemunho d'essa illustração.

A participação da burguezia, e do povo na activadade da vida politica, annullou grande parte da importancia dos nobres. Nas leis codificadas ainda subsistia a notavel desegualdade do peão para o fidalgo, resaibo do feudalismo que Dom João II havia de extinguir de todo com o supplicio do duque de Bragança, o homicidio do duque de Vizeu, e o exterminio dos nobres e prelados conjurados contra o poder real; porém, n'outros capitulos, o fidalgo e o plebeu viram-se nivellados. Outra circumstancia mais ponderosa havia annullado a nobreza. Com as contendas que precederam a eleição de Dom João I, quasi todos os fidalgos mais poderosos tinham seguido as partes de Castella, pelo que foram despojados dos bens e honras, effeito natural de todas as alterações politicas. Depois o soberano creou outra nobreza, porém que derivou a sua valia principal da qualidade de *donata-*

Digitized by Google

*rios*,[1] isto é algumas vezes de simples honrarias locaes. E accresceu ser creada n'esta mesma épocha a classe dos *doutores*, e, em geral, dos *letrados*,[2] os quaes, pela sua sciencia e pelos empregos principalmente da magistratura a que foram chamados, obtiveram grande importancia *no conceito do povo, assim como muitas prerogativas e favor das leis*. Esta classe veiu a servir de liga, e como de *média* entre a ordem dos nobres e a dos peões ou plebeus, cujos limites entre uma e outra não poderam mais desde então ser precisamente marcados.[3]

A chamada *Lei mental* foi mais um facto que attenuou a importancia da fidalguia. Aconselhou-a João das Regras, unico meio de emendar a liberalidade com que o Mestre de Aviz se vira constrangido a galardoar os serviços dos fidalgos que ganhara ao seu partido, e que serviram a sua causa na guerra com Castella. Consistiu esta lei em mandar reverter para a corôa todos os bens doados, exceptuando d'esta regra sómente o filho varão primogenito e legitimo. Filhos segundos, bastardos, filhas, ascendentes e collateraes, todos ficaram destituidos dos bens, a não ser por dispensa regia.

É evidente o córte que soffreu tal classe. A isto juntemos haverem terminado as correrias de fronteira contra os mouros, por estes terem sido já repellidos de todo para fóra das raias, e outros viverem submettidos ás nossas leis desde épochas mais antigas no Alemtejo, na Extremadura e no Algarve, onde tinham ficado subsistindo livres, com a sua independencia assegurada por foraes e protegida até pelas immunidades communaes.[4] O desastre de Aljubarrota tambem inclinara Castella para a paz, effectuada definitivamente em 1411.

[1] Coelho da Rocha, *Ensaio sobre a Hist. do Gov. e Legisl. em Portugal*, pag. 112.
[2] Idem, *ib.* pag. 113.
[3] Mell. Freir. *Inst. Jurid.* liv. II, tit. 3.º § 6.º e seguintes.
[4] Alexandre Herculano, *Hist. de Portug.* tom. III.

Digitized by Google

Assim, a nobreza, desfalcada em honrarias e tendo de embainhar a espada por falta de inimigos que a trouxessem de continuo nos grandes feitos das pelejas, sentiu-se despojada da sua importancia. Ou na côrte ou nos solares continuou a subsistir, porém, apenas de recordações, d'essas recordações dos seus grandes dias de audacia e pujança guerreira, cujas lembranças, exageradas pelo assombro popular, ou pela jactancia dos successores dos heroes, que tinham feito d'essas memorias emblema de antigos brazões, se converteram depois em tradições e lendas que se compraziam de narrar os apaixonados de taes narrativas, que de alguma sorte impressionavam pelo maravilhoso.

É por ventura d'esta corrente de successos e impressões que se originou a novella de cavallaria, ou, pelo menos, esta a causa mais determinante em Portugal da sua predilecção no termo do seculo XIV e em todo o seculo XV.

De certo que para isto concorreu muito a voga das tradições bretãs e normandas da historia dos feitos maravilhosos do rei Arthur e dos cavalleiros da Tavola Redonda, derramadas pela Hispanha em resultado do trato com as *companhias francas* dos soldados bretões de Beltrão Du-Guesclin, e dos aventureiros inglezes do *Principe Negro,* como já observámos. Estas historias, cheias de aventuras que tanto fallavam á imaginação d'aquellas eras, por encerrarem themas analogos aos acontecimentos contemporaneos, tiveram por força tambem écho em Portugal, e mais se avivaram e multiplicariam com a communicação directa com os inglezes, depois operada pelo consorcio da filha do duque de Lencastre com el-rei Dom João I.

A lembrança dos cruzados normandos, no tempo de Dom Affonso Henriques, constitue tambem inquestionavelmente um elemento, embora remoto, mas ainda subsistente, d'esta influencia. Antes do assalto aos muros de Lisboa deviam elles praticar com os nossos soldados no acampamento, n'estes e outros feitos das suas

Digitized by Google

recordações guerreiras, o que de certo depois as divulgou, como exemplo, no encarecimento das nossas proezas militares.

Os romances do cyclo da *Tavola Redonda* eram pois lidos com enthusiasmo na côrte de Dom João I, e já no *Cancioneiro* de el-rei Dom Diniz se leem referencias a *Yseult* e a *Tristão*. Na livraria de Dom Duarte, os livros de cavallaria d'este cyclo, são notaveis. *Merlim, Gaalaz e Tristão* veem citados no celebrado catalogo do monarcha, e bem lembrados andam sempre, em suas citações, os romances de *San Graal, Lançarote do Lago* e *Branca Flor*. Os ditos de jactancia guerreira, as allusões a grandes feitos de armas, os chistes de gentileza cortezã encontram-se repetidos d'essas novellas de cavallaria. Respiram-se aquelles ares, imitam-se aquelles costumes. Dom João I deseja assimiliar em si a individualidade aventurosa e guerreira do rei Arthur. O Condestavel imita Galaaz na continencia e nos rasgos de valentia inaudita. A sua aventura passando o Tejo, a rude impavidez com que se desaffronta na solemnidade do casamento da princeza Dona Brites, filha de el-rei Dom Fernando, a apparição subitanea em Alde-Gallega, assombram-nos a imaginação. A *Chronica do Condestabre* é uma compilação prodigiosa de façanhas como as dos Paladinos de Carlos Magno ou a dos Cavalleiros do rei Arthur. Não pertence ao mundo das realidades: no seu esforço reunem-se o valor temerario dos heroes de um cyclo, e o maravilhoso que patrocinava as acções dos outros.

E estas recordações de gentileza bellicosa estendiam-se a tudo: imperam em todas as phantasias e moldam os proprios costumes. As tenções, os mottos, as legendas, os emblemas cavalleirosos são copiados das tradições mais fabulosas e encarecidas, como ellas. Todos os infantes, e o mesmo rei, adoptam divisas guerreiras, ou conceituosas, e symbolisam em combinações heraldicas factos da sua vida, ou predilecções do seu gosto apurado. A celebrada lenda das pegas, memorada n'uma

Digitized by Google

das salas dos Paços de Cintra,[1] explicam-na alguns pela divisa usada por Dom João I. *Il me plait, pour bien*, a que correspondia a adoptada pela rainha n'estas palavras: *me contenta*. O infante Dom Henrique cingia habitualmente o saial do mestrado de Christo por cima do antigo arnez á portugueza, como ainda hoje se vê no portal dos Jeronymos, e usava das côres branca, verde e preta no seu escudo, e no brazão a divisa *talaint de bien faire*. O infante Dom Pedro mandara esculpir, como brasão, uma capella de carvalho com bolotas, e, ao centro, umas balanças, e por divisa a palavra franceza *désir*, semeada por entre todos os ornatos heraldicos. O infante Dom João, Mestre de Sant'Iago, adoptou egualmente uma capella, mas de ramos de silva com cachos de amoras, e as bolsas de Sant'Iago no centro de tres vieiras, com o distico: *je ai bien raison*. Até o infante Dom Fernando mandou gravar nas suas armas uma capella de hera com pequenos cachos, entrevendo-se a cruz de Aviz, de cuja ordem era Mestre, e com a divisa: *le bien me plait*.[2]

[1] Conta-se que sendo o soberano encontrado pela rainha a dar um abraço n'uma das suas damas, se voltára para a princeza, sem se mostrar suprehendido, e lhe dissera: *Por bem*. Uma péga que esvoaçava perto, ouvindo a phrase, chegou-se da rainha, e volteando-lhe em torno, repetiu as mesmas palavras muitas vezes. Para memorar o caso se mandou construir depois a celebrada sala chamada das Pégas, e lhe pintaram no tecto muitas d'estas aves, a voar em diversas direcções, com fitas no bico, onde se lê a divisa: *por bem*. E' de certo uma imitação do *Honni soit qui mal y pense*, que presidiu á instituição da ordem da Jarreteira.

O visconde de Almeida Garrett celebrou esta tradição na singelissima poesia, incerta na *Illustração* do sr. Teixeira de Vasconcellos, que começa assim:

Gavião, gavião branco
Vae correndo, vae voando;
Mas não diz quem n'o feriu,
Gavião, gavião branco.

[2] Não sabemos porque Francisco Rodrigues Lobo, no dialogo II da sua *Côrte na Aldeia*, troca todas estas divisas, e diz que

Digitized by Google

E estes usos cavalleirosos abrangeram egualmente os preceitos da ordenança militar e a propria tactica da guerra. Na *Chronica* de Fernão Lopes descreve-se a batalha de Aljubarrota, conforme as regras do antigo *Regimento de guerra portuguez*. Falla-se ahi nas *meias-luas*, nas *alas*, na marcação da exposição do sol e da direcção do vento, exactamente como era seguido antigamente. Ahi apparecem a *Ala-dos-Namorados* e a *Ala-da-Madre-Silva*, gentis denominações da cavallaria. Nem fallecem os tradicionaes *denodamentos*, ou votos, poetica recordação da galhardia cavalleirosa dos tempos em que a religião, a patria e o culto das damas constituiam os dogmas da fé guerreira. Gonsallo Eanes Castelvide e Vasco Martins de Mello ahi os reproduzem, sendo um d'elles martyr da sua temeridade. É tambem do seio d'este influxo de impressões que vemos sahir os Doze de Inglaterra, com o famoso Magriço á frente, rasgo de patrocinio audacioso, que só encontra equivalentes nos famosos arrojos de Reynaldo de Monte Alvão, Florismarte de Hircania ou Ferrabraz da Alexandria. [1]

E este espirito aventureiro de cavallaria andante é communicativo. Todas as chronicas do tempo nos di-

são todas em inglez, quando são todas em francez, lingua familiarmente fallada na côrte de Dom João I, por ser a lingua da rainha sua mulher, porque a corte ingleza, n'aquelle tempo, ainda era, se póde dizer, normanda, e o francez o idioma vulgar, tanto em Pariz como em Londres. Rodrigues Lobo, além de inverter as divisas, e qualifical-as de phrases inglezas, traduz a do infante Dom Pedro, que era a palavra *desir* (desejo) por *dizer*!...

Seria isto ignorancia absoluta do idioma francez? Mas quando não fossem as chronicas de Azurara e Ruy de Pina, nunca ouviria, sequer, a descripção dos tumulos do rei e infantes, na capella do fundador, na Batalha, para se tornarem impossiveis tão absurdos equivocos?

[1] E' apenas no *Memorial dos Cavalleiros da Tavola Redonda*, de Jorge Ferreira de Vasconcellos, que esta lenda vem narrada, o que tambem é assumpto de um formoso episodio descriptivo nos *Luziadas*. Nenhum dos chronistas do tempo, porém, falla de tal. E' tradição naturalmente recebida de alguma velha chronica.

Digitized by Google

zem que era aventuroso o espirito dos portuguezes n'aquella épocha, apparecendo na Allemanha, em Inglaterra, na França, e em Flandres, em toda a parte onde se offereciam proezas a praticar, ou torneios onde competir em bravura guerreira. Do reinado de Dom João I diz o celebre historiographo latino Matheus Pisano, citado por Schoeffer:—«A vasta fama do rei e uma necessidade imperiosa de acção, o ardor cavalleiroso, e espirito aventureiro e emprehendedor do seculo, chamaram até de longes terras cavalleiros e fidalgos que vinham servir debaixo das bandeiras de um principe fallado em todas as nações, e encarecido com enthusiasmo. D'este numero foram um duque e um barão, allemães, e tambem cavalleiros francezes e inglezes, com navios, besteiros e mais tropa, tudo para seguir Dom João I á expedição contra Ceuta». [1] Como estes nobres, os nossos tambem se partiam de Portugal a correr mundo, e a pelejar pela fé de Christo em auxilio da belleza opprimida. Nas guerras da Allemanha do imperador Segismundo, contra os turcos, lá andou o infante Dom Pedro. D'estas suas lidas e do seu incessante gyrar pelas terras todas da Europa, nasceu a noticia legendaria de haver corrido *as quatro partidas do mundo*. O impavido Alvaro Vaz de Almada, conde de Avranches, esse espelho da verdadeira cavallaria, grangeia fama e espalha o terror de seu braço nas guerras de Henrique IV de Inglaterra com a França. Tambem figuram portuguezes na victoria de Azincourt, ganha aos francezes pelo rei inglez Henrique V: os mais encarecidos guerreiros são os portuguezes, sobrelevando a todos o famoso Sueiro da Costa. Nas mais celebradas justas da Europa, emfim, assignala-se o valor dos nossos, e fica em memoria o seu garbo e valentia.

E o espirito de conquista, ou cruzadas em prol da fé, como as appellidavam então, é ainda uma derivação d'este mesmo incitamento que instiga o valor militar a

[1] Math. de Pisano, *Gesta illustrissima regis Johannis*, *Collecção do Livr. Ined. da Hist. Portug.* Edic. da Academ.

Digitized by Google

procurar campo para as suas façanhas. Dom João I, sahindo do reino no maior poder naval que vira o Tejo, para conquistar Ceuta, obedece a este sentimento, que se perpetuou em toda a sua dynastia, resplandecente estirpe de heroicidade guerreira, apontando tambem a seu neto Dom Affonso V, a tomada de Argila e Tanger.

No dominio dos mares o mesmo espirito aventuroso. João Gonsalves Zarco e Tristão Vaz descobrem a ilha de Porto Santo; Gil Anes dobra o cabo Bojador; Gonsallo Velho aborda a ilha de Santa Maria e prosegue no descobrimento do archipelago dos Açores, encetado por Vicente de Lagos e Luiz Cadamosto; Nuno Tristão descobre o Cabo Branco; Antonio Gonsalves as ilhas de Aguim; emfim o genovez Luiz Cadamosto, ao serviço de Portugal, com outros intrepidos nautas portuguezes, descobrem o archipelago de Cabo Verde, Senegal, Gambia e o Rio Grande.

Prodigiosa actividade, que estimula as imaginações, que fecunda o talento, que ensoberbece o sentimento patriotico!

E é ainda na exaltação d'estes acontecimentos extraordinarios, que participavam alguma cousa das idades semi-heroicas, que vemos apparecer o famoso Vasco de Lobeira, que aos sessenta annos é armado cavalleiro pela propria mão do Mestre de Aviz, na batalha de Aljubarrota, como vaticinio já evidente de que n'aquelle homem existia o Homero de tantos feitos denodados de gentileza cavalleirosa e esforço patriotico. [1] O *Amadis de*

[1] Na novella do *Amadis* diz-se que *Mocandon*, um dos personagens que alli entram, fôra armado cavalleiro *aos sessenta annos*, o que alguns escriptores pretendem que se refira a Vasco de Lobeira, querendo provar com esta edade já avançada ser elle o mesmo que pertencêra á casa de Dom Affonso IV, quando infante, pretenção esta sem critica, porque a batalha de Aljubarrota foi em 1385, e Dom Affonso IV começou a reinar em 1325, no que decorrem 60 annos, o que torna impossivel haver existido Vasco de Lobeira em casa do infante, salvo se foi ainda menino, mas n'esse caso as attribuições de escriptor que já lhe que-

Digitized by Google

*Gaula*, a inversão do poema *Amadas* na fórma novellesca, e cuja paternidade tanto nos tem sido disputada, é decerto um resultado da grande elaboração intellectual d'aquelle periodo, por muitos parentescos historicos, poeticos e moraes que o ligam aos successos mais importantes que o antecederam.

Que grande épocha em que o empenho do engrandecimeto nacional, da religião e da familia, esta trilogia que estreita, em abraço sublime, a mais fecunda moral á principal base da politica, resumia o credo d'aquelles valentes, cuja memoria se ergue monumental, e ainda se recorda com respeito no sitio de Aljubarrota!

Realmente, quando depois de se terem lido os capitulos de Fernão Lopes, que narram a famosa batalha, se

rem dar são falsas e completamente destitudas de senso historico. É na *Chronica de Dom João I*, por Duarte Nunes de Leão, que se acha uma relação dos mancebos que foram armados cavalleiros pelo Mestre de Aviz, e entre o nome d'elles lê-se effectivamente o de Vasco de Lobeira, reputado por alguns escriptores o proprio auctor do *Amadis de Gaula*, da celebrada novella de cavallaria portugueza, que nos tem sido tão disputada pelos hispanhoes, querendo-se arrogar a originalidade, plagiato que hoje está provado. O *Amadis* é obra portugueza, o que se verifica de alguma sorte pelos processos analyticos da linguagem, a que o hispanhol Garcia Ordones de Montalvo, seu traductor, chama *antiguo estilo* e *palavras superfluas*.

É na *Chronica do conde Dom Pedro de Menezes*, escripta em 1454, por Azurara, que achâmos, pela primeira vez, o nome de Vasco de Lobeira, citado como auctor do *Amadis de Gaula*. N'esses tempos, o castelhano, como lingua culta, imperava absolutamente; d'esta circumstancia deriva o desdem em que os ledores portuguezes haviam o idioma nacional, e de certo o motivo da novella não ser publicada. No entretanto, appareceu a versão hispanhola de Montalvo, accolhida com jubilo pelos partidarios do hispanhol, o que de todo concorreu para ficar desprezada e esquecida a composição original portugueza.

D'esta circumstancia resultaram as duvidas que sobrevieram ácerca da sua nacionalidade, aproveitando-se os criticos do reino visinho para a perfilharem. Alem de outros antigos, Dom Pascual Gayangos é dos que mais se singularisaram n'esta tarefa, em que a final as subtilezas da sua analyse são desmentidas pela confrontação dos testemunhos historicos e exame linguistico do trabalho de Montalvo. Os portuguezismos, ou modismos peculia-

Digitized by Google

entra no mosteiro de Santa Maria da Victoria e visita a sumptuosa *capella do fundador*, a impressão é profunda e solemne. O grande rei popular jaz ao centro, a par da esposa, a quem tanto queria; e, em volta, como o rodeavam em vida nas suas esperanças e commettimentos, jazem tambem os inclitos infantes. Os pulmões dilatam-se, aspirando-se os ares d'aquellas eras gigantes, e na mente revoam em tumulto as glorias de todos aquelles benemeritos da patria. N'estas recordações sentimos reviver Portugal, o Portugal da independencia patriotica, dos feitos homericos, das grandes fabricas architectonicas, da organisação civil e social, o Portugal emfim do Mestre de Aviz, de João das Regras, de Dom Nuno Alvares Pereira, e do architecto Affonso Domingues.[1]

res á nossa lingua, decidem formalmente a questão, se outras inducções e affirmativas a não tivessem já resolvido. Não fallando na denominação de *ricos-homens*, e *homens-bons*, classificação da nossa organisação civil, basta a palavra *saudade*, sempre traduzida pelo vocabulo castelhano *soledad*, o que tem uma accepção mui diversa e restricta, porque *saudade* é a dor moral pela ausencia de quem se ama, e *soledad* é a soledade portugueza, que se refere unicamente á solidão em que nos achâmos, basta esta simples analyse para conhecer evidentemente que a novella de Montalvo não passa de uma *empolada* versão da obra de Vasco de Lobeira, e que tanto perde da agradavel singeleza d'aquella prosa rude do seculo XIV nas mãos do enfatico rhetorico hispanhol.

Existe outra novella portugueza intitulada *Penalva*, que adopta parte do assumpto do *Amadiz*. Porém, o que foi miraculosamente prolifica foi a acção fecundante da propria novella sobre a imaginação dos escriptores dos tempos posteriores, pois até ao seculo XVII, a familia dos Amadizes adoptou todas as transformações e se reproduziu nas *Sergas de Splandian*, no *Dom Florisando*, *Lizuarte de Grecia*, *Perion de Gaula*, *Amadiz de Grecia*, *Dom Florisel de Niquea*, *Rogel de Grecia*, *Dom Silves de la Selva*, *Espheramundi de Grecia* e *Penalva*.

Sobre este assumpto publicou o sr. Theophilo Braga um livro. O curioso que deseje aprofundar a questão, lá encontra com que se farte a saciar-se

[1] Que deu a traça do mosteiro da Batalha. A este respeito, leia-se o bello romance *A Abobada*, do sr. Alexandre Herculano, onde o leitor encontra a verdade historica animada pelos grandes instinctos do sentimento poetico, e a *Memoria* de Frei Fran-

Digitized by Google

Foi uma épocha de profundas convicções, e por isso mesmo de verdadeira exaltação, desde as emprezas militares até ás concepções em que dominava o sentimento ou a imaginação. Era imitação muito do que se via, eram influencias estranhas que reinavam na côrte de Dom João I e de seu filho Dom Duarte, e ainda de seu neto Dom Affonso V; porém, se a paridade não existisse entre os actos d'esses reinados e as eras grandiosas, cujos usos se procuravam perpectuar, a assimilação seria impossivel. Aquella quadra foi, decididamente, o nosso periodo heroico.

E assim se explica a predilecção pelas novellas de cavallaria. Era a analogia dos acontecimentos que a motivava. Muitas d'essas ficções romanescas encontravam correspondentes nos commettimentos contemporaneos, e o povo seguiu esta corrente de impressões. Nem podia deixar de ser assim, porque em nenhum reinado dos nossos antigos reis o elemento popular participou mais positivamente da auctoridade politica e social, do que n'esse tempo. Desde as assoadas á rainha adultera, a morte do arcebispo Dom Martinho das torres da Sé abaixo, os applausos á morte do conde Andeiro e acclamação do Mestre de Aviz, até ao reconhecimento dos do *terceiro estado*, na successiva convocação de côrtes, o povo sentiu-se figurar em todas as peripecias d'este grandioso drama, em que a principal parte da nobreza se voltava para Castella, emquanto que a classe popular avocava os seus fóros e privilegios.

E esta divisão politica manifestou-se até nos dominios litterarios e na mesma poesia. As ficções inglezas foram abraçadas e paraphraseadas pelo genio popular, como já fica exposto, porque o povo encontrava n'ellas episodios que geralmente accommodou aos successos do seu tempo. Na tradição oral andavam já os romances do cyclo de *San Graal*, alterados, mutilados, reduzidos

cisco de Sam Luiz, onde se lê um documento de 1402, que prova authenticamente ser Affonso Domingues o primeiro architecto da Batalha.

Digitized by Google

em geral, e narrados quasi sempre episodicamente, ou indicados pelas suas individualidades mais caracteristicas; mas contra essa influencia poetica declarou-se a fidalguia, que seguio o partido do rei de Castella. Este partido compunha-se dos fidalgos hispanhoes que tinham batalhado por Dom Fernando, e que, quando este ficou vencido e se recolheu a Portugal, receberam d'elle guarida n'estes reinos, e dos fidalgos portuguezes, *hispanholados,* sequazes do conde Andeiro, partidarios da rainha Dona Leonor Telles, e, por isso, inimigos jurados de Dom João I. Ainda depois da morte d'este principe continuou esta scisão, acobertada pela protecção da mulher de Dom Duarte, aragoneza, que, com suas sizanias e insidias, veiu a causar a morte do infante Dom Pedro, honrado e esclarecido principe que tão lastimavelmente expirou nos campos de Alfarrobeira.

Esta fidalguia cultivava a eschola lyrico-hispanhola. Era a consequencia da reacção aristocratica e o meio indirecto de protestar contra a influencia das novellas da *Tavola Redonda* e demais tradições de influencia ingleza, tão acceites ao rei e aos principes seus filhos, e que tanto se ageitavam ás ficções da imaginação popular. E esta reluctancia foi tão longe, que desafogou até em represalias e epithetos, como lêmos n'um *Dezir* de Affonso Alvares de Villasandim, que appellida de *chamorros,* os partidarios do Mestre de Aviz por gostarem do que diziam os inglezes.

O que na poesia se refere a esta circumstancia são estas duas estrophes:

Noble infante Don Johan,
toda la verdat sabida,
muchos com vuestra venida
gozaron é gosarán;
mas ya estos non seran
los locos desta partida;
*chamorros* que syn medida
buscan lo que falarán.



Digitized by Google

*Buscan lo que falarán*
*malos años, negros meses,*
*aunque vengan los Inglezes*
*en ayuda com don fulan;*
que tal calda les daran
por la mar los montañeses
porque los nobles Franceses
desta se levantaran. [1]

Porém, é mister não esquecer, que, apesar de apagada pelas influencias já mencionadas, a inspiração burgueza respira de alguma sorte na bôca do povo, que, pelas suas naturaes disposições para se entregar á admiração nos momentos de jubilo publico, ou desatar a sua veia satirica, quando lhe provocam o sarcasmo, não podia deixar de desafogar os seus sentimentos n'estas grandes conjuncturas em que o *braço popular* foi pela primeira vez chamado a figurar. Na *Chronica* de Fernão Lopes encontrâmos cantigas d'esse tempo, que evidenciam a actividade da imaginação do povo. De cima dos muros da cidade, que as mulheres andavam ajudando a erguer, quando o rei de Castella os cercava, atiravam ellas com estas e outras chufas, em que bem azedadas transparecem as invectivas aos traidores á patria:

Esta es Lixboa, presada,
Miralda e leixalda:
Si quizieredes carnero
Qual dieram al Andero;
Se quizieredes cabrito
Qual dieram al Arçobispo. [2]

N'outras eras, a caridade de dar caldo aos mendigos,

[1] Esta canção vem em Baena, tom I, pag. 70, mas aproveitamol-a dos *Trovad. Galecio Port.*, do sr. Theophilo Braga.

[2] Allude ao bispo de Lisboa, Dom Martinho, castelhano, e por isso arremessado de uma das torres da Sé, na tarde de 6 de dezembro de 1383, quando acclamavam o Mestre de Aviz.

Digitized by Google

na portaria dos conventos, tornara-se geral. Durou até á extincção das ordens monasticas. A seguinte oração, á porta do antigo mosteiro do Carmo, onde vestiu o habito o Condestavel, mostra esse uso, e é mais um indicio de vida da musa popular.

O Gran Condestabre
Em o seu Mosteiro
Da-nos sua sôpa,
Mail-a sua rôpa
Mail-o seu dinheiro.

A bençom de Deos
Cahiu na caldeira
De Nunalves Pereira,
Que abondo cresceu
E todolo deu.

Se comer queredes,
Nom bades alem;
Dom menga nom tem
Ahi lo comeredes,
Como lo bedes.

E em roda da sua sepultura:

Uma voz: — O gran Condestabre
Nunalves Pereira
Deffendeu Portugale
Com sua bandeira,
E com seu pendone.

Todos: — Nó me lo digades, none,
Que santo he o conde.

Voz só: — Na Aljubarrota
Levou a vanguarda,
Com braçal e cota.

Digitized by Google

Os castelhãos mata
E toma o pendone.

TODOS: — Nó me lo digades, none,
Que santo he o conde.

VOZ SÓ: — Com sua chegança
Filhou Badalhouce,
Sem usar davença
Entrou sua torre
E poz seu pendone.

TODOS: — Nó me lo digades, none,
Que santo he o conde.

VOZ SÓ: — Dentro no Valverde
Venceu os castelhãos,
Matou bons, e maos
So co'ha sua hoste
E seu esquadrone.

TODOS: — Nó me lo digades, none,
Que santo he o conde.

A vida do condestavel, como guerreiro e como frade, tornou-se um assumpto fecundo para este genero de inspiração popular. As terras do reino estão cheias de contos e lendas, em que o heroe portuguez, como o Cid, assume proporções ao mesmo tempo de santo e guerreiro invencivel.

As desventuras do reinado de Dom Duarte, um dos principes mais virtuosos, mas tambem mais infortunados que subiram ao throno portuguez, muito deveriam contribuir para a mudança que se operou nos dominios da imaginação. A longa peste que assollou o reino, e as nossas perdas em Africa, por que tivemos de deixar lá em arrefens o bondoso principe Dom Fernando, conhecido depois de sua morte nas masmorras de Fez pela

Digitized by Google

canonisação popular de *infante santo*, trouxe a tristeza a todos os animos, e paralisou de certo os incitos de influencia poetica. A poesia portugueza, que permanecêra sem ejaculação espontanea ante as duas poderosas correntes litterarias que até ahi disputavam a supremacia sobre as nossas imaginações, o lyrismo da eschola gallega, e a ficção dos contos normandos, mais emmudeceu com as catastrophes publicas. Ainda prevaleceu a imitação classica em raros exemplos de erudição conventual, porque a imitação é a unica aptidão da nossa intelligencia, quando a phantasia encolhe as azas para vôos mais audazes e creadores. As novellas de cavallaria continuaram a ser o assumpto das leituras palacianas, porém mais como desenfado das tristezas d'aquella quadra malaventurada, do que como uma predilecção de accôrdo com as necessidades dos espiritos; e d'essas mesmas novellas, as do cyclo grego-romano, as eruditas e historicas, eram as mais procuradas. Os livros da *Historia de Troya, Julio Cesar, Orto do Sposo, Guerra de Macedonia, Livro da Romaqueja, Livro de Anibal e de Salomão,* que todos se encontram na lista dos *livros de uso* de Dom Duarte, provam este entretenimento habitual. Era ainda a pressão erudita que assim se manifestava n'estas distracções litterarias. Esta influencia classica recrescêra com a influencia da litteratura hispanhola, que então mais penetrara em Portugal pela acceitação que tinha na côrte, acceitação protegida pela rainha aragoneza, viuva de Dom Duarte, que acolhia com systhematica selecção tudo que vinha do seu paiz.

Estas predilecções, que suscitaram intrigas e accenderam odios, fermentaram tumultos no reino, que muito desauctorisaram a regencia d'esta princeza. «Assi procidiendo, diz Faria e Souza, vandos, inquietudes, y motines, amenaças, armas, y libertades contra la patria, contra la religion, y contra la reyna, elegieran por governador del reyno al enfante Dom Pedro.»[1] A estas

[1] *Epitome*, part. III, cap. 13.

Digitized by Google

perturbações domesticas e ambições de reinar, de Dona Leonor, tão condemnavelmente inclinada aos seus, assim como á imprudencia de temerarias emprezas em terras de Africa, se deve a decadencia de todo este periodo, e que ainda reflectiu na parte mais principal do reinado de Dom Affonso V. Nem a muita illustração e sabedoria na arte de governar poderam dar forças ao sabio duque de Coimbra, durante a sua mallograda regencia, para levantar o reino d'este triste estado, a que o levaram as insidias de seus inimigos. Pois os seus desvélos pelas cousas da patria ninguem de boa fé os póde negar. Foi aos seus cuidados que se deveu a codificação definitiva das antigas leis do reino, ultimamente a cargo do doutor Ruy Fernandes, do conselho de Dom Duarte, serviço notabilissimo feito a toda a nossa organisação civil, e que regulou melhor a acção das justiças. No emtanto, o abatimento da Universidade Portugueza era completo. A Universidade havia-se tornado o centro dos estudos regulares do reino, como bem se póde presumir, e a base de habilitações para todas as carreiras publicas. A sua decadencia, portanto, reflectiu-se em todas as espheras intellectuaes e mesmo n'outras mais positivas. Já não lhe regiam as cadeiras os professores abalisados que n'outro tempo lhe tinham grangeado fama: os ordenados estavam minguados, e os estudantes, não encontrando lentes aptos, abandonaram-na. Porém, Dom Affonso V, que pertencia á raça de principes que tão preclaras provas tinham dado do seu saber, e que era elle mesmo ainda um dos mais esclarecidos e protectores dos estudiosos, esforçou-se por ter mão em tão fatal ruina, e proseguiu nas emprezas maritimas do infante Dom Henrique; promulgou a collecção de legislação denominada Affonsina; [1] e escreveu ácêrca de

[1] Ainda que o infante Dom Pedro influira para a codificação formal d'este codigo, a sua publicação effectuou-se em 1446, em nome de Dom Affonso V, pelo que tomou o titulo de *Ordenações Affonsinas.*

Digitized by Google

tactica militar e de astronomia.[1] Por indole dado ás armas, alcançou victoriosas pelejas em Africa, de que lhe adveiu o cognome de *Africano*. Alli enviou Gomes Eanes de Azurara, o segundo chronista-mór do reino, para que o historiador bebesse a verdade e se avigorasse de energia, no proprio local dos feitos que tivesse de narrar.[2] Nos seus paços de Evora abriu uma bibliotheca, composta da celebrada livraria que herdara de seu pae e avô, uma das melhores então conhecidas, a que ajuntou numerosos codices, para que muito o auxiliou o grande acontecimento do seu reinado, e o maior do seculo XV. A arte da impressão acabava de se instituir, e a transformação que operára a imprensa começava a levar os seus resultados a todas as relações da actividade intellectual. Foi em Leiria que a typographia se erigiu primeiro, nove annos apenas depois da edição do *Psalterio* de Mayence, em 1457, porque o *Livro das coplas* do infante Dom Pedro foi impresso na cidade de Leiria, em 1466.[3] Assim, portanto, depois de Mayence, Bamberg e Subiaco, Leiria deve ser contada a quarta cidade europea, onde se estabeleceu a imprensa. E decorridos quinze annos, em 1481, se organisou a hebraica, que deu á estampa *Sepher*, do rabino Jacob ben Ascer.

[1] Deixou este principe varios escriptos: é d'elle o *Tratado da Milicia conforme o costume de batalhar dos antigos portuguezes; — Discurso, em que se mostra que a constellação chamada Cão celeste, constava de vinte e nove estrellas, e a menor de duas; — Regimento para os officiaes, e officios de guerra, e da Casa Real.* Tambem deixou varias cartas, uma d'ellas dirigida ao Chronista-mór Azurara, e outra a Diogo Lopes Lobo, senhor de Alvito, ambas notaveis pela concisão e singeleza do estylo.

[2] Gomes Eannes de Azurara escreveu a *Chronica d'el-Rei Dom Duarte*, posto que parte d'ella pertença á penna de Fernão Lopes, e tambem a *Chronica do Descobrimento e conquista da Guiné*, afóra a *Chronica de Dom Duarte de Menezes, conde de Vianna e primeiro capitão de Ceuta.*

[3] Ribeiro dos Santos, *Memoria sobre a origem da Typographia em Portugal no seculo XV*, nas *Mem. de Litt.* da Academia das Sciencias, tom. VIII, part. I.

Digitized by Google

Pena foi que os primeiros resultados d'este prodigioso progresso fossem obras mysticas, como a edição dos *Prophetas Primeiros*, e poucas mais, em que entraram varios livros da incessante applicação da sciencia hebraica. Porque, cumpre aqui recordar, os judeus portuguezes eram eminentemente instruidos e laboriosos: a elles devemos os primeiros passos da philosophia, da botanica, da medicina, da astronomia e da cosmographia. [1] Tinham elles por uso, bem como os judeus hispanhoes, já dos primeiros tempos da monarchia, irem estudar as sciencias biblica, thalmudica e rabbinica nas synagogas de Babylonia, Cairo, Damasco, Bagdad, Alexandria, Constantinopla e Syria, e de lá trouxeram o immenso cabedal de conhecimentos nas sciencias exactas e naturaes que depois se derramou por toda a Peninsula Hispanica. O reinado de Dom Affonso V é a quadra da sua maior florescencia.

Porém, estes estudos pouco aproveitaram ás lettras nacionaes. As linguas antigas tiveram cultivo entre nós, sobretudo a lingua grega, que a reforma de Luthero tornára precisa para rebater, com verdadeiro conhecimento linguistico, as interpretações erradas, com que a má fé dos novos sectarios adulterava os textos biblicos. E estes estudos ecclesiasticos subordinaram o pensamento capital da instrucção. O latim tornou-se a base da educação, e as obras latinas o modêlo de toda a tentativa litteraria. Até a historia do reino, que até então se ia colher ás tradições oraes, e ás narrativas dispersas manuscriptas, como o fizera Fernão Lopes nas suas chronicas monumentaes, o maior resultado da elaboração litteraria e philosophica do reinado do estudioso Dom Duarte, foi entregue á direcção de latinistas estrangeiros. De Italia veiu Justo Baldino com o fim de escrever as chronicas do reino, sendo depois nomeado pelo monarcha bispo de Ceuta. Nada escreveu, comtudo, porque enfermou gravemente; e egual tarefa incumbi-

[1] Vid. a *Memoria* de Ribeiro dos Santos, já citada.

Digitized by Google

ram a Angelo Poliziano, sabio latinista muito favorecido de Lourenço de Medices, a quem Dom João II escreveu, persuadindo-o a que compozesse em idioma latino ou toscano a historia de Portugal, como se comprova pela carta d'este rei. [1] Este trabalho, todavia, não foi levado a cabo, por desprazer ao monarcha. Mas a verdade é que a norma da historia official foi d'ahi em diante adoptada dos auctores latinos da decadencia, ou iam copiar em Suetonio o genero anecdotico servil, como o fez Garcia de Rezende, ou trataram de imitar as bombasticas prosopopêas de Tito Livio, como mais tarde o realisou Jacinto Freire de Andrade e Frei Bernardo de Brito.

No entanto é inegavel que este periodo foi auspicioso para a historia, pois o vemos representado por Azurara, Lucena, Ruy de Pina e Garcia de Rezende, o que prova o quanto os estudos historicos eram aprofundados e haviam merecido o patrocinio de nossos reis.

Dom João II era homem para levantar as lettras d'este abatimento, assim como o foi para desafrontar o poder real das conjurações da nobreza, e radicar com mão firme o principio da monarchia absoluta. Como todos os principes das duas primeiras gerações da raça de Aviz, possuia cultura litteraria, e assaz mostrou logo no começo de seu reinado desejos de favorecer as lettras e de dar boa sombra a todo o engenho applicado. Porém, de um natural sombrio, pouco lhano e excessivamente cioso das prerogativas da realeza, a altivez dos fidalgos levou-o a excessos em que sobresahiu antes a vingança do homem que a justiça do soberano. O supplicio do duque de Bragança, na praça de Evora, o assassinato do duque de Vizeu, [2] nos paços de Setubal, e a perseguição aos outros nobres em suas terras solarengas, e

[1] Esta carta, e a resposta de Angelo Poliziano, andam impressas no tomo II das *Provas* da *Historia Genealogica da Casa Real*. A carta é datada de 23 de outubro de 1491.

[2] O duque de Vizeu foi apunhalado, como é sabido, pelo proprio rei, no vão de uma janella dos paços de Setubal, que ainda

Digitized by Google

até fóra do reino,[1] não podiam deixar de ser factos que enlutassem as principaes familias, e enchessem de angustia uma epocha inteira. Os resultados reflectiram na imaginação. Houve litteratura, mas litteratura official, convencional, servil, como vemos pelos chronistas d'esse tempo; e a mesma poesia deu signaes de actividade, mas n'esses serões palacianos em que a erudição e o artificio metrico substituiam o jacto natural da veia poetica. Dom João II não poucas vezes se comparava a Luiz XI, de França, e de feito alguma cousa possuiu da sua politica perspicaz e ao mesmo tempo cruel, e ainda mais da arte com que sabia dissimular. É decerto a esta qualidade do seu caracter que devemos attribuir vel-o, apenas seis annos apóz a morte dos duques e seus conjurados, entrar nos momos representados nos paços de Evora, pelos festejos que se fizeram pelo casamento do principe seu filho. N'esses momos, tão faustosamente apparelhados, entrava o proprio rei trajado galhardamente de cavalleiro do Cysne,[2] e os demais principes e fidalgos representando outros personagens. E tambem ficou memoria assignalada do certame do *cuydar e suspirar*, tão celebrado n'essa côrte, e que como que resuscitava o antigo uso provençal das *côrtes de amor*. Foi este certame o resultado das trovas compostas em 1483, entre varios copleiros, ou trovadores cortezãos, como em despique, nos serões do paço, onde pela primeira vez se revelou o talento satirico e folgasão de Gil Vicente.[3]

hoje se mostra, e que esteve muito tempo tapada; e ha quem assevere que o carrasco que decapitou Dom Fernando, duque de Bragança, fôra o proprio Dom João II, que se apresentou mascarado. Um gesto, que lhe era habitual, o revelou, a acreditar n'alguns testemunhos contemporaneos.

[1] Ás iras do inflexivel monarcha nem escapou Dom Fernando da Silveira, um dos fidalgos conspiradores, que emigrára para Avinhão, para escapar á morte, sendo ahi mesmo assassinado.

[2] Garcia de Rezende, *Vida de el-rei Dom João II*, cap. 122, 123 e 126.

[3] Vid. *Cancion. Geral.*

Digitized by Google

Assim como o reinado de Dom Diniz foi um periodo de imitação e artificio da poesia provençal, da mesma sorte o reinado de Dom João II, escasso de fontes vivas que fecundassem a phantasia poetica, nos apresenta apenas esforços de imitação da poesia hispanhola por comprazer aos passatempos palacianos do monarcha, que debaixo d'estas ficções pretendia talvez soffocar as inquietações da consciencia, e sustentar as falsas apparencias de um respeito bem estranho ao verdadeiro affecto.

Quanto melhor fôra que D. João II, que aliás a posteridade glorificou com a denominação de *principe perfeito*, e que effectivamente dispoz grandes elementos de governação e prosperidade social, depois tão fructificadores durante o longo e tranquillo reinado de Dom Manuel, que houvesse aproveitado os seus ocios em melhor cogitar no immenso alcance da offerta de Christovão Colombo, o que tanto engrandeceria o seu reinado! [1]

[1] Foi aos dois celebres medicos e mathematicos, Mestre Rodrigo e Mestre Josepe, judeus, e juntamente a Dom Diogo Ortis, primeiro bispo de Ceuta e depois do Algarve e ultimamente de Vizeu, que Dom João II confiou o exame do projecto de Christovão Colombo para a navegação da India pelo rumo do Poente. Geralmente teve-se por um erro politico a regeição da proposta do famoso genovez, ainda que sobre o assumpto existe uma *Memoria* de Dom Antonio da Visitação Freire de Carvalho, irmão do auctor do *Ensaio Historico*, já citado n'este *Curso*, que defende a resolução, debaixo do titulo: *Sobre os justos motivos, que teve o Senhor Dom João II, para regeitar os projectos de navegação de Christovão Colombo, fundado nas reflexões d'aquelles sabios mathematicos.* Os intitulados sabios mathematicos foram o bispo de Vizeu, que effectivamente passava por um profundo cosmographo, e d'elle falla Witfliet, na sua obra *Discriptionis Ptolomaicae augmentum*, Mestre Rodrigo e mestre Josepe, judeus, que são de certo os *dois judeus José e Rodrigo*, de quem trata José Agostinho de Macedo no seu *Novo Argonauta*, quando diz, que os primeiros successos dos pilotos do Infante Dom Henrique satisfizeram tanto os Judeus José e Rodrigo, *que primeiro no mundo formarão o projecto, e conceberão a idéa de construir cartas maritimas*, o que os inculca tambem como notaveis sabedores

Digitized by Google

n'estas sciencias; no entanto a historia diz-nos que elles eram medicos de Dom João II, se é que são os mesmos, e por isso a circumstancia singularissima de se reunir um bispo com dois medicos para apreciarem um projecto que importava profundissimas inducções geographicas, é de si tão inuzitado, que nem póde deixar de crear duvidas o resultado de similhante exame, por incompetencia ou insidia dos examinadores. Portugal foi que perdeu com este insolito jury, e a côrte de Fernando e Izabel ficou com as honras de patrocinadora d'esta temeraria empresa que alargou tanto os limites á sciencia geographica, trouxe prodigiosas vantagens ao commercio, e accrescentou ao mundo conhecido mais uma feracissima provincia com o nome de America. Ainda que, a prioridade, n'estas affoutezas descobridoras, por mares até então desconhecidos, ainda pertence ao nome portuguez, porque já vinte e nove annos antes da primeira arribada de Colombo ás ilhas Lucaias, em 1492, tinha João Vaz Côrte Real, fidalgo da casa do infante Dom Fernando, irmão de Dom Affonso V, e pae de el-rei Dom Manuel, de companhia com Alvaro Martins Homem, feito a derrota de todas as alturas até ás costas da Terra-Nova, em 1463, e pelo que respeita ás regiões mais do Sul da America, sobram-nos da mesma sorte em nosso favor as asseverações de estranhos e nacionaes.

Digitized by Google

# CAPITULO VIII

## CHRONISTAS E HISTORIADORES

Elementos da historia: os agiologios, as constituições synodaes, os foraes e a tradição oral.—Historiadores antes da monarchia: Paulo Osorio, Aprigio, Idacio, e outros: a *Historia dos Martyres de Marrocos* e os *Estatutos da Ordem de Christo.*—A tradição historica conservada pelo culto dos principios religiosos e apêgo ás lembranças da patria.—Os judeus e o periodo bysantino: Rabbi Abner escrevendo as *Batalhas de Deus.*—O amor da investigação historica recolhendo-se nos mosteiros: serviços á historia feitos pelos monges: valioso subsidio de historia ecclesiastica para a historia geral: *Acta Sanctorum, Gallia Christiana, Arte de verificar as Actas.*—Primeiros chronistas: Fernão Lopes e os fortes elementos constituidores da nossa nacionalidade e independencia.—Frei Nicolau de Santa Maria, João Camello e Dom Pedro Alfarde: os priores de Santa Cruz de Coimbra.—Lucena e os seus escriptos: Azurara, Ruy de Pina e Garcia de Rezende: a critica a respeito d'estes chronistas: João de Barros, o Abbade Correia da Serra e o sr. Alexandre Herculano.—Verdade da historia seguida por Fernão Lopes: este chronista e Froissart:—Da historia escripta á luz dos grandes successos nacionaes e da chronica reduzida á biographia dos reis: Garcia de Rezende, modêlo d'este genero.—Damião de Goes, Bernardo de Brito, os Brandões e outros historiadores.—Os successos da India: João de Barros e Diogo do Couto.—Historia ecclesiastica: chronicas monasticas.

A historia, em todas as suas manifestações, constitue tão importante ramo em a nossa litteratura, que nos parece conveniente dedicar-lhe um capitulo especial, pois só assim poderemos fazer sobresahir a phisionomia de cada um dos escriptores notaveis, que se vota-

Digitized by Google

ram á narrativa dos successos publicos ou mais peculiares dos differentes reinados, o que na corrente geral das causas e effeitos do desenvolvimento litterario, não poderiamos facilmente distinguir e caracterisar cabalmente.

Os agiologios imaginados pelo fervor religioso e abraçados pela crença popular, as narrativas legendarias e as vidas dos santos, investigadas pela piedade dos monges, os livros dos foraes e constituições dos bispados colligidos e ordenados pelo andamento das necessidades da organisação civil, tudo isto dispõe os primeiros passos, e ao mesmo tempo os primeiros elementos da nossa historia.

E' de todos estes materiaes que ella se organisa, e n'estas fontes vão procurar os nossos chronistas a verdade e authenticidade de suas investigações.

Não nomearemos agora aqui nem Paulo Osorio, natural de Braga, historiador assás gabado por Santo Agostinho; nem Aprigio, bispo pacence, escriptor distincto; nem San João, abbade e fundador de Valclara, auctor de um *Chronicon*; nem Idacio, bispo de Lamego e de Lugo, tambem auctor de uma Chronica, porque todos estes são anteriores á instituição da monarchia portugueza; mas para que se saiba que as origens da historia portugueza, mesmo antes de Fernão Lopes, já subsistiam em muitos codices, mais ou menos completos, basta citar a *Historia dos martyres de Marrocos* e os *Estatutos da Ordem de Christo*, obras, uma do bispo de Lisboa Dom Matheus, e a outra do confessor da rainha Santa Izabel. A verdade é que os conhecimentos litterarios e historicos, e até scientificos, não se perderam jámais, nem mesmo no seio da confusão das grandes luctas da idade-média. Formam como um fio, que por vezes se adelgaça, se enreda, mas que nunca se quebra ou termina. São como uma especie de tradição que certas classes mais cultivadas e tambem certas raças foram legando umas ás outras, e que foi conservada como um deposito sagrado. E effectivamente tal se póde conside-

Digitized by Google

rar a dedicação com que os judeus se davam ás sciencias. Foi como um culto que se poderia dizer estreitamente ligado ás suas tradições de familia, e que, em muitos pontos, se identificavam com as suas crenças religiosas. Aos judeus portuguezes e hispanhoes devemos os primeiros progressos em philosophia, botanica, medicina, astronomia e cosmographia. [1] Costumavam elles, desde o começo da monarchia, e seus irmãos de Hispanha, como já dissemos n'outra parte d'este *Curso*, irem estudar ás principaes synagogas do Oriente, e de lá trouxeram o variado e profundo saber em sciencias exatas e naturaes com que muito utilisámos. [2] E' a um judeu convertido, Rabbi Abner, a quem a infanta Dona Branca, filha de Dom Affonso III, incumbe escrever uma obra, e nada menos que as *Batalhas de Deus*. São os judeus, em todo o decurso da idade-média, que conservam o monopolio da industria e das artes. E é mesmo por entre elles que ainda vemos correr esse veio de erudição latina, que a queda do Imperio romano não estancara inteiramente, e que mais ou menos se perpetuára atravez de todas as alternativas e rudeza d'aquellas eras. Todo o periodo da historia litteraria, a que, com propriedade, poderemos appellidar bysantino, é sustentado por individuos d'esta raça; e não tanto em Portugal e Hispanha, como n'outros paizes da Europa, e principalmente na Allemanha: o drama intitulado a *Sahida do Egypto*, deve-se á penna do judeu Ezechiel. [3]

Mas não é senão no recolhimento de alguns mosteiros, verdadeiro refugio das lettras perseguidas ou despresadas, que se encontra desde o seculo VII até ao XI um pequeno numero de homens fieis aos estudos da antiga latinidade, e estes homens são os monges. Decerto que o seu saber era irregular e confuso, como as

[1] Ribeiro dos Santos. *Mem. de Litter. de Acad.* tom. VIII, parte I.

[2] *Mem. da Litterat. hebraica*, por frei Fortunato de S. Boaventura, nas *Memor. da Acad.* idem.

[3] Frei Fortunato de S. Boaventura, *loc.* cit.

Digitized by Google

idéas do tempo em que viviam; no emtanto muito se lhes deve; e aquelles que pensam que o seu trabalho se resumia a rasparem os velhos papyros da antiguidade, onde os talentos do Lacio e da Grecia haviam depositado monumentos de poesia, para ahi lançarem os mylagres absurdos e muitas vezes impios de algumas legendas monasticas, illudem-se, porque não poucos d'elles dispozeram solidos fundamentos de historia ecclesiastica, e nas Constituições de seus bispados recolheram e prepararam, sem o saberem, os capitulos mais verdadeiros da historia civil e social das nossas eras antigas, que, sem as suas vigilias e perseverança, nos appareceria hoje incompleta e inutilisada. Os monges de San Mauro apresentam-nos testemunhos irrefragaveis, e ao mesmo tempo eloquentes d'esta verdade. Sem elles não possuiriamos hoje esses magnificos subsidios para a historia civil e ecclesiastica, chamados *Gallia Christiana*, *Acta Sanctorum*, o *Spicilegium*, a *Arte de verificar as actas*, e *Diplomatica*, e outras locubrações de que tanto se tem aproveitado depois os investigadores mais eruditos.

O pae da historia nacional é Fernão Lopes; e foi elle o nosso primeiro chronista nomeado por Dom Duarte, logo mezes depois de subir ao throno, em 1433, dando-lhe o *carrego de poer em caronyca as estoiras dos reys, que antygamente em Portuyal foram*, como resa a carta da sua nomeação.

Antes de Fernão Lopes nada subsistia de regular, e methodico, nem na aggregação de uma mesma ordem de successos, nem no seguimento chronologico da narrativa. Subsistiam algumas memorias dispersas nos archivos dos mosteiros, ou referencias truncadas na tradição popular, e rarissimos apontamentos dos factos publicos, registados pela curiosidade de um ou outro monge.

Em Santa Clara de Coimbra existia um manuscripto, obra, ao que parece, do seculo XIV, em que vem referidos, porem mui de longe, os successos mais singu-

Digitized by Google

lares dos reinados de Dom Affonso Henriques, de Dom Sancho I e de Dom Affonso II. O sr. Alexandre Herculano é de opinião que estas foram as appellidadas chronicas que Acenheiro colligiu nos começos do seculo XVI, e que serviram de base a Ruy de Pina e Duarte Galvão para os trabalhos historicos que depois emprehenderam.[1] Duarte Nunes de Leão tambem se apropriou decerto das mesmas memorias ou *compendios dos successos publicos*, como lhes chama o nosso historiador, nas chronicas que escreveu ácêrca dos primeiros reinados.

Mas além d'estes documentos parece fóra de duvida ter subsistido mais alguma cousa escripta, porque, na carta de nomeação de Fernão Lopes mencionam-se as *estoiras* dos antigos reis, mui distinctamente dos *feitos* de Dom João I. Todavia, se existiu, perdeu-se ou sobreviveram apenas noticias tradicionaes e confusas, pois nenhum dos nossos chronistas e historiadores declarou haver encontrado esses antiquissimos escriptos, nem ainda mesmo chronistas monasticos, que foram os que mais rebuscaram os archivos de seus mosteiros, salvo frei Bernardo de Brito que descobriu noticias historicas e documentos, onde ninguem jámais presumiu poder achal-os. Mas todos sabem hoje o valor d'esses achados do bom do cisteriense que, ou por exuberancia de imaginação, nimia credulidade, ou desejos de elevar a nossa historia a condições mythologicas, vicio talvez da sua educação rigorosamente classica, mais fez d'ella uma fabula que narrativa sincera e verdadeira.

Frei Nicolau de Santa Maria [2] é que assevera, que o primeiro rei portuguez nomeára a João Camello, seu capellão, e prior claustral de Santa Cruz de Coimbra, para chronista-mór do reino, officio depois dado ao seu successor no priorado, Dom Pedro Alfarde, ficando de direito nos priores da mesma ordem. Até cita as cartas de nomeação e transcreve as datas, trasladando di-

[1] *Panorama*, vol. II, anno 1838.
[2] *Chronica da Ord. dos Coneg. Regr.* liv. IX, cap. IX.



Digitized by Google

zeres que assegura acharem-se n'ellas, e outras circumstancias de importante authenticidade, como observámos já n'outro capitulo d'este *Curso*, a proposito de João Camello. A circumstancia do roubo do livro em que andava transcripto isto tudo, dá-nos a lembrar os expedientes de frei Bernardo de Brito, quando forjava documentos visivelmente apocryphos. A respeito, porém, d'este facto, dá-se a excepção de apparecer uma certidão extrahida dos documentos apontados, certidão que depois copiou nos seus manuscriptos Dom José de Christo, conego de Santa Cruz. [1]

Frei Manuel de Figueiredo, na sua *Dissertação Historica e Critica para apurar o Cathalogo dos Chronistas-Móres do Reino*, não hesita em dar por duvidosos, tanto a João Camello, como a Dom Pedro Alfarde, como chronistas, assim como a nomeação de todos os outros priores de Santa Cruz, até 1460. Mas Sampaio Villas-Boas escreve o seguinte: «Vencida a batalha de Campo de Ourique, com que el-rei Dom Affonso Henriques assegurou para si a corôa e para a monarchia a isempção, um dos seus maiores cuidados foi o da nobreza dos seus vassallos, *encommendando ao seu confessor* João Camello escrevesse um *Nobiliario dos Cavalleiros* que nas emprezas militares o ajudaram valorosamente para crédito e memoria da nobreza da sua posteridade.» [2] As phrases das cartas regias, citadas por Frei Nicolau de Santa Maria, conferem exactamente com esta exposição, e do mesmo modo as referencias que faz á natureza da chronica roubada, e attribuida ao prior Dom Pedro Alfarde, quando diz que fôra o furto *damno irreparavel da nobreza de todo o reino, que n'este precioso livro tinha os mais polidos documentos das suas respectivas e illustres descendencias.*» Isto leva-nos a inferir, que a circumstancia dos priores de Santa Cruz não terem sido nomeados chronistas-móres do reino, o que Figueiredo contesta com bastante fundamento,

[1] *Verdades Manifestadas* (ms.). Verdade 51, n.º 87.
[2] *Nobiliarchia Portug.*, pag. 3, ed. 1727.

Digitized by Google

não destroe o facto da existencia dos escriptos de Dom Pedro Alfarde. E foram talvez estes escriptos, dados por valiosas bases para reconhecer a ascendencia da nobresa do reino, os rudimentos mais primordiaes do *Nobiliario* do conde Dom Pedro, assim como as *estoiras* de que se falla na nomeação de Fernão Lopes seriam os elementos de que se aproveitou Azenheiro, e que tempos depois foram coordenados e polidos pelo chronista Ruy de Pina e Duarte Galvão, como com muito criterio presume o sr. Alexandre Herculano. [1]

Dissemos acima, tratando de demonstrar que o desenvolvimento e diversas phases da organisação politica de uma sociedade se manifestam no progresso artistico e espirito da litteratura, que o reinado de Dom João I patenteára estes resultados em dois grandes acontecimentos, ambos filhos d'esse tempo: na obra do mosteiro de Santa Maria da Victoria e na larga concepção dos escriptos do primeiro chronista portuguez. Effectivamente nos livros de Fernão Lopes encontra-se já o desassombro, a isenção, e integridade com que o *espirito publico*, começando a surdir das trevas da ignorancia da edade-média, ostenta o vigor e pureza de suas forças.

Mesmo por isso que mal respirava dentre os elementos confusos do espirito de independencia popular e que ainda não estava corrompido pela depravação dos interesses sociaes, nem suffocado pelas mordaças que depois lhe poz a tyrannia das convenções politicas, se manifestava sincero nas suas narrativas, mas tambem altivo e inexoravel na apreciação dos individuos e cousas publicas, não os poupando nem antepondo, e ostentando a inteireza que transluz, tão natural, tão espontanea e despretenciosa na apreciavel rudeza das paginas da *Chronica de Dom João I*. Comparando-a com os trabalhos que muito depois se lhe seguiram de Garcia de Rezende, esboça o sr. Alexandre Herculano d'este

[1] *Panorama*, vol. III, anno 1839.

Digitized by Google

modo as duas épochas e os dois escriptores: «Que distancia espantosa não ha, com effeito, entre o grande poema de Lopes, e a mesquinha collecção de historietas de Garcia de Rezende, onde apenas avultam algumas paginas, como o supplicio de um nobre, o assassinio de outro, e o mysterio de um rei que morre, ao que parece, envenenado! Que distancia espantosa de um cadafalso, de um punhal e de uma taça de veneno ao côrco de Lisboa, á batalha de Aljubarrota e ao baquear de Cêuta! No livro de Garcia de Rezende vê-se o aspecto triste e a vida de agonia, o sorrir forçado de um rei sem familia, rodeado de cortezãos, cujos nomes pela maior parte se resolvem em fumo com a morte do seu senhor, a quem seguem os ginetes de Fernão Martins, os bésteiros e espingardeiros da guarda, não para pelejarem com estranhos, mas para o defenderem contra os odios dos seus naturaes. Ahi o vulto real abrange quasi os horisontes do quadro, e só lá no fundo, mal desenhados e indistinctos, se enxergam os personagens historicos d'aquella épocha, e as multidões agitadas ou tranquillas a um volver de olhos do monarcha, mas nullas, tanto em um como em outro caso. Na chronica de Fernão Lopes, ha, pelo contrario, a historia de uma geração: é um quadro immenso de muitas figuras no primeiro plano. Nos degraus do throno de Dom João I estão sentados guerreiros, *sabedores*, e monges e clerigos, e povo que tumultua e brada com voz de gigante: — Patria! Ao pé da imagem homerica de Nunalvarez vê-se a fronte serena e santa do arcebispo de Braga, e a face meditabunda e enrugada de João das Regras, e os vultos temiveis do Ajax portuguez, Mem Rodrigues, e do esforçadissimo Martim Vasques, e de tantos outros cavalleiros a quem difficilmente sobrepuja o rei popular, o Mestre de Aviz. O chronista faz-nos acompanhar as multidões, quando rugem amotinadas pelas ruas e praças; guia-nos aos campos de batalha, onde se dão e recebem golpes temerosos; abre-nos as portas dos paços ao celebrar das côr-

Digitized by Google

tes, ao discutir dos conselhos; arrasta-nos aos templos, onde trôa a voz do monge eloquente; lança-nos emfim, no existir dos tempos antigos, e embriaga-nos com o perfume da idade-média, e deslumbrando-nos com o brilho da épocha mais gloriosa da historia d'esta nossa terra portugueza, evoca inteiro o passado, e rasgando-lhe o sudario em que jaz com o sôpro do genio, dá alma, e vida, e linguagem ao que era pó, e morte, e silencio.» [1]

Esta confrontação explica bem ao vivo a indole do chronista, indole principalmente estimulada pelos elementos de independencia nacional, que começaram de se reconstruir debaixo da influencia d'aquelle reinado, e que acabaram de desenvolver e educar o talento do historiador, com o incentivo dos grandes assumptos que por toda a parte se desdobram no decurso da grande épocha do rei popular.

Fernão Lopes adivinhou o systema da historia moderna. «O nosso celebre critico Francisco Dias, diz ainda o sr. Alexandre Herculano, o homem, talvez, de mais apurado engenho que Portugal tem tido, para avaliar os meritos de escriptores, diz que Fernão Lopes fôra o primeiro na moderna Europa que dignamente escrevêra historia; com razão o diz; e poderia accrescentar que poucos homens teem nascido historiadores como Fernão Lopes. Se em tempos mais modernos e mais civilisados, houvera vivido e escripto, não teriamos por certo que invejar ás outras nações nenhum dos seus historiadores. Alem do primor com que trabalhou sempre por apurar os successos publicos, Lopes adivinhou os principios da moderna historia: a *vida* dos tempos de que escreveu, transmittiu-a á posteridade, e não como outros fizeram, sómente um esqueleto de successos politicos e de nomes celebres. Nas chronicas de Fernão Lopes não ha só historia, ha poesia e drama; ha a edade-media com a sua fé, seu enthusiasmo, seu amor

[1] *Panorama*, vol. III, anno de 1839.

Digitized by Google

de patria. N'isto se parece com o quasi contemporaneo chronista francez Froissart; mas em todos esses dotes lhe leva conhecida vantagem. Com isto, e com chamar a Fernão Lopes o Homero da grande epopêa das glorias portuguezas, temos feito a tão illustre varão o mais cabal elogio.» [1]

Pena é que não sobrevivessem todas as obras d'este engenho atilado. Ha d'elle impressas as chronicas de Dom Pedro I, de Dom Fernando e de Dom João I. Asseguram que escreveu tambem as chronicas dos outros reis anteriores, e Damião de Goes não duvida de attribuir-lhe uma de Dom Duarte. Porém nada d'isto existe. Só aquelles tres livros, que são tres monumentos, sobreviveram ao illustre escriptor, e n'elles reside a sua gloria, e um poderoso subsidio para a historia portugueza.

Depois de Fernão Lopes, a historia teve por investigadores Azurara, Ruy de Pina, Garcia de Rezende, e outros chronistas de que adiante trataremos. E n'este numero de chronistas entra tambem Vasco Fernandes de Lucena, porque, depois de Azurara, teve a nomeação do cargo de chronista-mór, no reinado de Dom Duarte, posto que pareça menos apropriado incluir n'este grupo de historiadores um homem de que não resta uma só pagina *original* sobre historia, como pondera o sr. Alexandre Herculano. «Encarregado de varias missões politicas no reinado de Dom Duarte, Dom Affonso V e Dom João II (accrescenta o nosso illustre historiador), occupado álem d'isso, quando residiu no reino, em grandes negocios de Estado, não poude provavelmente occupar-se dos estudos historicos necessarios para poder desempenhar as obrigações do seu cargo, do qual fez desistencia em Ruy de Pina, no anno de 1497.

«Escreveu, todavia, Vasco de Lucena, varias obras que, ou se perderam, ou jazem manuscriptas em parte que se não sabe. Da *Instrucção para Principes*, de Pau-

[1] *Panorama*, vol. III, anno de 1839.

Digitized by Google

lo Vergerio, traduzida por elle de ordem do Infante Dom Pedro, e que Barbosa diz existir na Bibliotheca Real, não achâmos o menor vestigio, apezar de consultarmos um catalogo anterior, segundo nos parece, a 1807. Das outras obras suas de que faz menção Barbosa, tambem nenhum rasto encontrâmos, ao passo que existe uma, que não duvidâmos de lhe attribuir, e que o nosso illustre bibliographo não conheceu. E' esta uma traducção franceza de Quinto Curcio, feita no anno de 1468, a qual pertenceu a Philippe de Cluys, commendador da ordem de San João de Jerusalem, e que actualmente se guarda entre os manuscriptos do Museu Britannico.» [1]

Gomes Eannes de Azurara foi pois o segundo historiador regular que tivemos, e tambem quem, no cargo de chronista-mór, succedeu a Fernão Lopes.

Varios e importantes foram os seus trabalhos. Completou com mais duas partes a *Chronica de Dom João I*; escreveu a *Chronica de Dom Pedro* e a de *Dom Duarte de Menezes*. Damião de Goes affirma que tambem lhe pertenciam alguns capitulos da chronica de Dom Duarte, vulgarmente attribuida a Ruy de Pina, e cuja melhor parte reputa de Fernão Lopes.

Ácêrca do merito e escriptos destes nossos primeiros chronistas, muito se dividiram as opiniões até dos seus contemporaneos, que chegaram a dar vantagem a Azurara, posto que sem rasão, porque o auctor da *Chronica de João I*, apreciado dentro do circulo estreito das circumstancias especiaes da sua épocha, não teve competidor em nenhum dos seus successores.

Azurara só muito tarde pôde apurar mais cabalmente a sua educação litteraria, o que lhe deu o enfunado espirito rhetorico, que tanto lhe afoga a lhaneza naturalmente resultante dos acontecimentos da edade-média; mas isto não obstou a que deixasse de ser vantajosamente avaliado.

[1] *Panorama*, vol. III, anno de 1839.

Digitized by Google

E este encarecido aprêço dado a Gomes Eannes não se póde unicamente tomar por uma exaltação do vulgo dos ledores, pois da mesma sorte vêmos João de Barros deleitar-se em extremo com o estylo de seus escriptos, e collocal-o quasi acima de Fernão Lopes, decerto porque encontrava n'elle um discipulo da eschola rhetorica, em que o auctor da *Chronica do Imperador Clarimundo* foi um dos primeiros.

Já não assim Damião de Goes, que o censura de affectação erudita, juizo acertado que depois os criticos confirmaram, porque effectivamente o estylo d'este chronista é entumecido de imagens pretenciosas e sobrecarregado de uma erudição pedantesca e quasi sempre superflua.

O sr. Alexandre Herculano, a quem seguimos n'esta analyse, exprime-se assim, apreciando os trabalhos d'este chronista:

«Do merecimento litterario de Gomes Eannes de Azurara diremos em breves palavras o que entendemos. Póde-se de algum modo comparar ao italiano Alfieri, posto que pareça pouco exacta qualquer comparação entre um auctor de chronicas e um poeta dramatico. E todavia muito ha em um que do outro se possa dizer: ambos chegaram á idade viril sem possuirem os rudimentos sequer das boas lettras: nos escriptos de ambos apparece o resultado d'esta falta de educação litteraria: ha em um e outro certa inflexibilidade feroz, e ausencia inteira d'aquellas graças de estylo que nascem do coração, amaciado desde a infancia pela cultivação do espirito: as concepções nascem-lhe do entendimento, como Minerva da cabeça de Jupiter, coberta, por assim dizer, de um arnez de ferro. Louva-se em Azurara, e de louvar talvez é, a sinceridade bravia, com que lança em rosto aos heroes, cujas façanhas escreveu, os defeitos que tiveram, os erros e culpas em que cahiram: muito se parece tambem, decerto modo, com Alfieri. Mas nós preferimos o systema de Froissart e Fernão Lopes: para cada um dos seus heroes havia n'estas al-

Digitized by Google

mas generosas um typo ideal a que procuravam assemelhal-os, engrandecendo-os: e porventura que mais proficua é assim a historia do genero humnno. Para acabarmos um parallelo, que poderiamos levar mais longe, notaremos a tendencia dos dois escriptores, que collocámos em frente um do outro, para *philosophar trivialidades*, e ostentar elegancias rhetoricas e erudição, suadas para elles e impertinentes para os leitores. Move o riso vêr o pobre Azurara a lidar em pôr claro como a luz do dia, com a auctoridade de San Jeronymo, Sallustio, Fulgencio *e casy todo-los outros auctores*, que são temiveis as más linguas, como causa somno o observar os tractos que o illustre dramaturgo italiano dá ao juiso para nos fazer odiar a tyrannia, ácerca da qual escreveu um volume, cousa muito excusada na moderna litteratura. Todavia, em ambos elles a sinceridade das intenções suppre de algum modo a aridez e o vasio da obra.»

Fallemos agora particularmente de Ruy de Pina.

O merito d'este escriptor é mui contestado. Varias chronicas nos deixou, e compostas do seu proprio punho, porém as mais d'ellas, segundo as investigações dos criticos, copiadas ou refeitas sobre outras que poude obter e colligir.

As chronicas, por exemplo, da primeira dynastia de nossos reis, como a de Dom Sancho I, a de Dom Affonso II, a de Dom Sancho II, a de Dom Affonso III, a de Dom Diniz, a de Dom Affonso IV, e tambem a de Dom Duarte, de Dom Affonso V, e de Dom João II, todas ellas, mais ou menos, são trabalhos alheios, aproveitados por elle de estudos historicos já averiguados e apurados por seus antecessores, que depois poz em ordem.

De todas aquellas chronicas, que ahi ficam mencionadas, as unicas sahidas originalmente da sua penna, são decerto as de Dom Affonso V e de Dom João II. A de Dom Duarte, conforme o parecer de Damião de Goes, o substancial da historia pertence a Fernão Lo-

Digitized by Google

pes, e os factos relativos á expedição de Tangere; é de Azurara e de Ruy de Pina tãosómente a coordenação d'estes diversos escriptos. Quanto ás primeiras, asseverа o mesmo Goes, o que é opinião hoje seguida e corrente, não serem mais do que uma compilação ou resumo do primeiro volume das chronicas de Fernão Lopes, o qual, segundo parece, existia em poder d'um tal Fernão de Novaes, e depois foi entregue a Ruy de Pina por ordem de Dom João II, quando o confirmou no logar de chronista-mór.

Impossivel parece, diz o sr. Alexandre Herculano, hoje averiguar até á certeza esta opinião; porque esse volume de Lopes, ou se perdeu, ou foi anniquilado por Pina, que, ambicioso de pouco suada gloria, quiz, pobre corvo de Dom João II, adornar-se com as brilhantes pennas de pavão do Homero de Dom João I.

E comtudo, Ruy de Pina que, como chronista, apenas foi pouco mais do que um compilador, e que, como historiador, não passa de narrador servil de successos que mais poderiam lisongear a vaidade dos principes de quem dependia e a quem desejava ser agradavel, como intelligencia, como escriptor foi julgado no seu tempo uma potencia litteraria. E' esta, pelo menos, a noticia que d'elle nos dá João de Barros. Refere este que o grande Affonso de Albuquerque tivera a fraqueza de lhe enviar joias, para não se esquecer d'elle na sua historia.

«O abbade Correia da Serra (seguimos ainda o trabalho do sr. Alexandre Herculano) põe Ruy de Pina acima dos chronistas que o precederam. E' talvez o juizo litterario mais injusto que se tem pronunciado na republica das lettras. Que elle excede Azurara, não o contestaremos nós; mas que seja anteposto a Fernão Lopes, é no que não podemos consentir; as narrações de Ruy de Pina, posto que superiores ás de Gomes Eannes, estão muito longe da vida e côr local que se encontram nos escriptos do patriarcha dos historiadores portuguezes.

Digitized by Google

«Parece que os fados de Ruy de Pina eram ganhar nome e celebridade á custa do trabalho alheio; ajudou elle o seu destino em quanto vivo; ajudaram-no outros depois de morto. Em 1608 publicou-se em Lisboa um volume em 8.º com o titulo de *Compendio das grandezas e coisas notaveis de Entre Douro e Minho;* obra que no frontespicio era attribuida a Ruy de Pina.

«Este livro, porém, nada mais é do que o que compoz o mestre Antonio *fisiquo e solorgiam,* natural de Guimarães, e que em antigos codices anda junto ás chronicas de Ruy de Pina, bastando lêr uma pagina d'elle para nos convencermos de que é escripto em um periodo da lingua anterior á épocha d'este chronista, e que elle talvez não fez mais que copial-o, com intento de lhe chamar seu, podendo-se-lhe applicar aquelle distico francez:

*Pour tout esprit que le bon homme avait,*
*Il compilait, compilait, compilait.*»

Garcia de Rezende é um continuador de Ruy de Pina, no respeito com que trata de relatar os acontecimentos do seu tempo. Referindo-se á transformação que se operou na sociedade de então, já sob o aspecto politico, já litterario, escreve o sr. Alexandre Herculano o seguinte:

«Substituida, portanto, a agricultura, que era do povo, pelo commercio exclusivo, que era da corôa, e extinctas as tradições feudaes na nova compilação manuelina, a idade-média morrera com o seu systema de lutas e resistencias, e começára esse seculo XVI, cujo caracter essencial em politica foi a unidade monarchica. Este phenomeno explica o máu aspecto que tomou a historia, e o apparecimento de uma litteratura cortezã e paceira, que visivelmente se distingue nos poetas mais modernos do Cancioneiro, nas obras latinas que por esse tempo appareceram, principalmente no Cataldo Siculo, e nos Autos do Aristophanes portuguez, Gil Vi-

Digitized by Google

cente, compostos para alegrar as horas de tédio nos paços de Dom Manuel. A chronica tomou logo o sabor do elogio historico, e Garcia de Rezende, o velho cortezão, escreveu a vida de Dom João II debaixo dos tectos dos sumptuosos paços da Ribeira. A este pobre homem não cabe, todavia, a gloria da invenção d'este genero historico; Ruy de Pina foi o seu inventor. A chronica de Dom João II, escripta por este, foi modêlo ou antes o original da de Garcia de Rezende, que apenas lhe accrescentou alguns ditos e feitos do seu heroe, algumas anecdotas desenxabidas e triviaes de ante-camara, em que não esquecem as acontecidas com o proprio auctor. Garcia de Rezende não fez senão aperfeiçoar a chronica individual, e tornal-a ainda, mais que Ruy de Pina, uma biographia real. E que outra fórma podia ter a historia em uma épocha em que a organisação social tinha sumido o povo, a nobreza, e ainda o clero, debaixo do throno do monarcha?

«Seria uma das comparações mais curiosas, a do caracter historico da *Chronica de Dom João I*, por Fernão Lopes, com o da *Chronica de Dom João II*, por Garcia de Rezende, se ao mesmo tempo se comparasse o estado da sociedade portugueza no meado do seculo XV com o em que se achava no principio do XVI. Esta comparação nos parece serviria para explicar as formulas historicas pelas politicas, e, vice-versa, estas por aquellas.

. . . . . .

«Em Ruy de Pina raro se encontra a historia da nação; em Garcia de Rezende, talvez nunca. Fernão Lopes e Azurara tinham escripto no tempo de Affonso V, e estes escreviam no tempo de Dom Manuel. D'aqui provém a differença.» [1]

Os escriptos de Garcia de Rezende são poucos. Ha d'elle apenas a já citada *Vida d'el-rei Dom João II*. Compoz tambem uma narrativa da ida da Infanta Dona

[1] *Panorama*, vol. III, anno de 1839.

Digitized by Google

Beatriz para Saboya, e outra da viagem d'el-rei Dom Manuel a Castella. Ha tambem varias trovas satyricas a que poz o nome de *Miscellanea*. O maior serviço d'elle foi a collecção, n'um volume, das poesias avulsas mais celebradas no tempo, de auctores d'aquellas épochas e anteriores, e que depois publicou em Lisboa em 1516, com o titulo de *Cancioneiro Geral*.

Este livro é presentemente um dos mais apreciaveis monumentos da nossa litteratura, e o verdadeiro titulo de gloria de Garcia de Rezende.

Não é nosso proposito fazer uma resenha de todos os historiadores portuguezes e de traçar d'elles a biographia litteraria; o nosso fim, lançando aqui algumas linhas acerca d'este ramo da nossa litteratura, reduz-se a mostrar como foram surgindo os nossos primeiros historiadores e o caracter dos primeiros elementos da historia portugueza, tratados por elles, segundo a sua critica, condições da épocha em que viveram, e a que tiveram de se sugeitar, ou influencias litterarias a que cederam. Em Fernão Lopes e Garcia de Rezende, ficam substanciados estes dois oppostos generos porque foram avaliados os acontecimentos dos primeiros reinados. Depois do auctor da *Vida de Dom João II*, o systhema historico começa a ser melhor comprehendido, e os personagens e os successos a verem-se collocados á luz de mais claros e amplos horisontes.

Damião de Goes, escrevendo a *Chronica d'el-rei Dom Manuel*, e tambem a de Dom João II, emquanto principe, mostra-se antes *historiador* que *chronista*. Sabe já da *biographia real* de Garcia de Rezende, para a narrativa e commentos dos grandes successos da vida d'uma nação, como o praticára Fernão Lopes. E nos seus vastos conhecimentos, e no largo gyro de suas viagens está explicada a propensão para este systema synthetico, mais vasto e philosophico, porque Damião de Goes tratou com o celebre Erasmo, auctor do *Elogio da Loucura* e terror dos escriptores do seu tempo, e do mesmo modo conviveu com os homens mais esclarecidos da sua

Digitized by Google

épocha, como o cardeal Bembo, Sadoleto, o historiador Oláu Magno, os eruditos Glareano e Pedro Nanio, dentre os quaes alguns até lhe dedicaram suas obras. E quanto ás longas viagens que emprehendeu, quatorze annos gastou n'ellas, fixando por muito tempo a residencia na Hollanda, paiz onde a liberdade das idéas e progressos da civilisação muito alargaram a esphera do homem pensador como Damião de Goes.

Porém, todos estes dotes, que n'outro concorreriam para lhe assegurar a estima publica e a gratidão do seu paiz, em Damião de Goes foram a origem das suas desventuras. O atrazo das nossas idéas, o fanatismo religioso, e o predominio da Inquisição, não podiam supportar a superioridade de um homem da qualidade de Damião de Goes, e d'estas causas derivou a sua desgraça. Perseguido pelos seus principios, foi demittido do cargo de guarda-mór da Torre do Tombo, e retido nas masmorras do Santo-Officio.

Uma sentença d'aquelle tribunal condemnou-o a degredo e os seus bens a serem confiscados. Esta sentença, comtudo, parece fôra commutada, mandando-se-lhe cumprir o degredo no mosteiro da Batalha. Consta que já estava restituido a sua casa, quando falleceu, segundo é fama, assassinado. Talvez os inquisidores, diz um escriptor contemporaneo, temendo lançarem nas fogueiras dos autos de fé o homem a quem um papa, e varios reis da Europa haviam tratado por amigo, fizessem com que o punhal do assassino os livrasse d'aquelle, cujo saber e ousadia lhes poderia ser fatal. A residencia de Damião de Goes na Allemanha, o trato que tivera com os reformadores religiosos Luthero e Malancthon, a intimidade com Erasmo, deviam ter influido nas suas opiniões, ou, pelo menos, apresentaram-no como homem perigoso ante as desconfianças do fanatismo.

Damião de Goes, habituado a exprimir livremente os seus pensamentos, commetteu verdadeira imprudencia em vir metter-se na côrte de Portugal, e tal impruden-

Digitized by Google

ção custou-lhe o socego dos ultimos dias e a propria vida.

Além das chronicas já citadas, publicou tambem outros escriptos em latim, como a *Deploração da Gente Lappiana;* a *Embaixada de Prestes João;* a *Fé, Religião e Costumes dos Ethiopes;* as *Historias do 1.º e 2.º Cercos de Diu;* a *Descripção de Lisboa*, e outros differentes livros ainda hoje estimados.

N'este grupo de chronistas ainda entra Francisco de Andrade, tambem chronista-mór do reino, que escreveu a chronica de Dom João III; mas, nas mãos de Frei Bernardo de Brito, este trabalho esplanou-se em mais vastas dimensões, com a sua grande obra *A Monarchia Luzitana*, cujo plano fôra abranger a historia d'esta terra desde os seus mais remotos aboriginas até aos dias do erudito monge cisterciense. Mas tão vasta empreza ficou apenas nos começos, sendo frei Antonio Brandão, e frei Francisco Brandão, aquelle principalmente, quem depois a continuaram, e fizeram chegar até ao ponto de importancia historica em que hoje é tida.

A obra de frei Bernardo de Brito, como historia, é cheia de gravissimos defeitos. Não ha n'ella fidelidade nem probidade historica. Com summa facilidade, o auctor forja documentos e attesta successos ou apenas creados pela imaginação do povo ou ideados por elle proprio. Imaginação viva e inflammavel, e educado nos estudos classicos, vê-se que adoptou todos os vicios dos historiadores gregos e latinos de mais exagerado encarecimento narrativo, sem antes tomar exemplos dos mais sobrios e fieis, como Thucydides e Tacito.

No entanto, a sua obra é um vasto trabalho, que tirou a historia dos limites estreitos da chronica para a lançar no amplo espaço dos grandes acontecimentos. Adoptou por norma, talvez, o trabalho de Garibay, que principiou a historia de Hispanha pelo diluvio universal, ou fez mais, pois começou a de Portugal pela creação do mundo!... Mas um louvavel proposito o animou

Digitized by Google

sempre n'esta tão longa digressão, que foi provar que desde as mais remotas eras existira sempre a autonomia portugueza, e que a commum origem dos dois povos jámais havia imperado a ponto de não ostentarem physionomia distincta. E foi o mesmo aprecial intento que de certo o obrigou em todo o tempo a resistir ás sollicitações insistentes que lhe fizeram para escrever as suas obras em latim ou castelhano, o que então era seguido pelos melhores escriptores nossos. E este exemplo mais encarecido deve ser por se dar exactamente debaixo do dominio hispanhol, e ser a obra dedicada a um dos Philippes.

Como escriptor, frei Bernardo de Brito occupa o logar que não lhe podemos dar como historiador. A vernaculidade da sua linguagem, e o seu estylo amplo e por vezes com as pompas atticas dos rasgos ciceronicos, dão-lhe as qualidades de auctor classico, que fez serviços á lingua e ás lettras patrias pela pureza e correcção em geral de todos os seus escriptos, sobretudo a *Monarchia Luzitana* e a *Chronica de Cister*. Ha quem prefira este livro, que encerra capitulos de verdadeiro encanto de estylo.

Tambem compoz os *Elogios dos Reis de Portugal, com os mais verdadeiros retratos que se poderam achar*, e o *Tratado da Republica Antiga da Luzitania*, obra que se perdeu, por onde se nota que, com quanto debaixo de principios errados, deu vigoroso impulso á sciencia historica, pois os seus successores, os dois Brandões, continuando tão immensa tarefa com mais consciencia e verdade, souberam tornar util o que até ahi apenas o fôra quanto á audacia do passo dado. Frei Antonio Brandão, sobretudo, é um escriptor de verdadeiro saber, reconhecido criterio, sobrio no estylo e sagaz e escrupuloso na analyse dos acontecimentos.

Os livros escriptos por elle possuem a valia de um bom trabalho historico, que os estudiosos consultam, e d'onde colhem illustração, clareza, e veridico peculio noticioso.

Digitized by Google

N'este quadro, ou grupo de homens de lettras, deve tambem comprehender-se Duarte Nunes de Leão, auctor das chronicas de varios reis, ou antes do resumo de chronicas já conhecidas, e Duarte Galvão cuja fé historica o põe a par de Azinheiro e Frei Bernardo de Brito. As contradicções e os erros fazem antes dos escriptos d'este auctor uma compilação legendaria dos absurdos da nossa historia, do que uma obra seria.

Não devem esquecer aqui os historiadores das nossas conquistas na India, João de Barros, Diogo de Couto, Fernão Lopes de Castanheda, Gaspar Correia, e outros, que ennobrecem esta, entre nós, tão vasta familia de escriptores, e que tanto concorreram para perpetuar os feitos gloriosos do esforço nacional.

Aqui ajuntamos a resenha que frei Manuel de Figueido publica na sua *Dissertação Historica*,[1] de todos os historiadores, que foram chronistas-móres do reino, e dos que o não foram, conforme o exame feito a este respeito pelo mesmo escriptor.

Os chronistas-móres, em lingua portugueza, ácerca dos quaes não deve haver duvida, são os seguintes:

Fernão Lopes. Começou a servir em 1434. Teve carta em 1449.

Gomes Eannes de Azurara. Carta em 1459.

Vasco Fernandes de Lucena, 1484.

Ruy de Pina, 1497.

Fernando de Pina, 1525.

Dom Antonio Pinheiro, 1550.

Francisco de Andrade, 1593.

Frei Bernardo de Brito, 1614.

João Baptista Lavanha, 1618.

Dom Manuel de Menezes, 1625.

Frei Antonio Brandão, 1644.

Frei Raphael de Jesus, 1682.

José de Faria, 1695.

[1] *Dissertação historica e critica que para apurar o cathalogo dos Chronistas-Móres do Reino e Ultramar escreveu Fr. Manuel de Figueiredo.* 1789.



Digitized by Google

Frei Bernardo de Castello Branco, 1709.
Frei Manuel dos Santos, 1726.
Frei Manuel da Rocha, 1740.
Frei Antonio Botelho, 1745.
Frei José da Costa, 1747.
Frei Antonio Caldeira, 1755.
Frei Antonio da Matta, nomeado por Dona Maria I.

Duvidosos na lingua partugueza:

João Camello; Dom Pedro Alfarde, e mais os Priores Claustraes de Santa Cruz de Coimbra, até 1460; Alvaro Gonçalves de Caceres; Duarte Galvão; Damião de Goes; Antonio de Castilho.

Chronistas na lingua latina:

Frei Francisco de Santo Agostinho Macedo, 1650.
Padre Antonio dos Reis, 1726.
Padre Estacio d'Almeida, 1738.
Padre Joaquim de Foyos, no reinado de Dona Maria I.

João Baptista de Castro affirma que fôra Diogo Mendes de Vasconcellos o 1.º chronista de Portugal, na lingua latina.

Chronistas das nossas possessões ultramarinas:

Diogo do Couto, por mercê de Filippe I, India.
Antonio Bocarro: épocha dos Filippes, India.
Diogo Gomes Carneiro, 1673, Brasil.

Ignacio Barbosa Machado, chronista de todas as provincias ultramarinas, 1725.

Francisco Xavier da Serra, no reinado de Dona Maria I.

Fechamos este capitulo com alguns exerptos do catalogo dos historiadores, da obra do marquez de Alegrete, Manuel Telles da Silva,[1] porque de algum modo completam o que já exposemos.

[1] *Hist. da Acad. Real de Hist. Port.* Lisboa, 1727. Servimo-nos do resumo publicado pelo sr. conselheiro Silvestre Ribeiro, na sua *Resenha de Litteratura Portugueza*, trabalho de valioso subsidio, como já notámos, para este genero de locubrações.

Digitized by Google

### HISTORIA ECCLESIASTICA GERAL

O Licenciado Jorge Cardoso. Auctor do *Agiologio Luzitano*. «Obra incompleta e escripta com não menos dilligencia como credulidade. Para ser completa, deveria comprehender o anno inteiro, porém só foram impressos os primeiros seis mezes. Uma douta penna da nossa Academia a tem continuado.

Dom Rodrigo da Cunha. *Historia das Egrejas do Porto, Braga e Lisboa*. «Comquanto escrevesse em tempo em que eram estimados alguns auctores apocryphos, tem recebido elogios e approvação dos homens doutos. É para lamentar que não estendesse ás demais dioceses o trabalho, que consagrou ás tres indicadas.»

### VIDAS DE VARÕES ILLUSTRES EM SANTIDADE; E CHRONICAS DAS RELIGIÕES.

O padre João de Lucena. *Vida de San Francisco Xavier*.

Frei Luiz de Sousa. *Historia de Sam Domingos, Vida de Frei Bartholomeu dos Martyres*.

Frei Manuel da Esperança. *Historia Serafica dos frades menores da Ordem de San Francisco*.

«Estas e outras chronicas das Religiões sómente conteem uma narração do que pertence a cada uma das suas provincias, ficando tudo o mais que toca ao resto da Igreja, sem historiador, e sem mais outras noticias, que as que se podem colher das Constituições dos Bispados, e dos poucos synodos, que d'elles ha impressos.»

### CHRONICAS ESPECIAES

Duarte Galvão. *Chronica do conde Dom Henrique*.

«Como não li, não posso dizer o que contem, nem affirmar que existe.»

Duarte Galvão. *Chronica d'El-Rei Dom Affonso Hen-*

Digitized by Google

*riques*. «Ha poucos dias, com grande desacerto mutilada, se imprimiu em Lisboa; he mui breve, ainda que refere as principaes acções d'aquelle grande rei; porém, entre ellas, conta algumas tão inverosimeis, que o fazem merecedor do pouco credito, que os homens prudentes lhe dão n'esta parte.»

Fernão Lopes. *Chronicas* de Dom Pedro I, Dom Fernando, e as duas partes da de Dom João I.

«N'estas composições não deixou de merecer a estimação que sempre teve, e que justamente lhe devia dar primazia do cargo, que occupou.»

Ruy de Pina. «Reformou as Chronicas dos nossos reis d'esde Dom Sancho I até Dom Affonso IV, e tambem a de Dom Duarte e a de Dom João II. Os nossos academicos, que se teem valido da lição d'este auctor, teem observado n'elle algumas contradicções, que provam seguiria, no que escreveu, o que já estava composto.»

Damião de Goes. «Começou a elevar a mayor gráo de perfeição a nossa Historia nas Chronicas que compoz de El-rey Dom João II, sendo principe, e d'El-Rey Dom Manuel.»

Garcia de Rezende. «Compoz a *Chronica d'El-Rey Dom João II*, com tal ordem, que parece mais hum summario de acções, do que historia. Estylo claro. Merece credito por contemporaneo, comquanto alguns, por esse mesmo motivo, e por ter sido moço da guarda-roupa do mesmo Rey, e muyto favorecido d'este, o julguem por suspeyto.»

Duarte Nunes de Leão. «Abriu caminho á critica da nossa historia, escrevendo com juizo e madureza as Chronicas dos primeiros dez Reys de Portugal. Tambem se lhe attribue a Chronica, que vulgarmente se chama dos tres Reys.»

Francisco de Andrade. «Eescreveu a Historia de El-Rey Dom João III, com a falta que muitas das outras Chronicas tem, por não tratarem do governo economico do Reyno. No estylo conservou a clareza e naturalidade do seculo que acabava.»

Digitized by Google

### VIDAS DE REYS, PRINCIPES, E GRANDES HOMENS

Dom Fernando de Menezes. (Conde da Ericeira.) «Compoz a *Vida d'El-Rey Dom João I.* He um opusculo bem escripto. O mesmo juizo faço da *Vida d'El-Rey Dom João II,* composta na lingua latina com o titulo de *Rebus gestis Joannis secundi;* sem que as naturaes suspeiçoens me intimidem para deixar de dizer que esta obra he digna de seu auctor.»

Dom Agostinho Manoel.—Vidas de el-rei Dom João II e de Dom Duarte de Menezes. «Manuel de Faria e Souza entende que este auctor foi mais politico que exacto.»

Frei Miguel Pacheco.— «Compoz a vida da Infanta Dona Maria, filha de el-rey Dom Manoel, com grande approvação, pelo juizo, clareza do estylo, e boa ordem com que escreveu.»

Dom Jeronymo Osorio.—«Insigne na lingua latina, na qual, além de outras mais, e mayores obras, compoz tambem a vida de El-rey Dom Manuel, com tanta elegancia, e pureza de estylo, que justamente he avaliado pelo mayor professor da lingua latina dos seculos modernos.»

Jacintho Freire de Andrade.—«Pelo estylo exquisito e particular com que compoz a historia ou panegirico, assemelha-se a Paterculo entre os latinos; sustentou a reputação da Historia Portugueza, que começou a declinar ainda do estado em que estava, no tempo em que tambem se abateu a Monarchia.»

### CRONICAS GERAES

Frei Bernardo de Brito.—«Este auctor venceu em estylo, por ser mais limado e corrente, a todos os que lhe precederão, e a alguns que se lhe seguirão. Alguns criticos mais austeros tirão da classe das nossas histo-

Digitized by Google

rias os dous primeiros tomos da *Monarchia Luzitana*, composição de Brito.»

Frei Antonio Brandão.—«Continuador da *Monarchia Luzitana;* auctor de bom estylo, excellente juizo, prudente liberdade, e de infatigavel indagação.»

Frei Francisco Brandão.—«Continuador da mesma obra, sem grande desegualdade.»

Frei Raphael de Jesus.—«Não devêra atrever-se a continuar a *Monarchia Luzitana*, por não ter todas as qualidades necessarias para o emprêgo de chronista-mór.»

Manuel de Faria e Souza.—«Erudição vasta. Recopilador de todas as nossas historias. Mais discreto do que agradavel; mais erudito do que eloquente. O seu estylo enfastia a muitos; e alguns reparão em que siga opinioens menos provaveis, no que perde a verdade da historia. Se agrada a liberdade do seu discurso, tambem não falta quem a julgue por maledicencia.»

Luiz Coelho de Barbuda.—«As suas *Emprezas Militares* tem contra si as suspeiçoens do tempo em que as escreveu.»

O padre Antonio de Vasconcellos.—«Na *Anacephaleosis* resumiu as nossas Chronicas, accrescentando, e mudando o que lhe pareceu, não sey se mais certo, se mais glorioso, e plausivel. O estylo é florido, e quasi poetico, e refere as acçoens que merecião censura, doirando-as com clausulas elegantes, vicio de muitos historiadores, que por fugirem das venenosas suspeitas de Tacito, abração as enfeitadas desculpas de Veleio.»

Pedro de Maris.—«Com o accrescentamento, que presentemente se lhe fez, ganhará certamente muito mayor reputação, que a que merecia.»

Christovão Rodrigues Azinheiro.—«O mesmo que a respeito do antecedente, no que toca ao *Compendio das Chronicas de Portugal.*»

Dom Luiz de Menezes, conde da Ericeira.—«Portugal não só lhe deve o muito que obrou, como general, em sua defesa, mas tambem o grande crédito, que elle,

Digitized by Google

no *Portugal Restaurado*, e todos os seus ascendentes e descendentes, em outras muitas, lhe tem adquirido, assim como pelo continuado exercicio das armas.»

COUSAS DA AFRICA E ASIA

Gomes Eannes de Zurara.—«Com egual reputação a seu antecessor Fernão Lopes, escreveu a terceira parte da Chronica de El-Rey Dom João I, em que por lisongear o genio de El-Rey Dom Affonso V, o Africano, trata só da jornada de Ceuta; e pelo mesmo motivo compoz tambem a Chronica de Dom Pedro de Menezes, primeiro capitão d'aquelle Presidio.»

João de Barros.—O Livio Portuguez, o grande e insigne João de Barros, na opinião de todo o mundo, conseguiu na obra das suas *Décadas* uma tal perfeição *que justamente devemos esperar da Academia Real...*»

Diogo do Couto. — «Continuou as *Décadas*, senão com a mesma reputação, e felicidade, com egual utilidade e exacção. *A Vida de Dom Paulo de Lima* he bem escripta, e de nenhum modo abate a nossa historia.»

Fernão Lopes de Castanheda. — «Escreveu oito livros das acçoens que obrámos na India. Quem lê as *Décadas* de Barros e Couto, não se satisfaz facilmente de outro historiador do mesmo assumpto.»

Gaspar Corrêa.—Escreveu quatro livros dos successos da India, desde o anno de 1497 até o de 1550. O mesmo que a respeito de Castanheda.»

O padre Maffeo.—«Escreveu toda a historia da nossa India até o seu tempo, na lingua latina, com summa elegancia, e pureza, e por esta circumstancia he tão celebre.»

Affonso de Albuquerque, filho do grande Affonso de Albuquerque.—«Braz de Albuquerque, a quem El-Rey Dom Manuel mandou que se chrismasse Affonso, em memoria de seu pai, escreveu uns *Commentarios* das acções d'este heroe, as quaes bastarão sómente para fazer estimada a obra de seu filho.»

Digitized by Google

Antonio Pinto Ferreira.—A Vida de Dom Luiz de Atahide he bem escripta, e de nenhum modo abate a nossa historia.»

AMERICA

Francisco de Brito Freire. — «Não temos quem escrevesse dos ultimos descobrimentos, que fizemos na America.... mais que tres auctores impressos.... dos quaes he o principal Francisco de Brito Freire, estimado não só pela sua pessoa, e pelas acções que obrou n'estas provincias, mas pelo bem que escreveu a sua historia.»

Não apresentamos esta resenha senão como indicação dos principaes historiadores e chronistas, pois como critica vale apenas como amostra da critica do começo do seculo XVIII, resultado da combinação de formulas rhetoricas e essa pervertida pelo mau gosto da épocha. Ainda assim, nas apreciações do velho marquez de Alegrete, transluzem uns vislumbres de bom senso, que não deixam de auctorisar as suas opiniões.

Digitized by Google

# CAPITULO IX

## QUARTA ÉPOCHA

### (De 1495 a 1580)

Reinado de Dom Manuel, e a *edade de ouro da poesia e da lingua portugueza.*—O seculo XV e os grandes acontecimentos que o caracterisam.—A renascença e os seus resultados: a Italia e os Medicis.—Participação que Portugal teve n'este grande movimento, nas artes e nas lettras.—Constitue-se a unidade monarchica: a historia e a litteratura reflectem o effeito d'este influxo.—Garcia de Rezende e as suas chronicas, e Gil Vicente incumbido de divertir a côrte com os seus contos.—O genio de poeta reage e torna-o moralista e satyrico.—Influencia da poesia hispanhola: os nossos escriptores adoptam este idioma: abusos e protestos de Gallegos e Damião de Goes.—Influencia italiana annunciada pela eschola erudita: Bernardim Ribeiro e os bucolistas.—Gil Vicente e o theatro nacional.—O que era o theatro no seculos XV e XVI.—Analyse das obras do Plauto portuguez.—Sá de Miranda e a sua importancia no movimento poetico.—Ferreira e a *Castro.*—Os poetas quinhentistas.—Camões repudiado d'elles: os *Luziadas*: eschola fundada pelo lyrismo do grande vate.—Plagearios e imitações: Fernão Alvares do Oriente e Bernardes.—Decadencia litteraria: ultimos tempos do reinado de Dom João III, regencia da Rainha Dona Catharina e o reinado de Dom Sebastião.—As comedias classicas de Sá de Miranda, de Jorge Ferreira de Vasconcellos e do doutor Antonio Ferreira, e os *indeces expurgatorios.*—A inquisição e o fanatismo religioso: os jesuitas viciando o ensino publico: maus effeitos do systhema.—A erudição monastica e a eschola erudita prevalecendo, e a poesia e o theatro decahindo.—Os successos politicos subjugam as imaginações.

O reinado de Dom Manuel é a épocha celebrada da nossa audacia conquistadora e da nossa opulencia nacional. A historia denomina a este monarcha de *Ven-*

Digitized by Google

*turoso*, e o seu reinado ficou comprehendido dentro do grande periodo appellidado *idade de ouro da poesia e da lingua portugueza*.

Dom Manuel foi principalmente um soberano feliz. Como Dom Diniz, e Dom João I, figura na primeira plana dos importantes seculos da nossa historia, e é o principe a quem a onda do destino foi accumulando mais elementos de prosperidade para engrandecer um reinado. A sua estrella collocou-o mui superior ao seu merecimento real. N'este particular muito se assemelha a Luiz XIV.

O seculo XV tinha sido fecundo de importantes successos. A queda do Imperio do Oriente, a fugida dos sabios gregos para a Italia, acolhendo-se á protecção illustrada dos Medicis, a descoberta da imprensa e diffusão de seus estupendos resultados em todas as manifestações da actividade intellectual, actividade a que o espirito da reforma de Luthero abriu depois novos horisontes nas variadas questões de philosophia social, todos estes acontecimentos formam um conjuncto de que germinaram os mais graves e impulsivos progressos da civilisação moderna. Principalmente os philosophos e litteratos gregos, expulsos de Constantinopla pelo furor de Mahomet II, refugiados em Florença, tornaram-se os principaes auctores da vasta transformação nas idéas e nas artes que, partida da côrte de Lourenço de Medicis, derramou em breve fructos feracissimos por todo o Occidente. A resurreição dos grandes modêlos da antiguidade, e revelação d'essas supremas leis do gosto que presidiram aos primores de arte da Grecia e Roma, esquecidos na rapidez torrentosa das vertigens guerreiras da edade-média, modificaram a philosophia e a litteratura, que recobraram principios mais vitaes e os depuraram sob o influxo do melhor que havia produzido a antiguidade, e tambem levaram a sua acção fecunda ás bellas artes, á esculptura, á pintura, e sobretudo á architectura que deixou o estylo gothico pelo chamado da renascença.

Digitized by Google

A basilica de Sam Pedro, em Roma, esse monumental poema em marmore, apresenta-nos a suprema manifestação d'essa vasta e grandiosa transformação.

Os effeitos da civilisação, que assim irradiava de Italia, não deixaram de reflectir de todo em Portugal. Dom Affonso V tinha-se correspondido com os Medicis. A sua educação litteraria havia corrido debaixo dos cuidados do profundo latinista Matheus de Pisano, seu preceptor. [1] O movimento litterario, que dispontava na Europa pelos finaes do seculo XIV e comêço do XV, já tinha dispertado a attenção dos nossos homens estudiosos. Dom Affonso V, como seu pai e como seus tios, a quem tanto attrahiram as luzes diffundidas então por uma parte da Europa, deu decidida protecção aos artistas.

Muitos dos nossos principaes escriptores viajaram pela Italia e pela Flandres. Na Chronica de Guiné Azurara reporta-se visivelmente á *grandeza* dos Allemães e á *sabedoria* dos italianos. Os progressos da navegação, tão auspiciosamente iniciados pelo enthusiastico saber do infante Dom Henrique, alargando o nosso horisonte intellectual com os maravilhosos aspectos dos paizes desconhecidos, haviam-nos trazido muitos germens de instrucção, que já tinham fructificado em alguns espiritos. Estes resultados do genio da navegação do principe portuguez, colhêra-os a Europa, e estava-os reproduzindo em progressos successivos. Portugal attrahira as vistas do mundo culto, e estas reciprocas relações decerto se resolveram em nosso favor. Dom João II, que antes das perturbações provocadas pela ambição da fidalguia, quizera estender a sua boa sombra ás artes e ás lettras, e conservou relações com Lourenço de Medicis, o Magnifico, dando vigoroso impulso ás fontes eruditas, como seu pae, mandou tambem vir de Italia sabios italianos para lhe escreverem as historias

[1] Matheus de Pisano, filho da celebre Christina de Pisano, chronista de Carlos V, e um dos homens mais doutos do seu tempo.

Digitized by Google

d'estes reinos. As artes mesmo, e os productos industriaes seus correlativos, evidenciaram os symptomas d'este desenvolvimento.

A architectura e a pintura receberam impulso: Gonçalo Nuno, João Annes, e Alvaro de Pedro são pintores d'essas eras. E Alvaro de Pedro viajou e pintou em Italia. Assim o assevera Taborda, [1] fundando-se nas investigações de frei Manuel do Cenaculo e de Barbosa. E até certifica serem de Gonçalo Nuno as pinturas da capella de San Vicente, na Sé de Lisboa, no que é corroborado por Francisco de Hollanda e Bermudes. Gran Vasco, o famoso pintor que deu nome á eschola de pintura portugueza, que tanto floresceu nos reinados de Dom Manuel e Dom João III, faz lembrar em seu estylo, em tudo que são ornatos, o antigo modo florentino, o que de alguma sorte induz a crêr que estudara com Perugino. Gonçalo Gomes tambem é do ultimo termo do seculo XV e chegou a ser pintor de el-rei Dom Manuel.

Todos estes factos são reflexos da renascença.

Mas é no reinado de Dom Manuel que se revela a acção poderosa e directa d'esta elaboração. Os resultados do sabio governo do seu antecessor colheu-os este principe venturoso. A typographia havia adquirido notavel importancia e o seu alcance tornara-se reconhecido. Leiria jactava-se de ser a quarta cidade da Europa, depois de Mayense, Bamberg e Subiaco, que organisara este poderoso instrumento de impulso social. Tambem se haviam diffundido entre as classes letradas os effeitos naturaes da existencia das livrarias de Dom Duarte, dos principes seus irmãos e de Dom Affonso V. Azurara cita muitos dos livros da livraria de Dom Duarte, e escreve a maxima parte das chronicas que recopilla na propria livraria de seu filho. Ruy de Pina prova, na erudição que tanto o conceitua no seu tempo, o estudo dos modêlos classicos. E estes dois

[1] *Hist. dos Pintores.*

Digitized by Google

homens, auxiliados pelos elementos que lhe deixara Fernão Lopes, lançam os primeiros e mais solidos fundamentos da historia patria. Vasco de Lobeira, o celebre auctor do *Amadiz*, e o patriarcha de todas as novellas de cavallaria, isto é, da litteratura caracteristica da épocha, havia tambem apparecido. As sciencias exactas, que principiaram a ter cultores e incremento no tempo de Dom João I, alcançaram um interprete illustre em Dom Francisco de Mello, sabio encarecido, mórmente em cosmographia, mechanica, optica, e perspectiva. Bernardim Ribeiro quebra a cadeia aos trovadores para inaugurar a quadra de bucolismo italiano. Gil Vicente, reagindo contra a pressão classica, funda o theatro nacional, em que o espirito da satyra zomba dos dois grandes poderes do tempo, da fidalguia e do clero, diante do proprio rei e da sua côrte. Henrique Cayado e Christovão Falcão, aquelle compondo versos latinos, e este imitando o cantor da *Menina e Moça*, enriquecem o nosso parnaso, que ainda se accrescenta e opulenta com os talentos feminis da infanta Dona Maria, de Paula Vicente, Anna Vaz e Luiza Segêa, que constituem a appellidada *Academia Feminina*, onde, álem dos dotes da imaginação, se cultivam de egual sorte o latim, o grego, e o hebraico. Nem as sciencias de direito escapam a esta era notavel, que adquiriria um expositor notavel no famoso humanista Ayres Barbosa, que tanto contribuiu para o renascimento das lettras em toda a Hispanha. Assim as sciencias positivas e os estudos litterarios encontram representantes n'este reinado, um dos mais prosperos e importantes de Portugal, apesar dos seus graves erros politicos, como foi a expulsão dos judeus, os quaes consubstanciavam em si toda a sciencia da épocha, muito gosto das artes e as maiores riquezas do reino. Dom Manuel, para comprazer com as instancias fanaticas dos reis castelhanos Fernando e Izabel, cuja filha Dona Izabel, viuva de seu primo, o principe Dom Affonso, desejava para casamento, accedeu a esta exigencia, funesta

Digitized by Google

pelas suas consequencias em prejuiso da população, do commercio e da industria. A Hollanda lucrou tudo o que Portugal perdeu, que foi incalculavel, pois foi n'aquelle paiz onde se refugiaram as familias hebreas, que não se resignaram a perjurar a religião de seus paes.

A descoberta da India, por Vasco da Gama, e todos os outros descobrimentos na Asia e na America, realisados n'esta quadra, grangearam verdadeira importancia ao soberano portuguez, que se viu sollicitado pelos mais poderosos monarchas d'aquellas eras, para obterem a sua alliança. O imperador Carlos V, Henrique VIII, Francisco I, a Republica de Veneza e Fernando de Aragão, honraram-se de ser alliados do principe venturoso, que, com direito, ajuntava ao seu titulo de rei de Portugal, a pomposa denominação de rei *dos Algarves, d'áquem e d'álem mar, em Africa senhor de Guiné e da conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India.*

Porém, similhantes titulos de gloria foram decerto empanados por factos bem demonstrativos do quanto Dom Manuel, só attendendo ás exigencias da sua grandeza, esquecia as regalias populares. Só quatro vezes convocou côrtes, e foi o primeiro rei portuguez que não procurou a sua annuencia para tributar o povo. Na nova codificação das leis, incumbida em 1505 ao chanceller-mór Ruy de Botto, depois conhecida pelas *Ordenações Manuelinas,* tratando-se da *reforma dos foraes,* o pensamento capital é a concentração no poder real dos privilegios locaes, e extincção das antigas tradições feudaes. Cimentar mais fortemente as bases da monarchia, é de certo o facto resultante das alterações d'este codigo. Com esta circumstancia coincide a instituição dos exercitos permanentes, o que, junto aos desfalques successivos na população do reino para tripular as frotas continuas que sahiam o Tejo por esses mares fóra em demanda de novas conquistas maritimas, ou para auxilio das já dominadas pelo pavilhão portuguez, accarretou vexames geraes ás classes populares. E' ver-

Digitized by Google

dade que a navegação trouxe prospero desenvolvimento ao commercio, e o commercio não deixou de ser util á burguezia e á industria, mas, escreve o sr. Alexandre Herculano, «substituida a agricultura, *que era do povo*, pelo commercio exclusivo, *que era da corôa*, e extinctas as tradições feudaes na nova compilação manuelina, a edade-media morrêra, com o seu systema de luctas e resistencias, e começava esse seculo XVI, cujo caracter essencial em politica *foi a unidade monarchica*. Este phenomeno explica o novo aspecto que tomou a historia, e o apparecimento *de uma litteratura cortezã e paceira*, que visivelmente se distingue nos poetas mais modernos do *Cancioneiro*, nas obras latinas que por esse tempo appareceram, principalmente nas de Cataldo Siculo, e nos *Autos* do Aristophanes portuguez, Gil Vicente, compostos *para alegrar* as horas de tedio nos paços de Dom Manuel. A chronica tomou logo o sabor de elogio historico, e Garcia de Rezende, o velho cortezão, escreveu a vida de Dom João II, debaixo dos tectos dos sumptuosos paços da Ribeira».

Duas ordens de razões contribuiram por tanto para esta degeneração da litteratura: a organisação politica no sentido de consolidar a monarchia absoluta, o que estabeleceu uma atmosphera de dependencia, e que abrangeu tambem a litteratura, e a tornou bajuladora e mesureira, e o influxo da eschola hispanhola, que d'esta vez se apoiou na erudição classica.

A influencia da poesia hispanhola foi decisiva. Nos seculos XII e XIII, quando a lingua portugueza se desligou da galleciana, e ostentava já os foros de idioma independente, attrahindo por sua doçura as predilecções dos mesmos poetas de Hispanha, como vemos com Affonso, o Sabio, que escolhe a nossa lingua para compor as suas canções, fomos nós que exercemos uma acção influenciadora na poesia castelhana, porém essa acção inverte-se completamente nos seculos XV e XVI, em que é Portugal que se deixa levar pela corrente da influencia hispanhola. Mas d'esta vez, como quasi sem-

Digitized by Google

pre, são factos historicos que determinam esta influencia. Não são simples predilecções do gosto litterario, ou naturaes transições de escholas poeticas. A presença dos fidalgos hispanhoes, refugiados em Portugal por causa da guerra no tempo de Dom Fernando, e os consorcios successivos dos nossos reis, Dom Duarte, Dom João II, e Dom Manuel, com princezas hispanholas, contribuiram directamente para se estabelecerem relações sociaes e moraes estreitissimas, que reflectiram na litteratura, como seu corolario mais immediato, todas estas alternativas em que a imaginação fortemente se preoccupou dos successos contemporaneos.

Mas foi nas regiões cultas, entre a classe palaciana, onde primeiro esta influencia se revelou. Os versos do infante Dom Pedro patenteam-nos bem abertamente como era invocada a auctoridade de João de Mena, e a *Carta* do condestavel de Santillana apparece n'essa épocha como a unica poetica a seguir. Na côrte fallava-se castelhano, e n'esta preferencia casava-se a vaidade erudita com a selecção da moda. E não só se poetava, senão que tambem se discreteava e amava á hispanhola, e os modêlos indicados eram Padron, Macias e Manrique. A moda, exagerando-se, produziu o seu resultado logico, que foi o ridiculo, e o ridiculo provocou a satyra. Gil Vicente tambem fez fallar castelhano aos seus personagens, mas aos personagens grutescos. Foi na bocca do diabo, dos villões, e das allegorias do peccado que elle poz essa lingua. Nas comedias de Simão Machado, ao inverso, a linguagem portugueza era destinada para as scenas da baixa comedia, porque o auctor era dos que trajavam *a la moda*. Os motivos explica-os elle na sua comedia de *Alfea*, quando diz:

.... por natureza
*E constellação de clima,*
Esta nação portugueza
*O nada estrangeiro estima,*
*O muito dos seus despreza.*

Digitized by Google

Vendo que mal acceitaes
As obras dos naturaes,
*Fiz esta em lingua estrangeira*
Por ver se d'esta maneira
*Como a elles nos trataes.* [1]

Conclue-se d'aqui, evidentemente, que as obras em portuguez, ou *dos naturaes*, eram *mal acceites*, e que convinha por todos os modos tomar as fórmas e as fallas da Hispanha, então no galarim, para vêr se d'essa maneira *como a elles nos trataes*, isto é, sem o desprêso, nem o desdem a que votavam tudo que era nacional.

N'um dos seus prologos, deplora Manuel Gallegos esta insania de se vêr o idioma castelhano tornado a lingua das classes polidas e aristocraticas, e a linguagem nacional entregue sómente á plebe, não lhe esquecendo de tecer os mais encarecidos louvores a Gabriel Pereira de Castro, por ter tido o discernimento e a dignidade de resistir a esta onda, escrevendo em portuguez o seu poema *Ulyssea*.

Ainda assim, esta moda da poesia lyrica hispanhola e mesmo de muitos dos costumes hispanhoes, trouxe, nos um melhoramento apreciavel, que foram talvez os progressos da musica. A musica nos seculos XV e XVI, em Portugal, teve notavel desenvolvimento, devido inquestionavelmente ao uso hispanhol dos poetas se acompanharem em instrumentos, emquanto improvisavam ou cantavam seus poemas. Gil Vicente era quem compunha a solpha para os villancicos e chacotas de seus autos; Manuel Machado primava no toque do alaude; Dom João de Menezes compunha para orgão a musica das suas coplas; Garcia de Resende era celebrado como tocador de guitarra; e Sá de Miranda acompanhava-se, com enlêvo de quem o ouvia, á viola de arco.

[1] *Comedias Portug.* pag. 144. ediç. de 1706. Citação do sr. Theophilo Braga, na *Hist. do Theat. Portug.* Sec. XVI.



Digitized by Google

O metro admittido n'estas composições era a rodondilha maior, por mais adquada ao rhythmo musical das toadas nacionaes. Porém, a poesia lyrica da eschola hispanhola, n'esta dependencia da musica, perdeu a sua categoria litteraria, e ficou valendo unicamente como *cantigas*. Quasi que, destituida de pensamento poetico, valia pela cadencia do rhythmo. Os serões do paço offereceram o unico meio de publicidade a este genero de composições que, por se multiplicarem em grande copia, se tornaram vulgares. A vaidade dos auctores levou-os a colligil-as; e por se chamarem, em geral, *canções*, denominaram *cancioneiros* os volumes em que as foram reunindo. Foi extraordinaria a multiplicidade d'estes cancioneiros: eram os albuns d'aquelle tempo, em que de certo a presumpção e a mediocridade davam as mãos para attribularem o senso commum. Pelo menos assim nol-o faz presumir Jorge Ferreira de Vasconcellos, o Marcial d'aquella quadra poetica, quando, referindo-se aos poetastros que tanto enxameavam então, observa o seguinte no seu *Ulyssipo*: «Fazem por si mundo em segredo, vivem como morcegos, tem *cancioneiro de boa letra e má nota, e mostram-no em particular a quantos lh'o querem vêr.*»

Todavia, do seio d'esta actividade, embora desordenada, e de uma vitalidade sobrexcitada e não natural, sempre surgiu um facto util, que foi a formação do *Cancioneiro Geral*. O desejo pueril de todos formarem cancioneiros suggeriu a Garcia de Rezende o pensamento de colleccionar um grande cancioneiro. Porém, o serviço que fez á poesia nacional, e até mesmo á historia litteraria, não foi completo. Garcia de Rezende, aulico e erudito, só encontrou com *direito de cidade* n'este vasto Parnaso as trovas dos fidalgos das côrtes de Dom Affonso V, Dom João II e Dom Manuel. As poesias de inspiração popular ficaram de fóra. Essas eram plebêas e não haviam bebido o assumpto na veia castelhana. Vê-se quanto deficiente se tornou o trabalho de colleccionação realisado com tal reserva. Vale, sim, e muito, mas

Digitized by Google

como auxiliar para quem deseje estudar a influencia da eschola hispanhola n'aquella épocha. N'este ponto, não só a poesia, senão uma parte da historia moral do tempo nos transparece em todos aquelles *certames* e canções palacianas, em que entrevêmos tão intima e personificada a vida intima d'aquelles reinados, em que a poesia, como moda das *côrtes dos grandes principes*, como diz o proprio Garcia de Rezende, [1] era *muy necessaria na gentileza, amores, justas, e momos, e tambem para os que maos trajos e envenções fazem, per trovas são castigados e lhe dão suas emendas.*

A influencia do hispanhol estendeu-se tambem á prosa, como era de presumir. Em geral, os romances, imitados no assumpto do hispanhol, eram escriptos em castelhano: os protestos de Jorge Ferreira e Damião de Goes explicam a que ponto chegara a monomania a este respeito. Dom Manuel imitava na sumptuosidade as côrtes de Leão X, e de Fernando e Izabel, e as representações, tão predilectas d'aquelles soberanos, faziam parte das grandes solemnidades da sua côrte. Tambem de Castella nos veiu de certo a recordação dos romances do cyclo de Carlos Magno, todos de origem hispanhola, e que pouco ou nada tinham conseguido introduzir-se em Portugal, durante a dynastia de nossos primeiros reis.

As nossas relações então com a Hispanha eram estreitas, e as mais predominantes, como já observámos. Aos usos e costumes festivaes se estenderam ellas, e d'essas solemnidades derivaram, em grande parte, como o patenteámos, divertimentos introduzidos nos festejos reaes, que foram todos transmittidos da Hispanha, por occasião dos casamentos que se celebravam com as infantas castelhanas e aragonezas. Isto mesmo affirmam varios auctores, e entre elles André de Rezende, quando descreve o que se passara por occasião das bodas do infante Dom Duarte, filho de el-rei Dom Manuel,

[1] Vid. Prologo do *Cancioneiro Geral.*

Digitized by Google

em Villa Viçosa, e diz que se correram *canas, justas, e houve torneos e outros jogos, seráos, danças e festas populares de folias e bailes plazenteiros.*

Damião de Goes tambem nos assegura que o mesmo soberano consentia na sua côrte *chocarreiros castelhanos*, e que folgava das dissimuladas reprehensões, que elles com gestos e palavras trocadas davam aos moradores de sua casa, fazendo-lhes conhecer os defeitos de que se elles emendavam. [1]

Isto tudo demonstra o quanto se havia universalisado a influencia hispanhola, depois já demudada pela forte transformação que se operava em Italia.

A lembrança da erudição antiga sempre se conservou viva em Italia. Petrarcha, e sobretudo Dante, em cuja *Divina Comedia* Virgilio é sempre o seu guia atravez das sombras da edade-media, bem o demonstram e explicam. Na concepção do poeta florentino resume-se um symbolo e tambem um facto; e esse facto assumiu toda a sua importancia com o influxo illustrado dos Medicis. O pontificado de Leão X foi apenas o famoso resultado dos esforços de Lourenço de Medicis. Na Italia reviveu a antiguidade, com a resurreição dos modêlos litterarios, e o impulso maravilhoso que a opulencia do genio italiano dera ás artes da pintura e da esculptura. Este movimento da renascença propagou-se rapidamente, porque os espiritos cultos, já aborrecidos de obedecerem á influencia de litteraturas que não exprimiam nem verdade moral, nem sequer historica de nenhuma épocha, acceitaram com enthusiasmo a imitação dos monumentos antigos, pelo menos como modêlos do bello nas creações do espirito e da imaginação; e a Italia achou-se n'este periodo de civilisação representando pela segunda vez o papel de iniciadora dos grandes progressos: com a queda do Imperio Romano, o seu poder politico baqueou, mas continuou a sua supremacia na excellencia de suas leis, adoptadas por muitos povos; e

[1] *Chron. d'el Rei Dom Manuel*, part. 4.ª, cap. 84.

Digitized by Google

ao findar a edade-media, quando a cubiça da Allemanha e da França a retalharam impiedosamente, foi ainda d'aquella terra, bafejada pelo genio das grandes creações, que irradiou o facho que resplandeceu em quasi toda a Europa.

Em Portugal os effeitos da renascença haviam-se já manifestado.

Desde Dom Affonso V, e Dom João II, que as nossas relações se haviam tornado constantes com os soberanos illustrados de Italia. Os nossos pintores ahi tinham ido estudar, de lá vinham sabios e artistas, como Angelo Poliziano, para escrever as historias do reino em latim, e architectos para dirigirem a construcção das fortalezas e castellos do reino, como os mandados vir pelo infante Dom Luiz, filho de el-rei Dom Manuel. Era tambem dos estaleiros venezianos d'onde sahiam muitos dos navios, encommendados pelos nossos reis, para as expedições mandadas aos mares da India. O commercio portuguez recebêra da mesma sorte dos primores da industria italiana verdadeiro incremento. E este impulso estendêra-se a grande parte da actividade industrial e artistica.

A pintura e a esculptura, e todos os officios e mesteres mechanicos derivados d'estas artes, prosperavam já em Portugal. A propria ourivesaria, esse esforço de paciencia e primor de cinzel do seculo XVI, e a esculptura em pedra e madeira haviam attingido tal gráo de perfeição, que não encontravam competencia senão no paiz exemplo d'essa mesma perfeição.

A obra de talha, nos retabulos das capellas de varios mosteiros, tornára-se o assombro dos apreciadores, pela delicadeza e complicação de seu trabalho.

Muitos tumulos dos seculos XIV, XV e XVI, pela sumptuosidade esculptural de muitos dos seus ornatos, provam egualmente muito adiantamento na traça e mão de obra n'este ramo artistico. Na ourivesaria, os calices, maquinetas, relicarios, ambulas e thuribulos de todo o seculo XVI, e ainda alguns dos fins do se-

Digitized by Google

culo XV, evidenceam este incontestavel progresso. E as custodias dos velhos mosteiros, e acima de todas ellas a famosa custodia de Belem, obra de Gil Vicente, *lavrante* da rainha, [1] apparece-nos como reliquia admiravel d'esse impulso dado ás artes mechanicas. De Florença nos viera elle decerto, o que é attestado pela delicadeza do lavor, estylo florido no desenho de todos esses objectos, e ainda mesmo pelo tecido e lavor dos varios brocados que nos reproduzem os pintores da eschola gothica, ou mais vulgarmente conhecida pela eschola de Gram Vasco, onde os trajos de épocha se encontram sobrecarregados de recâmos entretecidos e miudos como filagrana. Os magnificos bufetes e contadores d'esse tempo, hoje tão apreciados, paciente trabalho de entalhador, embutidos de madre-perola, cuquilho e tartaruga, com figuras e ornatos interiores de bronze, admiravel obra de cinzel, evidentemente obra florentina, e antigo apanagio das casas mais fidalgas d'estes reinos, [2] provam de egual sorte o quanto eram communicativas as nossas relações com a Italia, e o quanto a imitação dos processos italianos havia sido seguida pelos artistas portuguezes.

E até aos costumes se estendêra esta influencia italiana. Nos côrtes de Dom Affonso V e Dom João II estava em uzo a chamada dança mourisca, que os poetas do tempo pintavam de meneios lubricos, como esses bailes sensuaes e provocadores trazidos do Oriente, ou originarios da compleição ardente dos habitantes da Mouritania; mas com a influencia italiana vieram a *pavana* e a *galharda*. A pavana era uma dança grave, im-

[1] Esposa de Dom João II, conhecida depois pela *Rainha Velha*. Esta custodia foi desenhada e feita por Gil Vicente, por ordem de el-rei Dom Manoel, em 1503, com o primeiro ouro vindo da India, e offerecida a Nossa Senhora de Belem, como primicias das victorias do Oriente.

[2] Muitos d'estes moveis havia por todo o reino n'outro tempo, como trastes de uzo, hoje tornados objectos de estima. Os que foram da casa Mesquitella, offerecidos a el-rei o sr. Dom Fernando, são um modêlo no genero.

Digitized by Google

ponente, e de posições senhoris, talvez o primeiro ensaio dos *minuetes da côrte* e *do Enviado*, tão garbosamente dançados por nossos maiores nos seculos XVII e XVIII. A pavana só a dançavam rainhas, principaes damas da côrte, e titulares da mais preclara styrpe, que podiam receber essa honraria.

Consideravam-na propriamente uma dança de etiqueta cortezã. Era dançada de roupas talares e roçagantes, e, nas voltas, os mantos, enfunando-se, muito concorriam para a magestade das attitudes. Tornara-se de uzo pôr n'estas occasiões as melhores joias, e até os soberanos se ornavam com os distinctivos da realeza, e os nobres com a sua capa e espada.[1]

A *galharda* (*gagliarda*, em italiano) era outra dança que se executava a tres tempos, com movimento vivo e animado, de que pouca noticia resta.

Na poesia já pelos meados do seculo XV appareceram varios indicios tambem da influencia italiana, porém não podem ser ainda tomados senão como casos singulares, que denotavam antes a predilecção de um ou outro estudo individual do que a acção directa de influencia predominante.

Foi dentre os principes e fidalgos que essa tendencia começou de revelar-se. O nome de Dante, citado por Azurara, prova que a *Divina Comedia* seria um dos livros da livraria de Dom Affonso V, e que a toda aquella raça de principes eruditos, e titulares que os acatavam, não seriam desconhecidos os versas do poeta florentino. Da Hispanha já havia surdido uma prova identica: na *Carta* do marquez de Santillana ao nosso Condestavel, se mencionam bem distinctamente as tres grandes divisões do poema de Dante, o *Inferno*, o *Purgatorio* e o *Paraizo*. E d'esta eschola allegorica re-

[1] O nome de *pavana* parece ser a corrupção de *padovana*, ou dança inventada em Padua, e outros lhe chamam *pavana* de pavão, pela arrogancia das posições, recordação do garbo senhoril d'aquella ave. No nosso vocabulario ainda ficou dizer-se *tocar a pavana*, por dar com violencia.

Digitized by Google

sultou inquestionavelmente a *Satyra da felice e infelice vida*, do Condestavel, composição em que este principe personifica as paixões e os pensamentos em figuras humanas. É porém Duarte de Brito que obedece mais directamente ao influxo dantesco. Inspirando-se da *visão* de Dante, imagina-se divagando adormentado pela suavidade do canto de um rouxinol: o *inferno* dos namorados, a esperança com os seus attributos symbolicos, e outras diversas personificações, mais accentuam esta imitação do auctor da *Divina Comedia*, ou do *Inferno de Amor* do poeta hispanhol Garcia Sanches, que seria o modêlo intermediario d'esta natureza de composições entre Dante e os outros poetas da Peninsula, como depois se nota entre nós em varios copleiros que encontrâmos no *Cancioneiro* de Rezende, sobresahindo Fernão Brandão no *Fingimento de Amores*, e outros que preludiam já o renascimento das lettras com imitações de Dante.

Estes, porém, como acima observámos, são apenas exemplos destacados que não manifestam uma verdadeira influencia: essa vem n'outra corrente de inspirações mais de accórdo com as tendencias poeticas. A poesia dos provençaes tinha desapparecido em toda a Europa, por falta de base historica e actividade moral que a alimentassem, porém o lyrismo, ateiado n'alma por aquelle genero de sensações, que apenas aguardava uma fórma para novamente se manifestar, facilmente assimilou as inspirações analogas da musa antiga, reveladas pelo movimento da renascença. Bion de Smyrna, Moschos e Theocrito, essa deliciosa pleyada de bucolicos gregos que tanto deleitaram Syracusa com os seus formosos idyllios, encontraram um écho na *Arcadia* de Sannazzarro. O bucolismo predominou, mas tocado da suave melancholia de Petrarcha, o que o tornou um mixto de lyrismo bafejado pela amenidade das auras campestres que tanto lisongeam a indole contemplativa do estro peninsular.

Bernardim Ribeiro, e mais tarde Garcillasso e Bos-

Digitized by Google

can, em Hispanha, são os representantes d'este genero.

A influencia que exerceu Bernardim Ribeiro no seu tempo foi decerto poderosa; e sobretudo para o animo feminil deveria de ser attractiva a leitura da sua composição romanesca. Era elle o primeiro poeta nacional que seguia o caminho de Lobeira, no livro pastoral da *Menina e Moça*. N'aquella allegoria, que muitos reputavam véo diaphano de tristes realidades amorosas, presumiam outros descriminar o affecto mal correspondido do desditoso bardo, e alguns allusões a uns amores da côrte de Dom João II, sobejo incentivo para a curiosidade e enlêvo das imaginações apaixonadas, encontrou elle imitadores, figurando como principal Christovão Falcão. É com raro tacto do coração humano que o auctor do *Frei Luiz de Souza* põe o livro da *Menina e Moça* nas mãos de Maria, logo nas primeiras fallas do drama, porque deveria ser elle a fascinação e ao mesmo tempo o cathecismo das almas romanescas n'aquellas eras, e nas que mais de perto se lhe succederam ainda muitos annos depois.

O visconde de Almeida Garrett aprecia assim o mavioso cantor, referindo-se aos outros poetas bucolicos menos naturaes; — «Bernardim Ribeiro foi um talento mais original em sua simplicidade: o que lhe falta de sublime e culto, sobeja-lhe em brandura, e n'uma ingenua ternura que faz suspirar de saudade, d'aquella saudade cujo poeta foi, e cujos suaves tormentos tão longo padeceu e tão bem pintou.» [1]

Christovão Falcão é um seu imitador. Tomou o nome pastoril de *Crisfal*, com que figura nas eglogas. O seu estylo aproxima-os, como os havia aproximado o sentimento de uma paixão quasi analoga, [2] a ponto de

[1] *Histr. da Ling. e da Poes. Portugueza*, pag. 178.

[2] Deu brado entre os contemporaneos a paixão romanesca que lhe attribuiram na côrte de Dom Manuel, com Dona Maria Brandão, recolhida depois ao convento de Lorvão pela perseguição de

Digitized by Google

por vezes se confundirem os seus versos. Impressiona realmente a simplicidade e candura dos sentimentos, a viveza de colorido, e um certo modo de dizer meigo e engraçado. A um e outro contagiou a propensão enfermiça da sua eschola: trocadilhos e anthitéses de mau gosto, monotonia nos dialogos assás estirados, e insistencia impertinente dos mesmos sentimentos. Bernardim Ribeiro ainda se ergueu d'este chavão, por impulso natural do talento e da paixão ao genero vivo e repassado de funda saudade que tão celebrado o tornou, porém Christovão Falcão mal o conseguiu, porque lhe era inferior em faculdades poeticas.

A eschola italiana teve depois mais absoluto predominio. «A natural suavidade do idioma portuguez, nota o auctor citado, [1] a melancholia saudosa dos seus numeros nos levaram á cultura d'este genero pastoril, em que raro poeta nosso deixou de escrever, quasi todos bem, porque a lingua os ajudava, nenhum perfeitamente, porque (ainda mal) deram ás cegas em imitar Sannazzarro, depois Boscan e Garcillasso, e copiaram pouco do *vivo* da natureza, que tão bella, tão rica, tão variada se lhes presentava por todas as quatro partes de que em breve constou o mundo portuguez, e das quaes todas ou assumpto ou logar de scena tiraram nossos bucolicos. Nem d'este geral defeito [2] (o maximo que por ventura se lhes nota) póde fazer-se excepção, se não fôr alguma rara em favor de Camões e de Rodrigues Lobo. O Tejo, o Mondego, os montes, os sitios conhecidos do nosso paiz e dos que nos deu a conquista, figuram em seus poemas; porém raro se vê descripção que recorde algum d'esses sitios que já vimos, que nos lembre os costumes, as usanças, os preconceitos mesmo populares; que de

seus parentes, principalmente seus irmãos, os poetas do mesmo appellido, cujas coplas traz o *Cancioneiro Geral.*

[1] *Hist.da ling. e da poes. portugueza*, pag. 177.

[2] Commum tambem nos outros generos de poesia, onde quer que entre o descriptivo.

Digitized by Google

ahi vem á poesia o aspeito e feições nacionaes que são sua maior belleza.»

Mas desviemo-nos um pouco d'esta *filiação* da eschola italiana, para apresentar ao lado de Bernardim Ribeiro o seu confrade poetico do paço, o homem que pelos mesmos annos, ou quasi seguindo as transições dos mesmos diversos reinados, abriu os alicerces do theatro nacional, inspirando-se das origens mais populares. Gil Vicente, predilecto poeta comico da rainha Dona Leonor, é este homem.

Gil Vicente começou por figurar no celebre *processo amoroso* de Vasco Abul, que correu na côrte de Dom João II, á maneira do certame poetico do *Cuydar e suspirar*, publicado no *Cancioneiro* de Rezende, e que tanto um como outro foram recordação das antigas *côrtes de amor*. Este Vasco Abul, conforme a anecdota que andava na voz publica do tempo, era um fidalgo frecheiro, o qual, vendo dançar uma guapa moçoila em Alemquer, tanto se enlevou n'ella, que lhe deu em tom de gracejo uma cadeia de ouro, porém ella tomou a dadiva a sério, e não lh'a restituiu: soube-o Henrique da Motta, poeta satyrico d'aquellas eras, e aproveitou o lance para engendrar um processo que muito alegrou os serões do paço de Dom João II, pelo acêrto e jocosidade das sentenças com que os trovadores palacianos replicaram uns aos outros. Muitos foram os juizes poeticos n'este chistoso pleito. A rainha Dona Leonor, que já muito engraçava com Gil Vicente, pelo seu genio folgasão e motejos com que apodava uns e outros, convidou-o para alvitrar tambem no letigio, o que elle fez, escrevendo oito estrophes assás comicas, recolhidas depois por Garcia de Rezende no *Cancioneiro Geral*, debaixo da rubrica: — *O parecer de Gil Vycente neste processo de Vasco Abul arraynha dona Lionor*.

Esta é a primeira composição poetica, conhecida, que denuncia a veia comica de Gil Vicente.

Antes de Gil Vicente é difficil encontrar algum indicio de representação scenica, a não serem os momos,

Digitized by Google

pelo casamento da infanta Dona Leonor, irmã de el-rei Dom Affonso V, em que figuraram o proprio monarcha e os infantes seus tios, [1] e os representados em Evora pelo consorcio do malaventurado principe Dom Affonso, em que entrou Dom João II, seu pae. [2] Estas festas foram grandiosas de sumptuosidade, no dizer das chronicas d'aquelles reinados. Na menção dos divertimentos na côrte de Dom João II encontrâmos, porém, um facto mais positivo, que apresenta já um ensaio da fórma dramatica, que é o *Mômo* ou *Entremez do Anjo*, composto pelo conde de Vimioso, e representado ao que parece antes de 1471, isto é, logo depois do meiado do seculo XV. A influencia franceza, no tempo do Conde Dom Henrique, assim como trouxe o uzo dos bobos, havia de trazer tambem outros uzos e entre elles o dos *mysterios*, ou representações nas egrejas, o que se infere pelas disposições repressivas das antigas Constituições dos bispados; e se a influencia franceza não produziu estes resultados, produziu-os inquestionavelmente a influencia ingleza, no reinado de João I, tempo em que o theatro liturgico, e mesmo nos paços dos reis e solares dos nobres, era quasi geral em toda a Europa.

A tradição da antiga latinidade conservou egualmente vestigios do theatro. Em alguns mosteiros, unico refugio das lettras despresadas ou desconhecidas, encontra-se nos seculos VII e XI um pequeno numero de estudiosos, dedicados á leitura dos classicos gregos e latinos. Esses estudos eram imperfeitos e incompletos, sobretudo nos resultados, mas existiam. Obedeciam apenas aos impulsos de uma predilecção singular, e copiava-se sem methodo epopeia, poesia lyrica, elegia, satyra ou prosa; porém o que mais attrahia eram decerto dois generos, os idyllios e as comedias.

As eglogas de Virgilio e as de Ausonio inspiraram,

[1] *Chron. de El-rei Dom Affonso V*, cap. 131.
[2] *Vida de El-rei Dom João II*, cap. 126.

Digitized by Google

por exemplo, a *Lucta dos vicios e das virtudes*, que se encontra nas obras de Isidoro de Sevilha, no VII seculo, o *Combate da primavera com o inverno*, que uns attribuem ao veneravel Beda, no seculo VIII, e outros a Milo, monge flamengo de Elnon, do seculo IX, e o *Dialogo*, composto para as exequias de Hathumolda, abbadessa de Gandersheim, e as imitações de Virgilio e Terencio, accommodadas a piedosas lendas por Hroswitha, abbadessa do mesma mosteiro, no seculo X.

São do seculo VII o *Dialogo de Terencio com um gracejador*, talvez prologo de alguma comedia latina imitada do mesmo Terencio, e o *Julgamento de Vulcano*, egloga comica, tambem fallada entre um cosinheiro e um padeiro, que disputam com chiste sobre qual d'elles é mais importante.

Quanto aos dramas *Gallicanus*, *Dulcitius*, *Callimacus*, *Abrahão*, *Pophnutius*, e a *Sapientia*, é evidente que não podiam ser representados, como não eram representaveis muitas das peças citadas, mas, pela sua contextura, entram n'esta ordem de obras. No emtanto, são divididas em scenas, que se seguem sem confusão, e a acção marcha e os dialogos urdem-se naturalmente.

Mas esta fórma não abrange as producções do seculo X. Quasi se póde asseverar que até ao seculo XIV, que viu reproduzir com methodo inalteravel os processos dramaticos da antiguidade, as peças analogas ás da abbadessa de Gandershein são destituidas de acção, enrêdo, ou seguimento. Deveriam antes appellidar-se dialogos tragicos e comicos e narrativa. Muitas vezes este genero era confundido. Para os eruditos, e isto até ao começo do seculo XIV, uma tragedia não passava de uma historia lastimosa, em estylo elevado, e a comedia, a composição escripta em estylo familiar, com desenlace propicio.

Prova-se isto pela intitulada tragedia de *Orestes*, que existe em Berne, n'um manuscripto do seculo IX, que não passa de uma narração cortada por dialogos; e as-

Digitized by Google

sim se sustentam as tradições do theatro latino atravez de todo o seculo XII e XIII, como bem o indicam, por exemplo, o *Geta* de Vitalis de Blois, copia do *Amphitryão* de Plauto, e o *Soldado Fanfarão* de Matheos de Vendôme, reproducção do *Miles Gloriosus* do mesmo auctor latino, e a *Affra e Flavius*, de Guilherme de Blois, todas do seculo XII. A comedia de *Maître Babion*, escripta muito depois, offerece já grande progresso em toda a contextura dramatica.

Este genero de composições foi provavelmente *mimado* nos collegios e cessou, segundo parece, cêrca do seculo XIV em França. Os mimos, de que adoptâmos o termo *mimado*, ou representado, designavam a recordação das antigas farças usadas em Roma, em que os auctores se contentavam de esboçar o quadro, e cujas palavras eram improvisadas pelos comediantes. A Italia conservou muito tempo esta tradição, principalmente na veia facil da improvisação popular veneziana, com as suas comedias *dell'arte*, vestigio das *fabulas atellanas* da remota antiguidade latina. [1]

Os mimos, porém, das eras a que nos referimos, e de que encontrâmos o exemplo em quasi toda a eda-de-média, reuniam á acção a palavra.

Por occasião dos recreios do Natal e da Paschoa desempenhavam os estudantes de varias universidades da Europa d'estas peças, quasi sempre debaixo da forma allegorica, a que chamavam *Moralidades*. Isto já nos seculos XIV e XV.

Mas emquanto, pelos meiados do seculo XV, e debaixo da inspiração de homens superiores, como Pedro de Ailly e Gerson, se preparava em França um reviramento decisivo para as fontes da antiguidade, a Inglaterra passou de uma profunda indifferença a um ferveroso zêlo pela litteratura profana. A Allemanha, pelo contrario, abandonou as lettras antigas para se en-

[1] Veja-se a este respeito Ziegler, *De mimis Romanorum*, e Pitiscus, *Antiquitates*, e Magnin, *Les origines du Théâtre moderne*.

Digitized by Google

tregar ás subtilezas da escholastica e ás aberrações do mysticismo.

A Italia, porém, apresenta-nos um facto singular, porque, antes do seculo XVI, em parte alguma da Europa, a não ser em Italia, se encontram exemplos de imitação classica. Todavia, a datar das épochas que percorremos, a imitação em lingua latina do theatro classico começa, com a desenvolução das linguas vulgares, a decahir da sua importancia historica, tornando-se pouco a pouco apenas o passatempo dos estudiosos arredados do mundo activo d'aquelles acontecimentos, que imprimem actualidade aos fructos do espirito, e d'essa mesma desenvolução das linguas vulgares, como um respiro das nacionalidades comprimidas, renascem os elementos da poesia e do theatro popular, que no seculo XV e XVI já haviam adquirido fórmas bem definidas e regulares. E a efflorescencia d'essa actividade poetica havia-se tornado tão vigorosa que até se tinha insinuado nas festividades do culto, com o excesso e irreverencia das grandes exuberancias. A *farcitura* ou *latim farsi* assim o comprova. Já o notámos n'este *Curso*, como o mostram as constituições dos bispados, os concilios, e as bulas de Innocencio III. Isto succedia no seculo XII, o que prova que de longos annos atraz vinham já estes uzos, que não eram outros senão vestigios das representações scenicas dos romanos aproveitados pelo espirito piedoso da edade-média. E em toda a Europa a sua acção foi activa e exuberante, e tão exuberante que em 1548 vemos o parlamento de Paris, indignado pelos desatinos de um genero de theatro, em que a simpleza dos representantes provocava todos os dias a zombaria dos hereges, cada vez mais accessos, que se aproveitavam d'estas occasiões de escandalo, ordenar que o Hospital da Trindade, onde estas representações se effectuavam havia mais de cento e cincoenta annos, volvesse ao seu primitivo destino, e que os *Confrades da Paixão* escolhessem outro local para as suas representações e se abstivessem para o futuro de repro-

Digitized by Google

duzir os episodios do *Velho e Novo Testamento*. Foi desde então que em França se fecharam os theatros religiosos, ou, pelo menos, perderam a sua importancia e fecundidade. [1]

A antiguidade d'este genero theatral é tão remota que no seculo XIII, em 1264, se formou em Roma mesmo, com a denominação de *Compagnia del Gonfalone*, uma sociedade para representar *Mysterios*, e nos primeiros annos do seculo XVI deparâmos em Italia com todas as manifestações do theatro popular, na sua maxima actividade.

E no seculo XIII, em 1275, já em Hispanha, como nação catholica que obedecia ás determinações da egreja, tinham tambem cessado estas representações liturgicas como nol-o prova Moratin, [2] continuando, todavia, em theatros grosseiros, como em tablados, nas feiras, e em casebres, nos povoados. Mas no reinado de Fernando e Izabel o theatro começa a assumir as proporções de uma arte. João de la Encina, com as suas eglogas religiosas e profanas, deu os primeiros passos, compondo algumas em fórma de dialogo, no que não evidenciou grande vigor de creação, pois seguiu apenas ainda o veio de imitação dos idyllios latinos, que tanto se multiplicaram nos seculo XIV e XV. [3]

Em Inglaterra e Allemanha os *Mysterios* tambem andam ligados aos uzos nacionaes e a sua origem deriva das mesmas fontes que nutriram esta creação em toda a edade-media. Mas nos seculos XIV e XV, o theatro em Inglaterra acompanhou as mesmas evoluções do genero operadas em toda a Europa christã, e secularisou-se. N'essa épocha encontrâmos já os poderosos barões inglezes com companhias de comicos estipendiados á sua custa. Ricardo III, sendo ainda duque de Glocester, tinha uma, e Henrique VII, duas.

[1] Baron, *Histoire de l'Art dramatique*.
[2] *Origines del Theatro hispañol*.
[3] Baron, *L'Art dramatique*, cap. XXXV.

Digitized by Google

E da mesma sorte em Allemanha o theatro se desenvolveu com as inspirações religiosas, mas bem depressa assumiu as proporções dramaticas que Baron nos descreve no grande certame do castello de Wartbourg, n'esse *tournoi d'esprit*, como o grande erudito o appellida, na côrte de Hermann, landgrave de Thuringe. «O *singer* Ofterdingen entra na arena com os competidores que o desafiaram. As condições d'este recontro estavam já formuladas. Se Ofterdingen succumbisse, soffreria pena ultima, e a mesma sorte estava reservada, se elle vencesse, aos poetas que o convidaram a campo cerrado. Ofterdingen vae triumphar: já seus adversarios emmudecem diante d'elle: porém a formosa landgrave apparece inopinadamente: elle vê-a, perturba-se e succumbe. Estão já prestes a pôr em obra a execução da fatal sentença, quando a princeza intervem e salva o poeta. Outras provas se seguem e completam o conjuncto d'este certame poetico. [1] »

Vejam se ha pensamento mais poetico e desenvolvido, tão dramaticamente e de accôrdo com os costumes da épocha? O espírito da idade media e o subjectivismo allemão dão este formoso resultado.

Nos seculos seguintes o theatro prosegue nas mesmas evoluções que no restante da Europa, e o sarcasmo medieval insinua-se tambem nas composições scenicas d'aquelle paiz. *Como o diabo casou com uma velha*, de Hans Sachs, fina e satyrica observação de um quadro de festejadas facecias, prova o quanto prevalecia este genero carnavalesco.

Portugal cedeu a esta mesma corrente, no que respeita aos effeitos deduzidos naturalmente da indole e uzos da edade-média.

As representações nas egrejas já existiam no seculo XIV. [2] Nas *Constituições* dos bispados de Evora e do Porto veem referencias a estes factos, prohibindo-os

[1] Baron, *Histoire de l'Art dramatique*, cap. XXXIX.
[2] Vid. J. Soares da Silva, *Memorias* para a vida de D. João I.



Digitized by Google

com penas, d'onde se deduz claramente que o uzo havia degenerado em abuso, o que não podia succeder senão existindo estas representações desde muitos annos antes.

Na *Constituição* de Evora, de 1534, diz-se, por exemplo, que não se façam nas egrejas «nem representações, ainda que sejam da paixão de Nosso Senhor Jesus Christo ou da sua resurreição, ou nascença, porque de taes autos se seguem muitos inconvenientes.»

E na *Constituição* do Porto prohibe-se que nas egrejas, ermidas, ou seus adros se façam «comedias, representações, entremezes ou colloquios profanos,» o que prova que o uso era geral em todo o norte do reino, e assás antigo, porque n'aquella *Constituição* já vemos dar a denominação de *auto* áquellas representações, e a estas de *comedias*, evidenciando-se subsistirem já fórmas definidas, e devendo-se, por conseguinte, presumir verdadeiro progresso de accôrdo com as mesmas regras organicas. E sahindo mesmo do theatro hieratico, encontram-se tambem vestigios do theatro profano, porque em varias poesias do conde de Vimioso se lêem evidentes referencias comprovativas de que já em 1471 existiam em Portugal tentativas dramaticas. Os festejos do tempo de Dom Affonso V são exemplos irrecusaveis.

O nosso designio, deixando correr a penna n'esta divagação, é provar que Gil Vicente, fundando o theatro nacional, no seculo XVI, não imitou: aproveitou os vestigios, e tradições que já existiam. Era homem de lição da antiguidade, porque estudara na Universidade; tinha conhecimento do italiano, do francez, do inglez, e allemão, como prova na comedia, onde compoz em todos estes idiomas. Nada mais natural do que não lhe serem estranhas as diversas litteraturas da Europa, e que, pelo menos, a noticia vaga de seus resultados o viesse fecundar na sua energica elaboração poetica.

Como fica demonstrado, os vestigios scenicos, nos primeiros tempos de Portugal, não eram outra coisa

Digitized by Google

mais de que a corrente, mais ou menos interrompida, das representações liturgicas, filhas directas dos costumes nacionaes, da influencia franceza, e depois da ingleza, ou, para melhor dizer, resultado da simplicidade piedosa da edade-media, em toda a Europa christã. A mescla da *farcitura*, ou orações bi-lingues e em estylo farcista, tanto em moda desde o seculo X, mostra bem claramente que os *Autos* de Gil Vicente obedeciam a uma tradição já formulada e não que criavam um genero completamente novo.

Trigoso, na sua *Memoria sobre o theatro portuguez*, [1] impugna indirectamente este parecer. Escreve elle: «As guerras e perturbações domesticas eram causas bastantes para a nossos maiores desconhecerem inteiramente um genero de litteratura, de que seus antepassados não haviam deixado exemplos nem regras, e que os outros povos da Europa, seus contemporaneos, hum pouco menos barbaros, apenas conhecião e praticavão.»

E logo adiante: — «A caça offerecia-lhes a vantagem de poder destruir as corças, e outros animaes ferozes que infestavam as provincias de Portugal, [2] e a de fortalecerem o corpo para que melhor podessem supportar as fadigas da guerra: as justas e os torneios eram uns arremêdos da mesma guerra. Estes eram os passatempos dos nossos monarchas, e os povos apenas conheciam outros, porque, como dizia hum dos nossos antigos versejadores:

Hos jogos, nojos, plaseres
Costumes, trajes, e leys,
Virtudes, manhas, saberes
e bõs e maos paresceres
Sam segundo querê reys. [3]

[1] *Mem. da Academ.* tom. V, part. I.
[2] Fernão Lopes, *Chron. d'el-Rei Dom Pedro I*; cap. 1, e *Chron. d'el-Rei Dom Fernando*, cap. 99.
[3] Garcia de Rezende, *Miscelanea*.

Digitized by Google

E n'outra parte da citada obra, nos diz o mesmo Garcia de Rezende:

Vimos grandes *judarias*,
Judeos, *guinolas e touras*,
tambê *mouras*, *mourarias*,
seus *bailos*, *galantarias*
de muitas fermosas mouras:
*Sempre nas festas reaes*
Seram os dias principaes
*festa de mouros avia;*
*tambê festa se fazia*
*que não podia ser mais.*

Vimos costume bem cham
nos reys ser esta maneira
corpo de Deos, San Joam
aver *canas*, *procissam*,
aos domingos carreira,
cavalgar pela cidade
com muyta solemnidade,
ver correr, saltar, luctar,
*dançar*, caçar, montear
em seus tempos e hidade.

Aqui temos o mesmo Garcia de Rezende, citado por Trigoso, a provar o contrario do que observa o erudito auctor da *Memoria* apontada. O praser da caça seria effectivamente o passatempo habitual de alguns dos nossos reis e de parte da nobreza, mas não se póde affirmar isso absolutamente. Dom Affonso Henriques era um principe erudito e em quem predominavam decerto muitas influencias do caracter e educação franceza. Dom Sancho II, e sobretudo Dom Affonso III, abriram as suas côrtes aos certamens da poesia dos trovadores. Foi no reinado d'este ultimo soberano a quadra florescente de poesia provençal portugueza. O *Cancioneiro do Collegio dos Nobres* lá está para o attestar. A ado-

Digitized by Google

pção dos *bobos*, n'esse mesmo tempo, evidente introducção dos uzos francezes, induz a crêr que outras tradições do feudalismo sumptuario, como as representações nos paços e solares, teriam logar, debaixo de qualquer fórma. Quanto aos dramas hieraticos, d'esses não ha que duvidar, pois nos apparecem attestados em documentos, que provam ser a sua antiguidade assás remota, porque os documentos referem-se a um periodo de excesso, o que necessariamente não póde ser já senão depois de longa duração. Alem disto, temos tambem os proprios chronistas a descreverem os festejos das côrtes de Dom Affonso V e de Dom João II, onde as representações scenicas se apresentam sumptuosas, e com caracter nacional e de habitual etiqueta no paço, accusando, por conseguinte, procedencia assás remota.

O grande merito, portanto, de Gil Vicente consiste em ter-se apropriado de todos os elementos e imprimir-lhes a sua individualidade. Esta ninguem lh'a póde questionar, porque deriva dos dotes do seu caracter franco e isento, da natureza do seu talento lyrico e profundamente impressionavel das tradições nacionaes, e das condições peculiares do tempo em que viveu. Foi satyrico, mas profundamente moralista; e póde affirmar-se que se aproveitou da arte para apostolar os seus principios.

A primeira revelação dramatica de Gil Vicente é o *Monologo do Vaqueiro*, representado na camara da rainha Dona Maria, estando ainda de regimento de parto do principe Dom João, depois rei. Esta rainha apreciava em extremo estes passatempos, com que fôra creada na faustosa côrte de seus paes, os monarchas catholicos Fernando e Izabel, de Castella. Dom Manuel, que ambicionava competir nas pompas e festejos com o fausto das mais sumptuosas côrtes da Europa, havia reunido nos serões de seus paços da Ribeira, Evora e Alcaçova, os encantos da poesia, da musica e da dança, com as ostentações do luxo allemão, e a gentilleza dos costumes italianos, com o que solemnisava o nas-

Digitized by Google

cimento dos infantes, distrahia-se dos cuidados da governança, e afugentava os temores das pestes que tanto attribularam o reino n'aquelle seculo, tão calamitoso para as classes populares. A fama das grandezas do soberano portuguez tornára celebrado o seu nome em todas as côrtes da Europa, o que fez escrever a Sá de Miranda estes versos, em que a saudade se accende ainda no antigo enthusiasmo:

Os momos, os serões de Portugal,
Tão fallados no mundo, onde são idos,
E as graças temperadas de seu sal! [1]

E esta fama resultou principalmente da magnificencia e altivez dos usos portuguezes n'esse periodo de ostentação. Chegou a dispertar uma especie de certame de competencia entre as mais celebradas côrtes da Europa.

Foram prodigiosos os festejos com que Leão X acolhêra a famosa embaixada de Portugal que enviava ao Papa as páreas do Oriente, em celebração da descoberta da India.

Tornaram-se proverbiaes as sumptuosidades praticadas de um e outro lado. Até o celebre Torres Navarro representou em Roma a sua comedia *Troféa*, na presença do embaixador Tristão da Cunha, em que era exaltada a fama victoriosa do genio conquistador dos portuguezes.

A litteratura hispanhola tambem levára a sua influencia até áquella côrte, como já tinha derramado o contacto dos seus proprios uzos e costumes nas outras côrtes da Europa. Essa influencia estava então no vigor da sua actividade em Portugal. Dom Manuel até já tinha admittido no seu paço os chocarreiros castelhanos, por comprazer com sua mulher, e mais folguedos para lhe alliviar saudades da patria; e é d'esta circum-

[1] Carta 6.ª

Digitized by Google

stancia que derivou seguramente uma das correntes mais predominantes da adopção da eschola hispanhola, e do mesmo idioma castelhano na poesia e até na prosa. O proprio Gil Vicente, o mais nacional de todos os nossos poetas, não pôde esquivar-se a tal monomania, pois só d'esta sorte se explica o vermos trinta e cinco das suas peças escriptas em hispanhol, no todo ou em parte. Eram compostas para uma côrte onde tudo vestia, uzava e pensava á castelhana e com o designio expresso de alegrarem as solemnidades do paço. Além de que, como elle mesmo dizia:

Porque queen quiser fingir,
Na Castelhana linguagem
Achará quanto pedir.

Mas o motivo capital era porque Gil Vicente tinha de escrever para ser ouvido e apreciado por auditorio, onde figuravam raínhas e embaixadores de Castella. Era constrangido a deixar a lingua patria. E não obstante estas contrariedades, Gil Vicente soube reagir contra taes peias, pois apesar de escriptas em idioma estranho e chamadas a preencher uma parte dos serões do paço, como thema obrigado, nunca dos bicos da penna de poeta nosso sahiram producções mais nacionaes, pelo espirito que individualisa todos os elementos ainda os mais adversos, e pelo desassombro das ousadias sempre bebidas em genuinas fontes populares, ou armadas da força de uma tradição, de um uzo, de uma feição, n'uma palavra, do caracter da épocha. Sobretudo, a ejaculação da sua veia comica sobresahe pelo impulso de justiça e verdade que lhe dão força e auctoridade aos seus motejos. Gil Vicente diz tudo, na presença da côrte, aos fidalgos, aos padres, e aos altos funccionarios da justiça, e ainda os obriga a rirem dos proprios defeitos. Este dote, verdadeiramente aristophanico, ninguem lh'o póde contestar. E é esta a feição proeminente da sua individualidade comica. No *Juiz da*

Digitized by Google

*Beira*, por exemplo, criva de settas um pobre juiz que nem percebe os casos que lhe apontam, nem os textos da lei que lhes devem ser applicados; na *Floresta de enganos* é tambem uma rapariga que seduz o Doutor Justiça; no *Auto da Luzitania*, o poeta, que sae de extracção fidalga, faz-se filho de um *albardeiro*, visivel epigramma aos nobres pobretões e caloteiros que o rodeiam; na *Fragoa de Amor* traspassa de tiros certeiros o partido clerical, pela hypocrisia, espirito de intriga, e defeitos provados que o desauctorisam; no *Sermão* prégado em Santarem, ajunta os frades no claustro do convento de Sam Francisco, e exordêa assim:

Muy receboso de gente malina
A mis detractores demando pardon,

e depois com textos biblicos lhes comprova o quanto elles illudiam o povo, quando se queriam inculcar prophetas; no outro *Sermão*, tão celebrado, prégado em Abrantes, desenvolve os mais audazes principios da Reforma, rebatendo as intrigas, aleives e calumnias monasticas que degeneram contra elle quasi em dilacção abjecta; na *Fragoa de Amor*, quer um frade desfradar-se e diz:

Somos mais frades que a terra
Sem conto na Christandade.

E o mesmo frade entra após algumas scenas, com um sacco de carvão para ser *refundido*. No *Auto da Feira* apparece Mercurio, e abre a feira com estes versos:

E por quanto nunca vi
Na côrte de Portugal
Feira em dia de Natal,
Ordeno uma feira aqui
Para todos em geral.

Digitized by Google

E logo mais adiante:

Oh Roma, sempre vi lá
Que matas peccados cá,
E deixas viver os teus.

No *Triumpho do Inverno* ouve-se tambem a celebrada satyra aos pilotos que andavam nos galeões da India, protegidos pelo nepotismo palaciano:

Esta é huma errada
Que mil erros traz comsigo
Officio de tanto p'rigo
Dar-se a quem não sabe nada.

E n'outra comedia, emfim, apparece-nos um certo Frei Paço, allusão satyrica ao espirito de clerezia que se insinuara no animo de Dom João III, e nos principaes potentados da sua côrte.

Realmente, quando se considera que era n'esta quadra de abusivas influencias fanaticas, que o poeta tornava a sua penna em cortante escalpello, com que ia dissecando as fibras ruins d'esse corpo gangrenado, muito nos enche de assombro tanta isenção e arrojo de verdade!

E quando a zombaria tinha de ferir alvo arreceavel, por figurar alto ou se firmar em potentes alicerces, o engenho inventivo do grande comico soccorria-se á allegoria. As personificações grutescas accendiam-lhe a audacia e facilitavam-lhe a irresponsabilidade dos maiores atrevimentos da critica. O diabo, o peccado dizia tudo, apostrophava contra todos os defeitos do tempo, embora depois fosse fustigado, escorraçado, fulminado. A sentença moral da censura lá se tinha insinuado no auditorio, e entre gargalhadas e apôdos, que é como ella se radica e perdura mais. E outras vezes, mesmo coagido pelos themas impostos, e contanto com os espectadores que eram principes e cortezãos, por-

Digitized by Google

que as suas comedias não as representavam diante do povo, mas em presença da familia real, dos embaixadores e dos fidalgos, lograva compor obras verdadeiramente apreciaveis, mesmo debaixo do aspecto de arte, como por exemplo a *Ignez Pereira*, comedia feita sobre o proverbio *Mais quero asno que me leve, que cavallo que me derrube*. Esta comedia assumiu a valia de um exame. O partido monachal, que o aborrecia de morte pelas suas vaias insistentes á glotoneria e mazorrice dos frades, movia-lhe crua guerra, de que o salvava sempre, com a sua intervenção veneranda, a rainha velha, Dona Leonor, viuva de Dom João II, que muito folgava de o ouvir, e protegia. Os eruditos tambem se haviam conjurado contra elle em guerra surda, qualificando de rasteiras e chulas as suas obras. A malevolencia de seus adversarios já lhe tinha até negado a originalidade ás suas comedias, attribuindo-as a seu filho, tambem do mesmo nome Gil Vicente, e a sua filha Paula Vicente, donzella estudiosa com quem o figuravam em despeitos continuos e indignos; e ainda não cansada de insidias deitou voz e fama de que era absolutamente duvidosa a paternidade de todas as suas obras.

A desforra do poeta foi estrondosa. E' já sobremaneira epigrammatica a redacção de que Gil Vicente se serve na rubrica de *Ignez Pereira* para classificar seus detractores: chamava-lhes *certos homens de bom saber!... De bom saber!* Que fina ironia n'esta phrase! epigramma que já perfura de lado a lado os pseudo Aristarchos e os expõe em pelourinho de eterno ridiculo.

O caso passou-se assim: a rubrica inicial da peça põe-no em resumo: reza d'esta sorte: — «O seu argumento he que, por quanto duvidavam certos homens *de bom saber*, se o auctor fazia de si mesmo estas obras, *ou se as furtava d'outros auctores*, lhe deram este thema sobre que fizesse: s. hum exemplo commum, que dizem: Mais quero asno que me leve, que cavallo que me derrube. *E sobre este motivo se fez esta farça.*»

Digitized by Google

Vê-se por aqui o quanto armou a calumnia: accusou-o de furtar o que era fructo legitimo do seu engenho. A indignação do poeta subiu até aos degráos do throno. Gil Vicente queixou-se a Dom João III, e pediu que para seu desaggravo, confusão dos inimigos, e desengano de todos, lhe dessem thema apropositado com que podesse urdir uma farça de folgar. Foi-lhe dado o annexim referido.

A peça compoz-se; o dia para a representação foi aprasado e o rei assistiu a ella no convento de Thomar.

Teve um triumpho completo. O poeta, d'esta vez, com quanto ainda apertado pela indole do thema, desillaqueou-se das obrigadas allegorias com que mascarava as suas melhores concepções, e teceu uma chistosa comedia de caracteres, por titulo *Ignez Pereira*, e assim amordaçou por algum tempo a calumnia.

Mas as obras de Gil Vicente, depois do grande exemplo que as classifica como verdadeira instituição do nosso theatro, valem sobretudo como vigoroso passo dado para a fundação da eschola nacional, e como riquissima consubstanciação de todos os elementos moraes e sobretudo poeticos da edade-média portugueza, pois n'ellas se conteem as tradições mais populares e caracteristicas, como superstições, mythos, legendas, as formas poeticas, como os *hymnos farsis*, as *lôas*, *villancicos*, *barcas*, as suas licenças e desregramentos, os seus usos e abusos originaes, emfim toda essa quadra, na sua intimidade moral, e exterior extravagante, o que constitue um valioso peculio para o ethnologo, para o historiador e para o moralista.

O theatro d'este homem notavel compõe-se de quarenta e quatro peças, entre *autos*, *tragicomedias* e *comedias*. Até n'esta classificação elle mostra obedecer a uma tradição, porque corresponde exactamente aos diversos generos de producções do theatro hieratico e popular, conhecidos já nos primeiros seculos do periodo medievico.[1] Os autos são inquestionavelmente as suas

[1] Vid. a respeito do theatro na edade-média *Origines du Théâ-*

Digitized by Google

melhores producções, tirando uma ou outra excepção. Porém em todas ellas sobresahe o natural jacto de sua veia comica, fundo inquestionavel de observação, apreciaveis dotes de moralista, e formosos vôos de talento lyrico. O seu theatro, como expressão litteraria, é o espelho d'aquelles tempos, e os reinados de Dom Manuel e Dom João III, reflectem-se cheios de vida mais genuinamente em todas as suas scenas do que nas chronicas de Garcia de Rezende. A originalidade, que os infamadores coevos tentaram negar-lhe, é o mais poderoso dote do seu talento. Gil Vicente revela sempre alguma parte da sua individualidade, mesmo imitando ou cedendo á pressão dos themas forçados. Os chistes de que elle apimenta as fallas de seus personagens, a intenção moral que elle põe nas suas creações, são resultado fecundo de seus dotes creadores. Mesmo multiplicando, para as mesmas festividades religiosas ou festejos reaes a solemnidade theatral que lhe era encommendada, achava sempre meios de se não repetir. Lêam-se o *Auto da Sybilla Cassandra*, o *Auto da Fé*, o *Auto dos Quatro tempos*, todos da Vigilia do Natal e a *Romagem dos aggravados*, o *Triumpho do Inferno* e o *Auto da Luzitania* para celebrar o nascimento dos principes e infantes, e sondar-se-ha bem então todo o fundo de recursos d'aquelle homem admiravel.

Bouterweck e Sismondi avaliam mal o seu merito, pois que citam o peior de seus trabalhos, sem comtudo deixarem de apreciar, em geral, as suas obras. «A soltura da phrase, e a falta de gosto, diz o fallecido auctor do *Alfagema*, são defeitos do seculo; o engenho que d'ahi transparece é do homem grande de todas as épochas.[1]

O grande exemplo dado por Gil Vicente não foi semente infecunda; fructificou e mais fructificaria se não fossem as resistencias que soffreu em vida, e a perseguição de que a custo triumphou a maravilhosa vi-

*tro moderne* de Magnin, e *Études sur les Mystères*, por Le Roy.

[1] *Hist. da Ling. e da Poes. Portugueza*, pag. 179.

Digitized by Google

talidade do seu talento, estribado em duas grandes forças, no amor da justiça, que avigorava todos os seus sentimentos, e na franqueza do seu caracter, cuja espontaneidade se revela no arrojo das suas creações comicas, ponderando-se qual foi a épocha em que escreveu, quanto ás influencias moraes, principalmente no reinado de Dom João III. O infante Dom Luiz, com a sua comedia *Los Turcos* e *Auto dos Captivos*, Affonso Alvares, com os seus Autos de *Santa Barbara* e *San Thiago*, Antonio Ribeiro Chiado, com o seu *Gonsalo Chambão*, e o *Auto da Natural Invenção*, Jeronymo Ribeiro com o *Auto do Physico*, Antonio Prestes com o *Auto da Ave Maria*, Anrique Lopes, com a sua *Cena Policiana*, são uma ramificação desta familia de vocações dramaticas, cujo progenitor illustre é Gil Vicente. Mesmo Camões, que no assumpto dos *Amphytriões* imita Plauto, e que no *Filodemo* já obedece á influencia italiana, pela fórma que dá no seu theatro á redondilha popular, vae buscar um parentesco proximo ao fundador do theatro portuguez. Outro tanto se póde dizer de Jorge Pinto, que mesmo participando da influencia castelhana, ainda se perfilha na eschola nacional, assim como Balthazar Dias, o auctor dos *Autos de Santo Aleixo*, desse malaventurado cego tão impressionado das nossas desventuras, que egualmente se inspira dos modêlos hispanhoes, mas que pela forma do verso e lyrismo se aproxima das tradições do theatro de Gil Vicente. Simão Machado, esse representa o predominio da eschola hispanhola, como Jorge Ferreira de Vasconcellos os primeiros ensaios victoriosos da influencia italiana. A *Eufrosina*, lida na côrte de Dom João III, e ahi acolhida com enthusiasmo pelos partidarios da eschola erudita, que na copia dos autores italianos refrescavam o desejo de reproducção do theatro antigo, é o preludio dos esforços dos *homens de bom saber*, como com adoravel ironia os baptisou o genio sarcastico de Gil Vicente, referindo-se aos sectarios do gosto italiano e pedantesco classismo, inaugurados pe-

Digitized by Google

lo movimento da renascença, á testa do qual vemos logo depois Sá de Miranda.

O appellidado espirito culto, ou eschola classica, sorria desdenhosa dos velhos *Mysterios e Moralidades*, d'essas chamadas rudes velharias de eras ainda mais rudes. Gil Vicente era invectivado pelos eruditos. O que fôra uma fórma universal de toda a Europa, no periodo medievico, era arguido ao grande comico das côrtes de Dom Manuel e Dom João III. O pensamento do theatro lithurgico imputavam-lh'o como impiedade e irreverencia. E' o proprio Sá de Miranda que o diz n'esta quintilha, pondo a idéa nos serões do paço:

Que troca, vêr lá Pasquinos
Desta terra cento a cento,
Quem o vee, sem sentimento,
*Tratar os livros divinos*
*Com tal desacatamento!*

Era decerto Gil Vicente que tratava com desacatamento os livros divinos nos seus autos. A aleivosia não podia ser mais calumniosa. O pobre poeta carregava com os defeitos da singeleza de sentir de uma edade em que o sentimento religioso se afervorava nos raptos do lyrismo popular. A frieza e pautado da eschola classica devia triumphar d'estas extravagancias, e triumphou. Os desgostos e tanta perseguição injusta abreviaram os dias do velho comediante: as soberbas dos eruditos e as insidias monasticas venceram. Gil Vicente morreu, e a influencia italiana predominou.

Sá de Miranda é o apostolo e evangelisador d'esta eschola. Voltando da sua viagem á Italia, onde tratou com os eruditos mais celebrados, como Lactanzio Tolomei e Ruscelai, consagrou-se a tornar conhecida, com exemplos proprios, a poesia que tanto o enlevara. As *canzoni* de Sannazarro, as *Assolani* do cardeal Bembo, as peripecias maravilhosas do *Orlando* de Ariosto e Boiardo, haviam fascinado o douto jurisconsulto que

Digitized by Google

tão de perto apreciara a resurreição dos monumentos da antiguidade no grande movimento da renascença. O influxo de Petrarcha e Dante, que, como um raio espiritualista, atravessou, illuminando-a, a sensualidade d'este alvoroço despertado pelas bellezas da poesia e arte pagã, mais concorrera para o ideal d'esta litteratura lhe dominar a imaginação. Na Hispanha já Garcilasso e Boscan haviam procurado afinar as suas eglogas pelo suave suspirar do estro italiano. Bernardim Ribeiro fôra, entre nós, o continuador na Peninsula. Porém, as desventuras do auctor da *Menina e Moza* tinham-lhe affagado a inspiração em lagrymas, e estas magoas como que se haviam apoderado da côrte de el-rei Dom Manuel. E' o proprio Sá de Miranda que assim o confirma. Aquelles serões do paço, tão recreativos pelos famosos certames poeticos e enlêvo de agradaveis passatempos, tinham desapparecido.

.....os serões de Portugal,
Tão fallados no mundo, onde são idos,
E as graças temperadas de seu sal?

E' esta a pergunta do poeta.

Em volta de Sá de Miranda haviam-se agrupado os mancebos poetas do tempo, Caminha, Bernardes, Jorge de Monte-Maior e Ferreira, que, attrahidos pela luz da celebridade do mestre, anciavam por dirigir os passos pelas novas sendas por elle indicadas. A opposição dos sectarios da eschola hispanhola ainda foi poderosa: esta era a mais popular, porque a fórma por ella preferida para as suas composições, que era a redondilha maior, era mais uma fórma naturalmente peninsular, do que exclusiva do estro castelhano.

Os eruditos, que compunham em latim, por despresarem a lingua, tambem se apresentavam como adversarios indirectos de toda a innovação que não fossem as lettras classicas puras. Triste condição de uma litteratura, em que o primeiro esforço era desdenhar o idioma que devêra ser a sua base e expressão! E' a este negregado

Digitized by Google

exemplo que devemos ver a nossa lingua desfraudada de uma *Diana* de Jorge Monte-Maior. Outros resultados analogos prejudicaram a nossa litteratura, e, porfim, quasi se ia dando na perda da mesma lingua.

N'este triste conflicto o papel do doutor Antonio Ferreira é dos mais sympaticos e prestantes em favor da litteratura nacional. Versado nos bons exemplares da antiguidade; vendo na renascença uma justa recordação do melhor d'esses mesmos exemplares, não se bandeou para nenhum dos campos intransigentes: não escreveu nem em hispanhol nem em latim. Não hesitou, como o proprio Sá de Miranda, que escreveu em castelhano e portuguez, e depois tambem Camões, que, obedecendo á moda da épocha, cede a essa preplexidade.

Ferreira é o unico da famosa pleiada que toma uma posição definitiva: escreveu na lingua patria, e para evidenciar os poderosos recursos que a sua penna erudita já enthesourava, dispensa o artificio illusorio da rima, e compõe o seu melhor poema, o *Castro*, em verso branco heroico. A sua significação, n'este periodo, é o do talento que se fecunda nas fontes da erudição da renascença, e amontoa thesouros de vernaculidade e locução poetica para as obras com que enriquece a litteratura portugueza.

Ah! Ferreira! dirão da lingua amigo!

diz elle com entranhada convicção dos serviços que fazia á patria. E bem certo estava elle d'isso, quando, apurando já o idioma, e encadeando-o em versos admiraveis de concisão e vigoroso conceito, exclamava:

Floresça, fale, cante, ouça-se e viva
A portugueza lingua, e já onde fôr
Senhora vá de si, soberba e altiva!

Sublime apostrophe, que resume o panegyrico da lingua, e o panegyrico da missão do poeta a quem

Digitized by Google

a musa dos altos espiritos patrioticos inspirou tão grande terceto.

Esta quadra chega quasi a mover as sympathias resultantes de uma suave confraternidade litteraria, a julgal-a sincera, e não simples pretexto para a publicidade, embora em circulo estreito, do talento litterario. Bernardes, nas amenas veigas do Lima, entretem-se em suaves correspondencias com Caminha: Sá de Miranda escreve *Cartas* na Quinta da Tapada, aprasivel cenaculo, onde eram lidas e apreciadas as composições poeticas contemporaneas, facto importante a que devemos porventura o ser-nos transmittido este capitulo completo da historia litteraria d'aquelle tempo, em que vemos Sá de Miranda exercendo sobre todos os poetas um imperio, que recorda a influencia de Boileau na quadra poetica de Luiz XIV, e dois seculos depois Philinto Elysio entre nós. Esta influencia, deveu-a mais á novidade do espirito da poesia proclamada, e á auctoridade do seu nome, do que ao poder do seu estro. Os mesmos metros, que se dizem italianos e introduzidos por elle, já eram conhecidos na Peninsula do uso dos provençaes, que os imitaram dos arabes.

No tocante a artificio metrico e variedade rythmica, nada se póde produzir que não fosse adoptado por aquelles poetas. O poema do *Cid*, o de *Alexandre*, e infinitas coplas do *Cancioneiro do Collegio dos Nobres*, tudo é composto no denominado verso hendecasyllabo. E d'esta mesma recordação, que se não póde chamar outra cousa, pouco lhe deve o parnaso portuguez, porque, como observa o visconde de Almeida Garrett, (1) nem jámais egualou «em composições hendecasyllabas, a pureza, a correcção, a naturalidade e sublime simplicidade de suas redondilhas nas epistolas, que são hoje o *seu maior e quasi unico titulo de gloria.*» As suas eglogas são frias, e os sonetos estão longe de encerrar as bellezas d'aquella difficil natureza de poemas.

(1) *Historia da lingua e da poesia portugueza.*



Digitized by Google

Nas comedias os *Estrangeiros* e *Vilhalpandos* tentou introduzir a reforma que introduzira na poesia lyrica, como o declara no prologo da sua primeira comedia, onde a personificação da arte dramatica se queixa dos *barbaros* lhe haverem mudado o nome de *comedia* em *auto*; mas a imitação dos costumes, personagens e local, tudo estranho, destitue do interesse natural a composição.

Sá de Miranda não logrou desfazer, nem mesmo annular a grande obra de Gil Vicente. Que eram essas pallidas tentativas, mescla do theatro classico e dos costumes italianos, para antepôr ao monumento erguido pelo genio do velho comediante, em que transpira o espirito nacional da edade-média? O Plauto portuguez continuou a ser apreciado na côrte de Dom João III, e apesar do Cardeal Dom Henrique, sectario da influencia classica (como padre), mandar representar os *Estrangeiros* e os *Vilhalpandos*, essas insulsas e defeituosas comedias de Sá de Miranda, (1) Dom Sebastião, ainda creança, recreava-se com os autos de Gil Vicente, que os jesuitas aporfiavam em lhe prohibir. Os jesuitas já a este tempo tinham estabelecido uma especie de certames, em seus conventos, em que os proprios padres da companhia, e até os estudantes á compita compunham e representavam tragicomedias imitadas de Terencio e Plauto, com o fim de distrahir o gosto dos espectaculos de Gil Vicente.

Estas imitações importavam tambem um ensaio de boa latinidade nos dois mezes de férias na vida escolar.

Era este o resultado do impulso dado por Sá de Miranda, que Garrett, n'estes termos, qualifica de funesto: — «O effeito d'estas composições (*Os Estrangeiros* e *Vilhalpandos*), aliás preciosas, *foi funesto:* os litteratos enjoaram-se (e com rasão) do theatro nacional, e não se deram a corrigil-o e melhoral-o: o publico preferia (e com rasão tambem) aquelle com que fôra creado, e

(1) *Hist. da lingua e da poesia portugueza, pag. 183.*

Digitized by Google

que o interessava, e que o divertia, e antes queria rir com as grosserias dos autos populares, que bocejar e adormecer-se com as finuras da arte e correcções d'essas comedias, que, tudo tinham, menos interesse, onde todo o espirito havia, menos o nacional.»

A influencia italiana quebrou pois o veio do theatro nacional, fundado por Gil Vicente, e seus imitadores, e não deixou de si senão a memoria de varias tentativas eruditas. Eram comedias para serem lidas pelos estudiosos e não para as vêr representar o povo. Nada possuiam de nacional. Não passavam de imitações, e insulsas, de Menandro, Terencio e Plauto. Exceptuem-se os *Amphytriões* de Camões, onde ha dialogos chistosos e situações de um comico menos mal procurado, com quanto Francisco Gomes, e talvez com razão, absolutamente, negue a veia comica ao seu auctor.

A *Castro* é, porém, a obra immortal de Ferreira. Por este mesmo tempo, e alguns annos antes, os naturaes effeitos da renascença haviam dispertado o gosto vivo do theatro antigo e produzido varias tragedias. Em Italia a *Sophonisba* de Trissino, publicada em 1524, adquirira a preeminencia. Assevera Baron, (1) que antes de esta data outra *Sophonisba* existia já, de Galleoto del Corretto, a qual tinha sido apresentada em 1502 á marqueza de Mantua; e que mais duas tragedias, uma intitulada *Pamphilia*, de Antonio Pistoya, apparecêra impressa em Veneza em 1508, e outra com o titulo de *Rosmunda*, cujo auctor era Ruccellai, havia sido representada em Florença, em 1515. Mas o proprio Ruccellai reconhece que a *Sophonisba* do seu amigo Trissino, dedicada a Leão X, no mesmo anno, precedêra a sua obra e lhe inspirára a idéa. Com este testemunho, e apezar das pretenções que se possam erguer em favor de Carretto Pistoya, Trissino é universalmente considerado como o mais antigo escriptor tragico da Italia. Porém, a *Sophonisba*, remodelada sobre Euripedes

(1) *Hist. de l'Art Dramat.*

Digitized by Google

e Seneca, pertence á eterna série de ensaios eruditos, que tanto depois se multiplicaram com a denominação de theatro classico.

Em França, Jodelle tambem apresentou, em 1552, a sua *Cleopatra Captiva*, mas a importancia tragica d'esta composição exemplifica-se cabalmente na reproducção d'esta scena ridicula, em que a rainha, trahida por uma das suas escravas, a arrasta pelos cabellos e a esbofeteia, com o exaspero de uma bacchante, o que leva Augusto a exclamar:

.... Oh! quel grinçant courage!
Mais rien n'est plus furieux qui la rage
D'un coeur de femme. E hi bien donc, Cléopâtre,
N'êtes-vous já sadule de le battre?

A tragedia de *Dido*, do mesmo auctor, a *Medéa* de La Perusse, o *Agmenon* de Tontain, *A morte de Cesar* de Grevin, o *Alexandre* de Jacques de La Taille, o *Achilles*, e a *Lucrecia* de Tillecel, e ainda outras mais remotas representadas de 1552 a 1566, nada mais significam do que os esforços da erudição, tentando reproduzir os modélos antigos.

Não é facil deparar-se-nos desvairamento que mais rebaixe a gravidade tragica e a faça cahir nos lances de farça.

A tragedia de Ferreira é a primeira composição dramatica moderna que reproduz o que existia de mais sublime e pathetico n'um quadro de historia nacional. Os infortunados amores de Dona Ignez de Castro, d'aquella formosura peregrina que ficou consagrada na historia como a Maria Stuart, encontraram um interprete eloquente, em toda a angustiosa lucta do affecto que lhe fôra tão fatal. Ferreira não teve modêlo para emoldurar na scena esta angustiosa catastrophe senão na revelação do segredo das paixões humanas. Nada na antiguidade lhe poude servir de guia a este affecto mallogrado pelo assassinio covarde, que achou échos em

Digitized by Google

todas as litteraturas e magoas sinceras em todos os leitores. Só uma inspiração da verdadeira indole tragica lhe poderia segredar este clamor angustioso á misera amante, quando o côro lhe dá a nova da terrivel sentença:

E' morto o meu senhor, o meu infante?!...

E o brado de desabafo intimo com que irrompe o rei Dom Affonso, o monarcha infeliz no seio d'aquella lucta de irreconciliaveis sentimentos:

Ah vida felicissima a que vive
O pobre lavrador lá no seu campo!

Os coros reputa-os Garrett superiores a todos os exemplares da antiguidade.

Pena é que, para maior perfeição d'esta tragedia, não lhe evitasse o auctor erros tão capitaes, como, por exemplo, não ter uma scena em que os amantes se avistem, ou não se patentear de parte do infante nenhum esforço para salvar a Dona Ignez, o que lhe deveria proporcionar formosas situações dramaticas. A versificação, por vezes, é tambem dura e prosaica, posto que haja fallas em que mana mais fluente, e se mantenha á altura do pensamento tragico.

A originalidade d'esta tragedia já foi duvidada. Como na questão do *Amadiz*, tambem se hesitou se era obra portugueza, ou de um escriptor hispanhol. Em Hispanha appareceram, pela mesma épocha, duas tragedias de frei Jeronymo Bermudes, conhecido pelo pseudonymo de Antonio da Silva, cujo assumpto eram os amores e morte de Dona Ignez e o julgamento de seus matadores; uma intitulava-se *La Nize Lastimosa*, e a outra *Nize Laureada*, as quaes foram impressas em 1577. A *Castro* de Ferreira só a deram á estampa em 1598. Estes factos depunham decerto contra a originalidade da tragedia portugueza, mas a boa fé de outro his-

Digitized by Google

panhol e assás de auctoridade pelo nome que deixou, resolve a questão de modo que não deixa argumento contra nós. É o sr. Martinez de La Rosa, que assim se exprime: —«Diré lo que me parece á cêrca de esta cuestion, sin engolfarme en ella, pero con llaneza y lisura: la *Nize Lastimosa* se imprimió em Madrid em 1577, y aun se sabe que estava escripta y dedicada dos años antes; y la tragedia portugueza, titulada *Castro*, no se imprimió hasta mas de veinte años despues, en el de 1598, pero como el autor de esta ultima hubiese muerto mucho tiempo habia (en 1569), es evidente que antes de esa época estaba compuesta su obra, aun que tardase tanto en publicarse. Consta por otra parte, que el monge Bermudes, de nacion gallego, residió algun tiempo en Portugal; pude muy bien tratar alli á un humanista de tanto nombre como Ferreira; y aunque pudiera disputarse cual dellos mostrára al otro su composicion manuscrita, y aun alegarse a favor del español la anticipacion en publicarla, debo manifestar de buena fé que, cotejando entrambas obras, me parece que se descubre en la portugueza el verdadero original.» (1)

Não póde haver duvida sobre isto, porque foi o mesmo Bermudes, cujo plagiato poz em duvida a originalidade da tragedia de Ferreira, que forneceu a prova da condemnação contra si. O inconsiderado frade arriscou-se a compor segunda tragedia, a *Nise Laureada*, e essa patenteou a medida do apoucado talento do auctor, por onde se rastrea que esta é a original, e a primeira apenas uma imitação. Na segunda não teve modêlo e por isso cahiu.

No entanto, importa confessar a verdade: o fructo de todas estas luctas, da escóla hispanhola, da influencia italiana e do classismo, foi não possuirmos originalidade nos seculos XV e XVI. Todos, mais ou menos, se inspiravam nas escholas estranhas, desprezando os

(1) *Obras poet. y litt. de D. Francisco Martinez de la Rosa. Tom. I.*

Digitized by Google

nativos mananciaes da inspiração nacional. Estudava-se e estudava-se muito, porém a base de todo o estudo era as chamadas humanidades, e o maximo resultado theologos e humanistas. E' admiravel o numero de homens eminentes que sahiram a estudar nas mais celebradas universidades da Europa, e que depois, pelo seu talento e sabedoria, foram convidados a occupar cadeiras de diversas faculdades. Ufana realmente percorrer com os olhos essa vasta e honrosa lista de portuguezes doutos que assim afamaram a patria. Nas universidades de Paris, de Salamanca, de Bordeaux, de Tolosa, de Monpellier, de Grenoble, de Poitou, de Alcalá, de Valladolid, de Gandia, de Roma, de Bolonha, de Palermo, de Napoles, de Padua, de Lovaina, de Ferrara, n'uma palavra, nos institutos mais proclamados de Italia, de França, e de Hispanha, o ensino scientifico e litterario viu-se representado por sabios nossos. (1) O impulso da renascença, tão activo, e diffundido entre nós, pelos estudos mathematicos implantados pelo infante Dom Henrique, pela acção fecunda das longas viagens e descobrimentos maritimos que nos attrahiram relações commerciaes das potencias mais adiantadas em industria, influxo dos governos illustrados de Dom João II, e depois de seus dois successores, que herdaram tantos elementos de prosperidade, por terem ensejo azado para os colher e fazer fructificar, todo este conjuncto de circumstancias constituiram a base dos melhoramentos que vimos desenvolver-se, e que predispozeram a larga esphera de applicação ás lettras, ás sciencias e artes, principalmente á architectura, como o prova o caracter verdadeiramente nacional que esta assumiu com a designação de *estylo manuelino*. Do estimulo d'este grande desenvolvimento dos estudos litterarios e scientificos nas nações estrangeiras resultou tambem o

*(1) Quem quizer conhecer a numerosa relação d'estes homens benemeritos, recorra á obra de Freire de Carvalho, já citada, pag. 95, 96, 97.*

Digitized by Google

pensamento da reforma da Universidade a Dom Manuel, que lhe deu novos estatutos e lhe accrescentou novas cadeiras. (1) N'esta providencia obedeceu já ás indicações mais illustradas do tempo, pois junto com a cadeira de vespera de Theologia, criou outras de philosohia moral, de astronomia, e mandou edificar escholas para curso das artes e sciencias, que depois deixaram de si o nome de *Escholas Geraes*. (2)

O exemplo foi adoptado por seu filho, que transferiu de todo a universidade para Coimbra, em 1537, retirando-a da côrte como local que facilmente distrahia de suas cogitações o espirito estudioso, e que lhe augmentou o numero de faculdades, chamando para as reger os mais illustrados sabios portuguezes e estrangeiros, que faziam o lustre das universidades verdadeiramente celebres da Europa. Diogo de Teive, Antonio de Gouvêa, e Buchanan foram convidados a vir ensinar em Coimbra. Diogo de Gouvêa regia então o collegio de Santa Barbara em Paris; e Antonio Gouvêa leccionava em Avinhão, Tolosa e no Piemonte: Ayres Barbosa, que teve por mestre a Angelo Poliziano e por condiscipulo a João de Medicis, depois Papa Leão X, mais de vinte annos ensinou rhetorica, grego e latim na universidade de Salamanca, sendo ali o restaurador das lettras classicas, e no regressar á patria foi nomeado mestre dos infantes Dom Affonso e Dom Henrique, filhos d'elrei Dom Manuel.

Após estes vem Pedro Nunes, geometra profundo e astrologo celebrado, que estudou em Coimbra, e depois passou a Salamança. A perfeição que logrou dar ao astrolabio, depois denominado *Nonio*, do nome do auctor, deixou d'elle fama immortal. Nunes foi sem controversia reputado o maior mathematico de Portugal e das Hispanhas. A estrada das sciencias exactas

(1) *Notic. Chron. da Universidade de Coimbra.* Anno de 1815, num. 983.

(2) Ainda hoje é conhecido o sitio, visinho de Sam Vicente de Fóra, como já notámos.

Digitized by Google

e da litteratura estava amplamente franqueada. Fóra e dentro do reino os exemplos da grande actividade intellectual, que por toda a parte fructificavam, eram evidentes.

A protecção dada por Dom Manuel á typographia havia concorrido poderosamente para esses resultados. O allemão João Cromberger, intelligente *impressor de livros*, veiu a Portugal a convite do soberano, que o amerceou com privilegios e graças. Toda a *arte da imprimissão*, como então lhe chamavam, recebeu incentivo d'este patrocinio e galardão. E' de muita valia, historicamente considerado, o alvará, pelo qual o monarcha concede esse patrocinio aos *impressores de livros*, em 1508, cinco annos antes que Luiz XII privilegiasse, no anno de 1513, aos impressores e livreiros da universidade de Paris. Tal documento honra a nossa illustração, e mais honraria, se o resaibo do fanatismo religioso, de que o tempo caminhava tão eivado, não lhe viesse deturpar o theor.

O alvará de Dom Manuel, resa assim: «que faz graças e mercês a João Cromberger, e a todos os impressores, que nos seus Reinos e Senhorios usassem a nobre arte da Impressão, para que gozassem d'aquellas mesmas graças e *privilegios, liberdades e honras que haviam e deviam haver os Cavalleiros da Sua Real Casa*, por ella confirmados; posto que não tivessem armas, nem cavallos, nem outras regalias, segundo as Ordenações; e que por taes fossem tidos e havidos em toda a parte, com tanto que possuissem de cabedal duas mil libras de ouro, e *fossem christãos velhos, sem raça de mouro, nem judeu, nem suspeita de alguma heresia, nem incorrido em infamia; nem em crime de Lesa Magestade.*» O vislumbre das idéas do tempo aqui transluz. Estes principios, que deram de si o execrando facto da carnificina dos judeos, passado tempo, começada no templo de S. Domingos, e a sua expulsão do reino, e annos depois a introducção do Tribunal do Santo Officio, estabelecera como dogma politico a intolerancia re-

Digitized by Google

ligiosa, de que mais tarde se aproveitaram os jesuitas para a influencia que tão fatal se fez sentir na organisação dos estudos e no mundo moral.

Os naturaes resultados, porém, da grande actividade que predominava em todos os dominios do pensamento, estenderam-se a tudo. O estudo das linguas, principalmente, havia adquirido prodigioso desenvolvimento com a reforma da Universidade. Homero e Platão eram commentados no proprio original, e o latim substituia a lingua vulgar. Era como a linguagem escolar dos estudantes e lentes. Estes compunham até comedias latinas, como Buchanan, que os discipulos representavam.» Depois que de Paris se recolheram ao reino, Pedro Henriques, Gonsalo Alvares, diz Frei Vicente Salgado, sabios não sómente no grego, mas tambem no hebraico, e sendo nomeados por el-rei Dom João III para a reforma da Universidade de Coimbra em 1537, com o doutor Fabricio, mestre de grego, o doutor Roberto, de hebraico, Buchanan, Antonio Mendes e outros muitos instruidos nas ditas linguas orientaes, faziam tanto progresso os nossos patriotas, assim seculares como regulares, que o mesmo Cleynarts, (1) visitando aquella Universidade, se admirou parecendo-lhe ter revivido outra Athenas.»

Mas este estudo das linguas provinha de rasões mais organicas: era uma das influencias determinadas pela Reforma lutherana. A linguistica não podia deixar de ser o auxilio directo n'uma controversia religiosa, em que a leitura da Biblia e interpretação dos Santos Padres da Egreja Latina e Grega ministravam as auctoridades mais respeitaveis.

O sestro da sophistica, usado pelos sectarios da Reforma nos textos biblicos, reclamava o conhecimento

(1) Cleynarts, ou Kleinharts, o celebre linguista, natural de Brabante, que ensinou o grego e o hebreu em Louvain. Foi professor em Salamanca, e esteve em Portugal. Deixou a obra *Institutiones linguæ græcæ* e uma grammatica grega, e era assás perito no arabismo.

Digitized by Google

directo das linguas sabias, unico modo de reconstruir a verdade dos livros Santos deturpados.

Assim a ortodoxia e o excessivo culto dos exemplares da antiguidade suscitavam este enthusiasmo pela sciencia das linguas antigas.

O *Pentateuco Hebraico*, com os commentarios de Rabbi Moses, e Rabbi Masche Nachman, os *Proverbies*, com commentarios de Gerson e de Rabbi Mesn, o *Pentateuco Hebraico*, com paraphrase caldaica de Ondekelos, e commentarios de Rabbi Salomão Jarchi, e varias obras mysticas, como o *Sacramental* de Clemente Sanches, indicam bem a corrente de trabalhos exegeticos, que tomaram a linguistica por appoio da interpretação genuina e authentica. Como se vê, os judeus eram os que com mais ardor se assenhorearam do poderoso instrumento da imprensa para reforço da immobilidade auctoritaria de seus dogmas.

Da Allemanha correu esta onda de publicações sahidas da seita hebraica, e que alastrou até Portugal, publicações encostadas a numerosas *Concordancias* de todos os textos hebraico, caldaico, e syriaco.

Foi um incontestavel progresso que a typographia recebeu dos judeus, e cujo alcance reflectiu em todas as dependencias em que a sciencia e as lettras estavam da publicidade.

As synagogas, sobresaltadas pelos golpes da Reforma, haviam conjurado as tradições thalmudicas para repellir, com a melhor lição da sciencia rabbinica, as falsificações dos reformadores que acintemente pretendiam explicar os desatinos do sacerdocio pervertido pela capciosa interpretação dos muitos logares dubios do *Velho Testamento*. Phenomeno espantoso! A obra de Luthero, que encontrára o seu maximo pretexto e a sua grande desculpa na prevaricação da Curia, via-se assim indirectamente combatida pelos judeus, os primeiros inimigos de Roma e do Pontificado!

Esta rapida analyse mostra quanto effectivamente o seculo XVI foi de engrandecimento para este reino. A

Digitized by Google

semente estava derramada havia muito, porém quem lhe colheu o fructo foi Dom Manuel, e no reinado de seu successor foi sobretudo em que mais medrou e amadureceu. Erudição sagrada e profana, historia, eloquencia, poesia, theatro, linguistica, philologia, jurisprudencia canonica e civil, medicina e as proprias sciencias exactas, tudo encontrou representantes que encheram de seu nome Portugal e a Europa.

A renascença causára esta especie de exuberancia de erudição. A renovação dos grandes modelos da antiguidade, nas lettras e nas artes, attrahira com assombroso enleio. Todos queriam ser classicos.

A reproducção d'esses prodigios da civilisação grega e romana, volveu-se n'uma necessidade dos espiritos. Como que desejavam nacionalisar-se no seio d'aquella geração que a perpetuidade de sua gloria rejuvenescia na lembrança dos novos cultores. Mas esperava-se um notavel phenomeno. O fanatismo, resultante das guerras religiosas e das crenças absurdas da edade-média, respirando atravez da sciencia bebida na leitura dos Santos Padres e lendas santas, deu em resultado essa combinação da erudição latina, e do mysticismo, origem da monomania theologica que até contagiou as mulheres.

Entrou em moda saber as linguas sabias e lêr os theologos.

As princesas e suas damas pozeram de parte as prendas esmeradas, proprias a seu sexo, e entregaram-se ao estudo dos *Commentarios de Aristoteles* de San Thomaz. A *Summa* do profundo theologo tornou-se o seu catecismo espiritual. Hortensia de Castro, litterata portugueza d'aquellas eras, cursava com seu irmão Jeronymo de Castro, as aulas da Universidade, onde estudou humanidades e phylosophia: aos dezesete annos defende conclusões publicas em Evora, e depois dá á estampa a obra *Floculus Theologicalis!*..

Esta Hortensia de Castro era dama da infanta Dona Maria, filha d'el-rei Dom Manuel, e uma das eruditas

Digitized by Google

senhoras que compunham no paço a celebrada *Academia Feminina*, decerto o primeiro instituto litterario que houve em Portugal d'esta natureza. A propria infanta se tornára assás perita nas linguas grega e latina, e nas lettras sagradas. Dona Leonor, filha do marquez de Villa Real, a qual tambem pertenceu a esta academia, foi tão doutrinada nas sciencias divinas que frei Miguel Pacheco a contou no numero dos escriptores ecclesiasticos pelas obras que sahiram da sua penna.

Joanna Vaz, dama da rainha Dona Catharina, e aia e mestra da infante, conhecia o latim, o grego e o hebraico, e ficou celebrada pela carta dirigida ao Pontifice Paulo III, nas trez linguas, do qual recebeu honorifica resposta. Paula Vicente, filha de Gil Vicente, tambem se fizera conhecida pelos seus conhecimentos em latinidade e rhetorica: compoz comedias e a *Arte das linguas Ingleza e Hollandeza* para instrucção *de seus naturaes*. Dona Maria, princeza de Parma, sobrinha da infanta, tambem aprofundára as lettras sagradas. E entre todas estas damas figuravam da mesma sorte pelo seu muito saber, as duas castelhanas Angela e Luiza Sigêa.

E esta invasão da influencia erudita no talento feminino era um caracteristico da épocha: respirava-se no espirito do tempo. A celebre Izabel de Inglaterra vangloriava-se de saber latim e grego, e disputava com os theologos da sua côrte sobre os textos da *Biblia*. Ninguem ignora que a formosa Maria Stuard possuia uma educação perfeitamente litteraria; e tal foi o desvelo com que cultivou as lettras, que nos affirma a historia ter aquella princeza, ainda antes dos 14 annos, recitado uma oração latina de sua composição diante de Henrique II e de Catharina de Medicis.

Não é difficil de perceber as consequencias funestas que derivaram de tão má direcção nos estudos, consequencias que vieram de todo a declarar-se nos reinados de Dom João III e Dom Sebastião, e tiveram o com-

Digitized by Google

plemento fatal no tempo do cardeal-rei. O fanatismo, estremecendo dos effeitos da critica que ampliára á analyse mais desafogados horisontes que a escholastica das aulas conventuaes, abriu a porta ás duas mais terriveis influencias d'aquelle seculo: os jesuitas e a Inquisição.

Foram de pouca duração os progressos das sciencias e da litteratura: o mesmo seculo que os viu nascer, os viu acabar. «As lettras, diz um critico illustre, foram arguidas em presença de el-rei Dom João III, de culpadas da revolução religiosa, que agitava por este tempo a Europa. Este principe teve a desgraça de confiar-se em um partido hypocrita, o qual, debaixo do pretexto de *fazer ás novidades a opposição necessaria, para conservação da tranquilidade e do bem moral*, e para sustentaculo da ordem publica, se apossou da educação dos portuguezes. Elle conduzio passo a passo este povo para um estado de ignorancia e de servidão de que a historia offerece poucos exemplos: principes e vassallos, todos se lhe submetteram, e nem houve uma unica auctoridade, que, sem ser appoiada pelas armas, chegasse a ser em um paiz tão absoluta.»

Com receio que as doutrinas de Luthero germinassem em Portugal, consentiu Dom João III que fosse introduzido o Santo Officio; com o pretexto de enviar apostolos ás Indias Orientaes, deixou que se estabelecessem no reino os jesuitas. Este foi o pretexto; que os resultados patentearam bem quanto o alcance era mais vasto e mui diverso. Os dois famosos padres da Companhia, irmãos Gonsalves, um confessor do rei, outro seu escrivão da puridade, apoderaram-se do governo e da consciencia do monarcha. O collegio das Artes e Lettras-Humanas, denunciado por hereje, foi mandado entregar ao padre Diogo Mirão, provincial da Companhia, afim de serem os mesmos padres que d'alli em diante *dirigissen e lessen as Artes e tudo o mais que liam os mestres francezes*, e quantos fossem despedidos.

Digitized by Google

Effectivamente, destes uns foram expulsos e outros fugiram com medo á pecha de heresia.[1]

Dado este primeiro passo, a influencia jesuitica continuava a apoderar-se do ensino. E' o conego Gaspar Estaço que se queixa de que fossem tirados os mais habeis professores da Universidade, deixando sómente os de Theologia, Canones, leis e medicina,[2] privando o das mathematicas, philosophia, rhetorica, logica e outros conhecimentos importantes que mais alargavam a esphera intellectual.

Induziram da mesma sorte o soberano a outras reformas, e por fim introduziram o bem conhecido *Methodo Alvaristico*, obra do padre Manuel Alvares, que reduzia a instrucção litteraria a um processo grammatical, destinado a esterilisar o cerebro dentro da insufficiencia do seu plano.

Sobre esta base de ignorancia é que se pretendia erguer o terrivel poder, porque só em trevas profundas se conseguia abafar a intelligencia e a illustração. O cardeal Cunha, inquisidor-mór d'estes reinos, em 1774, e que ninguem qualificará de *livre pensador*, esboçando o quadro da épocha, relata com eloquencia os effeitos d'esta deploravel influencia, no prefacio do seu *Regulamento da Inquisição*. De sorte que em Portugal não se conheceram as consequencias illustradas da Renascença e da Reforma senão pelo animo oppressivo da intolerancia e pela perseguição.

Mestre Rosette, que leccionava hebraico na Universidade, e mestre Buchanan, professor de grego, tiveram de fugir ás fogueiras do Santo Officio.

Damião de Goes, o amigo de Erasmo, e que o papa recebera com distincção, é accusado de lutherano, encerrado nos carceres da Inquisição, absolvido e solto por fim, mas ao cabo de algum tempo asseveram que fôra envenenado.

[1] Provisão de 10 de dezembro de 1555, expedida a Diogo de Teive, então Reitor da Universidade.

[2] *Varias antiguidades de Portugal, cap. XLV. num. 3.*

Digitized by Google

O facto seguinte recapitula todo este estado de obscurantismo: é um documento official de 1542, reinado de Dom João III, que Frei Luiz de Sousa publica,[1] eil-o: — «Consta que os gastos da Universidade *tiravam demasiadamente* pela fazenda real, e disso avia queixas, *por sobejarem estudantes e faltarem soldados.*»

Vejam: *sobravam estudantes e faltavam soldados!..* Não é possivel resumir em menos palavras a synthese moral d'essa épocha. Por isso bem fez a rainha Dona Catharina, que na menoridade de seu neto, el-rei Dom Sebastião, mandou, em 1558, que fosse a Universidade que pagasse a falta dos *lentes e officiaes* do collegio das Artes. Não só expulsaram os sabios afamados em toda a Europa, senão que até fizeram que das rendas da Universidade se pagasse aos jesuitas.

Mas o que maravilha, sobretudo, é que toda esta mudança se désse em tempo de Dom João III, do proprio soberano que reformou os estudos da Universidade, que chamou os homens doutos, nossos e estrangeiros para os reger, que protegia as *lettras e os lettrados*, e que nos primeiros annos do seu reinado se rodeava em seus paços do que Portugal possuia de mais luzido em litteratura, artes e galhardia cortezã.

Ainda que frei Luiz de Souza já escreve estas palavras, nos seus *Annaes*:—«Porém de todo este cuidado *se lhe não pegou mais do que uma boa inclinação para as lettras e lettrados*, em tanto grau, que achâmos posto em memoria, que quando o nosso celebrado chronista da Asia, João de Barros, compunha por passar tempo a fabula do seu *Clarimundo*, afim de polir o estylo, pera vir a escrever as verdades dos feitos portuguezes, guerras e costumes da Asia, com que depois espantou o mundo, *tinha o principe tanto gosto da licção della, que acontecia tomar-lhe os cadernos, e de sua mão il-os emendando.*»

*Emendar*, aqui, não póde ser senão *pôr a limpo*, ou

[1] *Annaes de Dom João III*, pag. 404.

Digitized by Google

então excesso de respeito do escriptor dominico para com a memoria d'aquelle rei, pois de outra sorte se não poderá conciliar o emprego da palavra com o dizer acima de que a Dom João III, se lhe não pegára de todo aquelle cuidado *senão uma boa inclinação para as lettras e lettrados*. Se não existia n'elle senão boa inclinação, como é que emendava o que o grande historiador escrevia? Emendar, n'esta accepção, é por força passar a *limpo*, e um rei que se entretinha de copiar indica a pouquidão do seu espirito. E isto manifesta na continuação do seu reinado. Dom João III, representando o papel de reformador de estudos e patrocinador de lettrados, só obedeceu ao impulso que lhe partira dos reinados de Dom Affonso V, e Dom João II, já largamente aproveitado pela boa estrella de seu pae. Principe sem intelligencia e rebelde a toda a cultura, caracter e consciencia pouco firmes e espirito visionario quando facilmente se apavorava com as ameaças do fanatismo religioso, acceitou o dominio dos companheiros de Santo Ignacio de Loyolla, pela mesma rasão que a materia inerte recebe todas as fórmas na mão do artista dextro, e viu na Inquisição um poderoso auxiliar da fé christã, que lhe figuraram abalada, porque para aquelle animo frouxo a religião era aquillo que lhe explicavam alguns frades ambiciosos e simoniacos, e não luz que nos enche a alma de consolações ineffaveis.

E atrevia-se este pobre rei a pedir a Damião de Góes que convidasse a Erasmo para vir tambem occupar uma cadeira em Coimbra.... Erasmo, o auctor da reforma philosophica e o primeiro critico do seculo XVI, como o proclamára André de Rezende, na oração que recitou na Universidade, em 1534!

Assim caminhava a sociedade portugueza, no plano inclinado da sua adversidade, onde havia de encontrar a perda da monarchia e da independencia, quando lá dos seios da Asia um homem isolado na Gruta de Macau, a sós com aquelles prodigiosos paineis da natu-



Digitized by Google

reza primitiva, illuminados pelos fulgores do seu immenso genio, pensava em gravar o pendão de nossas glorias para nos rehabilitar e de todo nos erguer acima das sombras do esquecimento. Esse homem era o poeta Luiz de Camões.

Custa a crêr como, fugindo ao contacto de tanta lepra, podesse reviver pura e fulgurante de altivos espiritos aquella alma para cantar os seus. O apparecimento de Camões, os feitos heroicos n'estas circumstancias, foi uma compensação que nos concedeu a Providencia.

Camões é a nossa gloria nacional, porque o assumpto do seu poema resume o que o genio aventuroso dos portuguezes realisou com espanto do mundo e fama da patria.

O estylo, inspirado por uma grande elevação do sentimento, e suavemente tocado por aquella ineffavel melancholia que é ao mesmo tempo a saudade da terra que o viu nascer, e o fundo da tristeza, caracteristico da poesia peninsular, completa este grandioso monumento. Na eloquente apostrophe do velho, que ao vêr desfraldar a armada, vaticina os riscos que descortina no horisonte dos destinos de Vasco da Gama e dos nautas seus companheiros, reside a moralidade da epopeia; e nas eras do temeroso Adamastor, a mais sublime prosopopeia que ainda imaginou o genio épico antigo e moderno, encadeiam-se os louvores de tão arriscada empreza.

O tragico episodio dos amores de Dona Ignez, desentranha do peito humano o que elle póde encerrar de mais pathetico, como o quadro da Ilha dos Amores arrouba os sentidos no brando sensualismo de uma natureza luxuriante e attractiva dos prodigios da creação. Assim o mesmo talento reune em formosas oitavas o vigor audacioso do traço épico com as paixões luctuosas da tragedia, e as narrativas auctorisadas da historia com as pinturas de um pantheismo sublimemente idealisado.

Digitized by Google

O pensamento dos *Luziadas* foi decerto suscitado pela reproducção das grandes epopeias da antiguidade. A Renascença é o fructo indirecto que actuava na mente de Camões.

As imaginações poeticas não podiam deixar de se impressionar com a leitura das paginas grandiosas da *Ulissea* e da *Eneida*, mas a vida moderna nada offerecia d'essas luctas monumentaes em que os heroes e os deuses se confundem. A Italia foi a primeira que intentou esta fórma litteraria na epopeia cavalleirosa, mistura das tradições heroicas da antiga cavallaria levadas á exaggeração da fabula maravilhosa. Boiardo, Bernie, e Pulce, no *Orlando Inamorato*, no *Morgante Maggiori* e outros poemas, são os creadores do genero, que, volvidos annos, e aperfeiçoado por Bernardo Tasso, e depois pelo desditoso auctor da *Gerusalcme Liberatta*. A Hispanha esqueceu as proezas do seu *Romanceiro*, como a França despresára as tradições guerreiras dos seus antigos paladinos; para decantar em multiplicados poemas a Carlos V, como o poeta francez Dubellay, tomou por assumpto da sua *Franciade* o glorioso prisioneiro de Pavia. Camões inspirou-se de pensamento mais alto: não escolheu a individualidade de um heroe; cantou o peito luzitano,

A quem Neptuno e Marte obedeceram.

São os excessos gloriosos da historia portugueza que a tuba épica apregoa em verso altisonante; e a épocha para os exaltar é quando o maior nauta portuguez dobra o Cabo das Tormentas e descobre as regiões do Oriente, cujas páreas fugiram depois na mais sumptuosa das embaixadas que ainda o universo viu, incluindo mesmo essas tão encarecidas nas narrativas biblicas, vindas de Sabá á Judêa, no tempo do grande rei Salomão.

Algumas paginas das *Decadas* de João de Barros, o sentimento vivo das glorias nacionaes, e o vigor nacio-

Digitized by Google

nal do proprio genio bastaram a Camões para realisar seu poema gigante. No maximo defeito de que o arguem, na mistura das divindades pagãs com as crenças do christianismo, subsiste o documento da sua maior valia. Nos milagres da fé christã influe o espirito da idade media, e as ficções mythologicas significam um effeito natural de renascença. Camões cedeu a essas duas influencias, que produzem graves contrasensos nos *Lusiadas;* mas a poesia de seu estylo, realçado por imagens que são como as audaciosas decorações d'aquelle monumento epico, harmonisam aos sentidos tudo que o senso critico possa enumerar de discorde.

A influencia de Camões na poesia e em toda a litteratura portugueza tornou-se fecunda; ainda depois da epocha do poeta, o seu estylo tem sido uma lição, e mesmo por occasião dos differentes desvios que depois soffreu o talento poetico, quer insuflado pelo *gongorismo*, quer ridiculamente requebrado pelo *marinismo*, [1] quer emfim arrebatado pelo delirio do *elmanismo*. [2]

O talento de Camões determinou uma segunda phase á influencia italiana. Sá de Miranda reduziu essa influencia a uma copia de costumes, como nas suas comedias, e á adopção de varios metros, como a *oitava rima;* porém Camões comprehendeu-a e realisou-a no que ella tinha de ideal e contemplativo, no que ella se identificava com a indole da musa peninsular. Em quasi todas as suas poesias de arte mais se manifesta este fundo de sensibilidade ideal.

As eglogas sobresahem pela ingenuidade do sentimento pastoril. Sennazzarro e Bembo, talvez atravez da leitura assidua de Garcilasso e Boscan, respiram n'aquelles versos singelos e harmoniosos. A's canções im-

[1] O *marinismo* foi o vicio de estylo introduzido pela imitação das poesias de Marini, poeta napolitano, que abusou dos trocadilhos e *concetti* (conceitos), assim como o *gongorismo* era o resultado de imitação do poeta hespanhol Gongora, celebrado pela hyperbole de suas imagens.

[2] Imitação de Bocage.

Digitized by Google

primiu uma elevação que as colloca acima das mesmas canções de Petrarcha. [1] Dos sonetos alguns são realmente admiraveis: como que se elevam ao ideal do platonismo reservado pelo sentimento petrarchista, ou antes os anima a melancholia scismadora do genio da poesia nacional, como, por exemplo, aquelle que principia:

Alma minha [2] gentil, que te partiste
Tão cedo d'esta vida descontente,
Repousa lá no céo eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento ethereo, onde subiste,
Memoria d'esta vida se consente,
Não te esqueças d'aquelle amor ardente,
Que já nos olhos meus tão puro viste.

Nunca a saudade se elevou tanto n'um affecto de generosas e immateriaes sensações. Lamartine não idealisou melhor os impulsos do coração no *Raphael*, nem na poesia á filha.

A influencia de Camões estabeleceu dois campos entre os poetas seus contemporaneos: os que se votaram á epopeia, e os que adoptaram a fórma lyrica.

Antes de Camões já Diogo Brandão havia solemnisado a morte de D. João II, seguindo a fórma dos poemas italianos já conhecidos, e Luiz Henriques produzira um episodio de uma tentativa de epopeia, em que descreve a tomada de Azamor, pelo duque de Bragança, D. Jayme. João de Barros egualmente se abalançou a compôr algumas oitavas no *Clarimundo*, em que deixa suspeitar que pretendeu exemplificar o que escrevera no pa-

[1] É esta a opinião de Garrett, que sinceramente adoptamos.

[2] *Alma minha* era então tomada pelos poetas como uma expressão affectuosa, pois a vemos repetida pelos melhores d'aquella idade, que de modo algum insistiriam n'um defeito de estylo.

Digitized by Google

negyrico de D. João III, quanto á necessidade de traduzir os nossos acontecimentos heroicos na fórma elevada de epopeia. Tudo isto, porém, foram apenas desejos e tentativas. Foi só Camões que realisou o ideal de todas estas aspirações. E tão de accordo estava este facto com estudos do tempo, que o grande exemplo encontrou desde logo seguidores, como se percebe pelo *Naufragio de Sepulveda*, de Côrte Real, publicado apenas annos depois, e pelo *Cerco de Dio*, de Francisco de Andrade, que foi perpetuando a corrente epica, e pela *Elegiada*, de Pereira Bandão, e pelo *Segundo cerco de Dio*, de Cortereal.

Até a Bernardes foi dada a tarefa de embocar a tuba epica que deveria apregoar as façanhas que D. Sebastião praticou em Africa.

Na poesia lyrica tambem a melodia, o vago sentir das glosas e endeixas de Camões, exerceu tal fascinação no espirito dos poetas do seu tempo, que se encontravam a imital-o sem pensar, e talvez sem mesmo o querer. E esta imitação de assimilação instinctiva, bebida de certo na atmosphera do enthusiasmo, que os versos do grande cantor determinaram, explica a insistencia dos equivocos dados com os criticos, quando capitulam de plagiato, ou antes, de latrocinio, o que apenas se deu como imitação. Faria e Souza foi um dos criticos que cahiu n'este erro: muitas poesias attribuiu a Camões que são de seus imitadores. André Falcão de Resende padeceu essa injustiça com a sua *Creação do homem*, poema que ainda ha pouco lhe restituiu o verdadeiro criterio litterario. Algumas elegias de Soropita tambem foram reputadas de Camões.

A critica dos tempos que vieram logo e a que depois se seguiu, tambem se esqueceu da contagiosa influencia que elle inquestionavelmente exerceu, e que determinou a base organica da sua eschola, que assim caminhou até dentro do seculo XVII, e cujos effeitos, como já observámos, muitos annos decorridos, foram salutares para a nossa litteratura. Este facto, comtudo, tornara-se des-

Digitized by Google

conhecido. Quizeram fazer com o author dos *Lusiadas* o mesmo que se deu com Gram Vasco.

Todas as obras de seus admiradores e plagiarios foram consideradas do grande iniciador da eschola. Diogo de Couto chega a aventar que o poeta perdera, quando regressára da India, um livro *inteiro* de versos que se intitulava *Parnaso*, do qual se apoderou Fernan Alvares de Oriente, na sua *Lusitania transformada*, e outros attribuem o roubo a Rodrigues Lobo, que nas suas eglogas e canções effectivamente muito imita a Camões. Ainda subsistiram varios poetas da mesma eschola, como, por exemplo, Estacio de Faria, André de Quadros, Heitor da Silveira e Antonio de Abreu, cujas obras desappareceram de todo, excepto as do ultimo, publicadas muito posteriormente.

Agora uma circumstancia, filha legitima do quadro abjecto em que existiu o illustre epico. Como se vê, Camões, pelo seu monumental exemplo, pela belleza e ductilidade do seu talento, tão facil em se amoldar á fórma epica, lyrica, elegiaca ou dramatica, adquiriu fama immortal. E todavia os poetas mais notaveis do seu tempo, como Ferreira, Bernardes e Caminha, expulsam-no do seu gremio. Nenhum d'elles o cita. Camões, genio irrequieto, activo, rebelde a proeminencias convencionaes, sem pedantismo nem empafia de classe, destoava no centro d'aquella especie de Arcadia, em que se vivia de uma falsa ingenuidade de sensações bucolicas, e as leis de um equilibrio moral, hypocrita, obrigavam a distribuir epithetos e a achar gabos tão verdadeiros, como verdadeiro era o merito dos individuos e obras encarecidas.

Quando se lê os quinhentistas custa a acreditar que haja existido Camões, tal é o silencio que a inveja leva á alma d'aquelles vates, todos pygmeus em volta do ingente cantor. [1] Mas foi o mesmo excessso de inveja

[1] Veja-se a este respeito, a *Memoria* de Francisco Dias Gomes, *Memorias da Litt. da Acad.*

Digitized by Google

que os constrangeu a mallograr o plano de dissimulação em que julgavam sepultar no abysmo do esquecimento luz tão intensa e resplendorosa. Um baixo sentimento leva Ferreira a personificar Camões no papel repugnante de Magarlio e Caminha, o deslavado versificador, de quem Garrett diz que só a amisade e celebridade de Bernardes e Ferreira conseguiram trazer-lhe o nome até nossos dias, abalança-se a injurial-o, referindo-se ao verso: *Dae-me uma furia grande e sonorosa.* O mesmo cantor do Lima encontra-lhe unicamente merito para lhe roubar varios sonetos e glosas, e o poema inteiro de *Santa Ursula.*

Só André Falcão de Rezende falla d'elle, e o não desampara na adversidade, como o não desamparou a posteridade, que lhe perpetuou a memoria em todas as litteraturas conhecidas.

Porém em quanto em volta de Camões os poetas quinhentistas e o partido clerical, um o *negava,* como a Christo, e o outro lhe cerceava o poema immortal em nome de escrupulos de exaltado dogmatismo, a sociedade, infelizmente de accordo com estes sentimentos que constituiam parte de seu composto moral, corria á sua desgraça total. Principios falsos de uma educação em que o orgulho de conquista e o fanatismo religioso compelliam a grandes desvairamentos, incitaram a D. Sebastião a fatal jornada de Africa, que nem os seus mesmos ruins conselheiros se atreveram a approvar, e que o proprio Filippe II censura como passo errado.

A perda da monarchia nos areaes africanos significa o termo da edade heroica da historia portugueza. Começada com vigoroso arrojo guerreiro por Dom Affonso Henriques, continuada com a galhardia dos antigos paladinos por Dom João I e seus filhos, agora findava na empreza temeraria de um rei que, para desdita da patria, queria, ainda além do seu tempo, perpetuar os heroicos feitos de epochas que a historia já fatalmente cerrara.

A perda da corôa e do soberano influiu poderosa-

Digitized by Google

mente na imaginação do povo, e foi d'essa influencia que surdiu essa torrente nova de poesia popular chamada prophecias. O povo portuguez, como todos os povos na adversidade, tornou-se supersticioso, e todos os devaneios e crenças da sua superstição foram alimentados por circumstancias peculiares da jornada de Africa. O amor excessivo ao rei, a sua valentia e juventude oppunham-se á convicção de um termo tão rapido e funesto. A sua morte tornou-se inacreditavel. A propria narrativa da batalha não era clara nem confirmativa a esse respeito. A duvida, perpetuando-se, chegou a gravar no epitaphio do cenotaphio erguido no mosteiro de Belem : *Hîc jacet sepultus, si vera est fama, Sebastus.* A duvida consagrou-se na inscripção funeraria. Não cessou alli a perplexidade dos indifferentes, nem a obstinação da gente supersticiosa; foi antes reforçada a suspeita que trouxera fluctuante as opiniões por tanto tempo. As reminiscencias da antiga lenda do rei Arthur vieram alargar o ideal á catastrophe da patria e da monarchia. Como os antigos bretões, o povo portuguez creou uma lenda reproduzida da historia do rei Arthur, que a superstição popular tinha encantado na formosa ilha de Avalon, depois da batalha de Camblann, para depois de seculos fazer a ventura do povo escossez. A Dom Sebastião, segundo a crença, tambem a Providencia guarda na *Ilha Encoberta*, d'onde hade sahir n'uma noite de San João, depois de tres manhãs de nevoa, a cavallo n'um cavallo branco, a realisar a esperança de seus crentes, extirpar as heresias de Mafoma e fundar o Quinto Imperio do Mundo, depois da Babylonia, Assyria, Grecia e Roma.

A desventura, que é sempre exaggerada nos seus raciocinios, creou este ideal messianico. A poesia apresenta-se-nos o mais das vezes como supremo desabafo nas grandes angustias, e com effeito as prophecias são a poesia mais caracteristica e verdadeiramente popular do seculo XVII. Constitue uma parte da historia politica e social do tempo. A seita dos sebastianistas, que a

Digitized by Google

tyrannia castelhana mais organisa e radica no reinado dos Philippes, e que por muito tempo se tornou uma obcecação do espirito popular, apresenta-nos ao mesmo tempo uma phase da inspiração do povo e um estudo das nossas disposições moraes. Muitos foram os troveiros que se reputavam illuminados pelas revelações de futuros. Aqui damos uma amostra: a do Beato Antonio da Conceição:

Mas oh! que grandes signaes!
Estou antes d'isto vendo,
Oh! que a noite tão tremenda
Hão-de guardar os mortaes!

Quando correrem as aguas
Em tres dias mui turbadas,
Pódes dar por acabadas,
Oh! Portugal, tuas maguas.

Denota gram claridade
Esta escura cerração,
Depois da perturbação
Verás a serenidade.

Virá um rei mui formoso
De outra sorte coroado;
E fará o nosso estado
De mui triste venturoso.

Verás aquelle senhor
Que com S se começa
A quem o mundo obedeça
Por absoluto senhor.

Ah! Portugal, Portugal,
Fiel na divina lei;
Verás o *Encoberto* rei
Com corôa imperial.

Digitized by Google

Gonçalo Annes Bandarra, sapateiro de Trancoso, é o poeta mais querido da prophecia popular, o mais explicito nos seus vaticinios. Diz elle:

Augurae gentes vindouras
Que o rei que d'aqui hade ir,
Vos hade tornar a vir
Passadas trinta thesouras.

Este sonho que sonhei
É verdade muito certa,
Que lá da Ilha Encoberta
Vos hade chegar este rei.

Vejo, sem abrir os olhos,
Tanto ao longe como ao perto,
Virá do mundo Encoberto
Quem mate da cegueira os folhos.

Muitos outros escreveram trovas, e até prophecias, como el-rei D. Manuel, o Beato Antonio, Pedro Frias, o ourives de Braga; mas para dar idéa do ideal d'esta especie de scisma politico-religioso, que se radicou na alma do nosso povo, com a pêrda da monarchia, basta o pequeno esboço que traçámos.

Ao lado das prophecias encontramos a sollicitude de Gonçalo Fernandes Trancoso, colligindo todos os contos da edade media, esse veio da tradição anecdotica e legendaria, que se tornam outros tantos textos para exemplos e dissertações para os prégadores.

O theatro foi talvez o que melhor reproduziu a feição moral d'este tempo, como sempre costuma succeder. A não ser Luiz Pereira, que na sua *Elegia* rememora a ruina da patria, é de certo Balthasar Dias, na funda melancholia de seus autos, que melhor manifesta o lucto que enegrece a alma do povo portuguez. Balthasar Dias, o triste poeta cego, fazia, como fazia todo o catholico d'aquelles tempos, quando o perseguia o infortunio,

Digitized by Google

abrigava-se nas suas crenças. As suas composições são todas autos religiosos como *Santa Catharina* e *Santo Aleixo*. Este, sobretudo, extrahido de uma das historias da *Legenda christã*, de Voragine, reflecte a tristeza, e por vezes, nos personagens e enredo, exprime o sentimento de angustia de toda a nação pelo mallogrado exito de Alcacerquibir.

---

## ERRATAS

| | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Pag. | I | linha | 11 | *Senaculo,* | emende | *Cenaculo.* |
| » | III | » | 10 | *Eficiencia,* | » | *Deficiencia.* |
| » | III | » | 11 | *Defficazmente,* | » | *Efficazmente.* |
| » | IV | » | 17 | *Espectiva,* | » | *Espectativa.* |
| » | 45 | » | penult. | *Gestes,* | » | *Gestis.* |
| » | 47 | » | 7 | *Veris,* | » | *Viris.* |
| » | 135 | » | 29 | *Obstruso,* | » | *Abstruso.* |
| » | 137 | » | 26 e 30 | *Osorio,* | » | *Orosio.* |
| » | 138 | » | 26 | *Poericia,* | » | *Puericia.* |
| » | 147 | » | 7 | *Deduz,* | » | *Deduzir.* |
| » | 149 | » | not. | *Mom,* | » | *Mun.* |
| » | 151 | » | 15 | *Vissem,* | » | *Viessem.* |
| » | 157 | » | 11 | *Deitou,* | » | *Deixou.* |
| » | 158 | » | 27 | *Aro,* | » | *Haro.* |
| » | 165 | » | 8 | *Jesué,* | » | *Josué.* |
| » | 177 | » | 28 | *Bonterwech,* | » | *Bouterwech.* |
| » | 216 | » | 30 | *Depertados,* | » | *Despertados.* |
| » | 220 | » | 21 | *Hexametre,* | » | *Hexametro.* |
| » | 287 | « | 10 | *Irem,* | » | *Ir.* |
| » | 317 | » | 10 | *Encarecido,* | » | *Esclarecido.* |
| » | » | » | 26 | *Adquiriria,* | » | *Adquirira.* |
| » | 321 | » | 13 | *Gallegos,* | » | *De Galhegos.* |

Digitized by Google

ilvestre Ribeiro
imões Dias
elfim Maia
endes dos Remedios
ntero de Quental
eofilo Braga — Ricardo Jorge
ão de Barros
icardo de Mattos
ncio da Silva
ntos
rbosa Machado
besque
olina M. de Vasconcelos — Moniz Barreto
nheiro
delino de Figueiredo
drade, e Camilo
eire de Carvalho
uncida Garrett
stilho
ell
estage
einhartstetner
vio Romero
ta e Silva
nterwerk
smondi
nis
olf
rdhargen
llerman
biling
hlegel
ng
ez
lyer-Lübke
nendez y Pelayo

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google

Digitized by Google